

DM

Paisagens Literárias Madeirenses
Propostas de gestão cultural

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maite Alexandra Sierra da Costa

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

fevereiro | 2019

Paisagens Literárias Madeirenses
Propostas de gestão cultural

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maite Alexandra Sierra da Costa

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTADORA

Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento



Mestrado em Gestão Cultural – 2016/2018

**Paisagens literárias madeirenses:
propostas de gestão cultural**

Por:

Maite Alexandra Sierra da Costa

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Gestão Cultural

Orientador: Professora Doutora Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento

Funchal, 2019

Agradecimentos

Pela dedicação, pelo apoio e pela empatia que permanece desde que nos conhecemos, o meu obrigada à Professora Teresa Nascimento pela oportunidade e pelo seu papel fundamental ao longo de todo o meu percurso académico.

À minha mãe e à minha irmã que sempre manifestaram o seu apoio e me motivaram com a sua alegria e amor incondicional, obrigada.

A ti, João Reis, que travaste esta luta comigo e nunca me deixaste duvidar das minhas capacidades, obrigada.

Àqueles que me ajudaram direta ou indiretamente ao longo de todo o meu percurso universitário, obrigada pela vossa ajuda e contribuição.

Resumo

O cruzamento entre Literatura e Geografia constitui, pelas reflexões e investigação que tem suscitado, um campo fértil de debate e estudo. Foi na senda destes trabalhos e dos caminhos que eles promovem que tomou corpo a elaboração de um catálogo de paisagens da Madeira a partir de uma aturada pesquisa sobre a literatura de autores madeirenses. Com base neste catálogo, que abre um vasto conjunto de possibilidades de exploração quer no âmbito da Gestão Cultural, quer a nível da fruição individual, foi possível descortinar constantes e variantes no retrato da paisagem.

A título exemplificativo, foi concebido e posto em prática um roteiro, acompanhado de um guia que, alicerçado em excertos literários selecionados, privilegiou o património do Parque Natural da Madeira.

A literatura e o património natural, enquanto elementos configuradores da identidade madeirense, podem e devem ser valorizados.

Palavras-chave: Literatura; Geografia; Paisagens; Madeira; Gestão Cultural; Património.

Abstract

The connection between Literature and Geography constitute, by reflections and investigation that have evoked, a productive field of discussion and research. In the development of these works and of the path that they promote that took shape the elaboration of a catalog constituted by the landscapes of Madeira, realized from an extensive research on the literature of Madeiran authors. Based on this catalog, that opens a range of possibilities for exploitation both in the field of Cultural Management and in terms of personal enjoyment, it was possible to understand constants and variants in the landscape picture.

As an example, an itinerary was planned and putted into practice, accompanied by a guide that, based on selected literary excerpts, privileged the Parque Natural da Madeira.

The literature and the natural heritage, as configurations of Madeiran identity, can and should be valued.

Keywords: Literature; Geography; Landscapes; Madeira; Cultural Management; Heritage.

Índice

Índice de Ilustrações.....	5
Introdução	6
1. Geografia Humanística: Fundamentações teóricas.....	9
1.1 Literatura e Geografia: a Literatura como forma de representação do real	21
1.1.1 Rotas culturais e lugares literários	30
1.1.2. Roteiros literários: estudos de caso (Ilha da Madeira e outras regiões).	34
2. Cartografia das paisagens literárias madeirenses	46
2.1. Dominantes, constantes e variantes.....	47
2.2. Lugares	63
2.3. Representação ou estilização.....	69
3. Para uma gestão cultural do catálogo das paisagens madeirenses: algumas propostas de roteiros literários.....	94
3.1. Roteiros por localização.....	95
3.2. Roteiros por época.....	96
3.3. Roteiros por temática.....	97
3.4. Roteiros por autor	98
3.5. Roteiro principal – Parque Natural da Madeira.....	98
3.5.2. Guia.....	111
Conclusão	113
Bibliografia Geral.....	115
Webgrafia.....	126
Bibliografia – Catálogo	128
Anexos.....	136
Anexo 1 – Catálogo de paisagens	136
Anexo 2 – Guia (Roteiro principal).....	408

Índice de Ilustrações

Figura 1 – Le systeme de «filtres» - Fonte: Paulet, J. (2002). Representações Mentais em Geografia. (P. 8). Paris: Anthropos.	24
Figura 2 - REDE NATURA 2000 - Arquipélago da Madeira.....	42
Figura 3 – Mapa do roteiro número 1	106
Figura 4 – Mapa do roteiro número 2.....	111

Introdução

*Nunca se pode desfrutar bem do mundo, até
que o próprio mar corra por nossas veias,
até que nos cubramos com os céus
e nos coroemos com as estrelas.*

Thomas Traherne

Nascer na Madeira é pertencer e criar-se num pedaço de rocha isolado pelo mar, em que as histórias nascem de ribeiras e abismos e onde os sonhos se cruzam por entre longas levadas. É neste intenso berço que nasce a vida, é pelas calçadas repletas de flores dos jacarandás que se dão passos desmedidos e intensos, é nesta bela Ilha que os olhos se deleitam com os mais belos tipos de paisagens que sensibilizam e deslumbram o espírito.

Nós, seres humanos, vivenciando circunstâncias distintas e habitando em espaços diversos, somos todos iguais e concomitantemente todos diferentes, observando o que nos rodeia de múltiplos modos. A oralidade não premeditada e espontânea é efémera, não perdurando nem podendo ser recordada de maneira idêntica. A resposta para essa limitação assenta no registo das verbalizações. Deste modo, a Literatura, não sendo somente uma aplicação da linguagem, mas também uma interpretação e reconstrução do real, é o instrumento mais conveniente para a conservação e transposição de ideias e sentimentos durante um determinado período, tratando-se o texto de um eterno manifesto da alma.

O visível é interminável, os sentimentos são mutáveis e voláteis e as formas de observar são individualmente imprevisíveis e peculiares. São incontáveis os casos registados nos quais a ficção se reporta a um espaço identificável.

A presente investigação – realizada no âmbito do mestrado em Gestão Cultural – pretende também sobrelevar o conteúdo literário da Ilha da Madeira, preservando o conhecimento, o património e as marcas identitárias que esculpem a realidade insular. Pretende-se igualmente apreciar a ligação existente entre a Literatura e o território e partilhar essa experiência com os habitantes madeirenses, potenciando a valorização das paisagens insulares e das obras literárias. Para o efeito, partiremos dos estudos e reflexões da Geografia Humanista que leva em conta o espaço vivido e que tem como argumentos os princípios fenomenológicos voltados para a existência humana e para a experiência no mundo, articulando-a com a Literatura. Assim, as paisagens literárias da Ilha da Madeira – vistas aos olhos de escritores madeirenses – serão lidas e trabalhadas neste âmbito interdisciplinar.

O gosto pela Literatura e pela paisagem e as múltiplas potencialidades de descoberta e de estudo que, por este meio, se oferecem à Gestão Cultural foram os fundamentos para esta investigação com a qual esperamos evidenciar a riqueza literária madeirense e fazer frutificar um leque variado de ideias para concretizar distintos roteiros literários. A partir do património natural protegido da Ilha da Madeira, concebemos um roteiro planificado para 2 (dois) dias, que fizemos acompanhar de um guia (Anexo nº 2) de maneira a facilitar a sua realização.

A realização de um catálogo que expusesse o material literário disponível revelou-se imprescindível para a realização do projeto. Porque este ensaio se baseia na compreensão fenomenológica de conceitos e respetiva contextualização e interpretação, a abordagem qualitativa, utilizada para aprofundar conhecimentos já quantificados ou quando, neste caso, se deseja criar uma base de conhecimentos foi privilegiada. A pesquisa e recolha de dados e a observação qualitativa em múltiplas bibliotecas da Região, com recurso a técnicas do âmbito do conhecimento dedutivo, permitiram chegar aos resultados que se anexam (Anexo nº 1), onde se evidenciam excertos das obras que traduzem as memórias e as vivências de diversos escritores naturais da Ilha da Madeira. Denote-se que na recolha dos dados se excluíram os periódicos e as obras de âmbito infantojuvenil.

A estrutura da dissertação foi organizada em 3 (três) capítulos.

No primeiro capítulo é realizada uma revisão bibliográfica por meio de teóricos como Michell Collot, Marc Augé, W.J. Michell, Gaston Bachelard, Edmund Husserl e Yi-Fu Tuan, personalidades cujos estudos são imprescindíveis para esta matéria. Com eles compreenderemos a Geografia Humanística e a vinculação estabelecida entre a Geografia e a Literatura, trabalhando os conceitos associados e as diversas abordagens existentes. Ainda neste primeiro capítulo será possível encontrar a descrição dos projetos realizados no âmbito das paisagens literárias, a nível regional, a nível ibérico e a nível europeu, apresentando as propostas oficializadas pelo *Council of Europe*. Como refere Carlos Ceia, “não há modelos de estilo ou de escrita que possam ser «copiados» ou «adaptados» por um investigador” (1995, p. 18), devendo cada indivíduo procurar um discurso autossuficiente, rigoroso e objetivo. Apesar da desejada individualidade, existem determinadas abordagens de trabalho preexistentes que se adequam aos estudos em conformidade com os objetivos a satisfazer. A leitura de uma paisagem suscitará abordagens diferentes, permitindo, por conseguinte, múltiplas considerações.

Após a contextualização efetuada, no segundo capítulo, depois de realizada a recolha de textos, o material compilado no catálogo será objeto de análise, concluindo quais são as variações, os predomínios, as constantes, os lugares e os câmbios – ou a ausência dos mesmos – nas paisagens retratadas.

No terceiro capítulo, antes de apresentarmos as propostas dos roteiros literários, incluindo o roteiro principal (Parque Natural da Madeira), será apresentada uma breve reflexão acerca do papel e da importância do Gestor Cultural enquanto mediador cultural.

A conclusão estabelecerá as considerações finais acerca do trabalho, referindo as sendas a explorar em novas investigações.

1. Geografia Humanística: Fundamentações teóricas

A arte existe porque a vida não basta.
Ferreira Gullar

O conhecimento da Geografia Humanística afigura-se-nos imprescindível para a abordagem e estudo que pretendemos fazer das paisagens literárias.

Durante muito tempo os geógrafos excluíram das suas abordagens os laços humanos, o estudo do conhecimento e os elos entre as pessoas e o meio ambiente, o pavor do mesmo, a fixação aos espaços e lugares e as experiências quotidianas (Mello, 1990, p. 100), contudo nos finais do século XIX, em resultado da revolução darwiniana¹ e de uma corrente concebida por geógrafos “formados na observação pitoresca de países remotos” (Ribeiro, 2012, p. 40), concede-se destaque às relações humanas com o meio, como as que privilegia o geógrafo alemão Friedrich Ratzel, fundador e representante da *antropogeografia*, que “focaliza a atenção sobre as relações «verticais» que os grupos estabelecem com o contexto físico e biológico onde vivem”² (Claval, 2007, p. 19) e também sobre as “relações «horizontais» que as sociedades desenvolvem de um ponto da Terra a outro” (Claval, 2006, p. 74).

Em França, surge Paul Vidal de La Blache, que considerava que a designação de Geografia Humana não passava de mais um rótulo, “pois o homem interessa-se principalmente pelo seu semelhante e, desde que se abriu a era das peregrinações e das viagens, o espectáculo das diferenças de organização social, associado à diversidade dos lugares, nunca deixou de despertar a atenção” (La Blache, 1954, p. 27).

De referir são igualmente as ideias formuladas, do outro lado do oceano, na América, por Carl Sauer. Ideias que apesar de não terem dominado nenhum sector da Geografia americana, apoiaram uma investigação original (comparando com as correntes atuais)³ que

¹ Confrontar Vera, A. (2009). *A evolução do Darwinismo*. Lisboa: Fim de Século Edições.

² A Geografia Humana considera, como campo de trabalho, a ecúmena. Mencionada como “(...) porção da Terra habitada pelo Homem. Constituída pela maior parte dos continentes e ainda por algumas zonas do oceano sulcadas permanentemente por navios, a ecúmena é uma espécie de manto que cobre a Terra (...)” (Orlando, 2012, p. 42).

³ No fim do século XIX início do século XX, existiam na América duas correntes geográficas principais. Uma desenvolvida em Harvard devido à ação de William Moris Davis na qual a geomorfologia foi um dos grandes campos de estudo e outra denominada por Middle West, “muito preocupada pelo rigor nos procedimentos de recolha de dados, e desejosa, a partir daí, de encontrar explicações funcionais para as distribuições observadas” (Claval, 2006, p. 96). Sauer fazia parte desta segunda corrente.

procura, principalmente, “compreender como os grupos tiram partido de um meio, o exploram e o modificam” (Claval, *op. cit.*, p. 97).

Ainda, neste âmbito da Geografia americana, podemos encontrar as seguintes divisões: uma tendência ecológica e uma outra corológica. A primeira iniciada por Ratzel, afirmava que “o homem, para ser compreendido, precisa de colocar-se no seu ambiente natural, como as plantas e os outros animais, sobre a influência dele, sujeitando-se ou reagindo” (Orlando, 1970, p. 72). Já a tendência corológica pretendia aprofundar o estudo acerca da ação do Homem no espaço, principalmente na Natureza. Em suma, estas duas vertentes “encaram o estudo dos elementos humanos da face da terra ora a partir de influências naturais que eles revelam ora da sua acção transformadora do espaço onde se manifestam” (*Ibid.*, p. 71).

Com o pós-modernismo, uma Geografia procedente da hodiernidade e sistematizada, começa a estabelecer uma relação com outros saberes. Demonstrando um profundo interesse pelas artes, em especial pela Literatura, os geógrafos começaram a investigar utilizando outros objetos de trabalho.

Esta nova abordagem, que surge “quando alguns geógrafos desencantados com uma Geografia sem homens começam a buscar nas filosofias dos significados respostas para suas angústias e caminhos para o rompimento com o positivismo e o neopositivismo predominantes na ciência geográfica” (Mello, *op. cit.*, p. 92), apresenta a cultura como veículo de compreensão das relações humanas, com o Outro e com o meio, e a sua influência com e no espaço circundante. Como refere João Batista de Mello⁴, a Geografia Humanística fundamenta-se na experiência vivida, tendo como objetivo interpretar os sentimentos e as relações dos seres nos lugares. Assim, o geógrafo “tem como tarefa interpretar a ambivalência e a ambiguidade e complexidade da consciência dos indivíduos e/ou grupos sociais a respeito do meio ambiente” (*Ibid.*, p. 102), deixando o foco de ser colocado “no território, mas no modo como é visto, percebido e sentido” (Salgueiro, 2001, p. 37).

Note-se, que a Geografia Humana não é uma disciplina autónoma, ligando-se a toda a Geografia e pretendendo “somente”, por assim dizer, diferenciar-se através da integração da “Natureza e Homem, coisas intimamente ligadas, na síntese científica da face da Terra” (Ribeiro, *op. cit.*, p. 37).

⁴ Batista de Mello é bacharel em Geografia pela Universidade Católica do Rio de Janeiro (1983), é licenciado em Geografia pela Faculdade de Filosofia de Campo Grande (1977) com especialização em Geografia Urbana pela Faculdade de Filosofia de Campo Grande (1986). É mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000).

Inicialmente, quando se considera esta vertente da Geografia, o primeiro pensamento é reconhecê-la como plurissignificativa, em consequência da complexidade do conceito “humanismo”. Contudo, apesar do referido, existem quatro características fundamentais do humanismo, enunciadas pelo geógrafo humanista Paulo César Gomes em *Geografia e Modernidade*, que são igualmente vitais no que se refere à Geografia Humanista e às suas diferentes vertentes:

“A primeira concerne à incontornável visão antropocêntrica do saber. (...) A subjetividade do saber é um dos traços mais marcantes do humanismo e deriva diretamente desta concepção antropocêntrica. Na geografia, isto significa que a definição de uma espacialidade não pode ser estabelecida através da objetivação de uma ciência racionalista. (...) A segunda característica é uma posição epistemológica holística. Com efeito, o humanismo refuta vigorosamente o procedimento analítico, acusado de perder a riqueza do todo, limitando-se à análise das partes. A geografia humanista compreende que, ainda que se parta de um ponto antropocêntrico, a ação humana não pode jamais estar separada do seu contexto, seja ele social ou físico. (...) O terceiro ponto importante para os humanistas é aquele do homem considerado como produtor de cultura – cultura no sentido de atribuição de valores às coisas que nos cercam. (...) O **quarto ponto da concepção humanista** da geografia concerne justamente ao método. Se o método lógico e analítico trabalha com abstrações artificiais, somente um procedimento que leva em conta os contextos próprios e específicos pode ser considerado eficiente. Este método chama-se hermenêutica, isto é, a arte de interpretação (...)” (1996, pp. 310-312).

Considerando, especialmente, o quarto ponto referido, o geógrafo deve-se considerar um observador favorecido, pois dispõe de elementos que o tornam capaz de interpretar, de maneira mais sensível e eficaz, a atividade humana, particularmente a exercida espacialmente (*Ibid.*, p. 312). Desta forma, o próprio geógrafo cria desde logo uma certa empatia pelo espaço que estuda e interpreta.

É neste âmbito que a fenomenologia criada pelo alemão Edmund Husserl, surge como um dos fundamentos mais importantes deste movimento humanista e, como filosofia presente num maior número de estudos humanísticos em Geografia. Jean-François Lyotard define-a como

“o estudo dos fenômenos, isto é, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado. Trata-se de explorar este dado, a própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno.” (2013, p. 10).

É em *A Ideia da Fenomenologia* que Edmund Husserl expõe as raízes da sua reflexão filosófica, clarificando que a fenomenologia “compara, distingue, enlaça, põe em relação, separa em partes ou segrega momentos. Não teoriza nem matematiza; (...)” (1986, p. 87), tendo assim como tarefa questionar e distinguir sentidos no puro ver, isto é, de maneira

intuitiva, sem perscrutá-los. Segundo o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, “a fenomenologia é uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua «facticidade»” (1999, p. 1). Merleau-Ponty defendia desta maneira que o mundo é aquilo que nós inferimos e que se trata de “descrever, não de explicar nem de analisar” (*Ibid.*, p. 3). Já Edward Relph, definiu fenomenologia como “a way of thinking that accepts the wholeness of human experience, acknowledges that meanings defined by human intentions are central to those experiences, and then aims to clarify those meanings” (2018, p. 2).

Um dos pilares da fenomenologia denomina-se redução fenomenológica, ou, *epoché* segundo Husserl, processo pelo qual o que é compreendido através dos sentidos se transverte numa experiência de consciência, por conseguinte o cerne deve estar na maneira como cada pessoa conhece e vê o mundo e não somente no mundo externo (Husserl, *op.cit.*, pp. 69-80). Deste modo, a redução consiste em não interrogar a existência real do objeto da experiência, mas sim considerar preliminarmente o *know-how* que o sujeito possui do objeto. Husserl assume que

“não tem sentido algum falar de coisas que simplesmente existem e apenas precisam de ser vistas; mas que esse «meramente existir» são certas vivências da estrutura específica e mutável; [...] e que as coisas não estão nelas como num envólucro ou num recipiente, mas se constituem nelas as coisas, as quais não podem de modo algum encontrar-se como ingredientes naquelas vivências” (*Ibid.*, p. 32).

A individualidade sobrepõe-se ao existente, colocando em *standby* os conhecimentos instituídos acerca do mundo exterior e concentrando-se no que a realidade representa para o indivíduo. Note-se que o conhecimento existente “não se nega nem se declara em todo o sentido como algo de duvidoso pelo facto de se «por em questão»” (*Ibid.*, p. 22) assim como não significa que “o vivido seja sempre captado adequadamente na sua plena unidade” (Lyotard, *op. cit.*, p. 27). Segundo o filósofo Gaston Bachelard o objetivo consistia em “provar que pensamento abstrato não é sinônimo de má consciência científica” senão que a “abstração desobstrui o espírito, que ela o torna mais leve e mais dinâmico” (2005, p. 8).

Neste domínio persevera o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan através da publicação de *Topofilia - Um Estudo Da Percepção, Atitudes E Valores Do Meio Ambiente*. Tuan procura apresentar a auto-compreensão como meio para solucionar os problemas ambientais, entendidos como questões fundamentalmente humanas. As adversidades, sejam de âmbito político, económico ou social, “dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos” (Tuan, 1980, p. 1). Observando as

abordagens rudimentares e materialistas existentes, Tuan averigua soluções perduráveis através do autoconhecimento e da formação, para assim, deste modo, compreender as relações entre os humanos e o ambiente circundante. Este elo, que Tuan denomina de topofilia e associa sentimento com lugar, é assim por ele definido:

“todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (*Ibid.*, p. 59).

Anuindo com Tuan, em 1995, com o livro *A Geografia Cultural*, o geógrafo Paul Claval, integra equitativamente o Homem nas suas observações, estudando a distribuição dos humanos pelo globo e as respetivas atividades que efetua, tentando explicá-las através da forma como lidam com o ambiente que os rodeia. Assim, o geógrafo “debruça-se sobre os laços que os indivíduos tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como a organizam e como a identificam ao território no qual vivem ou com o qual sonham” (Claval, *op.cit.*, p. 11).

Não obstante, é indubitável que todas as sociedades dispõem de um leque de interpretações e motivações distintas. Desse modo, os indivíduos estão subordinados ao que lhes foi transmitido e àquilo que os rodeia, ou seja, à cultura, que aparece então como uma herança. “A sensação não é jamais pura: o indivíduo vive numa sociedade, utiliza um vocabulário de formas e de cores que predeterminam o que sente; ele percebe o mundo através dos parâmetros de leitura que recebeu” (*Ibid.*, p. 81), desta maneira a representação do real possui indícios da dimensão social.

A fenomenologia foi trabalhada por diversas personalidades como se pôde comprovar, contudo é devido a Yi-Fu Tuan e ao geógrafo canadiano Edward Relph, com a publicação consistente de artigos a partir dos anos setenta, que a associação entre a Geografia e a fenomenologia se validou. Segundo Relph, “By means of the phenomenological method an attempt is made to recognize and describe the «essence» of the thematic structures of perception associated with the particular phenomena being studied” (1970, p. 193). Este processo envolve três passos. Em primeiro lugar, deve-se realizar uma descrição dos fenómenos/objetos em análise, sem fazer pressuposições e, efetuando, também, uma indagação acerca das "essências gerais" do fenómeno/objeto em causa. Como “essências”

entendem-se os elementos e noções que caracterizam a natureza de uma entidade ou fenómeno, como por exemplo a respetiva cor. Numa segunda fase, o que se procura é perceber quais são os distintos contextos nos quais o objeto em causa pode aparecer, deste modo perceber-se-á quais são as intenções do perceptor em relação ao objeto, bem como qual é o seu *know-how* em relação ao mesmo. Segundo Relph para entender um objeto é necessário examinar as diferentes percepções exercidas sobre ele. O último passo consta em identificar as mudanças de percepção do fenómeno/objeto ao longo do tempo, juntando todas as fases deve-se originar toda uma estrutura final com todos os significados possíveis (*Ibid.*, pp. 193/194).

Relph reconhece ainda que:

“Perhaps the most important aspect of this method is its recognition of and emphasis upon the intentionality of man’s actions (...) In phenomenology intentionality does not refer simply to deliberately selected direction or purpose but also to the relationship of being between man and the world” (*Ibid.*, p. 194).

Assim, o Homem e o mundo formam uma unidade em constante diálogo, inevitável e intencional, e é através do estudo desse “diálogo” interno que é possível compreender essa união, objetivo permanentemente presente na Geografia Humanista.

O valor do espaço e dos lugares, segundo Paul Claval, não se encontra “ligado a uma experiência individual incomunicável” (1987, p. 377), resultando maioritariamente “da significação que nele se lê, com referência a escalas, hábitos e linguagens criadas pela sociedade” (*Ibid.*) Segundo o autor, no limite entre a experiência puramente individual e a experiência modelada pelo contexto social e a sua cultura, encontra-se a experiência estética. No sentido de entendermos no que se baseia este conceito, é imprescindível mencionar o conceito de atitude estética, pois é a partir dele que se molda qualquer experiência estética. Para que esta experiência se produza é preciso assumir uma atitude estética, ou seja, “assumir uma posição, uma postura que constitua e configure a nossa percepção. Não como uma intencionalidade, uma premeditação, uma antecipação racional do que está por vir, mas como uma disposição contingente, uma abertura circunstancial ao mundo” (Pereira, 2012, p. 112). Esta abertura, esta disponibilidade, não diz respeito ao objeto em causa tratado, mas sim às consequências que ele produz, “aos efeitos que ele produz em mim, na minha

percepção, no meu sentimento” (*Ibid.*), assim, deste modo, a atitude estética caracterizará cada experiência estética.⁵

“O pesquisador deve entranhar-se, sem preconceitos, nos significados que os seres atribuem aos espaços e lugares, visando a compreender suas alegrias e carências, para então tentar influir e agir na construção de um espaço mais humanizado” (Mello, *op. cit.*, p. 92), assim, o pesquisador acaba por desenvolver uma relação com o circundante como resultado deste esforço em entender os referidos elos. Constata-se desta forma uma nova perspectiva, a perspectiva do espaço vivido na qual

“(…) o sentimento de proximidade e de identidade está na base da comunicação entre dois sujeitos: o pesquisador e a região. A consciência do primeiro é sensível e compreensiva à do segundo sujeito, definida pela vida regional, suas representações, valores e ritos, e só poderá ser inteligível se for vivida também pelo pesquisador” (Gomes, *op.cit.*, p. 319).

Deste modo, o espaço em consideração deve então ser observado e trabalhado como um espaço de vida, construído por quem nele circula e por quem o trabalha. Como cada “objeto” - chamemo-lo assim -, é distinto, e cada pesquisador também o é, torna-se árduo definir uma metodologia para tornar claras todas as possibilidades e especificidades deste universo a estudar. Optou-se então por valorizar as particularidades dos espaços, desconsiderando os resultados normativos naturais do racionalismo com o objetivo de “fornecer um quadro interpretativo às realidades vividas” (*Ibid.*, p. 320).

Este espaço vivido encontra uma abordagem anglo-saxã análoga, o *meaning of place* ou *sense of place*, que considera igualmente a empatia existente entre o investigador e o objeto de investigação, considerando a vertente simbólica do espaço fundamental para a existência humana (*Ibid.*).

Merleau-Ponty, como filósofo fenomenólogo, considerava que

“Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido” (*Op.cit.*, p. 3).

Esta abordagem suscitou uma questão no que diz respeito ao que seria o espaço, e em que medida o mesmo se relacionaria com o conceito de lugar. Um dos principais trabalhos sobre este tema é o livro *Espaço e Lugar – A perspectiva da experiência* de Yi-Fu Tuan, que dilucida

⁵ Não esquecer o papel da sociedade na maneira de apreciar o espaço e os objetos em causa, nem tampouco que tudo aquilo que nos rodeia foi formulado, adaptado e adquirido conforme determinada cultura e determinados valores sociais, não sendo imparciais.

os conceitos de “espaço” e “lugar”, intimamente relacionados e ambos elementos do meio ambiente.

“O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (Tuan, 1983, p. 3) – é deste modo que Tuan inicia as suas constatações, fornecendo-nos igualmente dois exemplos claros que introduzem os dois conceitos. Apresentando simples episódios de vida do teólogo Paul Tillich, Tuan, trabalhando o conceito de espaço, demonstra como o extenso mar Báltico e a restrita cidade de Berlim, em casos concretos, podem ambos remeter para “a sensação de amplidão, de infinito, de espaço sem limitações” (*Ibid.*). Relativamente ao lugar, realiza uma breve reflexão acerca do modo como a perspectiva que se possuiu de, no caso um castelo, poder alterar-se, se no mesmo existir uma lenda que conte que nele residiu uma figura importante. Tuan critica o facto de serem poucos os esforços em tentar decifrar estas questões, cingidas ao estudo do comportamento de certos animais e referindo que o comportamento humano e os seus valores são semelhantes. Segundo Tuan, uma vez que “temos o privilégio de acesso a estados de espírito, pensamentos e sentimentos” e que “Temos a visão do interior dos factos humanos, uma asserção que não podemos fazer a respeito de outros tipos de fatos” (*Ibid.*, p. 5), devíamos explorar através de experiências estes dados que podemos coletar com sucesso devido à nossa natureza.

Espaço e lugar encontram-se em patamar equivalente, sendo o “espaço” mais genérico do que o “lugar”, contudo estes conceitos não podem ser definidos um sem o outro, pois “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (*Ibid.*, p. 6). Desta maneira, só se pode estar ciente da vastidão e da liberdade (ou coação) que o espaço permite se possuímos noções acerca da salvaguarda e estabilidade que traduz o lugar, e vice-versa.

O espaço é um termo abstrato que diferencia a maneira como as diversas culturas o dividem e lhe atribuem valores, sendo por exemplo uns mais complexos que outros. Contudo, tal como refere Tuan, existem semelhanças que residem no facto de que o Homem é a medida de todas as coisas.

“Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fatos: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre as pessoas. O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais” (*Ibid.*, p. 39).

Abraham Moles e Elisabeth Rohmer, na obra *Psychologie de l'espace*, formularam 4 (quatro) tipos de espaços segundo o tipo de controlo social exercido:

“ 1) *Chez moi*: Le lieu sur lequel j’exerce mon emprise, c’est le lieu privé par excellence.

2) *Chez les autres*: Espace assimilable au précédent mais qui s’en distingue par le fait qu’il n’est pas le mien et que j’y suis nécessairement sous l’emprise de quelqu’un d’autre dont je reconnais implicitement la domination.

3) *Lieux publics*: Ces lieux n’appartiennent à personne mais ils appartiennent à tous, ils sont propriété de la puissance publique, émanation du social matérialisé par l’agent de police régnant dans la rue, sur la place, ou sur les routes. En tout lieu, je suis soit «chez moi», soit «chez les autres», soit chez «l’agent de police»: il y a toujours un titulaire de l’espace.

3)⁶ *L’espace illimité*: C’est le lieu où il n’y a personne, le no man’s land, le désert. Ces lieux n’appartiennent à personne et l’État n’y exerce pas son emprise. En l’absence de routes et de représentants du pouvoir, l’état y devient mythe concentré et lointain ne s’étendant guère au-delà des confins des zones habitées, où il reprend existence avec le macadam, l’éclairage, l’irrigation et la puissance publique. Ce dernier type d’espace fut le lieu de naissance d’un grand nombre de civilisations: l’être biologique a formé son humanité dans de tels espaces. Cette notion d’espace devient très perceptible dans beaucoup de civilisations musulmanes ou dans les civilisations implantées dans les espaces illimités.” (1978, p. 30).

Em relação ao lugar, este existe em variadas escalas, podendo ser desde uma manta incontornavelmente única até uma imensa floresta. Tuan refere que lugar “é qualquer objeto estável que capta a nossa atenção” (*Ibid.*, p. 179), se estivermos a deslocar-nos por um longo espaço, se consideramos que o espaço assim o permite, “então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar” (*Ibid.*, p. 7). Desta maneira, afirma-se que o lugar é fundamentalmente um conceito estático.

Ainda a este propósito, Mello escreve que:

“Pausa, movimento e morada conferem ao mundo vivido [espaço] a distinção de lugar. As experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformam os espaços em lugares, carregam em si experiência, logo, poesia, emoção, sensação de paz e segurança” (*Op. cit.*, p. 102),

para depois acrescentar que cada ser humano possui um mundo somente seu, mencionando, todavia, que os geógrafos humanísticos insistem que “o lugar é o lar, podendo ser a casa, a rua, o bairro, a cidade ou a nação” (*Ibid.*).

Resumindo, segundo Tuan:

“O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida à ação. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. [...] O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos” (Tuan, *op.cit.*, p. 61).

Após esta citação, torna-se clara a necessidade de o ser humano estável precisar tanto de espaço como de lugar, pois as “vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade” (*Ibid.*).

⁶ Por erro ou propositadamente, o algarismo encontra-se repetido no documento original.

Como é explícito, para se obter a consciência do que é um lugar ou um espaço, é necessário viver. Deste modo surge com suma importância a avaliação do termo “experiência”, que retrata as distintas maneiras através das quais o indivíduo conhece e constitui a realidade. “Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (Tuan, *op.cit.*, p. 10), assim o ser aprende com a própria vivência.

Este esquema espaço/lugar/experiência apenas se torna realizável através dos vários sentidos possuídos pelo ser humano⁷. “Os sentidos que propiciam os sentimentos mais intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais são a visão e o tato, sendo a sinestesia igualmente significativa” (*Ibid.*, p. 13).

Esta capacidade de movimentação e identificação proporciona a referência de dois conceitos trabalhados igualmente por Tuan, sendo eles “espaciosidade” e “apinhamento”. “Espaciosidade” está associada com a sensação de estar livre, tendo assim “poder e espaço suficientes em que atuar” (*Ibid.*, p. 59), tendo assim movimento suficiente para poder deslocar-se, podendo, pois, desenvolver uma ligação com o espaço. Quando se pensa em “espaciosidade” pode pensar-se em solidão, condição que reforça a imensidão, contudo são insólitos os espaços que se encontram livres de indivíduos, e à medida que eles presenciam o local, o observador pode sentir-se desconfortável, passando para uma sensação de “apinhamento”. “Apinhamento é saber-se observado” (*Ibid.*, p. 69), restringindo assim a liberdade do indivíduo em causa, privando-o de espaço. Apesar deste último cenário, é de recordar que muito embora existam ocasionalmente sentimentos de desconforto, os seres humanos são seres sociais e procuram a companhia de outrem, todavia “Como toleramos ou apreciamos a proximidade física de outras pessoas, por quanto tempo e em que condições, varia sensivelmente de uma cultura para outra” (*Ibid.*, p. 70).

Paul Claval, destaca a necessidade de um espaço ao ser humano “para repousar ao abrigo das intempéries, do barulho, da multidão e para participar na vida de células onde a sua afectividade possa expandir-se” (1987, p. 339), ao mesmo tempo que sublinha o papel fulcral do contacto com a natureza como meio para estabelecer “um efeito reequilibrante sobre os organismos submetidos ao stress da vida moderna” (*Ibid.*).

⁷ Este facto é denominado de propriocepção, sendo esta a capacidade de identificar o posicionamento espacial do corpo, a sua posição e direção, a força exercida pelos músculos e a orientação de cada parte do corpo em relação às restantes.

Ainda neste percurso, não se poderia continuar sem referir os termos “*placelessness*” em Edward Relph e “não-lugar” de Marc Augé.

“Cultural and geographical uniformity is not, of course, an entirely new phenomenon. [...] What is new appears to be the grand scale and virtual absence of adaption to local conditions of the present, placelessness, and everywhere the shallowness of experience which it engenders and with which it is associated” (Relph, 1976, p. 79).

Esta atitude ainda contemporânea trivializou as experiências, verificando-se, conseqüentemente, um envolvimento superficial e casual com o mundo que nos rodeia. Contudo, Relph não condena esta atitude, destacando-a como essencial neste mundo no qual “criticise it is an unfortunate but necessary concomitant of modern technology and society” (*Ibid.*, p. 80) e, afinal, “in all societies at all times there has been some placelessness, and insofar as lack of care for places provides a context and comparison it is essential for a sense of place” (*Ibid.*). Em *Place and Placelessness*, Relph divide, segundo as diferentes manifestações, este termo em 5 (cinco) categorias:

“A. *Other-directedness in places*

Landscape made for tourists
Entertainment districts
Comercial strips
Disneyfied places
Museumised places
Futurist places

B. *Uniformity and standardisation in places*

Instant new towns and suburbs
Industrial commercial developments
New roads and airports, etc
International Styles in design and architecture

C. *Formless and lack of human scale and order in places*

Subtopias
Gigantism (skycrapers, megalopoli)
Individual features unrelated to cultural or physical setting

D. *Place destruction (Abbau)*

Impersonal destruction in war (e.g. Hiroshima, villages in Vietnam)
Destruction by excavation, burial
Destruction by expropriation and redevelopment by outsiders (e.g. urban expansion)

E. *Impermanence and instability of places*

Places undergoing continuous redevelopment (e.g. many central business districts)
Abandoned places” (*Ibid.*, pp. 119/120).

Estas classificações podem ser encontradas tanto em conjunto (podendo um lugar possuir diferentes manifestações de *placelessness*), como separadas. “Furthermore these particular

features are merely the superficial expressions of deeper processes and attitudes which encourage placelessness” (*Ibid.*, p. 120).

Em suma, para o autor, o que é importante reconhecer é que “placelessness is an attitude and an expression of that which is becoming increasingly dominant, and that it is less and less possible to have a deeply felt sense of place⁸ or to create places authentically” (*Ibid.*, p. 80).

Neste âmbito, Marc Augé propõe o conceito de “não-lugar” por ele definido da seguinte forma: “Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar” (1994, p. 67). O autor defende que é a sobremodernidade que é produtora de não lugares, vulgarizando as experiências e deixando à sociedade um mundo “prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero”⁹ (*Ibid.*). Ainda neste plano, o ensaísta menciona que os não-lugares são a “medida da época; medida quantificável e que poderíamos tomar adicionando, ao preço de algumas conversões entre superfície, volume e distância” (*Ibid.*, p. 68), lugares (ou neste caso, não-lugares) como: aeroportos, grandes cadeias de hotéis, parques de recreio, grandes superfícies de distribuição, etc. Encerre-se este tema com a conclusão de Edward Relph, “weather the world we live in has a placeless geography or a geography of significant places, the responsibility for it is ours alone” (1976, p. 147).

Dado que reconhecemos diversas classificações para a realidade envolvente questionaremos, de seguida, neste âmbito da Geografia Humanística, a possibilidade de a Literatura oferecer uma reprodução da realidade.

⁸ *Sense of place* implica “awareness of the deep and symbolic significances of places and appreciation of their identities” (Relph, 1976, p. 82).

⁹ “Um mundo em que se nasce na clínica e em que se morre no hospital, em que se multiplicam, em modalidades luxuosas ou inumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os *squats*, os clubes de férias, os campos de refugiados, os bairros de lata prometidos à destruição ou a uma perenidade em decomposição), em que se desenvolve uma rede cerrada de meios de transporte que são também espaços habitados, em que o frequentador habitual das grandes superfícies, das caixas automáticas e dos cartões de crédito reata os gestos do comércio «mudo»” (Augé, 1994, p. 67).

1.1 Literatura e Geografia: a Literatura como forma de representação do real

Em virtude da procura de novas formas de compreensão da realidade, a interdisciplinaridade aproximou a Geografia e a Literatura. Contudo, a ciência demorou a aceitar esta aproximação. Como referem Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Batista Gratão, “as obras literárias sempre estiveram na gaveta da ficção, enquanto a ciência ficava na da não ficção. Gavetas que a modernidade manteve cuidadosamente separadas.” (2010, p. 7). As hesitações por parte dos geógrafos em considerar a realidade humana são explicadas devido à Geografia Humana ter nascido como um ramo das ciências naturais, considerando então principalmente a diversidade das paisagens no lugar da sensibilidade humana. Inclusivamente Milton Santos refere, numa das suas obras, que aquando da procura da individualização por parte da Geografia, os geógrafos “tiveram a pretensão de que ela fosse, antes de tudo, uma ciência de síntese” (2004, p. 125) sendo, deste modo, capaz de interpretar os acontecimentos que sucedem à face da terra, “com a ajuda de um instrumental proveniente de uma multiplicidade de ramos do saber científico, tanto no âmbito das disciplinas sociais e humanas” (*Ibid.*). Assim sendo, se por casualidade existisse (e é claro que existia e existe) alguma ciência que colaborasse com os objetivos dos geógrafos, essas ciências eram denominadas por “muletas” ou por “ciências auxiliares”. Santos menciona ainda que a Geografia é das ciências que mais se destaca na exiguidade de interdisciplinaridade e que “isso está ligado de um lado à natureza diversa e múltipla dos fenômenos com que trabalha o geógrafo e, de outro lado, a própria formação universitária do geógrafo”¹⁰ (*Ibid.*, pp. 128/129).

Apesar disso, progressivamente, foi-se aceitando o facto de a Literatura ser capaz de expressar as distintas representações da realidade geográfica, podendo-se constatar que “as fronteiras do conhecimento cada vez mais têm sido superadas” (Feitosa; Moraes; Costa, 2012, p. 192). O interesse pelo estudo das obras literárias no plano da geografia começou a progredir em torno da década de quarenta do século XX, quando “os geógrafos franceses já manifestavam suas ideias no sentido de valorizar e recuperar a imensa riqueza de cunho geográfico que reside nos romances, contos, poesias, crónicas, entre tantos outros géneros

¹⁰ O autor relembra o caso do ensino superior na França, que impedia os estudantes de se tornarem geógrafos e economistas ou geógrafos e sociólogos ao mesmo tempo.

literários” (Lima, 2000, p. 9), contudo, como seria natural, somente a partir da década de setenta é que esta perspectiva foi consolidada.

Collot destaca

“une convergence remarquable entre les deux disciplines, les géographes trouvant dans la littérature la meilleure expression de la relation concrète, affective et symbolique qui unit l’homme aux lieux, et les littéraires se montrant de leur côté de plus en plus attentifs à l’espace où se déploie l’écriture” (2011, p. 6).

Assim, múltiplos geógrafos têm procurado em textos literários contribuições para o entendimento de temas geográficos, corroborando a afirmação da Literatura como uma fonte enriquecedora de investigação, neste caso, geográfica.

“Esta nova aproximação quer mais do que identificar elementos «reais» na descrição das paisagens e dos lugares. Quer estabelecer um entrelaçamento de saberes que se tecem também pelos fios de entendimento da espacialidade e da geograficidade, enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural” (*Ibid.*, p. 9).

Recordando sempre que esta relação é bilateral, por um lado, os escritores tomam o espaço como orientação para a produção e estruturação das suas obras, por outro lado, os geógrafos depreendem os espaços através de indicações literárias.

As obras literárias não representam somente (partes) (d)a realidade, mas como fontes de investigação, revelam igualmente informações acerca da condição humana, retratando deste modo “os estilos de vida, as características sócio-culturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos de determinada área retratada” (Olanda; Almeida, 2008, p. 8). Deste modo, os escritores, com as suas criações, exercem também o papel de geógrafos, refletindo, transmitindo e ensinando as visões de um determinado período ou de um certo espaço. “A literatura relata, em escalas variadas, a identidade dos lugares” (Mello, *op.cit.*, p. 109), credita-se assim à Literatura “que coexiste como modalidade da arte e como constituinte da cultura, a possibilidade de ela intermediar a compreensão da relação do homem com o meio por ele produzido e valorado” (Olanda; Almeida, *op. cit.*, p. 11).

Apesar dos consequentes benefícios e da inegável e estável relação existente entre as duas disciplinas, é indispensável referir novamente o filósofo Bachelard com o livro *Poética do Espaço*. Decerto que muitos espaços e lugares serão a representação do objeto em causa, contudo é necessário lembrar que enquanto se trabalha uma obra literária, ou simplesmente quando se lê por prazer, é formada uma imagem na mente do leitor, uma “imagem poética”. Esta imagem trabalhada por Bachelard baseia-se no *feedback* (ou na falta dele) formulado aquando da leitura do objeto em causa: para Bachelard “a palavra fala, a

palavra do poeta lhe fala. Não há nenhuma necessidade de ter vivido os sofrimentos do poeta para compreender o reconforto da palavra oferecida pelo poeta” (1979, p. 192). Deste modo, o discurso formulado pelo geógrafo terá, inevitavelmente, vestígios pessoais, que até podem ser imperceptíveis pelo próprio. Assim, “A imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa” (*Ibid.*, p. 188). Mencione-se que, apesar de Bachelard se referir à leitura de poemas, podem ser considerados outros gêneros literários, cujos efeitos serão idênticos.

Ainda a este propósito, e concordando com as palavras de Bachelard, Solange de Lima registra que

“A imaginação e a própria percepção da realidade são, na Literatura, as responsáveis por verdadeiros caleidoscópios de experiências humanas com a Natureza. Através da criação da imagem literária, os escritores têm o poder de influenciar, direta ou indiretamente, a construção de imagens mentais pelos leitores sobre determinados lugares, paisagens, ou ainda, influenciar suas atitudes ou condutas em relação ao meio ambiente, promovendo até mesmo uma nova consciência nestes indivíduos” (Lima, *op.cit.*, p. 31).

Em função disso, o conhecimento dos lugares assimilado pela leitura das obras literárias, “ainda que somente de modo conceitual, não deixa de ser uma forma de experienciar as diversas faces do espaço” (*Ibid.*)¹¹.

¹¹ Já referia Relph, “Within one person the mixing of experience, emotion, memory, imagination, present situation, and intention can be so variable that he can see a particular place in several quite distinct ways” (1976, p. 56).

Ainda sobre as maneiras de observar os lugares (paisagens neste caso), ou mais especificamente, sobre os fatores que influenciam a sua observação pelo indivíduo, observemos o esquema realizado por Jean-Pierre Paulet:

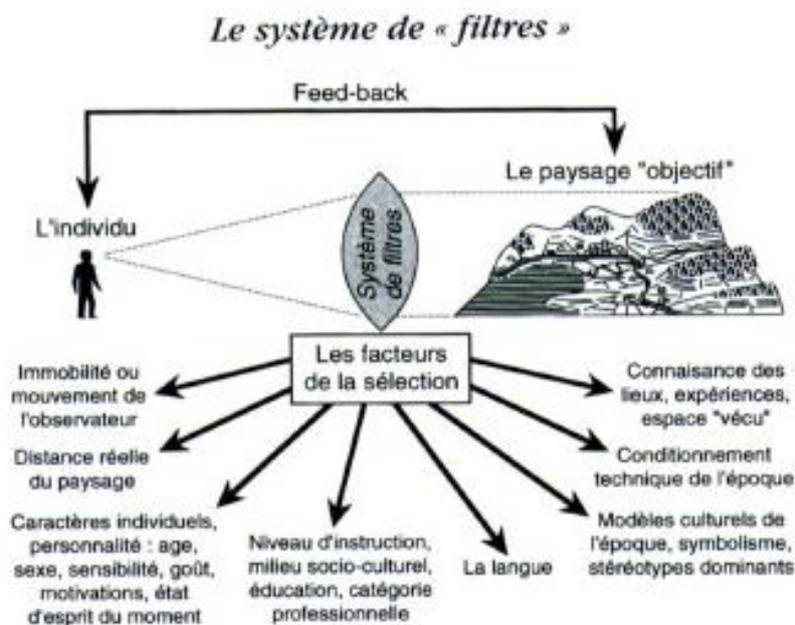


Figura 1 – Le système de «filtres» - Fonte: Paulet, J. (2002). *Representações Mentais em Geografia*. (P. 8). Paris: Anthropos.

Tornam-se, pois, explícitos os abundantes fatores que intervêm neste momento da observação. Inicialmente, é-nos “dado” o aparelho, o corpo, que é desenvolvido e trabalhado, desenvolvido fisiologicamente e trabalhado em contexto familiar e num contexto social. Então, em diferentes ocasiões da vida, estes *filtres* referidos vão se alterando e adequando-se respetiva e proporcionalmente.

Retomemos novamente a ideia da associação dos espaços aos textos e vice-versa,

“Pela leitura, interpretação e contextualização da obra literária, a partir das idéias e imagens contidas nos fatos, cenários e nos personagens da narrativa, é possível associar e conjecturar todos os elementos revelados na obra literária e descortinar aspectos sócio-espaciais, históricos e culturais da sociedade nele representada” (Olanda; Almeida, *op.cit.*, p. 29).

Neste âmbito, Paul Claval refere que “A paisagem¹² traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas

¹² Segundo Paul Claval o termo paisagem surgiu no século XV, nos Países Baixos (Claval, 2012, p. 13). Contudo, segundo Collot, é o Romantismo que, com sua hipótese da paisagem como “«estado de alma», enfatizará o aspecto subjetivo, parcial, egocêntrico de nossa experiência do espaço” (Collot, 1995, p. 12). Evidenciando-se que “aparecimento da palavra” não é o mesmo que “representação da paisagem”.

necessidades [...] ela constitui um documento-chave para compreender as culturas” (*Op.cit.*, p. 14). Repare-se nos termos “imagens” e “cenários” referidos na citação indentada e associemo-los ao de “paisagem”. A observação da paisagem, ou melhor dizendo, a sua análise, expõe uma das possíveis abordagens a desenvolver no momento em que se explora esta relação retratada, podendo assim a mesma ser utilizada como meio de compreensão.

Ainda em relação à aceção do termo paisagem, este é claramente distinguido, pelo geógrafo Milton Santos, do conceito de espaço. “A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima” (Santos, 2006, p. 66). Para o geógrafo a paisagem é aquilo que conseguimos captar através da nossa visão, sendo a mesma transtemporal, “juntando objetos passados e presentes, uma construção universal” (*Ibid.*, p. 67) enquanto que o espaço “é sempre presente, uma construção horizontal, uma situação única” (*Ibid.*).

A Literatura não é circunscrita, não escolhendo nem idades nem sexo, nem nacionalidade nem raça, podendo ser apreciada por qualquer ser humano, mesmo que de variadas maneiras. A paisagem tampouco, podendo igualmente ser estimada e compreendida por todo o mundo, assim refere William Mitchell declarando que “Landscape is a medium found in all cultures” (1994, p. 5). Um meio de comunicação, partilha e de troca, “Exchange between the human and the natural, the self and the other. As such, it is like money: good for nothing in itself, but expressive of a potentially limitless reserve of value” (*Ibid.*).

A paisagem, como conjunto de formas, assume, portanto, distintos padrões, proporções e significados. Como fonte para efetuar esta distinção, escolheu-se o *DICIONÁRIO BREVE DE GEOGRAFIA*. Este dicionário temático foi selecionado devido à sua clara e concreta maneira de abordar este termo “paisagem”. Deste modo, o vocábulo está definido da seguinte forma:

“Resultado da combinação dinâmica de diferentes elementos (físicos, humanos, biológicos, culturais, etc...) que interagem formando um conjunto único e indissociável em contínua evolução. Temos diferentes tipos de paisagem:

- *agrária* – paisagem constituída por elementos directamente relacionados com a actividade agrícola (campos cultivados, caminhos, quintas, canais de irrigação, bosques). São elementos fundamentais: o sistema de cultura, o habitat e a morfologia agrária;
- *humana* – unidade geográfica resultante da interacção entre o homem e a natureza;
- *industrial* – paisagem onde predomina a actividade industrial (ex.: região do Rhur – Alemanha);
- *natural* – segundo o Decreto-Lei nº 11/87 é a paisagem cujos elementos naturais ou físicos não estão alterados pelo homem, incluindo o relevo, drenagem natural e vegetação natural;

- *primitiva* – paisagem em que a acção do homem sobre a natureza é mínima (ex.: praticamente já não existem no mundo grandes paisagens deste tipo);
- *rural* – paisagem onde predomina uma determinada morfologia agrária (dimensão das parcelas, disposição dos campos, caminhos e pastagens – ex.: Alentejo);
- *urbana* – paisagem onde predomina uma determinada morfologia urbana (grande densidade de construção, de vias de comunicação, construção em altura, etc...).” (Garrido; Costa, 2006, p. 118).

Ademais destas divisões, existe, ainda, outra tipologia que atua num verbete à parte: “Paisagem protegida”. Este género de paisagem está estabelecido como

“Área com paisagem natural, seminatural e humanizada de interesse regional ou local, resultante da interecção harmoniosa do homem e da Natureza que evidencia grande valor estético ou natural, segundo o Decreto-Lei nº 19/93, de 23 de Janeiro, artigo 9.º (ex.: Área de Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da costa da Caparica).” (*Ibid.*)

Estes distintos tipos de paisagens encontram-se distribuídos por todo o mundo, e, conseqüentemente, são apreciados e avaliados por indivíduos dissemelhantes. Deste modo, as razões pelas quais as pessoas atribuem valor às paisagens são diferenciados. Mark Easton refere que os fatores que influenciam a respetiva avaliação são, por exemplo: “age, occupation, education, cultural background and experiences” (2012, p. 50). Como resultado, os geógrafos dividem as maneiras como os cidadãos podem apreciar as paisagens da seguinte forma: valor cultural; valor espiritual; valor estético; valor económico e *competing values*.

O valor cultural é aquele que está ligado à importância “of landforms and landscapes as expressed by people through creative means such as poetry, literature, art and films” (*Ibid.*). As paisagens, neste caso, conseguem moldar a cultura e a identidade de uma região, marcando as respetivas vivências e a maneira de viver. Por conseguinte, os indivíduos deixam relatos e marcas para expressar estas características formuladas. O valor espiritual está intimamente ligado ao imaterial e até ao sobrenatural, sendo baseado em crenças de alguns povos. Por exemplo, os Indígenas Australianos acreditam que os seus ancestrais “live on through the land and ensure their continued connection with it” (*Ibid.*), atribuindo assim determinados valores às paisagens. Em relação ao valor estético, este está “closely linked to its beauty and uniqueness” (*Ibid.*, p. 51). O espaço, neste caso, passa a ser subjetivo, despertando variados sentimentos nos indivíduos e criando uma conexão pessoal com o mesmo. Este valor foi reconhecido “where the land has been set aside for the public’s use and enjoyment” (*Ibid.*). Quanto ao valor económico, este é avaliado em relação a quão importante financeiramente é uma paisagem, tanto para o turismo como para outra indústria qualquer (ou outros sectores). Por fim, os *competing values*, baseiam-se na relatividade

atribuída a cada espaço, isto é, para uma pessoa pode ser mais relevante o valor económico da paisagem enquanto que para outro o mais importante serão as crenças nele estabelecidas.

Desde as origens do ser humano que se pode constatar que as paisagens geográficas e a civilização se encontraram intimamente e individualmente, revelando interações diversas. Solange de Lima menciona que as paisagens enquanto cenários do mundo vivido, supõem “horizontes de símbolos e signos em contínuo dinamismo, transmitindo mensagens que falam da percepção, da valorização, da busca dos significados inerentes as uniões e rupturas do ser humano com seu espaço vivido” (*Op.cit*, p. 8). Dito isto, as paisagens absorvidas pelo ser humano, tanto pelo escritor como pelo leitor, não são cenários inertes e inanimados, mas sim quadros dinâmicos e ativos que envolvem “percepção, concepção e ação” (Alves, 2013, p. 184).

Prossigamos a partir do conceito de horizonte, mais especificamente a partir do tão importante conceito de horizonte de Michel Collot. De acordo com o autor, “Pas de paysage sans horizon” (2010, p. 191), e o que as une é um ponto de vista, uma certa extensão, uma parte do país e conseqüentemente um conjunto, “tout paysage est perçu à partir d’un *point de vue* unique, découvrant au regard une certaine *étendue*, qui ne correspond qu’à une *partie* du pays où se trouve l’observateur, mais qui forme un *ensemble* immédiatement saisissable” (*Ibid.*).

Relativamente ao ponto de vista, se a paisagem é sempre observada por alguém de algum lugar, é por essa razão que tem um horizonte, definido por este ponto de vista. “Il se révèle dans une expérience où sujet et objet sont inséparables” (*Ibid.*, p. 192). Esta linha, do horizonte, estabelece e afirma assim a relação entre o observado e o observador. Contudo, este horizonte é somente uma perspectiva, “ses contours se confondent avec ceux de mon champ visuel, son point de fuite correspond à mon propre point de vue: il semble tenir dans mon regard. Je suis d’une certaine manière «la source absolue» du paysage” (*Ibid.*). Assim, nesta perspectiva, a paisagem encontra-se a nosso dispor, passando a ser o nosso território e podendo ser, através da imaginação e dos sentidos, aquilo que quisermos.

A respeito da extensão, por consequência, “Si donc le paysage ne prend *consistance* qu’au regard d’un sujet, celui-ci n’a lui-même *d’existence* qu’à travers un espace offert au déploiement de ses pouvoirs, il est inséparable de ses entours” (*Ibid.*). Esta extensão permite não só o percorrer de um espaço físico como também de uma averiguação pessoal.

Acerca da *partie*, “*je fais partie* du paysage, et c’est pourquoi je n’en vois qu’une *partie*” (*Ibid.*, p. 194). Esta delimitação é constituída segundo os respeitantes fatores: a posição do observador, que determina a vastidão de seu campo visual, e o relevo da região em causa.

“E se manifesta de duas formas: pela circunscrição da paisagem a uma linha além da qual mais nada é visível, a que chamarei seu horizonte externo; pela existência, no interior do campo assim delimitado, de partes não visíveis (exceto à custa de um deslocamento do ponto de vista), que chamarei de seu horizonte interno”¹³ (Collot, 1995, pp. 14/15).

Por último, o conceito “conjunto”. Precisamente porque a paisagem não se oferece na totalidade, “a paisagem se constitui como totalidade coerente; ela forma um «todo» apreensível «de um só golpe de vista», porque é fragmentária. Um conjunto que não se define senão pela exclusão de determinado número de elementos heterogêneos” (*Ibid.*, p. 16). Desse modo, o horizonte circunscreve um espaço homogêneo, que torna a paisagem num objeto estético que pode ser apreciado após realizado o respetivo enquadramento. É esta homogeneidade que, segundo o autor, “torna a paisagem apta a significar: ela apresenta-se como uma unidade de sentido, «fala» àquele que a olha” (*Ibid.*, p. 17).

Ainda segundo Collot, a paisagem “confère au monde un sens qui n’est plus subordonné à une croyance religieuse collective, mais le produit d’une expérience individuelle, sensorielle et susceptible d’une élaboration esthétique singulière” (2015, p. 8). O autor destaca ainda, tal como Tuan em *Topofilia*, a importância dos sentidos, de todos eles, deixando de lado a tradição que oferece um constante destaque à visão.

“Notre tradition occidentale confère à la vue un privilège excessif et presque exclusif dans son approche du paysage. Or le paysage ne saurait se réduire à un pur spectacle. Il s’offre également aux autres sens, et concerne le sujet tout entier, corps et âme. Il ne se donne pas seulement à voir, mais à sentir et à ressentir” (*Ibid.*, p. 10).

Leia-se ainda o Preâmbulo da Convenção Europeia da Paisagem assinada em Florença no ano 2000:

“Constatando que a paisagem desempenha importantes funções de interesse público nos campos cultural, ecológico, ambiental e social, e constitui um recurso favorável à actividade económica cuja protecção, gestão e ordenamento adequados podem contribuir para a criação de emprego; Conscientes de que a paisagem contribui para a formação de culturas locais, e representa uma componente fundamental do património cultural e natural europeu, contribuindo para o bem-estar humano e para a consolidação da identidade europeia; Reconhecendo que a paisagem é em toda a parte um elemento importante da qualidade de vida das populações: nas áreas urbanas e rurais, nas áreas degradadas bem como nas de grande qualidade, em áreas consideradas notáveis, assim como nas áreas da vida quotidiana; Constatando que as evoluções das técnicas de produção agrícola, florestal, industrial e mineira

¹³ Para mais informação sobre o conceito confrontar: Collot, 2010, pp. 194-198 e Collot, 1995, pp. 14-16.

e das técnicas nos domínios do ordenamento do território, do urbanismo, dos transportes, das infraestruturas, do turismo, do lazer e, de modo mais geral, as alterações na economia mundial estão em muitos casos a acelerar a transformação das paisagens;” (2000, Preâmbulo).

É, pois, nítido o desejo de evidenciar a paisagem e o seu proeminente papel na sociedade. Assim sendo, através de políticas postas em prática e de uma severa sensibilização, quer das organizações, quer da população em geral, a Convenção determinou como objetivos motivar a gestão, a proteção e a organização da paisagem, promovendo irrevogavelmente a cooperação europeia neste domínio.

Evidentemente se denota e constitui a paisagem como palavra-chave no que respeita ao bem-estar individual e social. A sua gestão meditada e responsável é de extrema importância e deve fazer-se em prol da sua preservação e manutenção dos traços significadores ou característicos da paisagem. Apesar de a paisagem poder ser um dinamizador da sociedade, a sua gestão deverá sempre ser justificada pelo respetivo valor patrimonial.

Em “Pontos de vista sobre a percepção de paisagens”, Collot refere que a paisagem também pode “ser utilizada para designar o conjunto de escolhas sensoriais, capazes de revelar fortes atitudes existenciais de um autor” (Collot, *op. cit.*, p. 23). Efetivamente, em consequência de se aludir a um universo mutável, devido à diferença de experiências pessoais vivenciadas, o diálogo entre a leitura e o texto pode tornar-se complexo, levando o leitor a formular representações mentais distintas das desenvolvidas e imaginadas pelo escritor. De modo semelhante ao escritor, também o leitor procede a uma representação da paisagem, desta vez, não através do real, mas da escrita. Da mesma maneira que o leitor realiza uma representação intelectual da representação redigida, o observador antes da redação também realiza uma ilustração do real, reproduzindo para o texto aquilo que vê e da maneira que o vê e reconhece. A representação pode assim “ser considerada a imagem do mundo em que cada aspecto do real passa a ser expresso simbolicamente. Representar seria a construção que os indivíduos fazem na apropriação dos objetos” (Bastos, 1998, p. 1).

Neste domínio, o sociólogo alemão Georg Simmel refere que aquando de qualquer deambulação pela natureza, no momento em que observámos, por exemplo, um conjunto de árvores e vários cursos de água, não necessariamente estamos perante a observação plena de uma paisagem. Retomando os conceitos de experiência e atitude estética, para Simmel,

“É preciso, sobretudo, que tal conteúdo isolado do campo visual não retenha mais o nosso espírito. A nossa consciência tem de ter, para além dos elementos, um novo todo, unitário, não

ligado aos significados particulares de cada um, nem composto mecanicamente por eles – só isto é a paisagem” (2013, p. 42).

É indiscutível o facto de as paisagens permitirem aos indivíduos a elaboração de concepções mentais a partir de experiências, valores e pontos de vista, podendo assim formular projetos culturais. De seguida, explorar-se-á a experiência resultante da interação entre os indivíduos e os lugares.

1.1.1 Rotas culturais e lugares literários

Muitas vezes, quando o leitor se relaciona com uma obra literária, o que ele detém, sem considerarmos as concepções e fantasias realizadas, diz respeito aos espaços, pois “o espaço é o elemento tangível ao qual o leitor procura aceder quando deseja um encontro com as personagens, a obra ou, até mesmo, com o autor” (Quinteiro; Baleiro, 2017, p. 51). O reconhecimento e o contacto com o texto lido dependem então somente da deslocação, se possível, aos cenários retratados.¹⁴

Antes de qualquer tipo de registo, quer por parte dos geógrafos quer por parte dos escritores, existe um momento de apreciação, neste caso de paisagens. Devido à dimensão de territórios existentes e das variadas perspetivas, foram geradas múltiplas interpretações no momento da observação e na respetiva análise. Essa heterogeneidade foi reconhecida e trabalhada por Catherine Larrère e Raphaël Larrère, que estabeleceram 3 (três) tipos de olhares que os observadores podem manifestar perante a paisagem: “olhar formado”, “olhar informado” e “olhar iniciado”.

Os olhares “formados” são olhares baseados nas referências culturais do observador. Denota-se, com um exemplo dos autores, que “quem se impregnou da pintura do *quattrocento* não vê a mesma paisagem, não aprecia as mesmas vistas que aquele cujo olhar se formou na contemplação do calendário dos correios” (2000, p. 224), contudo não são deixados de lado aqueles que possuem referências culturais mais banais e conseqüentemente

¹⁴ Dito isto, vale a pena expor a diferença entre o conceito de “paisagem objeto” (ou “paisagem in situ”) e o conceito de “paisagem representação mental”. Segundo Christine Partoune, a “paisagem objeto”, construída ou natural, “c'est le paysage "perceptible". Il existe sans observateur.” (2004, p. n.d). Enquanto que a “paisagem representação mental” não é o real, sendo produzida pelo olhar. “l'objet est un «construit», un point de vue intellectuel, une abstraction qui mobilise des référents culturels et des procédés; il implique un point de vue situé dans l'espace et le temps, un cadrage et des processus de construction mentale de l'image. La représentation est nécessairement incorporée à un individu socialement et culturellement situé. Ce paysage n'existe pas sans observateur.” (*Ibid.*).

um olhar mais vulgar, pois “nunca houve compartimentos estanques entre o bom gosto e o gosto por aquilo que é comum” (*Ibid.*).

Os olhares “informados” “são aqueles que dependem de um saber” (*Ibid.*). Estes olhares dependem da ordem da disciplina científica seguida pelo observador, influenciando os respetivos saberes na diferenciação da leitura da paisagem, por exemplo um geógrafo observará e retirará conclusões distintas de um sociólogo. As leituras são realizadas conforme a sua área de conhecimento.

Os olhares “iniciados”, correspondem aos olhares mais íntimos perante o observado. Estas paisagens estão intimamente ligadas ao observador, que as conhece e as frequenta, muitas vezes também a usando. Este tipo de olhar é do tipo endógeno, ao contrário dos outros dois (formados ou informados) que “vêem a região como um espectáculo e não são preocupados nem pela fertilidade das parcelas, nem pelo seu proprietário, nem mesmo pela caça que aí se procura” (*Ibid.*, p. 225). Assim, resumindo, o Homem apreende as paisagens, conhecendo tudo aquilo que o rodeia através de distintos tipos de olhares (de cariz artístico, científico ou emocional).

Não obstante, os autores referem ainda que os olhares se encontram em constante evolução, “de modo que não se pode condensar uma paisagem sem correr o risco de desagradar aos que a contemplarão ou a frequentarão no futuro” (*Ibid.*). Os olhares formados cambiam proporcionalmente com a evolução da arte, os olhares informados dependem da evolução da ciência trabalhada pelo observador, enquanto que os olhares iniciados dependem “da evolução das práticas, dos lazeres e dos costumes” (*Ibid.*).

Tendo por base a citação “A cartografia literária de um autor é, assim, o mapa que guia o olhar, a imaginação e os passos do leitor, [...] em direção aos lugares e destinos literários.” (*Ibid.*, p. 51), consideremos o conceito de mapa, tal como o de passeio, itinerário, circuito, rota ou roteiro dado que são palavras de expressão de sentido semelhante. Nesta possível rota, que tem tanto de literária como de cultural, o leitor percorre e define um itinerário em função do que o texto lhe transmitiu. “Desenhar um mapa é sempre sinónimo de contar uma história, do mesmo modo que contar uma história é desenhar um mapa” (*Ibid.*), e deste modo compreendemos novamente o leitor (seja ele geógrafo ou não) como recetor e produtor, uma vez que, tanto as próprias obras como os respetivos mapas, são instrumentos de comunicação e criação de lugares. Estes lugares “são os rostos do nosso habitar sobre a terra: o do passado, aí onde possa ter sobrevivido ou se mantenha vivo; da ausência ou do retirar-se humano; ou

marca presente do estilo cultural” (Bonesio, 2013, p. 472), por isso percorrer as paisagens e os consequentes mapas (sejam eles físicos ou mentais) fazem-nos realizar uma viagem pelo tempo, no âmbito cultural (histórico, natural, etc.)¹⁵.

Deste modo, a nossa visão acerca dos lugares passa efetivamente a relacionar-se com a do escritor com a ajuda de quem criamos um determinado ponto de vista sobre os lugares descritos “intimamente ligados aos estados de alma, aos sentimentos, sonhos e ritmos das atividades humanas no quotidiano, através dos seus personagens” (Lima, *op.cit.*, p. 31).

Relativamente aos sentimentos, cite-se J. Sánchez de Muniaín, no que diz respeito às emoções sentidas perante a “Natureza” (dê-se especial atenção aos “Sentimentos produzidos por impressões paisagísticas” - tópico mais relevante neste trabalho).

“podem-se distinguir:

- a) ***Sentimentos produzidos por impressões paisagísticas*** – A alegria que sentimos perante um dia luminoso é de natureza paisagística, porque a claridade que a origina é paisagem. As cores, as formas, o movimento e o cultivo são componentes da beleza da paisagem, e por isso são também de origem paisagística os sentimentos que nos suscitam.
- b) ***Sentimentos de origem estética, ainda que não produzidas pela paisagem*** – O ruído do vento e das ondas, o canto das aves e o concerto musical de toda a Natureza são, entre outras, impressões estéticas, todavia, alheias à paisagem, ainda que lhe sejam aparentadas.
- c) ***Sentimentos de origem puramente climática*** – Sob esta denominação compreendo todos os sentimentos que não são de natureza estética: os sentimentos produzidos pela chuva e pelo vento” (2013, p. 80).

Podendo a ficção manifesta e frequentemente reportar a um espaço fisicamente identificável, nos dias que correm, a realização de rotas culturais converteu-se numa prática frequente. Considerando claramente que uma rota sendo literária é cultural, aluda-se inicialmente às observações realizadas pela organização internacional ICOMOS (International Council of Monuments and Sites):

“the concept of the Cultural Route is innovative, complex and multidimensional. It introduces and represents a qualitatively new approach to the theory and practice of conservation of the cultural heritage. Cultural Routes represent interactive, dynamic, and evolving processes of human intercultural links that reflect the rich diversity of the contributions of different peoples to cultural heritage” (2008, p. 1)¹⁶.

Dito isto, um roteiro cultural é então uma experiência de comunicação, partilha e aprendizagem de uma temática seleccionada, não se tratando a rota somente de um percurso

¹⁵ Luisa Bonesio classificou os lugares como palimpsestos, “uma delicada e complexa estratificação de rastros, de sinais, de subversões, de remodelações e de destruições, humanas e naturais: nunca são aqueles territórios anódinos que imaginam os projectistas e os especuladores” (2013, p. 472).

¹⁶ Documento preparado pelo *International Scientific Committee on Cultural Routes* (CIIC), parte da organização ICOMOS - Québec (Canadá), 4 de outubro de 2008.

físico. Em relação aos participantes, a maioria dos projetos direciona-se para o turismo, sem embargo estão disponíveis para todas as pessoas. Note-se que estes roteiros podem estar oficializados ou simplesmente tratar-se de projetos autodidatas de uma instituição ou região, e que o instrumento que guia/informa os leitores/participantes poderá ser de diversos carizes.

Retomando daqui em diante o tema das rotas culturais de cariz literário. Estas ferramentas de leitura são formuladas a partir “de um olhar subjetivo que define a perspetiva, o enquadramento, o que assinalar e o que ignorar dentro do limite físico [...] da narrativa” (Quinteiro; Baleiro, *op.cit.*, p. 50). Este processo de apuração, integração e exclusão é realizado conforme a seleção de um tema ou de uma ou mais obras e/ou autor(es), e a finalidade é a de estabelecer/criar o “mapa” (mental ou físico) supracitado, cuja unidade são os lugares literários.

O lugar literário surge como sustentação ao mapa/roteiro e é fundamentado com o conhecimento que o indivíduo possui tanto do autor como da obra. Conhecimento que “funciona como protocolo de leitura do espaço e como estímulo para a identificação ou, até mesmo, criação de lugares literários” (*Ibid.*, p. 52). De facto, sendo neutro o espaço, sem qualquer tipo de ligação (como uma das possibilidades) através da familiaridade com o universo literário atribuir-se-lhe-á um significado.

Sílvia Quinteiro e Rita Baleiro, reconhecem o lugar literário como uma parte do espaço na qual o leitor/participante identifica o “marcador literário”. Constatação esta que “altera a perceção do espaço e gera uma nova representação desse mesmo espaço, com novos significados” (*Ibid.*, p. 54). Deste modo, por meio dos roteiros,

“os lugares literários ganham significado na fusão do plano ficcional com o plano geográfico concreto, sendo percecionados e construídos naqueles fragmentos de território onde essa interseção é mais nítida. Este rompimento das fronteiras entre dois universos, à partida distantes, tem inclusivamente o efeito de alterar a aura ficcional da obra literária, já que o turista-leitor pode ver e sentir o autor, as personagens e os cenários dos enredos dos livros. Trata-se de uma experiência que dá origem a novas interpretações quer do espaço encenado, em particular, quer do texto literário, em geral, pois se é verdade que a leitura de um texto tem a capacidade de ressignificar um lugar e de gerar lugares novos, é também verdade que a visita a esses lugares tem a capacidade de atuar na mente do leitor-turista e na leitura que ele fez do texto, alterando-a e completando-a. Referimo-nos, portanto, a um processo recíproco” (*Ibid.*, p. 56).

Para a formulação e realização de um roteiro literário satisfatório, não basta possuir uma mera lista de “lugares literários”, devem, pois, existir outros elementos que podem e devem ser incluídos “como sejam as referências a outras expressões de património e herança cultural” (*Ibid.*, p. 72).

1.1.2. Roteiros literários: estudos de caso (Ilha da Madeira e outras regiões)

O catálogo que constituímos e a sua análise permitem-nos conceber hipóteses de construção de roteiros em que se procederá ao entrosamento entre Literatura e paisagens da Madeira. Com efeito, os lugares literários como espaços percecionados abrem múltiplas perspetivas de exploração. Para tanto, pareceu-nos importante indagar a existência de projetos que tenham como incidência a relação entre paisagem e literatura revelou-se-nos pertinente, tomando como campo de investigação quer a Madeira, quer a Península Ibérica, sem deixar de lado os roteiros oficializados pelo *Council of Europe*.

PATRISIG, da responsabilidade da Agência de Promoção da Cultura Atlântica (APCA), na Madeira é, desde 2013, um instrumento de divulgação do património insular, suscetível de ser utilizado num equipamento eletrónico apto para ler coordenadas geográficas. No total, estão disponíveis 35 (trinta e cinco) roteiros, de diverso cariz, como por exemplo, o musical, histórico, literário e etnográfico. Apesar de se tratar de um instrumento de divulgação da etnografia madeirense aos seus habitantes, esta ferramenta é vocacionada para contribuir para o aprimoramento da oferta turística da Madeira. Estes roteiros estão neste momento dados como concluídos.

Em termos concretos, o *site* do projeto subdivide os 35 (trinta e cinco) roteiros em 3 (três) partes: *Arts & Crafts*, *Landscapes* e *Flavours & Perfumes*. Da primeira delas, consta um roteiro denominado *Places in Literature*, que é uma rota a efetuar por 4 (quatro) freguesias (Camacha, Santo da Serra, Caniçal e São Roque do Faial) e 1 (um) município (Machico), alicerçada em textos de José Agostinho Batista, Laura Moniz, José Tolentino Mendonça e João Miguel Fernandes Jorge. Apenas o quarto dos escritores enunciados não é natural da Ilha da Madeira. Particularizando, o modo como se distribui a partição dos autores pelos lugares: Camacha – José Agostinho Batista – Poema: “Camacha”; Santo da Serra – Laura Moniz – Poema: “Aldeia da Rainha”; Machico – José Tolentino Mendonça – Poema: “Caminho do Forte”; Machico – José Tolentino Mendonça – Poema: “Mercado Velho”; Caniçal – José Agostinho Batista – Excerto não definido do livro “Canções da Terra Distante”; Caniçal (Baía D’Abra) – Laura Moniz – Excerto não definido; Ribeiro Frio (São Roque do Faial) – João Miguel Fernandes Jorge – Poema: “Ribeiro Frio”.

Ao todo, o projeto PATRISIG disponibiliza 15 (quinze) roteiros destinados à visita de espaços com referências literárias.

Apesar dos aspectos positivos desta iniciativa, registamos alguns pontos fracos nos roteiros insulares analisados, que privilegiam os turistas, em vez de tentarem desenvolver um programa que crie uma comunhão entre os residentes e o património. A reduzida expressão de escritores nos roteiros, aliada ao facto de não estarem os excertos devidamente identificados, são problemas que apontam para o carácter insipiente do projeto.

Outro dos projetos denomina-se “Funchal – A cidade Escrita” realizado pela Secretaria Regional de Educação e Cultura (SREC) em colaboração com a Direção Regional dos Assuntos Sociais Culturais (DRAC) e a Direção de Serviços do Património Cultural (DSPC). O projeto está enquadrado no programa comunitário INTERREG III B (Açores – Canárias – Madeira) através do projeto Culturreg – Dinamização do Turismo Cultural e tem como objetivo promover o turismo cultural na cidade do Funchal.

Estamos perante um roteiro que percorre a cidade do Funchal através da leitura de excertos que a descrevem. Os excertos pertencem a obras de 18 (dezoito) escritores, sendo apenas 3 (três) deles naturais da Ilha da Madeira (Rui Nepomuceno, Ricardo Jardim e Horácio Bento Gouveia) e foram escritos entre os séculos XV e XX. São 16 (dezasseis) os pontos do Funchal imortalizados por meio das palavras dos respetivos escritores.

“Funchal – A cidade Escrita”, é um dos 12 (doze) roteiros disponíveis numa série de itinerários. Os restantes continuam sendo do âmbito cultural e estão denominados por ordem de realização como: “Funchal - A Cidade da Descoberta - Sécs. XV-XVI”; “Funchal - A Cidade Fortificada - Sécs XVII – XVIII”; “Funchal - A Cidade Moderna - Sécs. XIX – XX”; “Funchal - A Cidade e a Natureza”; “Funchal - O Turismo e a Cidade”; “Funchal - O Imaginário e o Fantástico na Cidade”; “Funchal - A Flor e a Cidade”; “Funchal - A Música pela Cidade”; “Funchal - Viagens pela Cidade”; “Funchal - O Vinho e a Cidade”; “Funchal - O Natal e o Fim de Ano”. Este conjunto de roteiros está disponível, na totalidade, em português e em inglês, existindo versões em francês e em alemão somente para os 4 (quatro) primeiros tipos.

Os catálogos são vendidos a todo o público na Direção Regional da Cultura (DRC) pelo valor simbólico de 2€ (euros) cada um, ou de 17€ (euros) para o conjunto.

Ainda no âmbito insular, a AMRAM (Associação de Municípios da Região Autónoma da Madeira) concebeu os “Madeira *Guides* – Rotas de Turismo Cultural”, 5 (cinco) roteiros para cada concelho da Ilha incluindo também outros 5 (cinco) para o Porto Santo.

Disponíveis em português, inglês, francês e alemão, estes roteiros têm versão impressa (gratuita) e digital.

Destes 55 (cinquenta e cinco) roteiros desenvolvidos para divulgar o património natural e cultural da Madeira, somente 3 (três) são de âmbito literário e são pensados para serem realizados em São Vicente, Machico e Câmara de Lobos. São eles: “A corte do Norte”, “Madeira e os lugares da literatura” e “Câmara de Lobos na literatura de viagens”, respetivamente. O terceiro realizado no âmbito da Literatura de Viagem, tem como personalidades referidas Isabella de França e Winston Churchill, entre outras. Em relação ao primeiro dos roteiros, este também pouco se baseia em vultos de naturalidade madeirense, fazendo somente referência à passagem pela Casa-Museu Horácio Bento Gouveia. Por último, mas não menos importante, é o roteiro efetuado pelas ruas da Vila de Machico. Este, sim, assenta unicamente em escritores madeirenses, apresentando nomes como José Tolentino Mendonça, José Agostinho Baptista, João Miguel Fernandes Jorge e Laura Moniz.

É de referir que em nenhum destes 3 (três) roteiros se apresentam quaisquer referências a obras ou a qualquer excerto das mesmas, sendo apenas apresentado o mapa do roteiro.

Ainda a nível regional, é no terceiro e último quadrimestre de 2010, que encontramos no número 361 da revista de Arquitectura *Coam (Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid)* uma secção dedicada ao Funchal da autoria de Diana Pimentel.

No mapa da capital madeirense, apresentam-se 13 (treze) excertos – também traduzidos em inglês – de poemas escritos por personalidades que desfrutaram de uma relação íntima com a Ilha da Madeira, sendo 5 (cinco) deles são naturais da mesma. Estes excertos são remetidos para uma determinada região do mapa com a qual possuem uma relação.

Em Portugal Continental encontramos o projeto “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental”, projeto desenvolvido pelo Instituto de Estudos de Literatura Tradicional (IELT) em parceria com o Instituto de História Contemporânea (FCSH), a *Fabula Urbis* e a Fundação Eça de Queiroz. Trata-se de uma investigação interdisciplinar que tenciona revalorizar a literatura e as paisagens nelas descritas, preservando, valorizando e contribuindo igualmente para o conhecimento do património cultural e natural que sustenta as identidades locais e regionais ao longo de todo o território de Portugal Continental.

Conforme lemos no protocolo de leitura do projeto,

“A base de dados das paisagens literárias de Portugal Continental é constituída por um conjunto de fichas em que uma descrição de paisagem se encontra referenciada a um determinado local geográfico. Essa descrição é um texto literário, extraído da obra que está a ser objecto de leitura. 3. As obras indicadas como objecto de leitura, as quais constituem o

corpus literário do projecto, são aquelas cujas descrições de paisagem podem ser referenciadas, pelo menos, a uma das NUT III. Os excertos dessa obra podem ser referenciados geograficamente a essa NUT III ou, quando possível, a locais geográficos mais precisos, tais como concelhos, localidades, rios, serras, ou outros topónimos” (IELT, 2011, p. 1)

Desta maneira, o usuário pode explorar a aplicação e organizar o seu percurso (ou percursos) de forma personalizada e usufruindo exclusivamente do que for do seu agrado ou preferência.

Destacamos como ponto positivo o facto de ser imprescindível a colocação, na base de dados, da referência da obra, excerto, página onde o excerto se inicia e divisão administrativa (NUTS III, concelhos ou freguesias a que se refere a descrição), incluindo ainda descritores de paisagem, cujo preenchimento está dependente da análise de conteúdo do excerto. Outra das mais valias do projeto reside na possibilidade de os utilizadores poderem reportar qualquer tipo de incongruência encontrada nos dados disponibilizados. É de ressaltar igualmente o convite por parte dos administradores para o envio de registos sonoros, fotografias ou até pequenos vídeos para complementar as descrições já existentes, estimulando-se uma relação de cooperação/interação do projeto que pode ir até à sugestão de itinerários.

Outra das iniciativas intitula-se “Passeios literários – visitas guiadas pela mão de autores portugueses”, que tem como objetivo transmitir e complementar o conhecimento da Literatura Portuguesa numa abordagem apelativa e informal. Estes “passeios” realizados por um grupo de Guias-Intérpretes¹⁷ inicialmente foram pensados para alunos do ensino secundário, contudo posteriormente foram estendidos a todos os interessados que queiram realizar um passeio a pé na cidade de Lisboa, inter-relacionando-o com as obras literárias portuguesas. Este projeto possui um *site* no qual dão conta dos seus 13 (treze) possíveis roteiros a efetuar, informando igualmente que as reservas para efetuar as visitas têm de possuir no mínimo 15 (quinze) pessoas e que os passeios se realizariam entre os meses de outubro de 2017 e abril de 2018, limitações condicionadas à disponibilidade dos Guias. Mencione-se que não encontramos nenhum tipo de preçário e que o projeto dispõe ainda de 6 (seis) roteiros em inglês.

¹⁷ Guia-Intérprete, segundo o Sindicato Nacional de Atividade Turística, Tradutores e Intérpretes (SNATTI), “é o profissional que acompanha turistas em viagens e visitas a locais de interesse turístico, tais como museus, palácios e monumentos nacionais, prestando informação de carácter geral, histórico e cultural, cuja actividade abrange todo o território nacional”.

Este *site* já possui valores para as visitas, não sujeitas a número limite. Este facto considerou-se negativo por se sentir uma certa desvalorização pela participação nacional. Apesar de ser um *site* cujo *link* está em inglês, existem 4 (quatro) separadores, um para a língua alemã, um para a espanhola, um para o português e um último para o inglês, nos quais estão apresentados os possíveis passeios a realizar na língua selecionada. Isto fez-nos considerar poder ser este um seguimento adaptado e aperfeiçoado da ideia inicial, tendo em conta igualmente que no *site* precedente se estabelecem datas limites para aquele determinado tipo de visitas.

Ainda em território continental, a Câmara Municipal de Leiria desenvolveu o projeto “Rota dos Escritores em Leiria”, baseado numa visita guiada pela cidade de Leiria na qual se relacionam monumentos e espaços culturais com algumas figuras literárias. Em termos concretos, os participantes deslocam-se por 28 (vinte e oito) pontos da cidade que detêm conexão com: Francisco Rodrigues Lobo, Eça de Queiroz, Acácio de Paiva, Afonso Lopes Vieira ou Miguel Torga. Este roteiro pode ser efetuado no segundo sábado de cada mês, com marcação prévia. A visita decorre com número mínimo e máximo de pessoas, 5 (cinco) e 15 (quinze) respetivamente. A Câmara concede o *download* dos ficheiros áudio da Rota e dispõe equipamentos de áudio guia, que enriquecem o mapa e a lista dos pontos a percorrer, igualmente cedidos.

Salientamos como ponto positivo a utilização de equipamentos eletrónicos para a realização da visita e a disponibilização *online* de todo o material utilizado.

Por fim, destacamos a obra “Roteiro da Lisboa de Eça de Queiroz” de Alfredo Campos Matos, projeto no qual é desenvolvido um roteiro sobre os mais exímios locais de Lisboa e arredores presentes na obra de Eça de Queiroz. Neste exemplar estão incluídos 5 (cinco) mapas temáticos, relacionados com as obras de Eça. Refira-se que as informações *online* disponíveis para consulta são escassas, tendo os interessados que recorrer às livrarias para obter mais referências acerca da obra.

No que diz respeito a projetos similares em Espanha, foi selecionado o caso de Extremadura. Esta comunidade autónoma dividida em duas províncias, Badajoz a Sul e Cáceres a Norte, trabalha com afinco este tema. Relativamente a Badajoz, o projeto denomina-se “Badajoz – Paisajes literarios” e trata-se de um produto turístico que pretende valorizar os recursos literários da província destacando o seu rasto nas localidades de origem (ou periferias) da vida e obra dos principais escritores locais. O objetivo primário consiste

em complementar a oferta turística de Badajoz através do património literário, incrementando assim o seu valor. O programa está dividido em 8 (oito) partes, correspondentes aos principais períodos da história da literatura de Badajoz e tendo cada parte direito a um panfleto com um reduzido mapa e informação a respeito do autor em causa, do período literário e algumas referências relevantes acerca da envolvente.

No que se refere a Cáceres, o que sucede é praticamente idêntico e o projeto denomina-se “Provincia de Cáceres: Paisajes literarios”. O intuito é análogo, sendo igualmente disponibilizados panfletos e guias nos postos turísticos.

Em concreto, Badajoz trabalha 14 (catorze) escritores que se relacionam de alguma maneira com os lugares ou feitos históricos e culturais da província. Enquanto Cáceres se dedica a 10 (dez) paisagens literárias que se correlatam com aproximadamente 50 (cinquenta) autores.

A nível europeu, foram encontradas as rotas culturais lançadas pelo Conselho da Europa em 1997, denominadas *Cultural Routes of the Council of Europe* ou *European Cultural Routes* e que estão referidas no respetivo *site* de nome *European Institute of Cultural Routes*. O objetivo deste projeto é demonstrar, por meio de uma jornada pelo espaço e pelo tempo, como o património dos diferentes países e as distintas culturas da Europa contribuem para um legado cultural compartilhado e entusiasmante. Estas rotas dividem impreterivelmente certos valores, nomeadamente os direitos humanos, a democracia e a diversidade cultural, a compreensão recíproca e o intercâmbio através das fronteiras. Semelhantemente às candidaturas a património da UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), estas rotas possuem 5 (cinco) condições examinadas na altura da candidatura:

- Definir um tema representativo dos valores europeus e comum a pelo menos 3 (três) países da Europa;
- Compreender elementos patrimoniais das diferentes regiões;
- Conceber uma rede europeia com *status* legal que reúna os sites e os *stakeholders* que fazem parte da proposta;
- Coordenar ações comuns para incentivar diferentes tipos de cooperação cultural para que suceda o debate social sobre o tema, propondo aos cidadãos europeus uma interpretação da sua história comum e do património compartilhado, propiciando desta maneira atividades

coerentes para os jovens europeus provenientes de diferentes culturas e origens e, ainda, incentivar o turismo cultural e o desenvolvimento cultural sustentável;

→ Propiciar visibilidade comum para permitir a identificação dos itens que constituem as rotas, assegurando o respetivo reconhecimento em toda a Europa.

Assim estabelecidas as correlações estipuladas, se a proposta se encontrar dentro dos parâmetros desejados, em aproximadamente 11 (onze) meses, a comunicação do assentimento será remetida aos participantes.

Dos 32 (trinta e dois) roteiros disponíveis, somente 1 (um) corresponde ao equivalente. Denomina-se *In the footsteps of Robert Louis Stevenson* e trata-se de uma rota pela Bélgica, França, Irlanda e Reino Unido através da obra literária deste escritor aventureiro, destemido e viajante que com verdadeiras descrições etnográficas de povos e terras deixou a sua marca nos lugares visitados por meio das suas palavras. Ademais de logarmos seguir os seus passos, podemos igualmente participar em exposições, palestras e atividades realizadas de forma a celebrar o respeitável legado deste escritor de renome.

Apesar de as informações acerca do tema das rotas e dos respetivos países a visitar se encontrarem explícitas no *site* da organização, para obter referências mais concretas é necessário aceder aos *links* dos *sites* anunciados na página do roteiro em causa. No caso trabalhado, a informação encontrada no *site* direcionado encontra-se desnecessariamente dispersa e não é muito explícita, o que dificultaria a organização e a concretização deste percurso.

Depois do levantamento a que procedemos, e de termos constatado, designadamente, no que diz respeito à Madeira que, está ainda muito terreno por desbravar no que refere à associação entre Literatura e paisagem, considerámos privilegiar como espaço de exploração, a partir do catálogo, o Parque Natural da Madeira, recordando aqui as suas características e a sua localização.

A Ilha da Madeira, é a principal ilha do Arquipélago da Madeira, situada no Oceano Atlântico. Esta Ilha, de origem vulcânica, possui 743 km² e 10 (dez) concelhos, com 53 (cinquenta e três) freguesias, distribuídas pelos mesmos. Em relação à sua geomorfologia, as “formações vulcânicas da Ilha da Madeira têm sido ao longo dos tempos muito destruídas pela acção das chuvas e das águas correntes, tendo-se constituído uma paisagem onde os picos, de rochas duras, alternam com vales muito encaixados” (Quintal; Vieira, 1985, p. 12).

Devido à sua localização¹⁸ e ao seu clima, esta região é muito fértil, permitindo aos seus colonos e, agora, aos seus habitantes, uma exploração lucrativa das terras.

A diferença de altitudes permite, por exemplo, no Inverno, encontrar bem cedo, neve no topo das montanhas e, de seguida, descer até ao Funchal e encontrar temperaturas elevadas e sol, ao nível do mar. A Madeira, por norma, conta com muito sol e pouca chuva.

¹⁸ “Situado mais ou menos à mesma latitude de Casablanca, dista de 700 quilómetros do continente africano e aproximadamente 1000 quilómetros de Lisboa” (Heinzelmann, 1971, p. 17).

A diversidade dos valores naturais que o arquipélago da Madeira apresenta e a preocupação com a sua preservação, é testemunhada pela quantidade de Áreas Protegidas existentes.

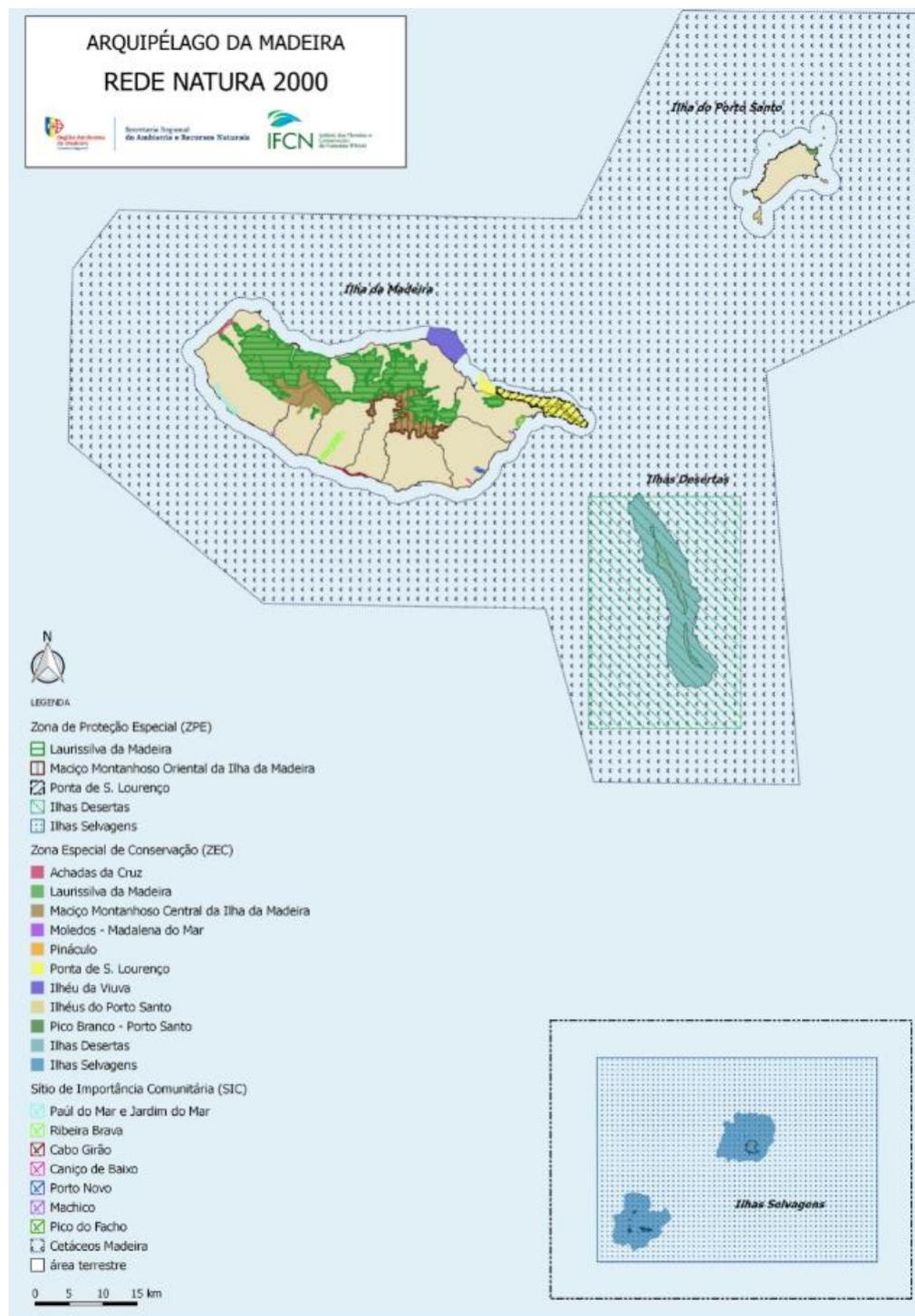


Figura 2 - REDE NATURA 2000 - Arquipélago da Madeira

O arquipélago da Madeira está incluído na Rede Natura 2000 (ilustrada na Figura 2), uma rede ecológica para o espaço comunitário da União Europeia que possui a finalidade de assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais comprometidos da Europa, colaborando para contrariar a perda de biodiversidade.

A Região Autónoma da Madeira apresenta espaços classificados incluídos na Rede Natura 2000, quer ao abrigo da Diretiva Habitats (11 Zonas Especiais de Conservação - ZEC e 7 Sítios de Importância Comunitária - SIC) quer ao abrigo da Diretiva Aves (5 Zonas de Proteção Especial - ZPE). Em 2016, foi ainda aprovada a inclusão do Sítio Cetáceos da Madeira.

O Parque Natural da Madeira (PNM) é uma área protegida, incluída na Rede Natura 2000, quer pela sua riqueza patrimonial natural, quer pelo seu património cultural e pelo facto de estar totalmente disponível ao público.

A criação do Parque Natural assenta em 3 (três) objetivos:

- “1 – Protecção da Natureza (especial atenção para a flora indígena e para as formações geológicas com interesse científico e paisagístico);
- 2 – Ordenar a prática do recreio;
- 3 – A animação das populações, fomentando a sua participação de modo a conscientizá-las do interesse cultural, científico e turístico desta estrutura” (*Ibid.*, p. 84).

Formado pela Ponta de São Lourenço, pela Laurissilva e pelo Maciço Montanhoso, o Parque abrange 2/3 do território da Ilha da Madeira¹⁹.

A Ponta de São Lourenço é a extremidade mais oriental da Madeira, e, em forma de península, ocupa 9 (nove) quilómetros de comprimento, existindo, no seu final, o ilhéu do Farol (ilhéu da Ponta de São Lourenço ou de Fora) e o ilhéu do Desembarcadouro (ilhéu da Metade ou da Cevada). Com um singular relevo paisagístico, nesta extensão, a Baía d’Abra, destaca-se pela sua configuração e dimensão que proporciona condições de ancoradouro admiráveis. Nesta área, ainda entre outras coisas, podemos observar e usufruir da Prainha, uma pequena praia, a única com areia preta natural da Ilha.

Em relação à Laurissilva, esta é a floresta indígena madeirense, cuja origem remonta ao Terciário. Denote-se que esta floresta chegou a ocupar largas extensões do sul do continente europeu e da bacia do Mediterrâneo, facto comprovado pela existência de numerosos restos de fósseis em assentamentos pliocénicos. Integrada na lista dos Patrimónios Mundiais Naturais pela Unesco, o valor e a especificidade desta floresta,

¹⁹ Este inclui todos os concelhos da Madeira, apresentando-se com mais expressão na zona centro e costa norte da Ilha.

contendo espécies vegetais e animais únicos à escala planetária e habitats nativos representativos e essenciais para a conservação da diversidade biológica, justificam este reconhecimento. O clima nesta extensa área, é regulado pelos ventos alíseos provenientes de norte e nordeste. Estes ventos originam regularmente o característico “mar de nuvens”²⁰ que se pode observar nalgumas partes da ilha.

Por último, em relação ao Maciço Montanhoso, esta área abarca toda a cordilheira montanhosa central que divide a Ilha da Madeira em duas vertentes, sul e norte, bem distintas geograficamente. Este território engloba as áreas de maior altitude da Ilha, ou seja, o Pico Ruivo (1862 metros) e o Pico do Areeiro (1818 metros), na parte oriental do Maciço, e, o Pico Ruivo do Paul (1640 metros) e a zona da Bica da Cana (1620 metros), na parte ocidental do Maciço.

Com o atual crescimento populacional e económico, o ser humano está cada vez mais afastado da natureza e, conseqüentemente, os problemas ambientais têm-se vindo a agravar. Contudo, consideramos que para entendermos estes problemas se devem primeiro abordar as causas desta degradação mundialmente observada.

Desde finais do século XVIII e meados do século XIX²¹, podem-se observar mudanças drásticas não só no meio ambiente como na mentalidade humana, na sua ânsia desenfreada de apropriação. Sem embargo, em pleno século XXI, pode-se observar toda uma incivilidade, ignorância e acumulação de erros e impasses, que comprometeram inúmeros recursos. Destruição e deterioração dos *habitats* naturais, construções, poluição, desastres ecológicos, aquecimento global e turismo descuidado e desmedido, são algumas das razões que levam ao desaparecimento e à modificação de partes do planeta terra como o conhecemos.

Surge então, na atualidade, uma temática recorrente: o desenvolvimento sustentável. Este tipo de desenvolvimento pretende que se assegurem as necessidades do presente sem comprometer as necessidades das gerações futuras. Este desenvolvimento deve, portanto, assegurar a continuidade dos processos ecológicos essenciais e dos sistemas fundamentais à sobrevivência do ser humano, a preservação da pluralidade genética dos recursos vivos e o aproveitamento de forma perdurável dos ecossistemas e das espécies.

²⁰ Este “mar de nuvens” consiste em nevoeiros de natureza orográfica que se geram devido à ascensão das massas de ar carregadas de humidade nas encostas viradas a norte.

²¹ Revolução Industrial.

Atualmente os humanos são os protagonistas da deterioração das paisagens, não compreendendo a sua importância para a respectiva sobrevivência. Pretendemos aqui consciencializar através do conhecimento e salientar o valor da manutenção e preservação do património natural mediante uma colaboração ativa e um contínuo trabalho de instrução.

2. Cartografia das paisagens literárias madeirenses

*Vê-se melhor quando não se vai para ver nada,
quando os olhos procuram tudo o que
possam achar. E encontram tudo.*
Miguel Esteves Cardoso

Este capítulo assenta na apresentação e análise de um catálogo, que figura em anexo, estabelecido a partir de uma recolha de paisagens obtida através da leitura das obras de escritores madeirenses (séculos XVII - XXI).

A Ilha deslumbra os incontáveis visitantes que até ela se deslocam, clara ocorrência intemporal, guardando, os mesmos, aprazíveis memórias e deixando alguns cordiais relatos. Contudo os sentimentos mais genuínos foram e são, não podendo ser de outra maneira, os vividos e transcritos ao longo do tempo por inúmeros madeirenses.

A Ilha surpreende na sua natureza geográfica. As paisagens tanto podem ser as mais belas como as mais agrestes, a costa é imensurável e o interior imprevisível. Os trilhos estonteantes e inesquecíveis, as localidades repletas de história e um clima ameno quase todo o ano são algumas das características que proporcionam e asseguram experiências inesquecíveis a qualquer indivíduo que tenha a sorte ou a oportunidade de viver ou de visitar a Ilha da Madeira.

Uma paisagem não só não possui um único significado como nunca é observada da mesma maneira, raramente duas pessoas o fazem de modo semelhante. Note-se que estamos falando de indivíduos cuja naturalidade é idêntica, partilhando assim uma identidade, não existindo então diferenças culturais notáveis. Denote-se igualmente que os espaços (ou paisagens no caso) são sistemas complexos e dinâmicos que (normalmente) se encontram em constante interação com o Homem.

Os indivíduos reagem às condições de vida e às respetivas vivências, traduzindo e representando as suas experiências de variadas maneiras, sendo uma delas a escrita. O indivíduo, ou o escritor se assim o quisermos considerar, consome experiências e formula perceções, meditando-as e reproduzindo-as no papel, sendo relevante referir a importância dos valores pessoais aqui repercutidos, não se tratando em nenhum momento de um discurso neutro.

A leitura de uma paisagem, realizada tanto por parte do escritor como no nosso trabalho aquando da análise do catálogo, requer um exercício ativo de observação e exploração. Neste caso, terão de ser tidos em conta dois aspetos importantes, o aspeto cognitivo e o aspeto afetivo, pois à medida que o escritor observou o espaço (cognitivo) desenvolveu determinados sentimentos pelo mesmo (afetivo). Estas questões serão evidentemente consideradas uma vez que são “pormenores” que definiram o modo e a razão de seleção dos excertos.

Os espaços referidos não são sempre totalmente fiéis à realidade uma vez que os espaços (ou no caso lugares para quem os transcreveu) são recriados, atuando muitas vezes a imaginação.

Do catálogo resultaram 198 (cento e noventa e oito) textos de 68 (sessenta e oito) autores, 14 (catorze) do sexo feminino e os restantes 54 (cinquenta e quatro) do sexo masculino. O que respectiva e percentualmente resulta em 20,6% e 79,4%. Desses 68 (sessenta e oito) escritores, 43 (quarenta e três) possui apenas 1 (um) texto no catálogo, enquanto que os restantes 25 (vinte e cinco) possuem 2 (dois) ou mais. Respetivamente, 63,2% e 36,8%.

2.1. Dominantes, constantes e variantes

A leitura do catálogo permitiu-nos observar um conjunto de lexemas com maior número de ocorrências do que outros.²² Desta análise, ressaltamos os seguintes: ribeira, mar/oceano, árvores/arvoredo, levada, flores, jardim, vinha/vinhedo/videira, fonte, quinta, banana/bananeiras, miradouro, horta, vereda, cana de açúcar, trigo/trigal, pomar, poio, casa de colmo, vime/vimeiro, vinho, montanha, escarpa, vale, calhau, pico, verde/verdejante, serra/serrania, monte, água, relevo, encosta, enseada, declive, rochedo, panorama, precipício, vegetação, abismo, cume, cais e caudal.

LEXEMAS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
Água	127
Verde/verdejante	123
Mar/oceano	117

²² Os excertos ou textos integrais constantes do catálogo situam-se entre os séculos XVII e XXI.

Serra/serrania	108
Ribeira	105
Árvores/arvoredo	97
Montanha	85
Vale	79
Monte	59
Flores	55
Encosta	47
Levada	43
Rochedo	29
Cume	28
Jardim	26
Quinta	26
Pico	24
Vegetação	24
Fonte	23
Cana-de-açúcar/canavial	19
Vinha/vinhedo/videira	18
Calhau	16
Abismo	15
Horta	15
Cais	15
Trigo/trigal	15
Caudal	14
Enseada	14
Vereda	13
Escarpa	12
Bosque	12
Declive	12
Banana/bananeira	10
Vinho	10
Casa de colmo	9

Miradouro	8
Panorama	8
Pomar	7
Vime/vimeiro	7
Poio	6
Relevo	5
Precipício	5
Bordado	5
Milho	5

Seguem-se os excertos²³ que tematizam os termos anteriores²⁴:

→ Água

“Na ilha da Madeira a água é o milagre de uma abundância pródiga. Contudo, não se vá julgar uma tal fartura no caminho certo da facilidade utilitária, isso principalmente até fins do século passado. Bem pelo contrário. [...]”²⁵;

→ Verde/verdejante

“[...]

Dos arvoredos sob tão verdes ramas,
Choraram prantos de amorosos dramas,
Epilogados em funereo dobre!
[...]”²⁶;

→ Mar/oceano

“[...] é o verde dos pinheiros que coroam as serras, grimando com o céu em arremetidas temedoiras e é o verde-azul do mar, que vem beijar docemente ou investe em restringente paixão a praia, constelada de frágeis barquinhos de pescadores denodados.”²⁷;

²³ Foi escolhido um exemplo ilustrativo para cada termo, mas outros casos deverão ser consultados no catálogo.

²⁴ Os excertos estão organizados de maneira decrescente em relação à sua frequência.

²⁵ Abel Marques Caldeira, “Trabalho de Hércules” *In Mar e céu por companheiros: crónicas madeirenses*. Organização de João França, 1979, p. 37. Vide p. 141 (catálogo).

²⁶ António Feliciano Rodrigues (Castilho), “Machico” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis fotografuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira)*, 1916, p. 59. Vide pp. 154/155 (catálogo).

²⁷ Carlos Cristóvão, *In As ondas e o vale*, 1955, p. 11. Vide p. 163 (catálogo).

→ Serra/serrania

“[...] Chegadinhos, na mesma bancada, vão chamando a atenção um do outro para as serras ao fundo cobertas de pinheirais, depois de uma volta da estrada, para o casario da vila já lá em baixo a alvejar entre hortas e jardins floridos [...]”²⁸;

→ Ribeira

“[...] De pé, encostado ao gradeamento do Café do Teatro, «O Cosmopolita» contava que nascera numa cidade que não era bem uma cidade, era uma ilha tecida por ribeiras e ruas que davam para o mar. [...]”²⁹;

→ Árvores/arvoredo

“[...] um tufo extenso de vegetação arbustiva cobria o suave vale desde o mar até às montanhas; urzes, azevinho e uma extensão de arbustos de funcho – que emprestariam o seu nome à que viria a ser a capital da ilha – davam lugar a uma infinidade de espécies que antecipavam boa madeira, cedros, loureiros, e outras plantas – grandes árvores que tomaram por carvalhos – mas que se viriam a revelar parte de um ecossistema que abrangia as várias ilhas atlânticas, com espécies nativas e únicas, tão robustas como pré-históricas.

A floresta Laurissilva oferecia-lhes assim, a madeira desses “carvalhos” que mais tarde se saberia tratarem-se de barbuzeiros, vinháticos, tis e paus-brancos – abrindo as portas da globalização ao Reino português [...]”³⁰;

→ Montanha

“[...] A paisagem é soberba! Encaixada num vale verdejante de solo montanhoso e acidentado rodeado de altas montanhas, a vila de Machico torna-se, não só um local bonito de se visitar e passear pelas ruas e ao longo da baía [...]”³¹;

→ Vale

“[...] O cenário ali era contrastantemente diferente daquele por onde naquele dia haviam passado. Não se viam árvores, o terreno era montanhoso e todos aqueles montes e vales se achavam revestidos de ouro com a giesta em flor. [...]”³²;

²⁸ Carlos Cristóvão, *In No Vale de Machico*, 1966, p. 81. Vide p. 165 (catálogo).

²⁹ Ana Margarida Falcão, “A cidade com ruas que davam para o mar” *In Contos Madeirenses*. Organização de Nelson Veríssimo, 2005, p.247. Vide p. 151 (catálogo).

³⁰ Cristiano Pestana, *In Uma aura atlântica*, 2014, pp. 99/100. Vide p. 177 (catálogo).

³¹ Bela Caires, *In A força suave do amor*, 1999, p. 259. Vide p. 159 (catálogo).

³² Carlos Martins, *In Madeira mar de nuvens*, 1972, p. 55. Vide p. 172 (catálogo).

→ Monte

“[...]
Pelas encostas dos montes
Gorgolejam frescas fontes,
Que vão regar açucenas,
E os seus frondosos pinhais
São góticas catedrais,
Nas belas tardes amenas.”³³;

→ Flores

“AS Limniades bellas da *efpeffura*,
Lhes *moft*traraõ reguados os verdores,
Com a *lymp*ha que entam por *frefca*, & pura
Pedia feita aljofre, mil louvores,
As *Dryas*, com não *vi*fta fermosura,
Com as *Napæas* derramando flores,
Nouos chôros, & danças *compuzera*õ,
com que os Luzos contentes *refcebera*õ.” (19, Livro 4, p. 150)³⁴;

→ Encosta

“Do alto da falésia enfrentava-se, para norte, a cortina das serras escuras – a urze, a feiteira, a giesta e os pinheiros ganhavam à distância, tons de cobalto – e as encostas, à medida que se aproximavam da zona baixa [...]”³⁵;

→ Levada

“[...] constantemente engrossavam o caudal da levada que circundava as montanhas, e transportava as águas até outros locais de menores recursos naturais, para irrigação das terras; os carreiros pedonais de terra batida bem calejada, que ao invés de lama, se tornavam escorregadios em alguns locais, tal era a lisura do seu piso, acompanhavam em toda a extensão essas valetas, onde deslizava uma suave corrente, convidando ao passeio; [...]”³⁶;

→ Rochedo

“Ó rochedos, nos altos, a sonhar
Por entre a alvura intensa e adormecida
De nuvem sobre nuvem a voar,
Quais gigantes em plena despedida!...
[...]”³⁷;

→ Cume

³³ Alfredo Viera de Freitas, “Minha Terra” In *Pétalas ao Vento*, 1985, p. 61. Vide p. 148 (catálogo).

³⁴ Manuel Tomás, In *Insulana*, 1635. Vide p. 343 (catálogo).

³⁵ Elmano Vieira, “A última luz da candeia de três bicos” In *Narrativa literária de autores da Madeira séc. XX*. Organização de Nelson Veríssimo, 1990, pp. 81/82. Vide p. 184 (catálogo).

³⁶ Teresa Valério, In *Momentos de Sonho*, 2006, pp. 265/266. Vide p. 404/405 (catálogo).

³⁷ J. Morna Gomes, “Balcões” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 47. Vide p. 234 (catálogo).

“[...] para além das grandes vias e das profusas urbanizações, por detrás do flanco das montanhas, ao longo das levadas, dentro dos círculos de assombro onde se abismam as vertentes e se afundam as ribeiras e nos cumes descobertos acima do primeiro céu. [...]”³⁸;

→ Jardim

“[...] Água, tão fresca e virginal, rebenta
E, entoando suave melopeia,
Corre jardins, terrenos que alimenta,
A Fajã com perfis de lua-cheia...

Ó rocha de águas abissais e frescas,
Se bendigo, a cantar, as outras rochas
De sombras sonhadoras, pitorescas,

Por sobre as quais o céu acende tochas...,
Mais canto tuas formas gigantescas,
Porque em jardins, tombando, desabrochas!”³⁹;

→ Quinta

“Mas o homem foi alindando a orela das quais estradas com plantas de melhor sedução para os olhos. E, na cidade e circunferências, as quintas tornaram-se alfobres dos mais fascinantes exemplares de botânica decorativa. [...]”⁴⁰;

→ Pico

“[...]
E sonham picos ruivos sedutores,
Como vultos altivos, vigilantes,
Com a luz que desmaia e verte cores!”⁴¹;

→ Vegetação

“[...] De tal modo deliciados com a profusão de vegetação em todas as variações, era em silêncio que os marinheiros contemplavam o que se lhes oferecia à vista; as violentas escarpas e as fajãs que originavam [...]”⁴²;

³⁸ Irene Lucília Andrade, “O cerejal” In *A Penteada ou o fim do caminho*, 2004, pp. 82/83. Vide p. 227 (catálogo).

³⁹ J. Morna Gomes, “Jardim do Mar” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 71. Vide p. 243 (catálogo).

⁴⁰ Horácio Bento Gouveia, “Madeira, terra das flores” In *Canhenhos da ilha*, 1966, p. 30. Vide p. 217 (catálogo).

⁴¹ J. Morna Gomes, “Pico Jorge” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 59. Vide p. 240 (catálogo).

⁴² Cristiano Pestana, In *Uma aura atlântica*, 2014, pp. 99/100. Vide p. 177 (catálogo).

→ Fonte

“O Largo da Fonte, assim denominado por ocupar um plano extenso mais ou menos circular e por nele existir uma fonte de água puríssima, a que o povo atribui foros de panaceia, por intercessão de N.^a S.^a do Monte, constitui como que o coração da freguesia [...]”⁴³;

→ Cana-de-açúcar

“E mais em frente, para além da horta,
que de verduras fartas se ilumina,
anda a saudade viva, à nossa porta,
dessa doce fortuna, há muito morta,
que se chamou riqueza sacarina. [...]”⁴⁴;

→ Vinha/vinhedo/videira

“As casas de antes, quero ainda vê-las sob vinhas e trepadeiras ao fundo das frescas entradas de orlas floridas, bordejando os terreiros, onde na sombra esplendiam corações, manacás, mimos, cardeais; [...]”⁴⁵;

→ Cais

“[...]
Com elegante cais
pequena e acolhedora praia a favorecer
inspirado ornamento
e uma antiga malha urbana
não deixes desviar a agulha do futuro.
[...]”⁴⁶;

→ Calhau

“[...] De salientar é também as cascatas existentes nesta terra, assim como as típicas ribeiras, onde corre a mais límpida linfa que deixa transparecer os irregulares calhaus [...]”⁴⁷;

→ Abismo

“[...]
deslumbrados e comovidos se debruçam
os olhares

⁴³ Carlos Martins, *In Madeira mar de nuvens*, 1972, p. 40. Vide p. 170 (catálogo).

⁴⁴ João França, *In POEMA ILHÉU Mar – Terra – Gente*, 1993, p. 51. Vide p. 270 (catálogo).

⁴⁵ Irene Lucília Andrade, “Fisionomia” *In A Penteada ou o fim do caminho*, 2004, p. 18. Vide p. 226 (catálogo).

⁴⁶ Marco Reynolds, “Ponta do Sol” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 85. Vide p. 362 (catálogo).

⁴⁷ Maria Gisela Rodrigues Fernandes Dias, “Água de Pena ligada à tradição” *In Ao Compasso da Vida (Verdade e Sonho)*, 2002, p. 135. Vide p. 383 (catálogo).

súbita assustadoramente
surgem os abismos mais profundos
[...]”⁴⁸;

→ Horta

“DE tres claras Ribeiras caudalosas
Seus frefcos fitios fe verám regados,
Dando à Jardíñs, & e à Hortas deleitozas,
Partidos aqueductos e ftimados;
Mas serám inundando furiofas
Exícios, & flagelos de peccados,
Que o pecado tal véz faz por imigo
Que o que regalo foi, feja caftigo.” (60, Livro 10, p. 467)⁴⁹;

→ Trigo/trigal

“Nos pendores da altiva serrania
Ondulam giestais florindo em oiro
E, orladas pela amiga luz do dia,
Messes com fulvos tons de trigo loiro.

O ar sadio, que tanto acaricia
Vivendas e trigais de bom agoiro,
Transforma esta ridente freguesia
Numa estância de encanto imorredoiro!
[...]”⁵⁰;

→ Caudal

“[...] Parece não haver dúvidas quanto à fama da primeira das levadas da Madeira, senão também a de maior riqueza de caudais: a do Rabaçal, no interior da Ilha. Aliás, são duas as levadas do Rabaçal, uma, velha; outra, nova, isso talvez por imposição das nascentes, de farto caudal, à média de 80 litros por segundo. [...]”⁵¹;

→ Enseada

“Aparece, e bem perto, coroadá
De nuvens huma Terra florecente,
E aonde ella fazia huma enseada,
Mandou ferro lançar Machim Contente:
Saibamos se esta Terra he habitada
(Disse Machim) de Feras, ou de gente:
Quem acaba de naufraga fadiga,

⁴⁸ Marco Reynolds, “Curral das Freiras” In *Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 91. Vide p. 364 (catálogo).

⁴⁹ Manuel Tomás, In *Insulana*, 1635. Vide p. 350 (catálogo).

⁵⁰ J. Morna Gomes, “Prazeres” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 68. Vide p. 242 (catálogo).

⁵¹ Abel Marques Caldeira, “Trabalho de Hércules” In *Mar e céu por companheiros: crónicas madeirenses*. Organização de João França, 1979, pp. 37-39. Vide p. 141 (catálogo).

Deseja ter descanso em Terra amiga.” (II, 39, XXXI)⁵²;

→ Vereda

“[...] Partimos das nossas casas, de manhã cedo, logo ao despontar da aurora. Fomos andando, andando por caminhos e veredas, em direcção ao Curral das Freiras. Chegados ali, tomamos o Lombo Grande que – diga-se de passagem – nos custou muito a subir, por ser íngreme e quase desprovido de arvoredo. [...]”⁵³;

→ Escarpa

“[...] De tal modo deliciados com a profusão de vegetação em todas as variações, era em silêncio que os marinheiros contemplavam o que se lhes oferecia à vista; as violentas escarpas e as fajãs que originavam, conquistando terreno ao mar [...]”⁵⁴;

→ Bosque

“[...]
Bosque de berrantes rosas,
de estrelas brancas e puras.
De jasmims,
das âncoras de magnólias,
trombetas de belas noites,
sangrantes manhãs de páscoa,
de violetas e junquilhos,
buganvílias e lilases.
[...]”⁵⁵;

→ Declive

“[...] Aquele penhasco de aspecto carbonoso, golpeado de ravinas, coroado de canas-vieiras, inclinava-se para os fundões da ribeira, em declive aberto, sem parapeitos de cercas cultivadas. [...]”⁵⁶;

→ Banana/bananeira

“[...] Demoro algum tempo por entre o silêncio dos bananais, sinto nos pés uma vaga ligeireza de asas, corro, e de novo numa curva onde as plantas se entrelaçam em desordem de frisos,

⁵² Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, *In Zargueida, descobrimento da Ilha da Madeira: poema heróico*, 1806. *Vide* p. 194 (catálogo).

⁵³ João da Silva (Silvio), “A Caminho do Pico Ruivo, a montanha mais elevada da Madeira” *In Madeira, terra de encantos*, 1967, p. 19. *Vide* p. 287 (catálogo).

⁵⁴ Cristiano Pestana, *In Uma aura atlântica*, 2014, p. 99. *Vide* p. 177 (catálogo).

⁵⁵ Octávio Marialva, “Sonata paradisíaca” *In A Madeira Vista pelos poetas*. Organização de Fernando Melim, 2002, p. 59. *Vide* p. 397 (catálogo).

⁵⁶ Horácio Bento Gouveia, *In Lágrimas correndo mundo*, 1959, p.19. *Vide* p. 210 (catálogo).

frontões, arcadas imperfeitas, a minha mão enleia-se inadvertidamente num barão de passiflora. [...]”⁵⁷;

→ Vinho

“[...] Os rochedos alcantilados do Campanário até à Fajã dos Padre, onde principiavam a rebentar as folhas das videiras de malvasia que forneciam ao mundo, o vinho mais precioso, o néctar da Madeira. [...]”⁵⁸;

→ Casa de colmo

“[...] Do alto da falésia enfrentava-se, para norte, a cortina das serras escuras – a urze, a feiteira, a giesta e os pinheiros ganhavam à distância, tons de cobalto – e as encostas, à medida que se aproximavam da zona baixa, mosqueavam-se de casas de colmo por entre courelas de trigo, a espigar, e de batatais, com árvores copadas, por aqui, por além, de sentinela. [...]”⁵⁹;

→ Miradouro

“Foi meu berço o Funchal!
Cidade-mar, formosa, sem igual,
Com tanta rua antiga
Menos mal asseadas.
E os teus miradouros?
À noite fios de luz em estriga. [...]”⁶⁰;

→ Panorama

“[...] Já quase no cimo, numa das voltas, antes de chegarem, ao Vale dos Romeiros, outra grande surpresa foi proporcionada a Ramona: como se uma cortina inesperadamente tivesse sido levantada, apresentou-se-lhes o panorama geral da Cidade do Funchal. [...]”⁶¹;

→ Pomar

“[...] Desde o mar, pela ribeira subindo
O teu vale de montanhas ladeado,
Vê o turista com ar extasiado,
Choupos, pomares e cascatas caindo. [...]”⁶²

⁵⁷ Irene Lucília Andrade, “Passiflora” *In Crónica breve da cidade anónima – À hora do tordo*, 2008, pp. 70/71. Vide p. 226 (catálogo).

⁵⁸ João Vieira Caetano, *In Da choça ao solar (Narrativa Madeirense do Século XVIII)*, 2001, p. 129. Vide p. 291 (catálogo).

⁵⁹ Elmano Vieira, “A última luz da candeia de três bicos” *In Narrativa literária de autores da Madeira séc. XX*. Organização de Nelson Veríssimo, 1990, p. 81. Vide p. 184 (catálogo).

⁶⁰ Fernando Melim, “Funchal, és meu irmão” *In Horizontes ilhéus*, 1994, p. 49. Vide p. 188 (catálogo).

⁶¹ Carlos Martins, *In Madeira mar de nuvens*, 1972, p. 46. Vide p. 171 (catálogo).

⁶² Guilherme de Abreu Correia, “Vale da Ribeira Brava – Madeira” *In A Madeira Vista pelos poetas*. Organização de Fernando de Melim, 2002, p. 130. Vide p. 198 (catálogo).

→ Vime/vimeiro

“[...] Na Camacha o artesão criou obra de vime rendilhada,
O cofre do estrangeiro encheu nos tempos da outra guerra... [...]”⁶³;

→ Poio

“[...] é o verde campestre dos poios que sobem em escadaria monumental, alcandorada e alterosa pelos picos, ora agrestes e alcantilados no seu cume, ora luxuriantes a ciciar mistérios de vida vegetativa [...]”⁶⁴;

→ Relevo

“[...] De binóculo assestado ele vai tomando conta da fisionomia polimórfica dos alcantis altivos, das ciclópicas serranias concordantes e discordantes, que formam o relevo ondulado, com extensas plicaturas, áspero, arrogante e caprichoso da ilha pulcra. [...]”⁶⁵;

→ Precipício

“[...] Neblina fria que percorre e varre os precipícios e desfiladeiros. As árvores – melhor o arvoredo – vistas de qualquer ângulo estendem-se pelos valados e ondeiam as copas de sol que costuma iluminar os bosques e recantos mais inóspitos, não nos escapam os pormenores da paisagem [...]”⁶⁶;

→ Bordado

“[...] Floresceu a tropical bananeira,
Da mão da mulher saiu espantosa arte bordada, [...]”⁶⁷;

→ Milho

“[...]
Santana... Na quimérica amplidão
Das terras onde o milho se produz
Há jardins, azulada floração...

⁶³ João G. de Ornellas Cabral, “Pensar a Ilha da Madeira” *In A Madeira Vista pelos poetas*. Organização de Fernando Melim, 2002, p. 118. *Vide* p. 273 (catálogo).

⁶⁴ Carlos Cristóvão, *In As ondas e o vale*, 1955, p. 11. *Vide* p. 163 (catálogo).

⁶⁵ Horácio Bento Gouveia, *In Canga*, 2008, p. 195. *Vide* p. 204 (catálogo).

⁶⁶ Abel Marques Caldeira, “Faial” *In Postais – Imagens Regionais*, 2004, p. 336. *Vide* p. 142 (catálogo).

⁶⁷ João G. de Ornellas Cabral, “Pensar a Ilha da Madeira” *In A Madeira Vista pelos poetas*. Organização de Fernando Melim, 2002, p. 118. *Vide* p. 273 (catálogo).

[...]»⁶⁸.

Denote-se que a palavra ilha, apesar de não considerada na análise, é a palavra que aparece com mais frequência, com 200 (duzentas) repetições.

Pode ainda contemplar a coexistência destes fatores culturais e naturais através da realização de alguns Percursos Pedestres Recomendados (PR) da Ilha da Madeira. Apesar das atividades *outdoor* ou de aventura estarem cada vez mais em evidência, uma das atividades com maior adesão são as caminhadas, tornando os nossos pontos de referência em locais com uma grande afluência tanto por parte dos residentes da Ilha como dos visitantes.

Os percursos aqui mencionados serão ordenados pelo número do percurso. O PR 1, para começar, denominado por “Vereda do Areeiro”, é um percurso que liga os picos mais altos da Madeira: o Pico Ruivo (1862 m), o Pico das Torres (1851 m) e o Pico do Areeiro (1817 m), atravessando uma parte da área do Maciço Montanhoso Central (posteriormente falado num capítulo subsequente). Este trilho começa no miradouro do Pico do Areeiro.

O PR 1.2 denomina-se por “Vereda do Pico Ruivo” e começa na Achada do Teixeira (Santana). Este percurso permite chegar ao Pico Ruivo (1862 m), e possui uma vegetação distinta da maioria das caminhadas, sendo observado, para além das casas de abrigo, vegetação herbácea e arbustiva (como por exemplo as urzes).

O PR nº 1.3, começa perto da Casa de Abrigo do Pico Ruivo e é caracterizado por variadas subidas e descidas (variando entre os 1000 e os 1800 metros) até à Encumeada. Esta vereda oferece paisagens situadas em dois tipos de ecossistemas uma vez que atravessa o Maciço Montanhoso Central e a floresta Laurissilva. Assim sendo possui uma vegetação de alta arborização.

O PR 6 é o que nos remete à zona do Rabaçal com a “Vereda das 25 Fontes”, esta caminhada começa junto da Casa de Abrigo do Rabaçal após uma íngreme descida. Este percurso tem como objetivo a visualização da Lagoa das 25 Fontes formada pelas águas que descem do Paul da Serra. As espécies encontradas ao longo do trilho integram a floresta Laurissilva, classificada como Património Mundial Natural pela UNESCO. A respetiva levada que corre em todo o percurso recolhe as águas dos afluentes da Ribeira Grande e alimentam a central hidroelétrica da Calheta, para depois regar os campos agrícolas.

⁶⁸ J. Morna Gomes, “Santana” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 49. Vide p. 235 (catálogo).

Relativamente à imponente zona das Queimadas, esta área remete à “Levada do Caldeirão Verde” (PR 9), esta levada foi construída no século XVIII e inicia-se no Parque Florestal das Queimadas. O percurso leva o caminhante até ao interior do vale da Ribeira de São Jorge, oferecendo a companhia de diversas espécies, tanto animais como da fauna da Ilha da Madeira.

O PR 11, este reporta à zona do Ribeiro Frio e à “Vereda dos Balcões”. Este é um pequeno percurso que segue a Levada da Serra do Faial, brindando os caminhantes com o miradouro dos Balcões e as respetivas vistas sobre o vale da Ribeira da Metade e sobre a freguesia do Faial. Neste miradouro podem-se observar os impetuosos vales da floresta Laurissilva, floresta indígena da Madeira. Esta é mais uma caminhada na qual se podem observar diversas espécies endémicas.

Em último lugar, o Percurso Recomendado nº 13, que encaminha à zona do Fanal e à sua respetiva Vereda. Esta caminhada começa no planalto do Paul da Serra (zona dos Assobiadores) e termina junto ao Posto Florestal do Fanal e, tal como outros dos PR retratados, também faz parte da floresta Laurissilva, estando particularmente em ótimo estado de conservação. Este trilho tem ainda a particularidade de ser uma pequena caldeira vulcânica classificada de “Reserva de Repouso e Silêncio” pelo Parque Natural da Madeira. A vereda possui também miradouros onde se podem, tal como nos outros casos, contemplar particulares paisagens.

Saliente-se que existem igualmente outros percursos a realizar, aqui foram somente apresentados estes 7 (sete) por não ser este o objetivo da investigação, fornecendo somente uma ideia e uma introdução para o que poderão conter os roteiros.

Retomando o catálogo no seu todo, lembremos o coligido: os 198 (cento e noventa e oito) excertos ou obras integrais dos quais, 124 (cento e vinte e quatro) são do género lírico e os restantes 74 (setenta e quatro) do género narrativo. Dentro modo narrativo encontram-se 4 (quatro) romances, 33 (trinta e três) contos, 35 (trinta e cinco) crónicas e 2 (duas) epopeias.

Apreciamos ainda as seguintes questões:

- Textos se apresentam de modo integral?
- Que títulos são de natureza toponímica? E remetem para os locais representados?
- Cada texto alude somente a um lugar?
- Que outros nomes são dados à Ilha da Madeira?

→ Será que encontramos referências ao orgulho de ser madeirense?

Em relação ao primeiro ponto, constatou-se que 150 (cento e cinquenta) dos textos apresentados no catálogo não figuram nele de forma integral, sendo que desse número 75 (setenta e cinco) são do modo lírico e os restantes 75 (setenta e cinco) do modo narrativo. Nesta linha de raciocínio deduz-se então que as restantes 48 (quarenta e oito) obras estão apresentadas integralmente no catálogo, sendo que neste caso somente 1 (uma) é do modo narrativo e as restantes 47 (quarenta e sete) do lírico.

Quanto ao segundo tópico relativo à presença da toponímia, a conclusão é que dos 198 (cento e noventa e oito) textos podemos considerar 115 (cento e quinze), dos quais 15 (quinze) apresentam o nome “Madeira” e os restantes de variados pontos da Ilha.

Relativamente à frequência de lugares existentes num texto (integral ou não), conclui-se que dos 198 (cento e noventa e oito), 119 (cento e dezanove) são relativos a apenas um lugar enquanto que 47 (quarenta e sete) retratam 2 (dois) ou mais lugares. Em relação aos restantes 32 (trinta e dois), estes não são evidentemente definidos podendo assim aludir a várias partes da Ilha da Madeira, uma vez que existem variados lugares com características semelhantes.

No que concerne às diferentes maneiras pelas quais a Ilha da Madeira é denominada, encontraram-se os seguintes registos: “ilha dos amôres”⁶⁹, “linda fada”⁷⁰, “princeza decantada”⁷¹, “Terra Enfeitiçada”⁷², “Ilha de Zargo”⁷³, “Ilha de Zarco”⁷⁴, “Ilha formosa”⁷⁵, “Pérola do Oceano”⁷⁶, “Flor do Mar”⁷⁷, “pérola atlântica”⁷⁸, “Sagres pequenina”⁷⁹, “Ilha dos

⁶⁹ António Feliciano Rodrigues (Castilho), “Patria!” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis photogravuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira*, 1916, p. 73. *Vide p. 156 (catálogo).*

⁷⁰ *Ibidem.*

⁷¹ António Feliciano Rodrigues (Castilho), “A ilha da Madeira” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis photogravuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira*, 1916, p. 23. *Vide p. 153 (catálogo).*

⁷² Carlos Marinho, “Fogo” *In LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA*. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d. *Vide p. 167 (catálogo).*

⁷³ Carlos Marinho, “A Ilha de Zargo – Opala no seio da esmeralda do mar” *In LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA*. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d. *Vide p. 167 (catálogo).*

⁷⁴ Octávio Marialva, “Ruivo” *In LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA*. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d. *Vide p. 398 (catálogo).*

⁷⁵ Abel Caldeira, “Madeira” *In Poesia e Prosa*, 2000, p. 70. *Vide p. 140 (catálogo).*

⁷⁶ *Ibidem.*

⁷⁷ Alfredo Vieira de Freitas, “Minha Terra” *In Pétalas ao Vento*, 1985, p. 61. *Vide p. 148 (catálogo).*

⁷⁸ João G. de Ornellas Cabral, “Pensar a Ilha da Madeira” *In A Madeira Vista pelos poetas*. Organização de Fernando Melim, 2002, p. 118. *Vide p. 273 (catálogo).*

⁷⁹ Jorge Freitas, “Câmara de Lobos” *In Alguns poemas insulares e outros textos*, 1995, p. 8. *Vide p. 293 (catálogo).*

Amores”⁸⁰, “ilha das flores”⁸¹, “Ilha Florida”⁸², “Madeira, terra das flores”⁸³, “Ilha fadada”⁸⁴, “Pulcrolândia”⁸⁵, “Amazónia portuguesa”⁸⁶ e “Pulcrolândia”⁸⁷.

Destas 19 (dezanove) referências, as primeiras 13 (treze) fazem parte do corpo do texto enquanto que as outras 6 (seis) fazem parte dos títulos, sendo que no último caso o termo associado à Ilha é o mesmo do nome do livro.

Por último, aluda-se às referências encontradas a respeito da apropriação (sentimental) e do vasto apreço expressado pelos autores em relação à Ilha.

O caso mais visível é o que se dá através do uso do pronome possessivo “minha”. Esta situação encontra-se 11 (onze) vezes ao longo do catálogo, e é demonstrado de seguida⁸⁸:

- “**Minha terra** é a Madeira,
De beleza verdadeira,”⁸⁹;
- “**Minha terra** é a Madeira,
Embalada ao som do mar,”⁹⁰;
- “Ó paraíso verdejante, **ilha minha**,
O mundo não encontra outra igual,”⁹¹;
- “**Minha ilha** Madeira
meu jardim meu encanto”⁹²;
- “Quando ergo meu olhar
para o cimo dos montes

⁸⁰ Maria Gisela Rodrigues Fernandes Dias, “Madeira” *In Eflúvios da Minha alma*, 2001, p. 144. Vide p. 375 (catálogo).

⁸¹ Maria Gisela Rodrigues Fernandes Dias, “Flores, pulcritude das ribeiras do Funchal” *In Pétales Soltas*, 2001, p. 93. Vide p. 378 (catálogo).

⁸² Teresa Valério, *In Momentos de Sonho*, 2006, p. 10. Vide p. 404 (catálogo).

⁸³ Horácio Bento Gouveia, “Madeira, terra das flores” *In Canhenhos da ilha*, 1966, p. 29. Vide pp. 216/217 (catálogo).

⁸⁴ M. Benvinda de Sousa, “Ilha fadada” *In Harpa de peregrino*, 1992, p. 9. Vide p. 328 (catálogo).

⁸⁵ Maria Gisela Rodrigues Fernandes Dias, “Pulcrolândia” *In Eflúvios da Minha alma*, 2001, p. 107. Vide p. 374 (catálogo).

⁸⁶ Maria Gisela Rodrigues Fernandes Dias, “Madeira, Amazónia portuguesa” *In Esvoaçar de Sentimentos*, 2004, p. 169. Vide p. 384 (catálogo).

⁸⁷ João da Silva (Sívio), *In Pulcrolândia*, 1988, p. 55. Vide p. 286 (catálogo).

⁸⁸ Todos os negritos encontrados nos excertos seguintes foram colocados por nós para destacar os vocábulos em causa.

⁸⁹ Alfredo Vieira de Freitas, “Minha Terra” *In Pétales ao Vento*, 1985, p. 61. Vide p. 148 (catálogo).

⁹⁰ Alfredo Vieira de Freitas, “Minha Terra é a Madeira” *In Pétales ao Vento*, 1985, p. 20. Vide p. 148 (catálogo).

⁹¹ João G. de Ornellas Cabral, “Pensar a Ilha da Madeira” *In A Madeira Vista pelos poetas*. Organização de Fernando Melim, 2002, pp. 118/119. Vide p. 273 (catálogo).

⁹² Lídio Araújo, “Numa fresca manhã de Verão” *In Maresias*, 2003, p. 21. Vide p. 320 (catálogo).

- da **minha Ilha** [...]”⁹³;
- “**Minha Pátria**, tu és bela,
É belo teu puro céu,”⁹⁴;
 - “És **minha terra de amores**,
Um paraíso encantado!...”⁹⁵;
 - “da **minha Ilha**,
Visiono monstros, gigantes,”⁹⁶;
 - “«Esta é a ditosa **patria minha amada**»,
Açafate de flores sobre os mares [...]”⁹⁷;
 - “[...] Da **minha Terra**, alegres e rosadas,
Fiam seu linho, dobam suas meadas, [...]”⁹⁸;
 - “O’ **minha patria!** O’ ilha dos amôres,
Pelos ondas azues sempre beijada! [...]”⁹⁹.

Ainda no âmbito dos pronomes, é possível encontrar 9 (nove) referências utilizando o pronome possessivo “nossa”:

- “[...] com a tonalidade mais bela com que Deus pintou o universo, os picos altaneiros da **nossa querida ilha**.”¹⁰⁰;
- “Existe uma localidade, na **nossa Ilha da Madeira**, à qual, quase todos os membros da nossa família, dedicavam uma predilecção muito especial. [...]”¹⁰¹;
- “Celebrada é a **nossa ilha** na estranja por sua tapeçaria vegetal. [...]”¹⁰²;
- “[...] Falando das qualidades das plantas da nossa serra,

⁹³ Maria Silva (Magda-Flor), “Roteiro” *In Acácias rubras*, 1995, p. 46. Vide p. 388 (catálogo).

⁹⁴ Manuel de Sousa, “À Madeira – Recordações” *In Musa Insular (poetas da Madeira)*, 1959, p. 202. Vide p. 336 (catálogo).

⁹⁵ Maria Gisela Rodrigues Fernandes Dias, “Pulcrolândia” *In Eflúvios da Minha alma*, 2001, p. 107. Vide p. 372 (catálogo).

⁹⁶ Maria Silva (Magda-Flor), “Roteiro” *In Acácias rubras*, 1995, p. 46. Vide p. 388 (catálogo).

⁹⁷ António Feliciano Rodrigues (Castilho), “A ilha da Madeira” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis fotografuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira)*, 1916, p. 23. Vide p. 153 (catálogo).

⁹⁸ António Feliciano Rodrigues (Castilho), “Fiandeiras (Arco de S. Jorge)” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis fotografuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira)*, 1916, p. 69. Vide p. 155 (catálogo).

⁹⁹ António Feliciano Rodrigues (Castilho), “Patria!” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis fotografuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira)*, 1916, p. 73. Vide p. 156 (catálogo).

¹⁰⁰ Bela Caires, *In A força suave do amor*, 1999, p. 358. Vide p. 159 (catálogo).

¹⁰¹ Carlos Cristóvão, “A codorniz” *In Aquele Artista Inquieto e Outros Contos*, 1994, p. 44. Vide p. 163 (catálogo).

¹⁰² Horácio Bento de Gouveia, “Madeira, terra das flores” *In Canhenhos da ilha*, 1966, p. 29. Vide pp. 216/217 (catálogo).

cada uma tem um nome,
é a Madeira, **nossa terra**.

[...]
Esse Paúl da Serra –
- planalto da **nossa Ilha** [...]"¹⁰³;

- “Da beleza florestal
Que há nesta **nossa Madeira**,”¹⁰⁴;
- “Vi num canto pitoresco
Da **nossa linda Madeira**”¹⁰⁵;
- “[...] É o caso da **nossa Madeira**, pequenina pérola avistada a boiar no alto do mar.
[...]"¹⁰⁶;
- “ao contrário do que acontece ao Norte da **nossa ilha**”¹⁰⁷.

Ainda neste domínio foram encontrados 3 (três) casos mais diferenciados entre si, figurando no primeiro caso a representação do orgulho pela pátria (no título da obra e no verso que o repete), o segundo na transmissão da segurança que a Ilha transmite ao escritor, e, por último, no terceiro, na demonstração da proteção concedida pela Ilha e sentida pelo autor. Citam-se as ocorrências:

- “Porque me orgulho de ser madeirense”¹⁰⁸;
- “o abrigo deixei da Pátria amada
e vim ser infeliz noutra terreno...”¹⁰⁹;
- “[...] terra tão feiticeira
cais seguro do meu pranto.”¹¹⁰.

2.2. Lugares

¹⁰³ Jaime Gonçalves, “Ilha da Madeira” *In Versos*, 1995, p. 35. Vide p. 253 (catálogo).

¹⁰⁴ Maria Gisela Rodrigues Fernandes Dias, “Acácias” *In Pétalas Soltas*, 2001, p. 235. Vide p. 380 (catálogo).

¹⁰⁵ Maria Gisela Rodrigues Fernandes Dias, “Que beleza há nos rochedos!...” *In Pétalas Soltas*, 2001, p. 105. Vide p. 382 (catálogo).

¹⁰⁶ Maria Gisela Rodrigues Fernandes Dias, “Uma baleia de tamanho considerável” *In Ao Compasso da Vida (Verdade e Sonho)*, 2002, p. 123. Vide p. 383 (catálogo).

¹⁰⁷ Victor Caires, “A Baixa Larga” *In Crónicas da beira-mar*, 2008, p. 75. Vide p. 407 (catálogo).

¹⁰⁸ Eduardo Nunes, *In Porque me orgulho de ser madeirense*, 1951, p. 45. Vide p. 182 (catálogo).

¹⁰⁹ Francisco Álvares de Nóbrega, “Machico” *In Rimas: Francisco Álvares de Nóbrega (Camões Pequeno)*, 1958, p. 25. Vide p. 192 (catálogo).

¹¹⁰ Lídio Araújo, “Numa fresca manhã de Verão” *In Maresias*, 2003, p. 21. Vide p. 320 (catálogo).

Utilizamos lugar no sentido de Tuan como já anteriormente mencionamos (*Vide* p. 17), neste ponto analisaremos os pontos da Ilha que, por obra dos autores, foram dotados de valor. Observaremos quais as referências que se tornaram refúgio, questionando igualmente a sua frequência e o seu período. Este balanço visa caracterizar de certa forma os laços afetivos estabelecidos entre os autores insulares com o meio ambiente que os envolve(u).

Atentemos inicialmente os lugares referidos e nas respectivas ocorrências.¹¹¹

- Machico – 24 vezes
 - Caniçal – 13 vezes
 - Porto da Cruz – 7 vezes
 - Santo da Serra – 6 vezes
- Funchal
 - Sé – 19 vezes
 - Monte – 13 vezes
 - Santa Luzia – 9 vezes
 - São Martinho – 8 vezes
 - Santa Maria Maior – 6 vezes
 - São Pedro – 5 vezes
 - São Gonçalo – 5 vezes
 - São Roque – 4 vezes
 - Santo António – 4 vezes
- Câmara de Lobos – 11 vezes
 - Curral das Freiras – 9 vezes
 - Quinta Grande – 2 vezes
 - Estreito de Câmara de Lobos – 2 vezes
 - Jardim da Serra – 1 vez
- São Vicente – 9 vezes
 - Boaventura – 8 vezes
 - Ponta Delgada – 7 vezes
- Santana – 6 vezes
 - Faial – 6 vezes

¹¹¹ Note-se que num texto/excerto pode aparecer mais do que uma referência.

- São Jorge – 4 vezes
- Arco de São Jorge – 4 vezes
- São Roque do Faial – 1 vez
- Porto Moniz – 4 vezes
 - Seixal – 9 vezes
 - Ribeira da Janela – 4 vezes
- Ribeira Brava – 4 vezes
 - Serra d'Água – 5 vezes
 - Campanário – 4 vezes
 - Tabua – 2 vezes
- Ponta do Sol – 2 vezes
 - Canhas – 8 vezes
 - Madalena do Mar – 3 vezes
- Calheta – 2 vezes
 - Jardim do Mar – 3 vezes
 - Paul do Mar – 1 vez
 - Prazeres – 1 vez
 - Estreito da Calheta – 1 vez
 - Ponta do Pargo – 1 vez
 - Arco da Calheta – 1 vez
- Santa Cruz – 4 vezes
 - Camacha – 9 vezes
 - Caniço – 9 vezes
 - Gaula – 3 vezes

- Encumeada – 8 vezes
- Pico Ruivo – 8 vezes
- Rabaçal – 7 vezes
- Queimadas – 6 vezes
- Pico Areeiro – 5 vezes
- Ribeiro Frio – 4 vezes

- Poiso – 3 vezes
- Fanal – 3 vezes

- Madeira (Não definido) – 68 vezes

- Funchal (Não definido) – 15 vezes

Verificou-se que no catálogo podem ser encontrados os 10 (dez) concelhos da Madeira, excluindo o Porto Santo que não foi considerado nesta investigação.

Dentro de cada concelho foram ainda consideradas as respetivas freguesias, sendo somente encontradas na sua totalidade no caso do concelho de Câmara de Lobos. Neste caso do Funchal, a respetiva contagem encontra-se igualmente no final (15 vezes) por existirem descrições que podem fazer parte de mais que uma freguesia. O mesmo sucede com “Madeira (Não definido) – 68 vezes”, existindo e considerando as descrições que, como já anteriormente referido, podem fazer parte de diversas partes da Ilha e, portanto, foram assim consideradas.

Em relação às Queimadas, à Encumeada, ao Pico Ruivo, ao Pico do Areeiro, ao Ribeiro Frio, ao Rabaçal, ao Poiso e ao Fanal, estes, por serem lugares mais específicos e algumas vezes difíceis de definir uma localização exata, foram considerados individualmente.

Efetuando as somas das referências pertencentes a cada concelho,

- **Funchal – 88**
- **Câmara de Lobos – 25**
- Ponta do Sol – 13
- Calheta – 10
- Porto Moniz – 17
- **Santa Cruz – 25**
- **Santana – 21**
- Ribeira Brava – 15
- **Machico – 50**
- **São Vicente – 24**

observa-se que, com exceção de São Vicente, os concelhos com maior número de referências, hoje em dia, são cidades da Ilha da Madeira (Funchal (cidade e capital), Câmara de Lobos, Santa Cruz, Machico e Santana).

Ainda no âmbito dos lugares, importou-nos dar conta dos séculos mais representados no levantamento a que procedemos. Registe-se a existência de uma pequena margem de erro devido à possibilidade da redação não corresponder à publicação. Contudo, tenha-se em conta que é algo considerado raro uma vez que serão considerados os séculos e não as décadas. Assim sendo, os resultados foram os seguintes:

- Machico
 - Século XVII – 11 ocorrências
 - Século XVIII – 1 ocorrência
 - Século XIX – 3 ocorrências
 - Século XX – 28 ocorrências
 - Século XXI – 7 ocorrências
- Ponta do Sol
 - Século XX – 11 ocorrências
 - Século XXI – 2 ocorrências
- Calheta
 - Século XX – 10 ocorrências
- Câmara de Lobos
 - Século XIX – 1 ocorrência
 - Século XX – 16 ocorrências
 - Século XXI – 8 ocorrências
- Santa Cruz
 - Século XVII – 5 ocorrências
 - Século XVIII – 1 ocorrência
 - Século XX – 15 ocorrências
 - Século XXI – 4 ocorrências
- São Vicente
 - Século XX – 21 ocorrências
 - Século XXI – 3 ocorrências
- Porto Moniz
 - Século XIX – 1 ocorrência
 - Século XX – 12 ocorrências

- Século XXI – 4 ocorrências
- **Ribeira Brava**
 - Século XX – 14 ocorrências
 - Século XXI - 1 ocorrência
- **Santana**
 - Século XIX – 1 ocorrência
 - Século XX – 18 ocorrências
 - Século XXI – 2 ocorrências
- **Funchal**
 - Século XVII – 6 ocorrências
 - Século XIX – 2 ocorrências
 - Século XX – 57 ocorrências
 - Século XXI – 23 ocorrências
- **Queimadas**
 - Século XX – 5 ocorrências
 - Século XXI – 1 ocorrência
- **Encumeada**
 - Século XX – 8 ocorrências
- **Pico Ruivo**
 - Século XIX – 1 ocorrência
 - Século XX – 5 ocorrências
 - Século XXI – 2 ocorrências
- **Pico do Areiro**
 - Século XX – 3 ocorrências
 - Século XXI – 2 ocorrências
- **Ribeiro Frio**
 - Século XX – 3 ocorrências
 - Século XXI – 1 ocorrência
- **Rabaçal**
 - Século XIX – 2 ocorrências
 - Século XX – 5 ocorrências

- Poiso
 - Século XX – 2 ocorrências
 - Século XXI – 1 ocorrência
- Fanal
 - Século XX – 3 ocorrências
- Madeira (Não definido)
 - Século XVII – 12 ocorrências
 - Século XIX – 8 ocorrências
 - Século XX – 27 ocorrências
 - Século XXI – 21 ocorrências

Concluimos haver uma clara superioridade para o número de obras escritas (ou publicadas) no século XX, com 255 (duzentos e cinquenta e cinco) repetições (64,7 %). De seguida, com maior número de repetições, sucede-se o século XXI, com 82 (oitenta e duas) reproduções (20,8 %). Já com um número menor de ocorrências, se encontram o século XVII com 36 (trinta e seis) repetições (9,1 %), século XIX com 19 (dezanove) (4,8 %) e o século XVIII com 2 (duas) (0,5%).

2.3. Representação ou estilização

No seguimento da paisagem e do lugar como abordagens da Geografia, a execução de estudos experimentais *in loco* são considerados fundamentais. Esta ferramenta permite verificar, confirmar ou contestar dados e referências, fornecendo novas perspetivas. Do nosso lado, foi conscientes da necessidade da constatação das alterações da mudança ou não das paisagens, que empreendemos, simplesmente uma deslocação aos lugares, desprovidos dos conhecimentos ou das ferramentas de análise de um geógrafo, mas movidos pelos desígnios do gestor cultural. Foi com esse intuito que realizámos uma deslocação aos 10 (dez) concelhos da Ilha.

Desta ideia resultaram 4 (quatro) dias de trabalho de campo, distribuídos da seguinte forma¹¹²:

- Dia 1: Poiso, Ribeiro Frio, Santana, Queimadas, Machico, Santa Cruz;

¹¹² Para tornar esta indicação inicial mais clara, serão referidos somente os nomes dos concelhos ou dos pontos específicos anteriormente referidos.

- Dia 2: Funchal, Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol, Calheta, Rabaçal, Fanal, Encumeada;
- Dia 3: São Vicente, Porto Moniz;
- Dia 4: Pico Areeiro, Pico Ruivo.

Foram selecionadas e confrontadas as referências mais representativas do catálogo para cada um dos concelhos, facilitando tanto o trabalho de campo como a compreensão do mesmo.

- Dia 1

O primeiro lugar visitado neste percurso do primeiro dia foi o Poiso, para o qual foi tomado em conta o excerto de “ “Faial” *In Postais – Imagens Regionais*, 2004, p. 336”¹¹³, assim retratado:

“Ao longo da estrada que nos leva às serras do Poiso, ladeadas de sebes que em breve irão florir, deparamo-nos com uma paisagem panorâmica [...] As árvores – melhor o arvoredo – vistas de qualquer ângulo estendem-se pelos valados e ondeiam as copas de sol que costumam iluminar os bosques e recantos mais inóspitos, não nos escapam os pormenores da paisagem, como as cores que variam de espaço para espaço [...]”.

Esta descrição corresponde quase na totalidade à realidade, podendo observar tanto as sebes como o extenso arvoredo. Contudo, devido aos incêndios ocorridos em 2013 a paisagem que é observada quando percorrido o caminho de oeste para este está ligeiramente desfigurada, não existindo, deste modo e em parte do percurso, as referidas árvores, ou “melhor o arvoredo”.

De seguida sucedeu-se a passagem pelo Ribeiro Frio. Para este lugar foram consideradas as seguintes duas referências: “Ali, porém, no Ribeiro Frio, através do carreiro por onde seguem os excursionistas, apenas vemos arvoredos. Seguem sob uma alameda de carvalhos, castanheiros e de uma grande variedade de cedros. [...]”¹¹⁴ e

“Ribeiro e pequeno lago de encantamento
Onde a frondosa vegetação se reflectia

[...]

levadas e ribeiros levando a água matricial
vivificando os corpos das árvores da floresta densa
e os seus ventres braços dedos e flores

suave paleta de verdes derramados sobre a vastidão
das encostas

¹¹³ Texto de Abel Marques Caldeira. *Vide* p. 142 (catálogo).

¹¹⁴ Carlos Cristóvão, *In Querer Viver*, 1994, p. 19. *Vide* p. 164 (catálogo).

trasmudados em azul pelos desdobrados
mansos horizontes
aqui e além sobressaltados por súbitos abismos

caminhos desvelando vistas
de inesperados êxtases
- és um discreto valioso tesouro
do corpo da ilha.
[...]”¹¹⁵.

É impossível negar a “frondosa vegetação” existente tanto a caminho como no próprio local. Estão espantosamente presentes carvalhos, cedros ou até castanheiros. Contudo, a realidade do Ribeiro Frio hoje em dia passa pelas dezenas de visitantes que até lá se deslocam, existindo então vários lugares de estacionamento, habitações para alojamento local, estabelecimentos de restauração e *souvenirs* e numerosas carrinhas e autocarros. Quiçá, de vez em quando, um turismo excessivo para quem queira aproveitar esta “suave paleta de verdes derramados sobre a vastidão das encostas”.

De seguida, prosseguiu-se para o concelho de Santana. A primeira passagem foi pela freguesia de São Roque do Faial, freguesia da qual o Ribeiro Frio faz parte, sendo a única referência a esta freguesia uma descrição referente ao miradouro dos Balcões¹¹⁶ na qual a vista do mesmo é expressada da seguinte forma:

“Ó rochedos, nos altos, a sonhar
Por entre a alvura intensa e adormecida
De nuvem sobre nuvem a voar,
Quais gigantes em plena despedida!...

Formas belas e horríveis dum altar
Cuja terra, de tão verde e florida,
Delira, ouvindo a voz da água a cantar
De pedra em pedra, em serpes esculpida.”¹¹⁷.

Esta descrição, tal como algumas que se seguirão posteriormente, por serem descrições maioritariamente de cariz geomórfico, dificilmente se poderiam alterar. Contudo, pode-se fazer referência à terra “tão verde e florida” que, todavia, se mantém ao longo de toda a paisagem observável.

¹¹⁵ Marco Reynolds, “Ribeiro Frio” In *Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 73. Vide pp. 357/358 (catálogo).

¹¹⁶ Este miradouro faz parte de uma das caminhadas existentes no Ribeiro Frio, mais precisamente o PR 11.

¹¹⁷ J. Morna Gomes, “Balcões” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 47. Vide p. 234 (catálogo).

Logo, continuou-se o caminho até chegar à freguesia do Faial. Freguesia “verdejante” que, tal e qual como no caso de São Roque do Faial, foi objeto de clara descrição do meio físico e geológico por parte de Horácio Bento Gouveia:

“[...] Contemplem-se as serras aguçadas de caprichosas faldas que cingem a freguesia do Faial, nestes dias luminosos de Agosto, as serras de boqueirões como pórticos de castelos roqueiros com as agulhas de basalto em formas torreadas; dos quais boqueirões, uns tendem para um desenho de molde em crescente; outros são desmesurados pelo espasmo da matéria ao solidificar-se na mudança de estado, em idade remota.”¹¹⁸.

É inevitável não constatar claramente esta representação formulada na década de 70, não sendo nem necessário sair da viatura para a contemplar. Deste modo, prosseguiu-se viagem diretamente até Santana onde o guia foram os seguintes 2 (dois) excertos:

“Santana... Numa ubérrima planura
Há vultos de palhoças ancestrais,
Terra a evolar-se em senhos de luz pura,
Azuis hortênsias, verdes milharais,

Há sorridentes plainos de verdura
Onde pastam rebanhos líriais,
Ovelhas com feliz desenvoltura,
Sorvendo sol e devorando ervais!

Santana... Na quimérica amplidão
Das terras onde o milho se produz
Há jardins, azulada floração...
[...]

“[...] Abundam as terras de cultivo por toda a parte, divididas ou defendidas por renques de urze ou de buxo. Alguns altíssimos, formando muralhas. Pena é que tendem a desaparecer por causa de casas novas e alargamento de estradas. Mas quando por lá passámos, havia bastantes que lançavam ao vento o seu cheiro peculiar e campestre, misturado ao de terra húmida e revolvida ou cavada. [...]”¹²⁰.

Santana é diferente do caso anterior, sendo necessária mais que uma breve passagem de carro. Começando com o primeiro excerto, claramente os “vultos de palhoças ancestrais” foram substituídos por meras casas de colmo, poucas de propriedade dos munícipes e várias de demonstração para os visitantes. Contudo, ainda se podem observar-se as “azuis hortênsias”, algumas plantações de milho e outro tipo de cultivo, apesar de já não se observarem em abundância os “rebanhos líriais”, podendo observar simplesmente alguns

¹¹⁸ Horácio Bento Gouveia, “O NORTE DA ILHA” *In Escritos 5 – Horácio Bento de Gouveia (1960-1969)*. Organização de Maria Soares, 2014, p. 164. *Vide* p. 215 (catálogo).

¹¹⁹ J. Morna Gomes, “Santana” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 49. *Vide* p. 235 (catálogo).

¹²⁰ Maria da Conceição Caldeira, “Memória das casas” *In Miscelânea de Memórias*, 1999, p. 194. *Vide* p. 371 (catálogo).

animais de quinta. Relativamente ao segundo excerto, as “terras de cultivo”, podendo talvez já não existir “por toda a parte”, estão claramente presentes em Santana, uma vez que ainda existem famílias cujos terrenos fazem parte do sustento da familiar. Quanto à segunda parte do excerto, pouco poderia ser melhor para resumir a realidade de Santana. De momento, esta vila e sede de concelho não é somente um local campestre, existindo “casas novas e alargamento de estradas”. Este facto evidencia o investimento por parte dos imigrantes e também toda a conjuntura que se forma à volta dos turistas, causa de parte do desenvolvimento ocorrido.

Ainda em Santana, aproveitou-se a proximidade e partiu-se para as Queimadas, lugar quase utópico. Para esta localização pretendia-se conferir a realidade com os seguintes excertos:

“Possuem as Queimadas de Santana, no altar da encosta, a beleza virgem da serra, na mata que o lume jamais petrificou.

Olha-se por entre as clareiras das árvores mais altas e da espessura dos arbustos de ramos enclavinados. [...] Não é preciso um bordão de romeiro para se ir ao longo do caminho rústico, romanesco e coberto do velário emaranhado da folhagem densa que não se extingue. É um corredor que se desata à entrada do carreirinho para o terreiro da casa de abrigo, o qual, desdobrando-se e volteando pela cintura da montanha cavada de gargantas fundas, é caminho plano de terra escura, flanqueado de anosos carvalhos, cedro da serra e outras espécies vegetais.”¹²¹

“[...] Quem conheceu, por exemplo, o Caminho para as Queimadas, em Santana, tão pitoresco, onde os bardos de novelos (hortênsias) eram parede azul e as típicas casinhas de colmo, uma aqui, outra ali, davam um ar de vida muito antiga, muito rústica e cheia de beleza; onde a vegetação de arvoredos fazia, por vezes, tecto por onde o sol tentava penetrar e dar mais cor azul das flores, depara-se agora com uma estrada larga, bem traçada, moderna, que sacrificou novelos, árvores, arbustos e casinhas de colmo. [...]”¹²².

Hoje em dia, quando falamos da zona das Queimadas, falamos no Parque Florestal das Queimadas. Neste lugar tanto podem ser observados espécimes referentes à flora originária da Ilha da Madeira (Floresta Laurissilva) como espécies de avifauna indígena. É também possível realizar o PR 9 – Levada do Caldeirão Verde (anteriormente referido) e “Um caminho para todos (Queimadas – Pico das Pedras)”. Ainda no corrente ano (2018), foi recuperada a casa de abrigo das Queimadas, incluindo também um estabelecimento para restauração, um parque de estacionamento e WC’s novos. Por estas razões, este é um local com uma grande afluência de visitantes, tanto por parte de turistas como residentes. Agora,

¹²¹ Horácio Bento Gouveia, “17. Queimadas de Santana” *In Alma negra e outras almas*, 1972, p. 84. *Vide pp.* 206/207 (catálogo).

¹²² Maria da Conceição Caldeira, “Vão roubar-me a Sé” *In Miscelânea de Memórias*, 1999, p. 123. *Vide p.* 371 (catálogo).

relativamente aos referidos excertos, no primeiro caso constatam-se, nos dias que correm, apesar de já se terem passado 46 (quarenta e seis) anos desde a publicação do texto, a mencionada “beleza virgem da serra” por entre as “clareiras das árvores” com os referidos “carvalhos, cedro da serra”, entre outras espécies como o til, o pau branco, as urzes, etc. Em relação ao segundo excerto, e já considerando o ano de 1999, considere-se desta vez o percurso percorrido até às Queimadas. Apesar de ainda se poderem observar as azuis hortênsias, tal como naquela altura, já não se podem observar “as típicas casinhas de colmo” espalhadas pelo mesmo.

Constatando claramente a referência a “uma estrada larga, bem traçada, [e] moderna”, seguiu-se caminho, desta vez, até às freguesias de São Jorge e do Arco de São Jorge. Os subsequentes excertos selecionados remetem, respetivamente, para São Jorge e depois para o Arco de São Jorge:

“[...]
São Jorge produz o milho,
de hortaliças abastado,
com má gente n’outro tempo,
hoje está civilizado.

[...]

O Arco dá muita cana,
que vale muito vintém,
mas Deus depara a garapa
que lá vai não sei p’ra quem.
[...]”¹²³.

No que diz respeito a São Jorge, observou-se que, nos dias que correm, ainda se reconhece a freguesia pelo abundante cultivo de milho, fazendo parte da paisagem da mesma. Em relação ao “Arco”, sabe-se que outrora foi conhecido pelas plantações de cana, contudo hoje em dia isso já não ocorre.

Como o concelho final tinha de ser o de Santa Cruz, aproveitamos o caminho e revimos também o concelho de Machico. Empeçámos pela freguesia do Porto da Cruz, local onde logo à chegada somos surpreendidos pela grandiosidade da Penha de Águia, formação geológica que poderá, com certeza, ser considerada um dos símbolos geológicos da Ilha da Madeira. O escritor Marco Reynolds dedicou um poema a este ícone geológico, segue-se um excerto do mesmo:

“[...]”

¹²³ Jaime Gonçalves, “A MADEIRA” *In Versos*, 1959, p. 101. *Vide* p. 336 (catálogo).

Os cumes dominantes
formados de magmáticas rochas
expelidas por telúricas forças
em formidável convulsão
parecem concebidos e em cuidados executados
para o desfrute da visão monumental
e repousante
de portentosas formas escultóricas.
[...]”¹²⁴.

De seguida, considerou-se a seguida passagem:

“[...]
Porto da Cruz populoso
ainda mais que Sant’Ana
tem muita vinha Isabela
que chamam americana.
[...]”¹²⁵.

Tal como ocorreu com a Penha de Águia, observaram-se, desde logo, as plantações de vinha, tanto em diversos terrenos, como nas próprias habitações. A título de curiosidade, esta freguesia, nos dias de hoje, é conhecida pela produção de vinho, mais especificamente pela elaboração de vinho seco americano. Uma vez que o excerto faz referência à população da freguesia, novamente, a título de curiosidade, decidiu-se investigar se o Porto da Cruz ainda era mais populoso do que a freguesia de Santana. De acordo com os Censos de 2011, informação mais completa de momento, Santana possuía 3275 habitantes, enquanto que o Porto da Cruz 2597, não se mantendo os dados referidos no ano da redação da respetiva obra considerada.

De seguida, passou-se, rapidamente, pelo Caniçal. Terra de pescadores, “o Caniçal é uma povoaçãozinha muito à parte de quantas”¹²⁶, até hoje em dia. Apesar de encontrarmos “casas de recente construção”¹²⁷, nada poderia descrever melhor esta freguesia do que “um palminho de crosta transportado do deserto”¹²⁸. Seguiu-se caminho, desta vez, para Machico e à procura da enseada “encaixada num vale verdejante de solo montanhoso e acidentado rodeado de altas montanhas, [...] algumas soberbas e escarpadas, outras de luxuriante vegetação”¹²⁹. Talvez a vegetação, 19 (dezanove) anos depois, tenha sido ligeiramente

¹²⁴ Marco Reynolds, “Penha de Águia” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 78. *Vide* p. 360 (catálogo).

¹²⁵ Jaime Gonçalves, “A MADEIRA” *In Versos*, 1959, p. 101. *Vide* p. 336 (catálogo).

¹²⁶ Horácio Bento Gouveia, “Caniçal - Uma povoação diferente” *In Canhenhos da ilha*, 1966, p. 119. *Vide* p. 217 (catálogo).

¹²⁷ *Ibid.*, p. 121. *Vide* p. 218 (catálogo).

¹²⁸ *Ibid.*, p. 120. *Vide* p. 217 (catálogo).

¹²⁹ Bela Caires, *In A força suave do amor*, 1999, p. 259. *Vide* p. 159 (catálogo).

reduzida, contudo não se pode negar que verde o é, verde e com montanhas magníficas. Ademais, outras das referências que remetiam a Machico, são os característicos poios, poios “que sobem em escadaria monumental, alcandorada e alterosa pelos picos”¹³⁰. A realidade é que ainda existem, mas em menos quantidade, é verdade que subsistem, mas muitos nem são trabalhados e estão deixados ao abandono. Esta realidade foi outrora um dos únicos modos de subsistência, método encontrado num equilíbrio do meio com as necessidades. Levando isto em conta, prosseguiu-se para o Santo da Serra acompanhados do seguinte excerto:

“[...] O Santo situa-se em uma planura, no alto de serras montanhosas e é uma autêntica sinfonia de arvoredos, onde cada espécie é uma pincelada de verde diferente. Lá no alto, apetece-nos aspirar o ar com sofreguidão e nesse voluptuoso aspirar é indelével o perfume. É um odor diferente de todos os outros perfumes, que respiramos em todo o resto da Ilha. A razão desse, pode dizer-se, milagre, pois a Natureza toda ela é um milagre, deve advir do conjunto de toda aquela variedade vegetativa.

[...] O Santo ainda conserva umas simpáticas vivendas, aqui e além, mas, que, em nada se parecem com as tais feitas em série para os novos-ricos, assim como muitos outros motivos de atracção. [...]”¹³¹.

O Santo da Serra, ou o “Santo” como o denominam os seus residentes, é de facto uma localidade com uma atmosfera notável. Com base no excerto, pôde-se constatar facilmente que permanecem presentes tanto as diversas quintas e “vivendas” como todo o “arvoredo” que faz parte do mesmo, arvoredo localizado a caminho e no próprio local. Terminados os locais referentes ao concelho de Machico, só faltava o concelho de Santa Cruz e as suas freguesias, para concluir o primeiro dia.

Para começar, e aproveitando o caminho, foi escolhida a freguesia da Camacha. Já que anteriormente foram referidos os vimeiros e os respetivos vimes, essas foram as referências escolhidas para esta freguesia. “E esses compartimentos de terras, onde, dispostos simetricamente, crescem vimeiros novos despojados já das suas flexíveis vergôntes, assemelhavam-se, vistos à distância, a tabuleiros de xadrez”¹³². A Camacha é conhecida pela indústria do vime, indústria que tem origem em 1850. O vime, melhor, os vimeiros, têm de ser, depois de atingirem o tamanho adequado, cortados e trabalhados, passando por uma grande transformação. Contudo, o que para aqui é importante, mais será se, e quando os

¹³⁰ Carlos Cristóvão, *In As ondas e o vale*, 1955, p. 11. Vide p. 163 (catálogo).

¹³¹ Carlos Cristóvão, “A codorniz” *In Aquele Artista Inquieto e Outros Contos*, 1994, p. 44. Vide p. 163 (catálogo).

¹³² João da Silva (Sílvio), “Em amena digressão pela levada do estado (Do Santo da Serra à Choupana)” *In Madeira, terra de encantos*, 1967, pp. 25/26. Vide p. 288 (catálogo).

mesmos fazem parte da paisagem. Denote-se que, apesar de, com efeito, se poderem observar estas referências, isto não ocorre durante todo o ano. Tendo em conta que, os vimeiros crescem em terrenos onde abunda água, estes desenvolvem-se mais nas estações do outono e inverno onde a mesma é mais abundante. Os vimeiros são depois cortados, normalmente, no início do mês de abril. Resumindo, se os quisermos observar, teremos mais probabilidade de ter sucesso entre os meses de setembro a abril, e próximo aos ribeiros.

Prosseguiu-se para a próxima freguesia, o Caniço. Para esta freguesia foi selecionado um local por todos os residentes conhecido, a singular zona do Garajau. Esta zona é reputada pela estátua do Cristo Rei e pelo seu respetivo miradouro. Atentemos no seguinte excerto:

“[...] Sentados em cima do moleiro na rocha do Garajau, abaixo da estátua do Cristo-Rei, os nossos heróis olhavam em volta: o calhau lá em baixo; a baía do Funchal ao longe, do lado do Poente; a Este a costa recortada do Caniço de Baixo, em frente, o oceano azul, imenso, ilimitado, grandioso, a perder-se de vista até ao horizonte, um horizonte real e imaginário. Da estátua, tinham descido até aquele sítio alcantilado por uma vereda rasgada toscamente através da encosta de tabaibeiras. [...]”¹³³.

A figura do Cristo Rei já foi referida anteriormente. O panorama atual permanece análogo ao da passagem referida. É então de referir, tanto a ainda presente “vereda rasgada toscamente”, como a enorme quantidade de tabaibos¹³⁴ existentes nesta área. Depois desta visita, seguiu-se caminho para o penúltimo local do dia, Gaula.

Acerca de Gaula, foram referidos os “pinheirais”¹³⁵ existentes na mesma. Contudo, hoje em dia, apesar de ainda eles se poderem observar nalgumas partes, as casas modernas (outras não tanto), dominam grande parte da freguesia. Para finalizar o dia, procedeu-se até Santa Cruz.

Santa Cruz foi referida por Henrique Henriques de Noronha como

“a nobre villa de Sta. Cruz a q.^m deram este nome os primeyros descobridores da Ilha, arvorando no lugar onde pouco depois se fundou, a insígnia da nossa Redenção; Está situada em hũ Espassoso valle ao pee de hũ monte e na margem de hũa Ribeyra ~q copiosa de agoa se alava aos pés do ocianno”¹³⁶.

Apesar da redação do respetivo texto se ter dado em 1722, não é difícil, acrescentado umas casas no nosso pensamento, observar, mental e fisicamente, esta descrição, esta paisagem.

¹³³ João Gabriel Correia, *In Flores de Jasmim*, 2011, p. 283. Vide p. 276 (catálogo).

¹³⁴ Esta planta é uma espécie de cato, comum em regiões semiáridas. Também pode ser denominado por figueira-do-diabo, figueira-da-Índia, piteira, tuna, figueira-tuna, figueira-palmeira ou palma.

¹³⁵ J. Morna Gomes, “Pico da Coroa” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 39. Vide p. 237 (catálogo).

¹³⁶ Henrique Henriques de Noronha, “Santa Cruz” *In Antologia Literária Madeira Séc. XVII e XVIII*. Organização de Ângela Borges, Isabel Stephane e Rui Carita, 1987, p. 178. Vide p. 200 (catálogo).

Santa Cruz, vila e sede do concelho, foi assim o último local visitado deste primeiro dia de trabalho.

- Dia 2

Este segundo dia começou no concelho do Funchal. Em virtude de o Funchal estar representado no catálogo através de 9 (nove) das suas 10 (dez) freguesias¹³⁷, para não ficar demasiado saturado e extenso, optou-se por realizar uma listagem com os respetivo nomes das freguesias e algumas das referências que lhes correspondem. Deste modo, se pôde, de maneira mais eficaz e produtiva, confrontar se as mesmas ainda equivalem à realidade. A ordem da listagem corresponde àquela pela qual as freguesias foram visitadas.

- São Gonçalo: “tabaibeiras”¹³⁸, “folhados, azevinhos, loiros e adernos”¹³⁹, “eucaliptos”¹⁴⁰;
- Santa Maria Maior: “lagoa”, “buganvílias vermelhas”, “figueiras da Índia”¹⁴¹, “pedra de calhau”¹⁴²;
- Monte: “fonte de água”, “bancos”, “coreto”, “encosta formosamente ajardinada”;¹⁴³
- São Roque: “pera”, “vinho”¹⁴⁴;
- São Pedro: “quintas”, “pequenas casas”¹⁴⁵;
- Santa Luzia: “buganvílias das nossas ribeiras”¹⁴⁶, “plátanos gigantes”¹⁴⁷;
- Sé: “plátanos”, “figueiras da Índia”, “magnólias”; “bancos de madeira”¹⁴⁸;
- São Martinho: “cana”, “vinho”¹⁴⁹;

¹³⁷ Não se encontrou qualquer tipo de referência à freguesia do Imaculado Coração de Maria.

¹³⁸ David Pinto Correia, “Lugar berço: São Gonçalo” *In Onze mais um poemas e lugares*, 2001, p. 2. *Vide p. 179* (catálogo).

¹³⁹ Horácio Bento Gouveia, *In Torna-viagem*, 1995, p. 61. *Vide p. 209* (catálogo).

¹⁴⁰ J. Morna Gomes, “Eucaliptos” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 26. *Vide p. 232* (catálogo).

¹⁴¹ João Carlos Abreu, *In Dona Joana Rabo-de-peixe*, 1996, p. 51. *Vide pp. 258/259* (catálogo).

¹⁴² José António Gonçalves, “Funchal, às vezes” *In Arte do voo: antologia poética*, 2005, p. 75. *Vide p. 310* (catálogo).

¹⁴³ Carlos Martins, *In Madeira mar de nuvens*, 1972, p. 40. *Vide p. 170* (catálogo).

¹⁴⁴ Jaime Gonçalves, “A MADEIRA” *In Versos*, 1959, p. 98. *Vide p. 333* (catálogo).

¹⁴⁵ Irene Lucília Andrade, “Fisionomia” *In A Penteada ou o fim do caminho*, 2004, p. 20. *Vide p. 226* (catálogo).

¹⁴⁶ Alfredo Vieira de Freitas, “As nossas buganvílias” *In Ao veio do tempo*, 1993, p. 54. *Vide p. 149* (catálogo).

¹⁴⁷ J. Morna Gomes, “Plátanos e buganvílias” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 17. *Vide p. 231* (catálogo).

¹⁴⁸ Alberto Figueira Gomes, “Velhos aspectos da Cidade” *In Pedras e Almas: antologia*, 2017, p. 254. *Vide p. 146* (catálogo).

¹⁴⁹ Jaime Gonçalves, “A MADEIRA” *In Versos*, 1959, p. 98. *Vide p. 333* (catálogo).

→ Santo António: “canaviais”, “vinhas”¹⁵⁰.

Antes de efetuar a visita a São Gonçalo, e uma vez que as referências são da área da botânica, fez-se uma investigação prévia que permitisse, conseqüentemente, realizar o reconhecimento das árvores. Assim sendo, confrontando as obras com a realidade, observou-se que, tanto os tabaibos como os folhados, azevinhos, loureiros e adernos, apesar de existirem, não se encontram em números muito elevados. Em relação aos eucaliptos, estas árvores, durante muito tempo numerosas, foram vítimas dos incêndios ocorridos no ano 2016. Ainda os há, mas num número muito menor.

Em relação à freguesia de Santa Maria Maior, os pontos de referência foram: a afamada “zona velha” e a zona do teleférico. No que concerne à zona do teleférico, antigamente, e coincidindo com o excerto trabalhado, existia um espaço no qual figurava uma “lagoa”, as “buganvílias vermelhas”, e as “figueiras da Índia”. Hoje em dia, não se consegue observar a realidade retratada no texto. Referentemente à “zona velha” e às “pedra(s) de calhau”, é, pois, hoje em dia, possível observar, em grande parte da zona, o que é denominado por “calçada madeirense”.

Subindo até ao Monte e parando em primeiro lugar no Largo da Fonte, é fácil observar, desde logo, a “encosta formosamente ajardinada” e os seus “bancos” de madeira, pintados de verde. Prestando um pouco mais de atenção, encontra-se a “fonte de água” que dá o nome ao largo. Outra das referências foi o “coreto”, possível também de observar à frente da igreja do Monte. Contudo, e tal como é referido na obra, o mesmo continua sendo raramente usado.

Para São Roque, tal e qual como aconteceu em São Gonçalo, foi realizada uma breve investigação. Deste modo soube-se que, de facto, esta freguesia, continua sendo terreno de pereiras e vinhas. De seguida, prosseguiu-se para a freguesia de São Pedro. São Pedro, mais especificamente na zona do Caminho da Achada, realmente, possuía e ainda possui, tanto as quintas como as referidas casas, sucedendo isto por todo o caminho até à zona de Santa Clara. Seguiu-se para Santa Luzia, um caso distinto.

Como mencionado, as referências utilizadas para esta freguesia foram tanto as “buganvílias das nossas ribeiras” como os “plátanos gigantes”. Fale-se primeiro dos plátanos, sendo estes os primeiros a perder-se. No início do século XX era possível observar, aquando da passagem pela Ribeira de Santa Luzia, enormes plátanos que adornavam e

¹⁵⁰ João dos Reis Gomes, “Pela ceia do Natal” *In Contos Madeirenses*. Organização de Nelson Veríssimo, 2005, p. 25. *Vide* p. 283 (catálogo).

acompanhavam a respetiva ribeira. Hoje em dia não existe qualquer vestígio dessa existência. Em relação às buganvílias, este é um caso distinto uma vez as abundantes buganvílias que adornavam, não só esta ribeira como as outras duas existentes no Funchal, desapareceram devido a aluvião ocorrida em 2010. A impressionante quantidade de água e os variados objetos que atravessaram toda a ribeira, destruíram, entre muitas outras coisas, as belas e consideradas buganvílias. Nos dias que correm, observam-se, ainda pequenas, em algumas partes das ribeiras.

No que concerne à Sé, e considerando especificamente a zona envolvente, o objetivo foi o de procurar os plátanos, as figueiras da Índia e as magnólias. Pode-se então, depois das observações realizadas, referir que estas árvores/plantas não foram observadas. Contudo, a título de curiosidade, constatou-se que, na zona considerada, existem muitos jacarandás e tipuanas, entre outras plantas/árvores num número mais reduzido, tal como pequenas árvores de fogo.

Para finalizar o concelho do Funchal só faltam as freguesias de São Martinho e Santo António que, por terem as mesmas referências serão anunciadas em conjunto. Neste caso pouco há para referir uma vez que, tanto as vinhas (ou o vinho) e os canaviais, atualmente pouco ou nada se encontram nestas freguesias. Posto que o último local investigado neste concelho do Funchal foi o de Santo António e, o próximo concelho a visitar seria o de Câmara de Lobos, prosseguiu-se então para a freguesia do Curral das Freiras.

Todas as referências encontradas em relação a esta freguesia são semelhantes. Deste modo, selecionaram-se 2 (duas). De seguida, os excertos das respetivas passagens:

“Num vale de tamanha profundeza,
Além duma corrente de água pura,
Há lindos oceanos de verdura
Entre casais de encanto e singeleza.

[...]

Diante desse côncavo profundo,
Quando a face da lua se levanta,
A noite tem mistérios de Além-Mundo...”¹⁵¹

“Da fechada circundante coroa de alturas
sobre o formoso e cantado vale
desde onde de belos e surpreendente miradouros
deslumbrados e comovidos se debruçam
os olhares

¹⁵¹ J. Morna Gomes, “Curral da Freiras” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 52. Vide p. 237 (catálogo).

súbita assustadoramente
surgem os abismos mais profundos
e conspícuos da Ilha.

[...]

Os ribeiros descem precipitosamente
para a ribeira-mãe
e impetuosíssimas são as águas
das estações mais duras:
[...]¹⁵².

Tendo isto em conta, e lembrando as outras referências ao Curral das Freiras, pode-se observar uma reiteração no que concerne à alusão ao “vale”. Isto é um facto e é imutável uma vez que se trata, como noutros casos referido, de descrições de cariz geológico. Em relação aos “miradouros”, já antes referidos em “Dominantes, constantes e variantes”, hoje em dia, existem 2 (dois) miradouros bastante conhecidos. São eles o “Miradouro do Curral da Freiras” e “Miradouros do Paredão”. Referentemente aos “oceanos de verdura”, ainda existem algumas plantações, contudo, é de admirar não existir qualquer tipo de referência às castanhas do Curral das Freiras, tão conhecidas neste espaço.

De seguida, foi a vez do Estreito de Câmara de Lobos.

“[...] Finalmente, a alta paisagem do Estreito e o extenso pomar das cerejeiras. Entrámos nele ao longo da levada, a perder de vista, curva após curva, declive após declive, ravinas e ravinas de cerejal preche de frutos, profusos cachos de drupas sanguíneas emitindo um brilho húmido por entre a ramaria aos raios do sol coado [...]”¹⁵³.

Este excerto remete claramente para as apreciadas cerejas de Câmara de Lobos. Contudo, quiçá seja um pouco invulgar existir esta referência tratando-se do Estreito de Câmara de Lobos e não do Jardim da Serra, mais conhecido pelo mesmo. Apesar disso, e não negando a existência das mesmas, quanto à observação desta paisagem, tal como sucedeu com os vimeiros, existe uma determinada época para a apreciar. Neste caso, a época de frutificação é durante os meses de maio e junho.

Quanto ao Jardim da Serra, próxima freguesia considerada, esta só possui uma breve passagem no nosso catálogo e é partilhada com outra freguesia.

“Jardins do Mar, da Serra e outros tantos,
que de jardins a Ilha se fizera!
Tão floridos os largos e recantos

¹⁵² Marco Reynolds, “Curral das Freiras” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 91. *Vide pp. 364/365* (catálogo).

¹⁵³ Irene Lucília Andrade, “O cerejal” *In A Penteada ou o fim do caminho*, 2004, p. 82. *Vide pp. 226/227* (catálogo).

que, dentro deles, sem saber já quantos,
confusa anda a própria Primavera!”¹⁵⁴.

A passagem pela freguesia foi longa, mas as conclusões retiradas são breves. Considerando os “floridos” “recantos” destes Jardins, procurou-se comprovar se, de facto, era possível observar tanto árvores como plantas e flores, em abundância. As conclusões foram as seguintes: foram encontradas algumas árvores de porte grande, arbustos e flores silvestres. Contudo, deve-se recordar que, no período de floração das cerejeiras – por volta do mês de março – é que acontece o auge à nível da floração da freguesia. É de referir também o “miradouro da boca dos namorados” situado no Jardim da Serra, porém um pouco mais distante das habitações. Esta referência é aqui proposta devido ao facto de o caminho até ao mesmo, se encontrar repleto de árvores de grande porte e outros arbustos.

O próximo ponto foi a freguesia de Câmara de Lobos, “vila” que nos vários textos encontrados, possui referências muito semelhantes. Assim sendo, considerem-se: “angra cheia de barcos de pescadores”¹⁵⁵, “vinhedos”¹⁵⁶, “centro piscatório”¹⁵⁷, “praia de calhaus com as suas canoas coloridas”¹⁵⁸ e “vinhedos”¹⁵⁹. Claramente, toda uma realidade que identifica Câmara de Lobos, não só de agora, como comprovámos, como a de já há muitos anos tal e qual se pode observar nos títulos das obras citadas.

Para terminar este concelho só falta a freguesia da Quinta Grande. Uma das referências à Quinta Grande faz-se através da Fajã dos Padres e é partilhada com a freguesia do Campanário. Apesar disso, e brevemente, diga-se que, “as videiras”¹⁶⁰ referidas no excerto, hoje em dia, ainda permanecem nas zonas mais altas da freguesia. Refira-se que a maioria das vinhas que existem são propriedade da família Henriques, família que se estabeleceu na zona de Câmara de Lobos no século XV e é a única detentora de vinhedos próprios.

Terminado o concelho de Câmara de Lobos, seguiu-se o da Ribeira Brava, com a freguesia do Campanário. Para esta freguesia, tomou-se como fonte o seguinte soneto denominado “Campanário”, de J. Morna Gomes:

¹⁵⁴ João França, *In POEMA ILHÉU – Mar – Terra – Gente*, 1993, p. 71. Vide p. 271 (catálogo).

¹⁵⁵ João Vieira Caetano, *In Da choça ao solar (Narrativa Madeirense do Século XVIII)*, 2001, p. 129. Vide p. 291 (catálogo).

¹⁵⁶ *Ibidem*.

¹⁵⁷ Maria Helena Nunes, “Recordando a minha primeira viagem à Boaventura” *In Crónicas de Dentro e de Dentro e de Fora da Ilha: Dez Anos de Recordações. 1987-1997*, 1999, p. 38. Vide p. 386 (catálogo).

¹⁵⁸ *Ibidem*.

¹⁵⁹ *Ibidem*.

¹⁶⁰ João França, *In Da choça ao solar (Narrativa Madeirense do Século XVIII)*, 2001, p. 129. Vide p. 291 (catálogo).

“Majestoso tapete de verdura,
A estender, de subida após subida,
Da costa azul aos pinheirais na altura,
Vistas de forma em sonho definida;

Telhados de gentil miniatura,
Corando mesmo, à luz amanhecida,
Em recantos de mágica doçura,
Luz que na terra espalha cor e vida!

Tapete de belezas naturais,
Alongando, em painéis de mar e serra,
Jardins e montes, vales e areais,
[...]

Uma vez que não era uma freguesia diretamente conhecida, realizamos uma deslocação até ao miradouro da respetiva freguesia para assim poder realizar as corroborações necessárias através de uma melhor perspetiva. Tome-se em conta as seguintes referências, retiradas do poema anterior: “tapete de verdura”, “Da costa azul aos pinheirais na altura”, “Telhados de gentil miniatura”, “Jardins e montes”. A partir destas alusões e depois de efetuar uma análise ao panorama, pode-se afirmar que, apesar de, com certeza, hoje em dia, existirem mais e maiores habitações do que havia no período de redação do soneto (1988), as que hoje se observam não deixaram de se adequar ao espaço circundante, combinando, perfeitamente, tanto com os pinheirais existentes nas zonas altas como com os “jardinzinhos” distribuídos pela zona. Igualmente podem-se observar os já referidos poios, resultantes da disposição geográfica da freguesia.

Prosseguiu-se para a zona e freguesia da Serra de Água. Como o nome indica, esta freguesia é conhecida pela sua ribeira e respetivos canais, e isso representa-se nos passos compilados no catálogo, nos quais todos referem esta realidade. Deste modo, selecionou-se uma das obras, com as seguintes referências: “sem encontrar viv’alma”, “chiar da ribeira”, “fitas brancas em marcha veloz”, “velha ribeira”¹⁶². Comece-se pelas 3 (três) últimas referências. Tal como referido, é claramente observado, na época de inverno, tanto a respetiva ribeira como as várias nascentes que pelas montanhas descem. Nas restantes épocas, consegue-se, de qualquer maneira, observar os muros que contêm a ribeira, percebendo deste modo o percurso que a mesma segue. Em relação à referência “sem encontrar viv’alma”, diga-se que, esta freguesia, de todo o concelho da Ribeira Brava, é a

¹⁶¹ J. Morna Gomes, “Campanário” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 85. Vide p. 247 (catálogo).

¹⁶² Horácio Bento Gouveia, *In Lágrimas correndo mundo*, 1959, p. 192. Vide p. 213 (catálogo).

menos habitada, com, 1049 residentes, de acordo com os censos de 2011. Em comparação, relembre-se a freguesia do Campanário que possui, igualmente segundo os censos de 2011, 4582 residentes. Denote-se que, apesar da publicação se ter dado no ano de 1959, a diferença de habitantes entre concelhos mantém-se, possuindo a Serra de Água naquele então (1960), 2285 residentes enquanto que, no Campanário 6228.

O ponto seguinte foi a Ribeira Brava. Freguesia poucas vezes referida, assenta em referências como “ribeira”, “vale”, “pomares e cascatas”, “Laurissilva”¹⁶³. Esta freguesia acaba por ser muito semelhante à Serra de Água, possuindo a mesma ribeira (e também nascentes), mesma disposição geográfica e parte também da floresta Laurissilva. De seguida, seguiu-se para a última freguesia da Ribeira Brava, a freguesia da Tabua.

Para esta última freguesia optou-se pelo seguinte excerto:

“Andam estranhos verdes a enfeitar
Perfis de litoral e serrania,
Alheios à geada e à maresia,
Com vestes dum encanto singular;

Vestes que ornam a Ermida a branquejar
Num canto com recortes de harmonia
E as margens da ribeira, ampla e esguia,
Tecendo rendilhados a cantar!...

Diante da paisagem revestida
Desses verdes que a tornam deslumbrante
[...]

Nesta freguesia, o destaque é atribuído claramente às tonalidades “verdes” que ela possui. Este facto é inegável e observável ao longo de todo o percurso efetuado pela mesma, mantendo-se então, desta maneira, similar ao longo do tempo. Pode-se, pois, dizer que os hábitos e consequências da modernidade não tiveram efeitos, em excesso, na freguesia.

O concelho que se segue é o da Ponta do Sol, com a freguesia dos Canhas, isto no seguimento do percurso. Para esta freguesia considerou-se a obra *Da choça ao solar (Narrativa Madeirense do Século XVIII)*, com as seguintes referências: “terrenos cultivados”, “tapetes de verdura” e “zona do pinheiral”¹⁶⁵. Apesar da referência usada remeter para o século XVIII, é indubitável mencionar que, nos dias que correm,

¹⁶³ Guilherme de Abreu Correia, “Vale da Ribeira Brava – Madeira” In *A Madeira Vista pelos poetas*. Organização de Fernando de Melim, 2002, p. 130. Vide p. 198 (catálogo).

¹⁶⁴ J. Morna Gomes, “Tabua” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 82. Vide p. 246 (catálogo).

¹⁶⁵ João Vieira Caetano, In *Da choça ao solar (Narrativa Madeirense do Século XVIII)*, 2001, pp. 47/48. Vide p. 290 (catálogo).

provavelmente em número menor, conseguem-se observar terrenos cultivados e não cultivados. Algo particular desta freguesia é o facto de, não se necessitar de muito tempo para se passar do “centro” da freguesia para a “zona do pinheiral”, existente em grande extensão.

Na sequência deste percurso, o próximo local foi a Ponta do Sol, freguesia com consideráveis referências relativas tanto ao mar, com a sua costa, como à serra, com as suas encostas. Em relação às referências a nível do seu litoral, considere-se: “terraço espreitando a babugem do mar”¹⁶⁶, “promontório altar”¹⁶⁷, “elegante cais”¹⁶⁸ e “pequena e acolhedora praia”¹⁶⁹. Relativamente às 2 (duas) primeiras referências, estas tratam-se de características geográficas deste local, que, obviamente, ainda se mantêm. Se, por curiosidade, se confrontar a freguesia num mapa, observar-se-á, claramente, que, parte do seu litoral, é claramente um promontório. Relativamente ao cais e à respetiva praia, o cais (construído em meados do século XIX) ainda se pode observar e percorrer com facilidade, e, a praia, é satisfatoriamente frequentada todos os anos. Por outro lado, em relação ao seu terreno, observe-se:

“Largas encostas de suaves declives
virgens e férteis terras de lavoura
fartas águas descidas
para o vale da ribeira do teu nome
ou mansamente escorridas pelas vertentes”¹⁷⁰.

Esta descrição, corresponde notoriamente à realidade da Ponta do Sol. Percorrendo esta freguesia, é fácil observar como os terrenos estão trabalhados, aproveitando, os habitantes, todas as épocas do ano para rentabilizar, os mesmos, ao máximo. Quanto à ribeira, tal como noutras freguesias, é uma presença de fácil observação. Por último, para terminar o concelho, segue-se a Madalena do Mar.

Para esta pequena freguesia da Madalena do Mar, foram selecionadas as seguintes referências: “praia”¹⁷¹, “altivo perfil”¹⁷² e “rendosa bananeira”¹⁷³. Aluda-se em primeiro lugar à “praia” e a “altivo perfil”, termos que introduzem e descrevem, claramente, esta

¹⁶⁶ Horácio Bento Gouveia, *In Lágrimas correndo mundo*, 1959, p. 81. Vide p. 212 (catálogo).

¹⁶⁷ Marco Reynolds, “Ponta do Sol” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 84. Vide p. 361 (catálogo).

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 85. Vide p. 362 (catálogo).

¹⁶⁹ *Ibidem*.

¹⁷⁰ Marco Reynolds, “Ponta do Sol” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 84. Vide p. 361 (catálogo).

¹⁷¹ J. Morna Gomes, “Madalena do Mar” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 77. Vide p. 245 (catálogo).

¹⁷² *Ibidem*.

¹⁷³ Jaime Gonçalves, “A MADEIRA” *In Versos*, 1959, p. 99. Vide p. 334 (catálogo).

freguesia. A Madalena do Mar possui um passeio marítimo que ladeia a praia de calhau, a partir da qual se pode e deve observar a peculiar disposição geográfica da “Madalena”, constituída por belas verdes arribas. Em relação às “bananeiras”, estas ainda se mantêm, com categórica presença. Esta freguesia, por mérito da sua localização e respetiva temperatura, tornou-se a maior produtora de banana da Ilha da Madeira. Terminando, pois, este concelho da Ponta do Sol, segue-se então o da Calheta. Começando pela própria freguesia da Calheta.

Apesar de datar de 1430 a criação desta freguesia, as fontes e as referências que à mesma remetem são parcas. Optou-se então pelo seguinte excerto:

“Acordam verdes montes e lombadas
À lucilante luz de suave aurora
E alvejam ovelhas tresmalhadas,
Saboreando ervais, campos em fora.
[...]”¹⁷⁴.

Este excerto traduz a ruralidade, ainda presente e contínua no tempo, desta freguesia. Freguesia nas quais os montes ainda se observam verdes, e ainda se observam alguns animais pelos terrenos. Rápido se chegou à próxima freguesia da Calheta, o Estreito da Calheta, que, como na maioria das freguesias da Calheta, apenas possui uma referência. Referência esta que remete aos “seus lindos vinhedos”¹⁷⁵, vinhedos que, hoje em dia, se encontram em número muito, muito reduzido. Estas plantações, com o passar do tempo, têm vindo a diminuir drasticamente, e não será difícil para quem passou, por exemplo, há 5 (cinco) anos atrás, notar uma diferença abismal, ou melhor, não observar nada. Já, praticamente, não se pode observar a paisagem retratada.

De seguida, percorreram-se as freguesias do Jardim e do Paul do Mar, freguesias vizinhas e um tanto parecidas. Para as mesmas, sugere-se o seguinte excerto: “O Jardim tem muita cana, / Paul muito pescador.”¹⁷⁶. Em relação ao Jardim do Mar, de momento, não é possível observar as referidas plantações de cana-de-açúcar, encontrando, em vez disso, plantações de banana. No que concerne ao Paul do Mar, por ser uma freguesia situada no litoral, era, e é, possível encontrar numerosos pescadores, que aproveitam as condições geográficas oferecidas como fonte indireta de rendimento.

Em penúltimo lugar, e desta vez um pouco mais longe, seguiu-se a vez da freguesia da Ponta do Pargo. Esta freguesia, tal como a maioria das freguesias da Calheta, possui uma

¹⁷⁴ J. Morna Gomes, “Calheta” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 73. *Vide* p. 244 (catálogo).

¹⁷⁵ Jaime Gonçalves, “A MADEIRA” *In Versos*, 1959, p. 100. *Vide* p. 335 (catálogo).

¹⁷⁶ *Ibidem*.

simples referência que remete para as “rochas descobertas / de um castanho avermelhado”¹⁷⁷ e para “uma levadinha / sempre muito saltitante”¹⁷⁸. Estes breves excertos não remetem a um sítio específico. Contudo, podemos considerar o sítio onde está localizado o Farol, para onde se podem encontrar as referidas tonalidades, ou então, podemos acompanhar as várias levadinhas que se encontrarem pela freguesia.

Por último, para a última freguesia do concelho da Calheta e última freguesia do dia, resta visitar a freguesia dos Prazeres. Para esta freguesia, selecionou-se o seguinte excerto:

“Nos pendores da altiva serrania
Ondulam giestais florindo em oiro
E, orladas pela amiga luz do dia,
Messes com fulvos tons de trigo loiro.

O ar sadio, que tanto acaricia
Vivendas e trigais de bom agoiro,
Transforma esta ridente freguesia
Numa estância de encanto imorredoiro!
[...]

Deparar-se com as referidas serras enfeitadas com giestas, foi fácil, comprovando então sem muita dificuldade a atual existência desta paisagem. Em relação ao trigo e aos respetivos trigais, estes não foram observados. Contudo, sabe-se e partilha-se que, estes ainda fazem parte dos cultivos da freguesia, inclusive, refira-se que, todos os anos, ocorre a “debulha do trigo” na respetiva freguesia.

- Dia 3

Para começar este penúltimo dia de visitas, começou-se pelo concelho de São Vicente, com a freguesia da Boaventura. Para esta freguesia tomaram-se em conta dois parâmetros, um primeiro no qual se considera preferencialmente as descrições que dessem conta da primeira impressão obtida, e outro em que se atenta aos aspetos mais específicos existentes na freguesia. Em relação ao primeiro critério, o excerto tido em conta foi o seguinte:

“ [...] Contemplem-se as montanhas agras da Boaventura, aformosentadas de uma vegetação de fisionomia tropical com raízes no princípio do mundo. É a freguesia mais dispersa entre fragedos, da costa norte.
[...] Estas rochas fragosas do norte distinguem-se em arrogância, no desgarro das cumeeiras do estilo gótico, dos cerros de suaves encostas que prevalecem na banda do sul.

¹⁷⁷ Margarida Ribeiro, “Ponta do Pargo” In *MADEIRA vivências em poesia*, n.d, p. 22. Vide p. 369 (catálogo).

¹⁷⁸ *Ibidem*.

¹⁷⁹ J. Morna Gomes, “Prazeres” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 68. Vide pp. 242/243 (catálogo).

Os mamelões em sua rija ossatura basáltica, os picos encalvecidos da erosão desarticulam-se nos cabos da Boaventura e formam a aba em concha verdegosa de muitas centenas de metros de altitude [...]”¹⁸⁰.

Esta vívida descrição da freguesia é de fácil contemplação. Observe-se o que nela nos rodeia e constate-se esta realidade, realidade que se mantêm evidentemente. A freguesia é, pois, conhecida pelas suas verdes e intocadas paisagens, uma verdadeira relíquia natural. No que concerne à segunda orientação, considere-se:

“[...]
Boa Ventura tem água,
que rega muito vimeiro,
muita moganga e feijão
que rende muito dinheiro.
[...]”¹⁸¹.

Ponderem-se o termos: “vimeiro”, “moganga” e “feijão”. Em relação aos vimeiros, a Boaventura é, juntamente com a Camacha¹⁸², um importante centro de produção de artefactos derivados desta indústria. A maioria dos objetos produzidos hoje em dia são exportados. De seguida, como a freguesia possui uma economia assente na agricultura, fale-se das referências à moganga e ao feijão. Ambas as referências podem constatar-se na freguesia, contudo, como é claro, é necessário ter conhecimento prévio das mesmas para assim as poder identificar como tal. Denote-se que, como noutros casos, quando são considerados elementos relativos à agricultura da freguesia, é necessário ter em conta a respetiva estação.

Seguiu-se para a freguesia de Horácio Bento Gouveia, a Ponta Delgada. Para esta freguesia, os comentários que se podem realizar são simples e cognoscíveis, seleccionando o seguinte excerto:

“Num plácido vergel alcandorado
Em verdejante serrania altiva,
Ergue um pinheiro extático, enlevado,
A sua frente esguia e pensativa...

[...]

Na visão desta estranha trilogia
- Altiva serra, povoado e mar –
[...]”¹⁸³.

¹⁸⁰ Horácio Bento Gouveia, “O NORTE DA ILHA” *In Escritos 5 – Horácio Bento de Gouveia (1960-1969)*. Organização de Maria Soares, 2014, pp. 164/165. *Vide* p. 215 (catálogo).

¹⁸¹ Jaime Gonçalves, “A MADEIRA” *In Versos*, 1959, p. 101. *Vide* p. 335 (catálogo).

¹⁸² Confrontar página 76.

¹⁸³ J. Morna Gomes, “Ponta Delgada” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 56. *Vide* p. 239 (catálogo).

Esta freguesia, não a querendo reduzir, é, de facto, “Altiva serra, povoado e mar”. Olhe-se para a mesma, e confirme-se como conseguimos observar as serras, as residências e os seus residentes e, por fim, um extenso mar que a acompanha ao longo de toda a sua extensão. Quiçá pareça *cliché*, e se pense que é simplesmente uma freguesia igual às outras freguesias situadas no litoral, contudo propõe-se ler os textos referentes à freguesia e confrontar a realidade através dos olhos dos respetivos escritores.

Para finalizar o concelho, restava confrontar a freguesia de São Vicente. Para introduzir esta freguesia, leia-se o seguinte excerto: “montanhas e mais montanhas, vales e mais vales e, neles, povoações encravadas... mas, as montanhas e os vales eram diferentes, tinham outras dimensões, outros recortes, outros coloridos, a sua beleza era outra, era S. Vicente.”¹⁸⁴. De facto, tudo o que se observa na chegada à freguesia – para quem vem do lado da freguesia da Ribeira Brava – coincide com o retratado. Tal como todas as freguesias aqui referidas, São Vicente possui uma orografia única e bastante peculiar. A natureza está, pois, presente em redor de toda a freguesia, através da já referida floresta nativa, a Laurissilva. A singularidade da orografia conjuga-se com outra particularidade. “[...] Além do rijo basalto, em seu ventre fecundo contém São Vicente um jazigo calcário, que se supõe de origem submarina nas cercanias do lugarejo do Cascalho, a uma altura de 420 metros. [...]”¹⁸⁵. É precisamente nesta freguesia que se pode encontrar uma mina de calcário marinho. A presença e abundância desta pedra e de madeira, deu origem a uma atividade irrepetível na ilha, a produção da cal. A sua utilização foi importante até meados do século XX. Hoje, esta atividade, já não é mais expressiva, contudo, através da visita ao Núcleo Museológico da Rota da Cal, é possível percorrer o caminho que foi em tempos "A Rota da Cal", obtendo também informações pertinentes acerca de toda esta atividade.

De seguida, saindo do núcleo museológico e terminando todas as freguesias do concelho de São Vicente, o caminho dirigiu-se para as freguesias do Porto Moniz, começando pelo Seixal, freguesia que teve de ser visitada em duas partes: uma no seu litoral e outra no seu vale e montanhas.

¹⁸⁴ Maria Helena Nunes, “Recordando a minha primeira viagem à Boaventura” *In Crónicas de Dentro e de Dentro e de Fora da Ilha: Dez Anos de Recordações. 1987-1997*, 1999, p. 39. *Vide p. 387* (catálogo).

¹⁸⁵ Horácio Bento Gouveia, “S. Vicente, capelinha à beira-mar...” *In Escritos 5 – Horácio Bento de Gouveia (1960-1969)*. Organização de Maria Soares, 2014, p. 213. *Vide p. 216* (catálogo).

No litoral, por ser onde reside a maior parte dos habitantes e, por, de facto, ser um “mundo de rochas sobre o mar”¹⁸⁶, e no seu vale, zona denominada de Chão da Ribeira, por ser “um dos cenários mais pitorescos que se podem fixar na câmara-escura da memória visual”¹⁸⁷. Não foram encontradas descrições mais explícitas desta zona, portanto aconselha-se a, pelo menos, procurar fotografias e comprovar a autoridade deste espaço em causa.

Prosseguiu-se, de seguida, para a Ribeira da Janela. Esta freguesia, como muitas das referidas anteriormente, possui uma abundante vegetação e múltiplos poios (uns trabalhados outros não). O que realmente é distinto nesta freguesia, e que é presente desde a formação da Ilha, dando também nome à freguesia, é um ilhéu que se situa na foz da ribeira¹⁸⁸ da freguesia e que possui na parte superior, uma frincha natural que faz lembrar uma janela.

“[...]
Recortando-se em formas de janela
Sobre águas duma estranha sinfonia...

Afronta a vaga, o mar que se encapela
Um ilhéu de figura hirta e sombria,
[...]”¹⁸⁹.

Rapidamente se continuou para o Porto Moniz, sede do município, para assim terminar o concelho. Para esta freguesia destacou-se o seguinte excerto:

“[...]
Ao norte – Porto Moniz,
tem um cais por natureza,
mesmo co’o mar agitado
saltam todos que é beleza.
[...]”¹⁹⁰.

Realmente esta passagem não é substancialmente descritiva, contudo transmite grande parte da essência da freguesia que tanto os residentes como os visitantes conhecem pelo seu mar e pelas suas piscinas naturais, muito admiradas e usufruídas, sobretudo, na época balnear. Estas piscinas situadas em rochas vulcânicas são a imagem da freguesia.

Para finalizar o dia, foram os passos a seguir tomados: Rabaçal, Fanal e Encumeada - respetivamente.

¹⁸⁶ J. Morna Gomes, “Seixal” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 61. Vide p. 241 (catálogo).

¹⁸⁷ Horácio Bento Gouveia, “Uma jornada à região do Fanal” *In Canhenhos da ilha*, 1966, p. 233. Vide p. 219 (catálogo).

¹⁸⁸ Esta é a ribeira mais extensa de toda a Ilha da Madeira.

¹⁸⁹ J. Morna Gomes, “Ribeira da Janela” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 63. Vide p. 242 (catálogo).

¹⁹⁰ Jaime Gonçalves, “A MADEIRA” *In Versos*, 1959, p. 100. Vide p. 133 (catálogo).

Quando se procuram, no catálogo, as referências ao Rabaçal, a maioria remete à caminhada das 25 Fontes. Tendo em conta que nem todos os leitores a poderão efetuar, refira-se que as mudanças constatadas em relação ao descrito nos excertos considerados serão as estruturas de apoio que foram remodeladas e transformadas num café/restaurante e em alojamento local (AL).

Uma vez que a zona do Rabaçal já tinha sido recentemente visitada, seguiu-se para a zona do Fanal, o segundo ponto de referência.

“[...]
Subi, subi... E. após tanto subir,
A surpresa venceu o meu cansaço,
A surpresa dum lago a reflectir
Velhos troncos e fetos num abraço...
[...]”¹⁹¹.

Neste ponto, um dos mais emblemáticos da Ilha da Madeira, podem-se observar, os “Velhos troncos e fetos” e o “lago a refletir”. Em relação aos velhos troncos, estes remetem aos centenários Tis, exemplares que remontam ao período precedente aos Descobrimentos. No que concerne ao referido lago, que se trata de uma cratera vulcânica, este somente é possível observar no inverno, época em que se enche devido às chuvas.

Para finalizar o longo dia de visitas, percorreu-se o caminho até à zona da Encumeada. A maioria das passagens do catálogo que fazem alusão a esta zona começam por descrevê-la a partir da subida que se inicia na Serra de Água. No entanto, tendo em conta o ponto de referência anterior, o percurso foi realizado ao contrário. A Encumeada é, pois, o ponto divisório entre a costa sul e a costa norte, ou seja, entre a Ribeira Brava (na costa sul) e São Vicente (na costa norte), e, por “caminhos barrancosos e serpenteantes, que se vão obliquando ao jeito da configuração das encostas”¹⁹² podem-se contemplar “urzes seculares, a uveira de bagas de coral, os fetos arbóreos, a vegetação luxuriante e virgem de feição tropical”¹⁹³. Por este caminho, pode-se, em todos os momentos, observar uma paisagem sumptuosa:

“[...] À direita, ao perto e mais distante, os mamelões olhavam para o céu e engrossavam no corpo malhado das rochas da cordilheira, das quais sinuosos veios de água escorriam para os abismos do fundo do vale. À esquerda, a ossatura das montanhas inchava mais para fora do vale, cujos flancos bojudos, às pregas, arreganhados pelas enxurradas esboicelados pelas invernias, exulcerados das quebradas destruidoras, vertiam água límpida, abundantemente”¹⁹⁴.

¹⁹¹ J. Morna Gomes, “Fanal” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 62. *Vide* p. 242 (catálogo).

¹⁹² Horácio Bento Gouveia, *In Canga*, 2008, p. 40. *Vide* p. 202 (catálogo).

¹⁹³ *Ibidem*.

¹⁹⁴ *Ibidem*.

Desta maneira, deu-se por terminado o terceiro dia.

- Dia 4

Este quarto dia foi o mais breve de todos, dedicado somente aos últimos dois pontos de referência: Pico do Areeiro e Pico Ruivo. Iniciado com um excerto de Marco Reynolds, seguiu-se até o Pico do Areeiro:

“Percorridos subindo para norte
vales e encostas
e transporto o pequeno planalto
em quase êxtase
pela contínua variedade e beleza da paisagem
e pela amplidão dos múltiplos horizontes

desvenda-se o topo de estruturada montanha
sólida escora das serranias centrais.

Miradouro de onde se dominam
vastíssimos espaços
aqui se instalaram também os construtores
para moldar o dorso mais ameno da Ilha
e decidir formas
materiais
efeitos de luz:

as cores brilhando sob a cálida ternura
do sol da Primavera
iridescendo
aos dardejantes raios do Verão
recatadas no resguardado segredo
dos mares de nuvens e
dos caprichosos nevoeiros de outono
ou violentadas pelos duríssimos ventos
e geadas inverniais.”¹⁹⁵.

Este Pico, o terceiro mais alto da Madeira (1818 metros de altitude), é acessível através de automóvel. Dissonante com a descrição anterior, encontramos o Centro Freira da Madeira Dr. Rui Silva (inaugurado em 2012), a Estação de Radar n.º 4 da Força Aérea Portuguesa (inaugurada em 2013), uma loja de venda de *souvenirs*, um café e, um miradouro. Denote-se, pois, que estes desenvolvimentos só aconteceram então em pleno século XXI.

Para finalizar estes dias de trabalho, somente falta a visita ao ponto mais alto da Ilha, o Pico Ruivo (1862 metros de altitude).

“[...]”
E foram erguidos os picos e as torres

¹⁹⁵ Marco Reynolds, “Pico do Areeiro” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 22. Vide pp. 353/354 (catálogo).

vigilantes

escavados os profundos vales rumorosos e
as abissimas vertentes
pelo perpassar das águas batidas
pelos violentos ventos das tempestades

talhadas as suaves encostas e aplainados
os prados e paúis
em primores arquiteturais de espaços
e equilíbrios
[...]”¹⁹⁶.

Apesar de existir um percurso pedestre que comunica o Pico do Areeiro com o Pico Ruivo, a deslocação até as suas proximidades, foi efetuada através do automóvel. Uma particularidade deste ponto de referência é que o seu ponto mais alto somente pode ser visitado efetuando o PR 1.2, já anteriormente referido. Quanto às paisagens e descrições, não mais se poderá referir que reproduzem esta ativa realidade.

Note-se que estas referências e/ou excertos considerados foram alguns dos exemplos abalizados como os mais relevantes e claros. Apesar disso, toda esta análise não exclui a leitura do catálogo na íntegra.

¹⁹⁶ Marco Reynolds, “Pico Ruivo I” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 20. Vide p. 353 (catálogo).

3. Para uma gestão cultural do catálogo das paisagens madeirenses: algumas propostas de roteiros literários

Um livro é como uma janela. Quem não o lê, é como alguém que ficou distante da janela e só pode ver uma pequena parte da paisagem.

Kahil Gibran

Uma vez que consideramos a preservação do património, tratemos o gestor cultural como mediador. Inicialmente entenda-se a Gestão Cultural como atividade que deve ser pensada no sentido da promoção e proteção da diversidade cultural, considerando que o gestor cultural não só formula projetos como também necessita de “saber transitar pela economia, pelos princípios jurídicos, pelo planeamento, pelo marketing e pela administração” (Cunha, n.d., p. 2). A problematização constante dos aspetos referentes às políticas culturais, o conhecimento relativo ao local de atuação, identificando as suas faltas e potencialidades, fazem parte do quotidiano do gestor.

O objetivo é criar, produzir e consciencializar, quando for o caso. Os intervenientes procurarão estabelecer e cumprir objetivos a curto, médio e longo prazo, contudo, dado que trabalhamos no âmbito sociocultural, serão estabelecidos também fins estratégicos cuja análise e constatação de resultados serão de difícil determinação. Ou seja, os comportamentos relacionados com a vida e as ideias psicológicas, espirituais e culturais são de difícil quantificação, sendo o próprio conceito de cultura intangível.

Esperando tolerância e consideração por parte do público, o gestor cultural gera experiências e cria significados, devendo, para obter um resultado positivo, adequar os seus projetos ao contexto social e manter uma comunicação assertiva com os intervenientes.

Pense-se agora neste catálogo de paisagens como um instrumento de trabalho e conscientização. Sendo, pois, importante, acompanhar e conhecer a evolução de uma localidade, instrumentos como este são uma fonte variada de oportunidades para cobrir a necessidade de estudar a paisagem, de elaborar propostas neste âmbito literário e de, ao mesmo tempo, sensibilizar e instruir a sociedade para a conservação da natureza e para a valorização dos registos literários.

A questão é: como se podem transformar estas informações em conhecimento? A ideia aqui proposta baseia-se em, através dos diversos excertos presentes no catálogo,

considerados como ponto de partida, apresentar algumas propostas para variados roteiros temáticos, neste âmbito literário.

Observe-se que, dentro de cada proposta, são apresentadas apenas algumas das muitas possibilidades realizáveis. Podem-se então, através da análise a que procedemos anteriormente, formular numerosos projetos.¹⁹⁷

3.1. Roteiros por localização

Nesta primeira proposta, o objetivo é o de pensar os roteiros baseando-se nos variados concelhos da Ilha da Madeira. Estes roteiros, por se circunscreverem a uma zona específica, serão realizáveis com maior facilidade. Ainda, se se desejar torná-lo mais representativo, podem-se selecionar freguesias, limitando ainda mais a área de ação. Assim sendo, apresentar-se-ão, de maneira breve, tal como nos seguintes casos, modelos que traduzam esta perspetiva. Denote-se que, claramente, o roteiro que considerar o concelho, terá de ter de suporte, uma viatura, uma vez que não seria, de todo, prático e exequível a sua realização através da marcha.

Neste tipo de roteiro, poderão ser considerados quaisquer tipos de excertos, independentemente do escritor, da época para o qual o mesmo remete ou do tipo de temática que ele represente.

Poder-se-ia então, por exemplo, selecionar, aleatoriamente, o concelho de São Vicente. Nesta circunstância, folhear-se-ia o catálogo, e poderiam, por exemplo e entre outras, ser selecionadas as seguintes passagens:

- Horácio Bento Gouveia, “18. Velho caminho das Torrinhãs” *In Alma negra e outras almas*, 1972, pp. 86-88. *Vide p. 207* (catálogo);
- Horácio Bento Gouveia, “S. Vicente, capelinha à beira-mar...” *In Escritos 5 – Horácio Bento de Gouveia (1960-1969)*. Organização de Maria Soares, 2014, p. 213. *Vide p. 216* (catálogo);
- J. Morna Gomes, “Boaventura” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 55. *Vide pp. 238/239* (catálogo);

¹⁹⁷ Relembre-se que na recolha dos textos trabalhados excluíram-se os periódicos e as obras de âmbito infantojuvenil. Em relação aos géneros literários neles propostos, serão contemplados tanto géneros líricos como narrativos, sendo a única constante a naturalidade madeirense dos autores.

→ J. Morna Gomes, “Ponta Delgada” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 56. *Vide* p. 239 (catálogo).

O número de excertos apresentados como hipótese é reduzido pois, estes, são meramente ilustrativos. Deste modo, poderão, eventualmente, ser escolhidos num número mais elevado, de acordo com o ambicionado – conforme o tempo pretendido e a disponibilidade apresentada.

Se, porventura, o roteiro se pretender realizar, por exemplo, percorrendo somente um par de freguesias, a ideia será a mesma. No entanto, considere-se que, neste caso, o roteiro poderia ser realizado sem o recurso contínuo a um automóvel.

Na hipótese de se pretender realizar um guia para complementar este roteiro em causa, este poderia ser fundamentado e acompanhado, a título de exemplo, de informações relativas à história do concelho/freguesia.

3.2. Roteiros por época

Para esta segunda proposta, a finalidade é a de conceber os percursos tendo como base o período em que os excertos foram escritos, critério que o determinará. Tenha-se em conta que um roteiro com um leque variado de concelhos e/ou freguesias a visitar será, naturalmente, mais longo. Considere então a existência de imprevistos que possam prolongar o tempo calculado.

Imagine-se que um curioso na proposta tem interesse pela realidade e pelo contexto do século XX. Considerando que o espaço que nos envolve, muitas vezes, retrata a história de um lugar, pretende selecionar diversas paisagens do catálogo para complementar os seus conhecimentos. Neste caso, o indivíduo em causa, poderia selecionar passagens como as seguintes:

- Alfredo Vieira de Freitas, “Minha Terra” *In Pétalas ao Vento*, 1985, p. 61. *Vide* p. 148 (catálogo);
- Carlos Cristóvão, *In As ondas e o vale*, 1955, p. 11. *Vide* p. 163 (catálogo);
- Cristiano Pestana, *In Uma aura atlântica*, 2014, pp. 99/100. *Vide* p. 177 (catálogo);
- Fernando de Melim, “Funchal, és meu irmão” *In Horizontes ilhéus*, 1994, p. 49. *Vide* p. 188 (catálogo).

O guia deste roteiro, poderia, facilmente, por exemplo, fundamentar-se numa comparação entre o século selecionado e a realidade atual, considerando tanto as paisagens como todo o contexto que as rodeia.

3.3. Roteiros por temática

Nesta terceira sugestão, propõe-se alicerçar um roteiro em distintas temáticas. Como se pôde observar em “Dominantes, constantes e variantes”, existem variados vocábulos que reenviam tanto para a realidade madeirense como para a sua identidade, assim sendo, é a partir dos mesmos que se irão fundamentar os percursos planejados.

Opte-se, como modelo, pela temática¹⁹⁸ da agricultura na Madeira, com elementos como as uvas, o trigo, a cana de açúcar e as bananas – por exemplo. A partir daqui podem-se realizar múltiplos percursos. Pode-se optar por escolher um concelho e procurar toda uma série de informações, através das paisagens, acerca deste tema, ou então pode-se, por exemplo, fazer um roteiro mais extenso, observando que tipo de cultura possui maior destaque em cada um dos concelho ou freguesias. Estes são meros exemplos dos esquemas que se podem realizar.

Imaginando que se elegia realizar o primeiro exemplo dado, procurando constatar as paisagens e compreender melhor a temática da agricultura no concelho da Ponta do Sol poderiam selecionar-se as seguintes obras:

- Marco Reynolds, “Ponta do Sol” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, pp. 84/85. *Vide pp. 361/362* (catálogo);
- J. Morna Gomes, “Madalena do Mar” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 77. *Vide p. 245* (catálogo).

Entre outras.

No que diz respeito ao guia que se poderia realizar, este teria de ser adequado a cada ideia selecionada. De acordo com o exemplo dado e considerando que seria para um público mais seletivo, o guia apresentaria informação acerca de cada plantação e a respetiva implementação na Madeira.

¹⁹⁸ Existem diversas temáticas que podem ser exploradas, como por exemplo: “Os vimes na Madeira”, “A história das levadas”, “A flora na Madeira” ou “Os poios madeirenses”.

3.4. Roteiros por autor

Em penúltimo lugar, esta ideia foi fundamentada pensando num dos tópicos principais desta dissertação: os autores madeirenses. A ideia alicerça-se no objetivo de dar a analisar escritores menos conhecidos pela sociedade madeirense. Provavelmente, quando os participantes realizarem o roteiro proposto, conhecerão os sítios destacados, mas não quem aos mesmos remete.

Esta quarta ideia, não atenuando a importância do guia nos outros casos, depende bastante do respetivo guião. Dado que o objetivo seria o de dar a conhecer melhor os respetivos escritores seria interessante, neste caso, utilizar o guia como meio de ligação entre a paisagem, o autor e o participante. O conceito seria o de criar uma história entre o observado, e o que ele remetia ou poderia remeter para o escritor, enunciando também o que é que a paisagem representa nos dias de hoje.

Desta maneira, este roteiro permitiria não só conhecer as paisagens e os autores, como também daria a conhecer parte da realidade de um contexto passado, contexto que estaria em confronto com o atual.

Mencione-se que, muitas vezes, os escritores retratam vários pontos da Ilha da Madeira, sendo então difícil, e pouco provável, conseguir um roteiro executável que consiga cobrir todos os pontos propostos de maneira adequada e convenientemente.

3.5. Roteiro principal – Parque Natural da Madeira

Relembrado a preocupação a respeito da consciencialização das populações quanto ao interesse do Parque Natural da Madeira (PNM) (*Vide* p. 43), pretendemos, como proposta principal, apresentar 2 (dois) roteiros fundamentados nas obras que remetem às suas áreas protegidas. A decisão de apresentar dois roteiros para a mesma “temática”, não só se deveu à distância entre os pontos considerados como à excessiva duração que o roteiro teria se se realizasse integralmente no mesmo dia, ademais que, a passagem pelos respetivos pontos teria que ser sintética e fugaz, não sendo esse o objetivo.

Sem dúvida que na preparação de qualquer caminhada é necessário ter em conta as condições meteorológicas previstas, contudo, atribua-se a estes roteiros em especial, uma importância acrescida a esse fator que é o clima, uma vez que as condições geográficas da

maior parte do terreno considerado são propícias a temperaturas mais baixas, a nevoeiro e a precipitação mais frequente¹⁹⁹. Assim sendo, escolheram-se, como possíveis datas de realização do roteiro, os dias entre meados do mês de junho e inícios do mês de julho. Estes dias, sendo, por norma, dias cálidos e de precipitação pouco significativa, concomitantemente, são favoráveis a uma visita sem grandes imprevistos meteorológicos a esperar.

Em relação ao público alvo, este roteiro não possui um público alvo específico, podendo ser realizado tanto por uma turma de alunos do ensino superior ou universitário numa aula, como por uma família ou um grupo de amigos num passeio de fim de semana. Podendo, os mesmos, pertencer, a qualquer escalão etário. Isto posto, e dependendo das condições dos interessados, o roteiro pode ser efetuado por um número considerado conveniente pelos participantes, aconselhando, por este meio, a não se considerarem números muito elevados, considerando tanto o terreno a percorrer como o âmbito literário que o mesmo envolve, sendo necessitada uma medida maior de atenção. No que concerne aos meios de transportes, será, claramente, necessário uma viatura para efetuar os deslocamentos entre alguns dos pontos considerados, estes um pouco extensos. Observe-se que, também existirá percurso que poderá e deverá ser efetuado caminhando.

A este propósito, devem-se sempre ter em conta algumas recomendações. É relevante: levar um calçado confortável e o mais antiderrapante possível, levar agasalho, uma bolsa, um lanche, um kit de primeiros socorros e transportar a imprescindível garrafa de água.

Como anteriormente referido, optou-se por realizar 2 (dois) percursos, um que será produzido para o lado oeste da ilha e outro para o lado este da mesma. Para desenvolver o respetivo roteiro do lado oeste da ilha, e, de maneira a realizar um roteiro coerente – e conforme as obras e zonas existentes no catálogo – escolheu-se, para o primeiro roteiro, oferecer como hipótese e percurso, vários pontos onde pode ser contemplada a floresta da Laurissilva (SO/NO). No que concerne ao segundo percurso, no lado este, foram selecionados pontos do Maciço Central, da Laurissilva e a extensa Ponta de São Lourenço. Denote-se que, estes pontos selecionados, são alguns dos vários locais possíveis, uma vez que o PNM é muito extenso. Existem então, variadas oportunidades para desenvolver este

¹⁹⁹ “A Madeira é uma ilha com muitos microclimas resultantes da influência do relevo. A cordilheira central, de orientação este-oeste, determina uma vertente sul, com mais horas de insolação e protegida da acção dos ventos alísios, e uma vertente norte com menos horas de sol e batida por estes ventos frescos e húmidos. A cordilheira central determina a subida dos ventos alísios e a consequente de nuvens e chuvas.” (Quintal, 2003, p. 17).

tema, podendo realizar variados roteiros distintos – tal como se comprova nos roteiros desenvolvidos na presente dissertação.

- **Roteiro 1 – Laurissilva (oeste da Ilha da Madeira)**

→ **Ponto número 1 – Ribeira Brava**

“Desde o mar, pela ribeira subindo
O teu vale de montanhas ladeado,
Vê o turista com ar extasiado,
Choupos, pomares e cascatas caindo.

[...]

Tens mar, Laurissilva e és habitado,
Sendo no estrangeiro catalogado,
Beleza que ao povo já deslumbrava:

De coloridos verdes sem paralelo,
És da Europa o seu Vale mais Belo!
Na Madeira, ficas na Ribeira Brava!”

Guilherme de Abreu Correia, “Vale da Ribeira Brava – Madeira” *In A Madeira Vista pelos poetas*, 2002, p. 130. *Vide* p. 198 (catálogo).

“[...] Tem um aspecto pitoresco a vilazinha, a cidade em miniatura, ninho de casas que mais parece um postal com a paisagem em relevo. [...]”

Horácio Bento Gouveia, *In Lágrimas correndo mundo*, 1959, p. 81. *Vide* p. 212 (catálogo).

→ **Ponto número 2 – Serra de Água, Ribeira Brava**

“[...] atravessava a Serra de Água, trepava os desfiladeiros do vale e, montanha arriba, transpunha os caminhos angostos escorregantes nas alturas da serra, emboscando no emaranhado matagal do urzedo virgem. [...]”

Horácio Bento Gouveia, *In Luísa Marta*, 1982, p. 163. *Vide* p. 210 (catálogo).

“[...] Dos espigões ameaçados das montanhas descem fitas brancas em marcha veloz para o talvegue pedregoso do leito de velha ribeira. Desprendem-se dos miradoiros das tristonhas mantas solitárias, a oitocentos, novecentos metros e, alisando as pregas calvas e profusas, mamilosas, em forma de rebordo de poço, de barrigas, de capacetes que ressaem das paredes negras e a prumo mas de uma só peça, onde as furnas protegem os ninhos dos milhafres, essas fitas cor de neve são as aguagens naturais, a própria vida do homem e da ribeira que alimenta cardenhos esparsos à margem da corrente puríssima e clara, a qual torna o solo fecundo e mata a sede à gente da Serra de Água, cuja soledade no viver faz dela a raça mais misantropa dos vales interiores da ilha. [...]”

Horácio Bento Gouveia, *In Lágrimas correndo mundo*, 1959, p. 81. Vide p. 212 (catálogo).

→ **Ponto número 3 – São Vicente**

“[...] Lá em baixo, muito em baixo, na orla do mar, a meio da chanfradura da ribeira, divisava-se a capelinha de São Vicente como tosca pedra branca, encravada em penedo escuro. Rasgavam-se horizontes sem fim, na direcção do norte. E principia a descida, ao longo de um carreiro primitivo que rompe o manto da vegetação exuberantíssima. A brenha, compacta, emaranhada, que devia ascender à génese da ilha, ostentava todos os verdes que Deus criou. A natureza, dormente, apenas de vez em onde perde o seu ritmo despercebido ao sentido humano, ao escutar-se um regato murmuroso ou as falas breves de qualquer passaroco transviado por aquelas paragens distantes da civilização dos casais. E a senda primeva, aos altos e baixos, com fendas e resvaladoiros, transformada em córrego com as chuvas de Inverno, estreita e angulosa, aberta no coração vicejante da selva, passando oculta pela ramaria enclavinada dos loireiros e vinháticos, em grande parte impenetrável à luz clara do Sol ao atingir o zénite, vai despontar às portas dos palheiros de gado, nos cabos da serra, perdidos entre montanhas escalavradas, e às olheiras das furnas, à beira dos vastos terrenos pingues de São Vicente. [...]”

Horácio Bento Gouveia, *In Canga*, 2008, p. 41. Vide p. 203 (catálogo).

“Das serras altaneiras
do caprichoso dorso da Ilha

dispostas em ampla e dominante varanda circular
pontilhada de cones solidificados
das forjas dos artificies primeiros

por precipitosos riscos
rigorosamente esculpidos na rocha dura

iridiscendo se despenham e espargem
as águas
das tumultuosas chuvas invernais
alimentando o manto vegetal das vertentes abruptas
e os vinháticos loureiros e fetos
dos pequenos prados

ou criando múltiplos arco-irís
a rebrilhar como véus sobre a paisagem.

e aquietadas
convergem para a estrangulada foz da ribeira
a abraçar a capela do teu Santo.
[...]”

Marco Reynolds, “São Vicente” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 86. Vide pp. 363/364 (catálogo).

→ **Ponto número 4 – Seixal, Porto Moniz**

“[...] Da beira da rocha, quase a 1200 metros de altitude descortina-se a paisagem humanizada do Chão da Ribeira. É um dos cenários mais pitorescos que se podem fixar na câmara-escura

da memória visual. A pupila embriaga-se na volúpia de querer guardar para sempre a imagem de um fio de água que se despega de uma bacia de recepção da rocha parda, oposta à montanha que nos serve de miradoiro. E embrenhamo-nos na carreteira que desce, corgo cheio de protuberâncias esbeiçadas, moledos aguçados e outros gastos pela erosão da chuva. Mas, quer à direita, quer à esquerda os fetos arbóreos curvam-se para o caminho e os cachos de brincos de princesa, cor de sangue, proporcionam-nos a ilusão de que, para dentro, um jardim de flores formosíssimas reserva aos olhos canteiros de uma beleza apenas presentida, em plena virgindade. [...]"

Horácio Bento Gouveia, "Uma jornada à região do Fanal" *In Canhenhos da ilha*, 1966, pp. 233/234. *Vide* pp. 218/219 (catálogo).

"Seixal, mundo de rochas sobre o mar,
És grandioso canto de epopeia,
Nesga onde o oceano azul campeia
Em vai-vens espumantes, a cantar..."

És grito de basaltos a tombar
Sobre a estrada que tanto serpenteia
Aos pés do mar com vozes de sereia
- Melodia que sonha e faz sonhar!

Ó Seixal de quiméricos rochedos,
De tanta linfa alvente que se abisma
De alcantis litorais sobre fragedos,

Quando o sol-pôr cintila – lindo prisma! –
No mar e nas fajãs e nos penedos,
Contigo a luz da tarde também cisma..."

J. Morna Gomes, "Seixal" *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 61. *Vide* p. 241 (catálogo).

→ Ponto número 5 – Porto Moniz

"[...]
Ao norte – Porto Moniz,
tem um cais por natureza,
mesmo co'o mar agitado
saltam todos que é beleza.
[...]"

Jaime Gonçalves, "A MADEIRA" *In Versos*, 1959, p. 100. *Vide* p. 333 (catálogo).

"[...] Na Ribeira do Moinho o coaxar das rãs quebrava o silêncio da tarde de Outono. À ilharga de extensos olheiros de inhame a água corria e gorgolejava por levada que as avencas e as labças embelezavam, de longo dela debruçadas da beira, ao lado de velho carreiro, onde, na terra mole, se distinguiam pègadas de pés descalços."

Horácio Bento Gouveia, *In Lágrimas correndo mundo*, 1959, p. 197. *Vide* p. 213 (catálogo).

→ Ponto número 6 – Fanal

“[...] E abalamos. A vereda que se vai calcorreando é carreiro sinuoso flanqueado de urzes altas e uveiras. Passa-se à ilharga de magnífica árvore indígena, hoje rara: o aderno. A vegetação adensa-se. Alargam-se mais os passos. Chega-se ao Fanal. Há um bosque de velhos tis onde uma multidão de todas as idades, homens e mulheres, se aglomera. [...]”

Horácio Bento Gouveia, “Uma jornada à região do Fanal” *In Canhenhos da ilha*, 1966, p. 233. Vide p. 219 (catálogo).

“Subi, subi... E. após tanto subir,
A surpresa venceu o meu cansaço,
A surpresa dum lago a reflectir
Velhos troncos e fetos num abraço...

Surpreendi o vivo sol a colorir
Miragens abissais, tanto espinhaço...
Ribeiras, lençóis de águas a cair
Como sonhadas pérola do Espaço!
[...]

J. Morna Gomes, “Fanal” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 62. Vide p. 242 (catálogo).

→ Ponto número 7 – Rabaçal

“Descem rochas ciclópicas, gigantes,
Dezenas de aquáticos caudais,
Águas brancas, viris, altissonantes,
Dando vigor a eflúvios florestais.

Saltam os alcantis horripilantes
Do risco com alturas colossais,
Formando fundos, pélagos hiantes,
Prontos a engolir plantas e animais...

Lembram mãos com afagos de veludo
Tocando vegetais, musgos e limos,
Velhos troncos musgosos e ramudos;

Mãos que ungem abissais, verdes arrimos,
Rochedos tão altivos e tão mudos,
Mas sentindo a grandeza que sentimos...”

J. Morna Gomes, “Rabaçal” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 74. Vide pp. 244/245 (catálogo).

“[...] Imagine o leitor um despenhadeiro em semicírculo de 200 metros de diâmetro e 330 de altura, em cujo topo existe um tanque imenso, que as águas profundaram, e que decerto alimenta todas as que projetam da sua superfície vertical, saindo umas em forma de espanada, outras na tubular; estas prorrompem impetuosas; aquelas arrimadas às fráguas e aos arbustos; delas borbulham sob uma lapa; delas nascem entre plantas que as bebem e tornam a gotejar; e todas elas correm entre pedras e arbustos e musgo e avenca, oferecendo aos olhos uma das cenas mais belas e pitorescas que a natureza tem criado. [...]”

João de Nóbrega Soares, *In Uma Viagem ao Rabaçal*, 1998, p. 76. *Vide* p. 280 (catálogo).

→ **Ponto número 8 – Encumeada**

“[...] Através de caminhos barrancosos e serpenteantes, que se vão obliquando ao jeito da configuração das encostas, colgadas de musgos nos ressaltos, por atalhos cavados na côdea mole da terra pegajosa, à ilharga dos quais se cercavam boqueirões e algares que descem dos espigões da serra, transitam os viandantes há mais de quatrocentos anos. Topam-se, aqui e acolá, urzes seculares, a uveira de bagas de coral, os fetos arbóreos, a vegetação luxuriosa e virgem de feição tropical [...]

Ao de cima, sombreando o caminho, os folhadeiros e as giestas formam um friso de eterna Primavera, remate das grinaldas de plantas que, vertente fora, perpetuam as dinastias de seus antepassados. Derramando-se o olhar por entre as clareiras dos galhos das árvores, vêem-se nas margens dos refegos do vale, onde as águas correm em melopeia suave, a terra cultivada e os bosques de castanheiros e nogueiras.

[...] A Encumeada, derradeiros contrafortes alpestres encavalitados em dorsos de cetáceos descomunais, que se houvessem anquilosado, apresentavam-se imaculada de nevoeiros. Sobressaía um tom de bronze retinto nas dobras dos últimos cerros quase calvos, empinando-se para as alturas do céu em jeitos de arquitectura gótica. [...]

Horácio Bento Gouveia, *In Canga*, 2008, pp. 40/41. *Vide* p. 202 (catálogo).

“Ó céus profundos de alvas pinceladas
Sobre o negro ondular da serrania
Com verdes guarnições de ramaria
Pelos montes e vales espalhadas!

Ó nuvens como ovelhas conchegadas
Num azul estendal de melodia,
Não temendo a cortante aragem fria,
Nem o sopro das rígidas nortadas!

Ó altivo mar de nuvens vagabundas,
De alvejantes contornos e tamanhos,
Sobre matas de cúpulas profundas,
[...]

J. Morna Gomes, “Encumeada” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 58. *Vide* pp. 239/240 (catálogo).

- **Roteiro 2 – Maciço Montanhoso, Laurissilva e Ponta de São Lourenço**

→ **Ponto número 1 – Pico do Areeiro**

“Percorridos subindo para norte
vales e encostas
e transporte o pequeno planalto
em quase êxtase
pela contínua variedade e beleza da paisagem
e pela amplidão dos múltiplos horizontes

desvenda-se o topo de estruturada montanha
sólida escora das serranias centrais.

Miradouro de onde se dominam
vastíssimos espaços
aqui se instalaram também os construtores
para moldar o dorso mais ameno da Ilha
e decidir formas
materiais
efeitos de luz:

as cores brilhando sob a cálida ternura
do sol da Primavera
iridescendo
aos dardejantes raios do Verão
recatadas no resguardado segredo
dos mares de nuvens e
dos caprichosos nevoeiros de outono
ou violentadas pelos duríssimos ventos
e geadas inverniais.

Privilegiado aposento do guardião das águas
de ti são governados
desde as altas nascentes
até aos profundos vales
os caudais
a leve e branca espuma bordados
de ribeiras riscos e fios de água
que a jusante vão alimentar
os verdes do teu manto:

matas de Laurissilva
vinhas hortas pomares e jardins
desde a Ribeira do Faial fluindo ao norte
à dos Socorridos de início vertida a oeste
para logo volver ao sul
[...]

Marco Reynolds, “Pico do Areeiro” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, pp. 22/23. Vide pp. 353/354 (catálogo).

“[...] Encaminha-se, veloz, o nevoeiro
para os cumes,
cosendo-se à geada para cercar
o substituto ilhéu da neve.

A manhã é quase irrespirável.
Transparece-lhe o hálito
do hábito à névoa nos pardos dias
de Inverno. [...]”

Fátima Pitta Dionísio, “Granizo” *In Edifiquei-te uma Ilha*, 1989, p. 30. *Vide* p. 186 (catálogo).

→ **Ponto número 2 – Ribeiro Frio**

“Ribeiro e pequeno lago de encantamento
Onde a frondosa vegetação se reflectia

[...]

levadas e ribeiros levando a água matricial
vivificando os corpos das árvores da floresta densa
e os seus ventres braços dedos e flores

suave paleta de verdes derramados sobre a vastidão
das encostas
trasmudados em azul pelos desdobrados
mansos horizontes
aqui e além sobressaltados por súbitos abismos

caminhos desvelando vistas
de inesperados êxtases
- és um discreto valioso tesouro
do corpo da ilha.

Evoco os Balcões e a ampla paisagem oferecida
a vista para o Pico das Torrinhãs
as encostas escalvadas próximas ao Pico Ruivo
vertiginosamente inclinadas para a Ribeira da Metade
a encosta sob os Balcões
em cada ano mais rica em arvoredos
[...].”

Marco Reynolds, “Ribeiro Frio” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 73. *Vide* pp. 357/358 (catálogo).

“[...] Estão a chegar ao Ribeiro Frio. [...]”
É assim que nos surgem os socialcos aguarelados dos muitos verdes das hortaliças, das videiras,
das bananeiras e dos trigais.
Ali, porém, no Ribeiro Frio, através do carreiro por onde seguem os excursionistas, apenas
vemos arvoredos. Seguem sob uma alameda de carvalhos, castanheiros e de uma grande
variedade de cedros. [...]”

Carlos Cristóvão, *In Querer Viver*, 1994, p. 19. *Vide* p. 164 (catálogo).

→ **Ponto número 3 – Pico Ruivo**

“[...]
E foram erguidos os picos e as torres
vigilantes

escavados os profundos vales rumorosos e
as abissosas vertentes
pelo perpassar das águas batidas
pelos violentos ventos das tempestades

talhadas as suaves encostas e aplainados
os prados e paúis
em primores arquiteturais de espaços
e equilíbrios
[...]”

Marco Reynolds, “Pico Ruivo I” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 20. *Vide* p. 353 (catálogo).

“É o altar a montanha. O coração
Da gente, o sacerdote. Os paramentos,
A luz do Sol fagueira e os rebentos
Das urzes seculares. A função

Litúrgica começa. A viração
Toca uma sinfonia e, por momentos,
Esquecem-se profundos sofrimentos.
Faz depois o silêncio o seu sermão.

Nas encostas dos montes vejo um denso
Nevoeiro que lembra ondas de incenso.
Quando, meu Pico Ruivo, te contemplo

Bem pertinho dos céus, sinto um intenso
Amor ao Sumo Artista, ao Deus Imenso
Que soube arquitectar tão belo templo.”

João da Silva (Sílvio), “Pico Ruivo I” *In Catedral dos Meus Sonhos (SONETOS E SONETILHOS)*, 1967, p. 43. *Vide* p. 286 (catálogo).

→ **Ponto número 4 – Queimadas**

“Águas mansas das levadas
não sois como as das ribeiras,
que em vindo o inverno inundam
casas vinhedos e leiras

Na santa paz da montanha,
só se sente o seu cantar,
sempre igual e sempre novo,
num eterno caminhar.

[...]

À vossa beira se espelham
Hortênsias, musgos e flores:
velhos loureiros murmuram
loucas histórias de amores

As urzes esvaneceram
e os carvalhos já dobraram
ao peso de fartos líquenes
... e as águas nunca pararam.

Levadas da minha aldeia
galgando de monte em monte,
enchei de seiva esses vales,
cantai nas pedras da fonte.
[...]"

Alberto Figueira Gomes, "BALADA DAS LEVADAS (Nas Queimadas, em Santana – Verão de 1946)" *In Musa Insular (poetas da Madeira)*, 1959, pp. 572/573. Vide p. 145 (catálogo).

"[...] Seguindo o camalhão que acompanha toda a extensão da levada, percorreram alguns quilómetros e chegaram ao tão formoso local, autêntico capricho da natureza. As rochas firmes, lodosas, forradas com diversas espécies de musgos, tinha a forma de um painel, escorrendo águas cristalinas que alimentavam um pequeno lago onde se sentaram e espraíram a vista, respirando sofregamente aquele inebriante ar, puro e húmido. Esticaram as pernas, para um pequeno repouso, pois tinham de regressar pelo mesmo caminho, cheio de lamas e de abismos, enquanto fosse dia. [...]"

Teresa Valério, *In Momentos de Sonho*, 2006, p. 266. Vide p. 404/405 (catálogo).

→ Ponto número 5 – Ponta de São Lourenço

"[...] A ponta de São Lourenço, ilhéu aguçado, de basalto vermelho, como cabeça de monstro anti-diluviano que se houvesse feito rochedo, vai erguendo o lombo que se avoluma para o interior cobrindo-se de uma vegetação exabundante de cor brônzea. [...]"

Horácio Bento Gouveia, *In Canga*, 2008, p. 195. Vide p. 204 (catálogo).

"[...] Esgueira-se a vista por entre as colunas de pinheiros. À luz do Sol enfermiço de Outono, vêem-se, lá longe, quais estátuas a sair do mar, como painel de extraordinária fascinação, os ilhéus da Ponta de São Lourenço. [...]"

Horácio Bento Gouveia, "17. Queimadas de Santana" *In Alma negra e outras almas*, 1972, p. 85. Vide p. 207 (catálogo).

Figura 4 – Mapa do roteiro número 2

Em relação aos horários recomendados, no que concerne ao primeiro roteiro, prevêem-se oito horas e meia de roteiro, incluindo já o percurso de carro, uma hora e meia de almoço, uma hora para outras paragens e quatro horas de observação e debate. Aconselhando então o início do mesmo às 9:00 da manhã enquanto nos encontrarmos em horário de inverno, e, até às 11:00 se for horário de verão. No que diz respeito ao segundo roteiro, prevêem-se sete horas de roteiro, considerando já duas horas de carro, uma hora e meia de almoço, uma hora para outras paragens e duas horas e meia de observação e discussão. Assim sendo, recomenda-se, o início do roteiro às 10:00, no caso do horário de inverno, e até às 12:00, no horário de verão. Note-se que o tempo estimado considera a partida já no primeiro local estipulado.

Os roteiros encontram-se dispostos pela ordem recomendada, de maneira a facilitar o processo, não excedendo, em demasia, o transcurso. Contudo, tanto o primeiro como o segundo roteiro podem sofrer as alterações desejadas, não garantindo, porém, a sua efetividade.

Assegura-se que todos os locais referidos, exceto o Fanal, o Pico Ruivo e a Ponta de São Lourenço, possuem *WC's* e pontos comerciais. Em relação aos que não apresentam estabelecimentos no local, garantimos a existência de instalações nas proximidades.

3.5.2. Guia

Planificar e organizar qualquer tipo de roteiro exige a combinação ideal de diferentes variáveis. De modo a facilitar e complementar os percursos decidimos realizar e apresentar um guia que acompanhe os participantes. Esta ferramenta não só tornará as visitas mais dinâmicas como incentivará e facilitará o acesso à literatura madeirense, atuando como objeto de promoção.

O guia, que se encontra em anexo, foi idealizado de maneira clara, acessível e apelativa, desenvolvendo cada local através de 2 (dois) excertos, informações, curiosidades e uma imagem.

Utilizamos como cores principais o verde, o azul e as respetivas tonalidades. O verde por ser a cor que simboliza a vida e a saúde, sendo a cor da vida vegetal e da natureza. Por ser uma cor que remete ao ambiente é frequentemente utilizada em projetos comprometidos

com as questões ecológicas e de conservação do meio ambiente. O azul por efeito de representar a responsabilidade e as sensações de tranquilidade e segurança, remetendo também à intelectualidade e à inteligência. Esta cor é igualmente associada à água, ao céu e ao infinito.

Devido à importância das imagens na comunicação atual apostamos em imagens grandes e chamativas para que o leitor se identifique com o assunto e tenha interesse na leitura²⁰⁰.

O tipo de letra utilizado foi Arial, um tipo de fonte não serifada que proporciona modernidade e simplicidade. Para a realização desta ferramenta foram utilizados o Adobe Photoshop CC 2018 e o Adobe Illustrator CC 2018.

²⁰⁰ Para mais informação acerca deste tema investigar conceito de Marketing Visual.

Conclusão

*Todo o texto conduz ao exemplo do mundo,
narra a parábola do regresso e apresenta
a cerimónia da paisagem.*
Herberto Helder

Esta dissertação procurou fundamentar o conceito de Geografia Humanista, baseando-se no binómio Geografia e Literatura. Esta vertente da Geografia, plurissignificativa devido à sua dimensão humana, dispõe de várias perspetivas, não só devido ao seu cariz humanista como também por causa de uma sociedade que dispõe de um leque variado de interpretações e de motivações. Esta “nova” geografia, recoloca o ser humano, as suas perceções e os seus sentimentos.

A relação da Geografia com a Literatura ocorre bilateralmente. Os escritores usufruem do espaço como orientação para a produção e estruturação das obras e os geógrafos depreendem os espaços através de indicações literárias

Esta relação multidisciplinar é também efetivada através das paisagens. Paisagens da Ilha da Madeira que foram reunidas no catálogo, demonstrando as características que as unem e as separam. As paisagens são inesgotáveis, não só porque existem incontavelmente, mas porque nos oferecem inúmeros indícios, indícios do que existiu, do que existe e do que poderá acontecer. Ademais, estes retratos, revelam a relação entre o Homem e o espaço. Ressalta-se, conseqüentemente, a importância da preservação do património, usufruindo-o de maneira adequada e consciente.

Uma vez que os humanos são a principal causa da degradação do meio ambiente e das paisagens devido à falta de sensibilidade ecológica e dos valores que os próprios reconhecem como lógicos e aceitáveis, são de suma importância todos os projetos que apelam à consciencialização ambiental.

Admitimos, neste âmbito, os gestores culturais como mediadores socioculturais. Como interveniente sociocultural, o pensamento do gestor deve ser direcionado para a preocupação da preservação e divulgação do património. No nosso caso, pretendemos consciencializar através do conhecimento do património natural e literário. Pode a Gestão Cultural ser ainda uma ocupação emergente, contudo reconhecemos o gestor cultural como indivíduo disposto e possuidor de competências para gerar oportunidades neste campo de ação.

Assinale-se a importância do meio, da memória, da identidade e do conhecimento das gerações precedentes, como concepção da realidade que observamos. Relembre-se o valor de salvaguardar e distinguir aquilo que faz, e fez, um povo ser singularizado, neste caso, o povo madeirense.

Posteriormente, esta linha de trabalho pode prosseguir efetuando, no âmbito das paisagens literárias, uma comparação com outros territórios insulares, como por exemplo com a Região Autónoma dos Açores ou com as Ilhas Canárias. Outra das possibilidades a trabalhar, seria o *storytelling* e a sua utilização no domínio dos roteiros literários. Por último, propomos um aperfeiçoamento e desenvolvimento do guia, para que de futuro possua informação detalhada dos escritores e uma versão noutros idiomas.

Bibliografia Geral

Abreu, J. (2012). *A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário*. (Dissertação de mestrado). Universidade da Madeira, Funchal.

Abreu, M. (1994). *Paisagem*. Lisboa: Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.

Almeida, A. (n.d). “Paisagens: um património e um recurso”. Consultado a 20 de outubro de 2017. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13165/1/Paisagens-%20um%20patrim%C3%B3nio%20e%20um%20recurso.pdf>.

Alves, I. (2013). “Em torno da paisagem: Literatura e Geografia em diálogo interdisciplinar”. Revista *Anpoll*. Nº 35, p. 181-202. Consultado a 18 de junho de 2017. Disponível em: <https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/650/720>.

Augé, M. (1994). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Venda Nova: Bertrand.

Azevedo, A. (2012). *A experiência da paisagem*. Porto: Figueirinhas.

Bachelard, G. (1976). *A poética do espaço*. Consultado a 8 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/03/Bachelard-Cole%C3%A7%C3%A3o-Os-Pensadores-1978.pdf>.

Bachelard, G. (2005). *A Formação do Espírito Científico*. Consultado a 5 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://minhateca.com.br/Rafaelfut/Documentos/Biblioteca+Digital/Fenomenologia/Jean-Francois+Lyotard/A+FENOMENOLOGIA,201671090.pdf>.

Barranha, H. (org.). (2016). *Património cultural – conceitos e critérios fundamentais*. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal. Consultado a 17 de Novembro de 2018. Disponível em: <http://istpress.tecnico.ulisboa.pt/files/E-book-patrimonio.pdf>.

Barros, J., Junior, J. (org.). (2011). *Pensar e Agir com a Cultura: desafios da gestão cultural*. Consultado a 18 de junho de 2017. Disponível em: http://observatorioidiversidade.org.br/arquivos/pensar_agir.pdf.

Bastos, R. (1998). “Espaço e Literatura: Algumas reflexões teóricas”. Revista *Espaço e Cultura*. Nº5. Consultado a 9 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6316/4509>.

Bonesio, L. (2013). “Interpretar os lugares”. In *Filosofia da paisagem. Uma antologia*. (coord. Adriana Serrão). (2ª ed.). Lisboa: Centro de filosofia da Universidade de Lisboa.

Branco, A. (1949). *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira I*. Consultado a 19 de junho de 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/8944576/Notas_and_Coment%C3%A1rios_para_a_Hist%C3%B3ria_Liter%C3%A1ria_da_Madeira_I_-_Visconde_do_Porto_da_Cruz.

Cabral, L. (2000). “A paisagem enquanto fenómeno vivido”. Revista *GEOSUL*. Vol. 15, Nº 30, p 34-45. Consultado a 20 de outubro de 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/14252/13053>.

Ceia, C. (1995). *Normas para apresentação de trabalhos científicos*. Lisboa: Editorial Presença.

Claudon, F. (2010). *Os grandes movimentos literários europeus*. Portugal: Publicações Europa-América.

Claval, P. (1987). *Geografia do Homem: cultura, economia, sociedade*. (2ª ed.). Coimbra: Almedina.

Claval, P. (2004). “A paisagem dos geógrafos”. In *Paisagens, textos e identidade*. (Org. Corrêa R.; Rosendahl, Z.). Rio de Janeiro: Edição UERJ. Consultado a 18 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/119538585/paisagem-texto-identidade>.

Claval, P. (2006). *História da Geografia*. Lisboa: Edições 70.

Claval, P. (2007). *A geografia cultural*. Consultado a 5 de janeiro de 2018. Disponível em: http://minhateca.com.br/garbageht/Livros/Geografia+Humana/CLAVAL*2c+Paul+-+A+Geografia+Cultural,275117898.pdf.

Collot, M. (1995). “Pontos de vista sobre a percepção de paisagens”. In *Literatura e Paisagem em Diálogo*. Disponível em: https://www.academia.edu/4814455/Livro_Literatura_e_Paisagem_em_di%C3%A1logo_http_edicoesmakunaima.com_images_livros_literatura_epaisagem.pdf.

Collot, M. (2010). “De L’horizon du paysage à l’horizon des Poètes”. In *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. (Org. Ferreira, I.; Manir, M.) Rio de Janeiro: Editora da UFF. Consultado a 18 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/135788568/ALVES-Ida-Ferreira-FEITOSA-Marcia-Manir-Miguel-org-Literatura-e-Paisagem-perspectivas-e-dialogos>.

Collot, M. (2011). “Pour une géographie littéraire”. Consultado a 24 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.fabula.org/lht/8/collot.html>.

Collot, M. (2015). “Poésie, paysage et sensation”. *Revista de Letras*- Vol. 1 N° 34. Consultado a 4 de julho de 2017. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15971/1/2015_art_mcollot.pdf.

Convenção Europeia da Paisagem Florença. Outubro de 2000, Florença. Consultado a junho de 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/16802f3fb7>.

Costa, H. (org.). (1996). *Laurissilva da Madeira – Caracterização quantitativa e qualitativa*. S.l.: Parque natural da madeira – Quinta do Bom Sucesso.

Cunha, M. (n.d). “Gestão Cultural - Profissão em Formação”. Consultado a 19 de outubro de 2017. Disponível em: http://www.gestioncultural.org/ficheros/BGC_AsocGC_MHCunha.pdf.

Domingues, M. (org.). (2008). *Árvores Monumentais Emblemáticas da Madeira*. Funchal: Direcção Regional de Florestas.

Dubois, C. (2008). *Le paysage, enjeu et instrument de l'aménagement du Territoire*. Consultado a 6 de novembro de 2017. Disponível em Pressesagro: <http://www.pressesagro.be/base/text/v13n2/309.pdf>.

Durand, J. (n.d). “Gestor cultural: ofício em construção”. Consultado a 20 de junho de 2017. Disponível em: <http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49bca9/130/1372208106638135236.pdf>.

Easton, M. (2012). *Oxford Big Ideias 8: Australian Curriculum*. (Pp. 40-53). Melbourne: Oxford University Press.

Faria, C., Alves, G., Gomes, S. (2014). *Paisagens literárias: a Madeira nos contornos da escrita = Literary landscapes : sketches of Madeira Island*. Coleção: Deve e Haver: 3.A e 3.B. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico.

Feitosa, M., Moraes, C., & Costa, J. (2012). “O entrelaçamento de fios entre a geografia e a literatura: A construção de um saber múltiplo”. *Revista NUPEM*. Vol.4, nº6. Consultado a 9 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/222/170>.

Feliu, C. (2002). “Cultural Landscapes: Evaluating the Interaction Between People and Nature”. In *Cultural Landscapes: the Challenges of Conservation*. Consultado a 7 de novembro de 2017. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001329/132988e.pdf>.

Gaiotto, A. (2009). Patrimônio e Paisagem Cultural: Contribuição ao retrato memorialístico para o desenvolvimento do turismo no município de Cerquilha/SP (Dissertação de Pós-Graduação em Formação de Professores em Turismo). Universidade de Brasília, Brasília.

Ganges, L. (2009). “Paisagem culturales y planificación espacial”. In *ECOLOGÍA DEL PAISAJE Y SEGUIMIENTO AMBIENTAL: Feedback in Materia Ambiental*. Consultado a 17 de junho de 2017. Disponível em: http://uvadoc.uva.es/bitstream/10324/1711/1/paisajes_culturales_y_planificacion_espacial.pdf.

Garrido, D.; Costa, R. (2006). Dicionário breve de Geografia. (2 ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Gomes, P. (1996). Geografia e Modernidade. Consultado a 7 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://minhateca.com.br/biamottag3/Paulo+Cesar+da+Costa+Gomes++Geografia+e+Modernidade,822778021.pdf>.

Gonçalves, F., Leitão, L. (2015). “Entre o eu e o outro, a paisagem”. Revista *RISCO*. Nº 21. Consultado a 12 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/download/121390/118302/>.

Graf, M., Popesku, J. (2016). “Cultural Routes as Innovative Tourism Products and Possibilities of their Development”. In *International Journal of Cultural and Digital Tourism*. Vol. 3, Nº1.

Guerrero, J. (2002). “Los paisajes literarios”. Consultado a 17 de junho de 2017. Disponível em: <http://uvadoc.uva.es/bitstream/10324/13717/1/Castilla-2002-27-LosPaisajesLiterarios.pdf>.

Häfele, E. (2013). *European Cultural Routes - A Practical Guide*. Viena: Federal Ministry of Economy, Family and Youth. Consultado a 20 de outubro de 2017. Disponível em: <http://www.kpd.lt/uploads/Tarptautiniai%20ry%C5%A1iai/Kult%C5%ABros%20keliai/Cultural%20Routes%20HANDBOOK.pdf>.

Heller, E. (2017). *A Psicologia das Cores Como as cores afetam a emoção e a razão*. S.l: Editorial Gustavo Gili.

Heinzelmann, W. (1971). *Madeira – Portugal*. Basileia: Edição do autor.

Hendrix, H. (2014). Literature and Tourism: Explorations, Reflections, and Challenges. In S. Quinteiro & R. Baleiro (org.), *LIT&TOUR Ensaios sobre literatura e turismo*. Consultado a 5 de julho de 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/8396510/Literature_and_Tourism_Explorations_Reflections_and_Challenges_2014_<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/12490/11722>.

Husserl, E. (1986). *A Ideia da Fenomenologia*. Consultado a 5 de janeiro de 2018. Disponível em ACADEMIA: https://www.academia.edu/33649619/A_Ideia_da_Fenomenologia__Edmund_Husserl_.

Jacinto, R. (1995). “As outras geografias: a literatura e as leituras do território”. Revista *Cadernos de Geografia*. Nº14, pp.139-142. Consultado a 18 de junho de 2017. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/40730/1/As%20outras%20Geografias.pdf>.

Kanev, V. (2003). “Paisaje y espacio en literatura”. *Cuadernos del CRICCAL*. Vol. 29, Nº1, pp. 9-19. Consultado a 17 de junho de 2017. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_2003_num_29_1_1582.

LaBlache, V. (1954). *Princípios da Geografia Humana*. Lisboa: Edições Cosmos.

Larrère, C.; Larrère, R. (2000). *Do Bom Uso da Natureza Para uma filosofia do meio ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lima, S. (2000). “Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a perceção de paisagem”. *Revista Geosul*. Vol.15, pp. 7-33. Consultado a 9 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14190/13014>.

Liotard, F. (2013). *A Fenomenologia*. Consultado a 5 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://minhateca.com.br/Rafaelfut/Documentos/Biblioteca+Digital/Fenomenologia/Jean-Francois+Liotard/A+FENOMENOLOGIA,201671090.pdf>.

Macedo, L. (org.). (2013). *Da Voz à Pluma: Escritoras e património documental de autoria feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde: guia biobibliográfico* (Portuguese Edition). Consultado a 10 de outubro de 2017. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/44055>.

Martín, E. (2014). “LA LITERATURA COMO RECURSO TURÍSTICO: LOS CAFÉS LITERARIOS DE MADRID”. (Trabalho de fim de curso em Turismo). Consultado a 18 de junho de 2017. Disponível em: <http://uvadoc.uva.es/bitstream/10324/5451/1/TFG-N.11.pdf>.

Medeiros, A. (2014). *LITERAGEO: TRÊS CAMINHOS PARA ENTRELAÇAR GEOGRAFIA E LITERATURA*. Consultado a 31 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/274923951/Literageo-Tres-Caminhos-Para-Entrelacar-Geografia-e-Literatura>.

Mello, J. (1990). “GEOGRAFIA HUMANÍSTICA: A PERSPECTIVA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA E UMA CRÍTICA RADICAL AO POSITIVISMO”. Revista *Revista Brasileira de Geografia*. V.52, nº4, out./dez. Consultado a 15 de janeiro de 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1990_v52_n4.pdf.

Merleau-Ponty, M. (1999). *A fenomenologia da percepção*. Consultado a 7 de janeiro de 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/6133170/MERLEAU_-_PONTY._Fenomenologia_da_percep%C3%A7%C3%A3o.

Mitchell, W. (1994). *Landscape and Power*. Consultado a 20 de junho de 2017. Disponível em <https://books.google.pt/books?id=8E3yVIUUK9AC&lpg=PP1&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>.

Moles, A.; Romer, E. (1978). *Psychologie de l'espace*. S.l: Casterman.

Moreira, C. (2006). “O entendimento do Património no contexto local”. Revista *OPPIDUM*. Vol 1, pp. 127-140. Consultado a 17 de Novembro de 2018. Disponível em: http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/Romanico_Mais%20Informacao/Revista%20OPPIDUM/O_entendimento_do_Patrim%C3%B3nio_no_contexto_local_pp.127-140.pdf.

Muriaín, J. (2013). “Estética da paisagem”. In *Filosofia da paisagem. Uma antologia*. (coord. Adriana Serrão). (2ª ed.). Lisboa: Centro de filosofia da Universidade de Lisboa.

Negreiros, C., Alves, I., Lemos, M. (org.). (2012). *Literatura e Paisagem em Diálogo*. Consultado a 20 de junho de 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/4814455/Livro_Literatura_e_Paisagem_em_di%C3%A1logo_https://www.edicoesmakunaima.com/images/livros/literatura_epaisagem.pdf.

Olanda, D., & Almeida, M. (2008). “A Geografia e a literatura: uma reflexão”. Revista *Geosul*. Vol.23, nº46, pp. 7-32. Consultado em 9 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2008v23n46p7/11722>.

Olmos, H. (n.d). *Gestión Cultural e identidad: claves del desarrollo*. S.l: Agencia Española de Cooperación Internacional para el desarrollo.

Partoune, C. (2004). “La dynamique du concept de paysage”. Revista *Revue Éducation Formation*. Vol. 275. Consultado a 18 de junho de 2018. Disponível em: http://www.lmg.ulg.ac.be/articles/paysage/paysage_concept.html.

Pereira, M. (2012). “Contribuições para entender a experiência estética”. Revista *Lusófona de Educação*. Vol 20. pp. 109-121. Consultado a 7 de agosto de 2018. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n20/n20a08.pdf>.

Pimentel, D. (2010). “fnc_mapa poético”. Revista *Arquitectura Coam*. Vol. 361, pp. 84-85. Consultado a 20 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.coam.org/media/Default%20Files/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100/2008-2012/docs/revista-articulos/revista-arquitectura-2010-n361-pag84-85.pdf>.

Portugal, J., Marques, S. (n.d). *Gestão Cultural do Território*. Consultado a 19 de outubro de 2017. Disponível em: <http://www.setepes.pt/Imgs/Coleccao%20Publicos%20-%20Gestao%20Cultural.pdf>.

Quintal, R. (2003). *Madeira, a Descoberta da Ilha de Carro e a Pé*. Funchal: Associação dos Amigos do Parque Ecológico do Funchal.

Quintal, R. (1996). *Laurissilva: a floresta da Madeira*. Funchal : Editorial Correio da Madeira.

Quintal, R., Vieira, M. (1985). *ILHA DA MADEIRA. ESBOÇO DE GEOGRAFIA FÍSICA*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura.

Quinteiro, S., & Baleiro, R. (2017). *Estudos em Literatura e Turismo – Conceitos fundamentais*. Consultado a 20 de janeiro de 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321624631_Estudos_em_literatura_e_turismo_Conceitos_fundamentais.

Relph, E. (1970). “An Inquiry into the Relations Between Phenomenology and Geography”. Revista *The Canadian Geographer*. Vol. 14, nº3, pp. 193-201. Consultado a 7 de janeiro de 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/6922982/AN_INQUIRY_INTO_THE_RELATIONS_BETWEEN_PHENOMENOLOGY_AND_GEOGRAPHY.

Relph, E. (1976). *Place and Placelessness*. Londres: Pion Limited.

Ribeiro, O. (1970). *Ensaio de Geografia Humana e Regional*. (Vol. 1). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

Ribeiro, O. (2012). *O Ensino de Geografia*. Porto: Porto Editora.

Risso, L. (2008). “PAISAGENS E CULTURA: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica”. *Revista Espaço e Cultura*. Nº 23, p. 67-76. Consultado a 12 de outubro de 2017. Disponível em: http://www.e-publicacoes_teste.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3523/2450.

Sales, L. (2016). *Imaginários da Paisagem* (Tese de Doutoramento em Belas-Artes). Consultado a 13 de outubro de 2017. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26275/1/ulsd730203_td_Tese.pdf.

Salgueiro, T. (2001). “Paisagem e Geografia”. Revista *Finisterra*. Vol. 32, pp. 37-53. Consultado a 6 de julho do 2017. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1620>.

Samuel, G. (2013). “Filosofia da Paisagem”. In *Filosofia da paisagem. Uma antologia*. (coord. Adriana Serrão). (2ª ed.). Lisboa: Centro de filosofia da Universidade de Lisboa.

Santos, M. (2004). *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. (6ª ed.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Consultado a 18 de junho de 2018. Disponível em: <https://yadi.sk/i/6nHo6pw3qJTGt>.

Santos, M. (2006). *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. (4ª ed.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Consultado a 18 de junho de 2018. Disponível em: https://yadi.sk/i/8EmRFh0_qBiMk.

Santos, T. (2015). “Madeira: A narrativa de ficção nos Séculos. XX e XXI”. *ACL Revista Literária*. Nº 4. Consultado a 20 de junho de 2017. Disponível em: <http://aclrevistaliteraria.academiacanarialengua.org/situacion-de-la-narrativa-en-madeira/>.

Santos, T., Coelho, L., Falcão, A., & Moniz, A. (2011). *Funchal d(escrito) – Ensaios sobre representações literárias da cidade*. Vila Nova de Gaia: 7 Dias e 6 Noite Editores Unipessoal, Lda.

Sarapik, V. (n.d). “LANDSCAPE: THE PROBLEM of REPRESENTATION”. Consultado a 17 de junho de 2017. Disponível em http://www.eki.ee/km/place/pdf/KP2_12sarapik.pdf.

Schulmaister, C. (n.d). “La gestión sociocultural en ciudades pequeñas”. Consultado a 19 de outubro de 2017. Disponível em: <http://www.gestioncultural.org/ficheros/CSchulmaister-GestionSociocultural.pdf>.

THE ICOMOS CHARTER ON CULTURAL ROUTES. Outubro de 2008, Québec. Consultado a junho de 2017. Disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/culturalroutes_e.pdf

Tuan, Y. (1980). *Topofilia - Um Estudo Da Percepção, Atitudes E Valores Do Meio Ambiente*. Consultado a 5 de janeiro de 2018. Disponível em ACADEMIA: https://www.academia.edu/9300771/Yi-fu_Tuan.

Tuan, Y. (1983). *Espaço e Lugar – A perspectiva da experiência*. Consultado a 7 de janeiro de 2018. Disponível em ACADEMIA: https://www.academia.edu/33143648/YI_FU_TUAN_Espa%C3%A7o_e_lugar_a_perspectiva_da_experi%C3%Aancia.

Vera, A. (2009). *A evolução do Darwinismo*. Lisboa: Fim de Século Edições.

Veras, D. (2000). “Poesia madeirense”. In *III Encontro Luso-Afro-Brasileiro de Língua Portuguesa – Literaturas e Comunicação Social, São Paulo, Capital, maio 2000*. Consultado a 18 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.dalila.telesveras.nom.br/palestrasdalilatelesveras12.h>.

Webgrafia

COE. (2017). Council of Europe. Consultado a 20 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/cultural-routes/by-theme>.

DIREÇÃO REGIONAL DE ESTATÍSTICA DA MADEIRA. (2011). CENSOS 2011. Consultado a 10 de novembro de 2018. Disponível em: <https://estatistica.madeira.gov.pt/download-now-3/social-gb/popcondsoc-gb/popcondsoc-censos-gb/popcondsoc-censos-publicacoes-gb/finish/221-censos-publicacoes/559-censos-ram-2011.html>.

EICR. (n.d). European Institute of Cultural Routes. Consultado a 20 de outubro de 2017. Disponível em: <http://culture-routes.net/>.

European Institute of Cultural Routes. (n.d). *Cultural Routes of the Council of Europe*. Consultado a 5 de julho de 2017. Disponível em: <http://culture-routes.net/cultural-routes>.

<https://ifcn.madeira.gov.pt/areas-protetidas/areas-classificadas-da-ram.html>.

IELT (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição). (2011). Protocolo de leitura “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental”. Consultado a 15 de janeiro de 2018. Disponível em https://ielt.fcsh.unl.pt/paisagensliterarias/sites/paisagensliterarias/conteudo/projeto/Atlas_protocolo%20de%20leitura_2011.pdf.

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. (n.d). Natura 2000. Consultado a 10 de novembro de 2018. Disponível em: <http://www2.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/rn2000>.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. (n.d). *Statistics Portugal*. Consultado a 10 de novembro de 2018. Disponível em: https://ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE.

Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA). (2011). Normais Climatológicas - 1981-2010 (provisórias) – Funchal. Consultado a 10 de novembro de 2018. Disponível em: <http://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/1981-2010/009/>.

Madeira Guides. Cultural Tourism Routes in Madeira Island. (2017). Rotas de Turismo Cultural. Consultado a 10 de novembro de 2018. Disponível em: <http://www.madeiraguides.com>.

Madeira Islands. (n.d). CLIMA. Consultado a 10 de novembro de 2018. Disponível em: <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/a-madeira/clima>.

Município de Leiria. (n.d). Rota dos Escritores em Leiria. Consultado a 21 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.cm-leiria.pt/pages/401>.

PATRISIG Roteiros de Turismo Cultural. (n.d). 35 cultural tourism routes in Madeira. Consultado a 9 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://patrisig.com/>.

Projeto LITESCAPE. (n.d). Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental. Consultado a 9 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://ielt.fcsh.unl.pt/paisagensliterarias/>.

Provincia de Badajoz Mi destino. (n.d). Badajoz, Paisajes literários. Consultado a 9 de janeiro de 2018. Disponível em: http://turismo.badajoz.es/es/producto/paisajes_literarios.

Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais IFCN (Instituto das Florestas e Conservação da Natureza IP-RAM). (n.d). ÁREAS CLASSIFICADAS DA RAM. Consultado a 10 de novembro de 2018. Disponível em: <https://ifcn.madeira.gov.pt/areas-protegidas/areas-classificadas-da-ram.html>.

Turismo Cáceres. (n.d). Provincia de Cáceres: Paisajes literários. Consultado a 9 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://www.turismocaceres.org/es/mapas-y-guias/paisajes-literarios-por-la-provincia-de-caceres>.

Bibliografia – Catálogo

Abreu, J. (1990). *Água no mar*. Ponta Delgada: Marinho Matos - Eurosigno.

Abreu, J. (1996). *Dona Joana Rabo-de-peixe*. Funchal: Éter.

Andrade, I. (2008). *Crónica breve da cidade anónima – À hora do tordo*. Funchal: Emp. Municipal Funchal 500 anos.

Andrade, I. (1986). *Ilha que é gente*. Funchal: Direção Regional dos Assuntos Culturais.

Andrade, I. (2004). *A Penteada ou o fim do caminho*. Leiria: Diferença.

Araújo, L. (2003). *Maresias*. Funchal: O Liberal.

Azevedo, M. (1899). *Histórias das Ilhas: reminiscência dos Açores e da Madeira*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.

Baptista, J. (1976). *Deste lado onde*. Lisboa: Assírio e Alvim.

Baptista, J. (1994). *Canções da terra distante*. Lisboa: Assírio e Alvim.

Borges, Â.; Stephane, I.; Carita, R. (1987). *Antologia Literária Madeira Sécs. XVII e XVIII*. Funchal: Secretaria Regional de Educação.

Caetano, J. (2001). *Da choça ao solar (Narrativa Madeirense do Século XVIII)*. (3ª ed.). Ponta do Sol: Câmara Municipal da Ponta do Sol.

Caires, B. (1999). *A força suave do amor*. Funchal: Espaço XX1.

Caires, V. (2008). *Crónicas da beira-mar*. Funchal: Funchal 500 anos.

Caldeira, A. (2000). *Poesia e Prosa*. Funchal: Edição do autor.

Caldeira, A. (2004). *Postais – Imagens Regionais*. Funchal: Edição do autor.

Caldeira, M. (1999). *Miscelânea de Memórias*. S.l: Editorial Calcamar.

Camacho, M. (1998). *Madeira te canto*. Funchal: Edição do autor.

Camacho, M. (1998). *Morre em mim poesia*. Funchal: Edição do autor.

Correia, D. (2001). *Onze mais um poemas e lugares*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal, Departamento de Cultura.

Correia, J. (2011). *Flores de Jasmim*. Bruxelas: Orfeu.

Cristóvão, C. (1955). *As ondas e o vale*. Coimbra: Edição do autor.

Cristóvão, C. (1966). *No Vale de Machico*. S.l.: s.n.

Cristóvão, C. (1994). *Aquele Artista Inquieto e Outros Contos*. Funchal: Edição do autor.

Cristóvão, C. (1994). *Querer Viver*. Funchal: s.n.

Dias, M. (2001). *Ao Compasso da Vida (Verdade e Sonho)*. Funchal: Editorial Eco do Funchal.

Dias, M. (2001). *Eflúvios da Minha alma*. Funchal: Imprensa Regional da Madeira.

Dias, M. (2001). *Pétalas Soltas*. Funchal: Editorial Eco do Funchal.

Dias, M. (2004). *Esvoaçar de Sentimentos*. Funchal: Editorial Eco do Funchal.

Dionísio, F. (1989). *Edifiquei-te uma Ilha*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura: DRAC.

Dionísio, J. (2000). *Os construtores da memória*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal, Departamento de Cultura.

Figueiredo, F., Coelho, L., Santos, T. (org.). (2007). *Crónica Madeirense (1900 – 2006)*. Porto: Campo das Letras.

Fournier, A. (org.). (2008). *12 MESES no FUNCHAL*. Funchal: Funchal 500 Anos.

Fournier, A. (org.). (2008). *Comboio com asas*. Funchal: Funchal 500 anos.

França, J. (1972). *A Ilha e o tempo*. S.l.: O Século.

- França, J. (1979). *Mar e céu por companheiros: crónicas madeirenses*. Lisboa: Editorial O Século.
- França, J. (1993). *POEMA ILHÉU – Mar – Terra – Gente*. Funchal: JAC.
- França, J. (2005). *Uma família madeirense*. Santa Cruz: Câmara Municipal de Santa Cruz.
- França, J. (2008). *Cântico da Terra Ilhoa*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal.
- Freitas, A. (1985). *Pétalas ao Vento*. Funchal: Editorial Eco do Funchal.
- Freitas, A. (1993). *Ao veio do tempo*. Funchal: Editorial Eco do Funchal.
- Freitas, F. (1995). *Alguns poemas insulares e outros textos*. Funchal: Correio da Madeira.
- Freitas, I. (1994). *No vértice da palavra*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura.
- Gomes, A. (2017). *Pedras e Almas: antologia*. Funchal: Direção Regional da Cultura.
- Gomes, J. (1960). *Colar de Pérolas: Sonetos*. Funchal: Edição do autor.
- Gonçalves, J. (1995). *Versos*. Santana: Câmara Municipal de Santana.
- Gonçalves, J. (2005). *Arte do voo: antologia poética*. Vila Nova de Gaia: Ausência.
- Gonçalves, M. (1959). *Versos*. Funchal: s.n.
- Gouveia Filho, H. (2013). *Memórias*. São Vicente: Câmara Municipal de São Vicente.
- Gouveia, H. (1959). *Lágrimas correndo mundo*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Gouveia, H. (1966). *Canhenhos da ilha*. Funchal: Junta Geral do Funchal.

- Gouveia, H. (1972). *Alma negra e outras almas*. Funchal: 1972.
- Gouveia, H. (1982). *Luísa Marta*. Funchal: Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- Gouveia, H. (1995). *Torna-viagem*. (2ª ed.). Funchal: Editorial Correio da Madeira.
- Gouveia, H. (2007). *Ana Maria – Crónica Madeirense*. Funchal: Funchal 500 anos.
- Gouveia, H. (2008). *Canga*. Funchal: Funchal 500 anos.
- Helena, B. (2003). *Lenços Brancos*. Machico: Arguim.
- Jardim, R. (1946). *Saias de Balão (Na Ilha da Madeira)*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal.
- Júnior, J. (2018). *Poemas iguais aos dias desiguais*. Machico: Centro Cívico Cultural e Social da Ribeira Seca.
- Marino, L. (1959). *Musa Insular (poetas da Madeira)*. Funchal: Eco do Funchal.
- Marino, L. (1975). *Poemas da Ilha*. Funchal: Edição do autor.
- Martins, C. (1972). *Madeira mar de nuvens*. (2ª ed.). Funchal: s.n.
- Martins, J. (1998). *Pátio de sonhos*. Caniço: Espaço xx1.
- Melim, F. (1994). *Horizontes ilhéus*. Funchal: Magolito.
- Melim, F. (org.). (2002). *A Madeira Vista pelos poetas*. Funchal: Editorial Eco do Funchal.

Monteiro, J., Oliveira, A. (org.). (1871). *Flores da Madeira: poesias de diversos autores madeirenses*. (2ª ed.). Funchal: Typ. da Imp. Livre.

Moutinho, J. (2005). *Ocasos de iluminação variável*. Vila Nova de Gaia: Ausência.

Nascimento, C. (org.). (1949). *Lugares selectos de autores portugueses que escreveram algo sobre o arquipélago da Madeira*. Funchal: Delegação de Turismo da Madeira.

Nóbrega, C. (2018). *Mistérios do Funchal* (Coleção Ilustres Desconhecidos). Funchal: Imprensa Académica.

Nóbrega, F. (1958). *Rimas: Francisco Alvares de Nóbrega (Camões Pequeno)*. Funchal: Tip. Comércio do Funchal.

Nunes, E. (1954). *Porque me orgulho de ser madeirense*. (2º ed.). Funchal: Casa Figueira.

Nunes, M. (1999). *Crónicas de Dentro e de Dentro e de Fora da Ilha: Dez Anos de Recordações*. São Vicente: Câmara Municipal de São Vicente.

Passos, F. (n.d). *LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA*. (2º vol.). S.l: s.n.

Pestana, C. (2014). *Uma aura atlântica*. Lisboa: Chiado Editora.

Reynolds, M. (2009). *Ilha-Mãe Ilha-Pátria*. Funchal: O Liberal.

Ribeiro, M. (n.d). *MADEIRA vivências em poesia*. S.l: Editora da bisavó.

Rodrigues, A. (1916). *Sonetos (ilustrados com vinte e seis photogravuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira)*. Lisboa: Oficinas Ilustração Portuguesa.

Silva, J. (1967). *Catedral dos Meus Sonhos (SONETOS E SONETILHOS)*. Funchal: Edição do autor.

Silva, J. (1967). *Madeira, terra de encantos*. Funchal: s.n.

Silva, J. (1988). *Pulcrolândia*. Funchal: Edição do autor.

Silva, M. (1995). *Acácias rubras*. Funchal: Edição do autor.

Soares, J. (1998). *Uma Viagem ao Rabaçal*. (2ª ed.) Funchal: Editorial Calcamar.

Soares, M. (org.). (2014). *Escritos 5 – Horácio Bento de Gouveia (1960-1969)*. Funchal: Edição do autor.

Soares, M. (org.). (2016). *Escritos 6 – Horácio Bento de Gouveia (1970-1983)*. Funchal: Edição do autor.

Sousa, M. (1992). *Harpa de peregrino*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal.

Tomás, M. (1635). *Insulana*. Amberes: Ioam Mevrsio Impressor. Consultado a 17 de maio de 2018. Disponível em: <https://ia800608.us.archive.org/11/items/insulana00thom/insulana00thom.pdf>.

Valério, T. (2004). *Vidas Dispersas*. Funchal: Arguim Editora Regionalista.

Valério, T. (2006). *Momentos de Sonho*. Funchal: Consultoria de publicação gráfica.

Vasconcelos, F. (1806). *Zargueida, descobrimento da Ilha da Madeira: poema heróico*. Lisboa: Of. De Simão Thaddeo Ferreira. Consultado a 15 de maio de 2018. Disponível em: <http://purl.pt/14506/3/#/5>.

Veríssimo, N. (org.). (1990). *Narrativa literária de autores da Madeira séc. XX*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração.

Veríssimo, N. (org.). (2005). *Contos Madeirenses*. Porto: Campo das Letras.

Anexos

Anexo 1 – Catálogo de paisagens

Índice de autores

Abel Marques Caldeira	139
Alberto Figueira Gomes	144
Alfredo Vieira de Freitas	147
Ana Margarida Falcão	150
António Feliciano Rodrigues (Castilho)	152
Bela Caires	158
Berta Helena	160
Carlos Cristóvão	162
Carlos Marinho	166
Carlos Martins	169
Ciríaco de Brito Nóbrega	174
Cristiano Pestana	176
David Pinto Correia	178
Eduardo Nunes	181
Elmano Vieira	183
Fátima Pitta Dionísio	185
Fernando de Melim	187
Francisco Fernandes	189
Francisco Álvares de Nóbrega (Camões Pequeno)	191
Francisco de Paula Medina e Vasconcelos	193
Guilherme de Abreu Correia	197
Henrique Henriques de Noronha	199
Horácio Bento de Gouveia	201
Horácio Bento de Gouveia (Filho)	220
Irene Lucília Andrade	222
Irene de Mendonça e Freitas	228
J. Morna Gomes	230
Jaime Câmara	250
Jaime Gonçalves	252
João da Câmara Vasconcelos	255
João Carlos Abreu	257
João Dionísio	260
João Fortunato d'Oliveira	262
João França	265

João G. de Ornellas Cabral	272
João Gabriel Correia	275
João Luís de Góis	277
João de Nóbrega Soares	279
João dos Reis Gomes	282
João da Silva (Sílvio)	285
João Vieira Caetano	289
Jorge Freitas	292
José Agostinho Baptista	295
José António Gonçalves	309
José Martins Júnior	312
José Guilherme Martins	315
José Viale Moutinho	317
Lídio Araújo	319
Luís António de Freitas	321
Luís Marino	324
M. Benvinda de Sousa	327
Manuel Gonçalves (Feiticeiro do Norte)	332
Manuel de Sousa	337
Manuel Tomás	340
Marco Reynolds	352
Margarida Gonçalves Marques	366
Margarida Ribeiro	368
Maria da Conceição Caldeira	370
Maria Gisela Rodrigues Fernandes Dias	373
Maria Helena Nunes	385
Maria Silva (Magda-Flor)	389
Maximiliano de Azevedo	391
Miguel Lúcio Castro Camacho	393
Octávio Marialva	396
Ricardo Jardim	399
Sebastião Pestana	401
Teresa Valério	403
Victor Caires	406

Abel Marques Caldeira
(n. 25/05/1943)

“Madeira” *In Poesia e Prosa*, 2000, p. 70.

“[...]”

Madeira – É teu nome *Ilha Formosa*,
Pois de beleza tanto te dotaram,
E por natureza
És bem portuguesa
Que no seio da Pátria te deixaram.

Madeira – És meu torrão natal
E onde tenho, pois, sempre vivido.
És ilha de flores,
Em terra de amores,
Na qual habito, sim, quase esquecido...

Madeira – *Pérola do Oceano*
Tão linda terra que não tem rival.
És ilha querida
E enriquecida
Com uma das glórias de Portugal!”

“O solar dos Baetas” *In Poesia e Prosa*, 2000, p. 93.

“Ao norte da Estrada Monumental, próximo da vetusta Capelinha de Nossa Senhora da Ajuda, velho templo que os herdeiros do Conselheiro Manuel José Vieira conservam como uma valiosa relíquia dos seus antepassados, prendia-nos a atenção uma porta secular de madeira apoiada a grossas cantarias que nos oferecia curiosidade pelo seu estilo arcaico.

Ao lado, um mirante quase a expirar pelos longos anos de existência, escondia, em parte, uma figueira preta de frutos deliciosos que constituíam uma bela merenda para os visitantes.

Abrindo-se o portão, subíamos uma enfadonha rampa abraçada por nespereiras.

Ao alto uma alameda de sombreiros, árvores acolhedoras a dar-nos as boas-vindas: o raro jambreiro, as pereiras abacates, também raras nessa época.

Para leste, uma casa térrea que em outros tempos teria pertencido a morgados, bens de titulares, propriedade de senhores de brasões ou coisa parecida, que mais tarde foi parar às mãos dos Baetas.

[...] Para os lados norte, cortada pela Levada dos Piornais a herdade estendia-se ao cume do Pico da Cruz, onde uma importante colónia de tabaibeiras estabelecia a sua região. [...]"

“Trabalho de Hércules” *In Mar e céu por companheiros: crónicas madeirenses.* Organização de João França, 1979, pp. 37-39.

“Na ilha da Madeira a água é o milagre de uma abundância pródiga. Contudo, não se vá julgar uma tal fartura no caminho certo da facilidade utilitária, isso principalmente até fins do século passado. Bem pelo contrário. O Madeirense, sobretudo o rural, não só teve de a buscar, vencendo montes e vales, para encaminhá-la no trilho exacto, mas também suaria para amansar-lhe a bravura da torrente desordenada, por vezes rebelde e perigosa. Na sua maioria, as nascentes estariam no alto das serras, de onde e quase sem proveito partiam para o mar, feitas ribeiras de riqueza inútil. Daí, a necessidade de se criarem levadas dominadoras dos caudais.

Tanta seria então a fartura das fontes espalhadas pelas serranias, que dez lugares tomariam o nome de Serras de Água [...] (p. 37)

Quanto de mais perto conhecem os embaraços orográficos da Madeira, decerto poderão fazer uma ideia das dificuldades materiais do rasgamento de uma levada naquele chão tão ingrato quão generoso. Íngreme, ondeante, abismal, ora riço basalto ora pedra mole ou lava endurecida, a nervura do solo jamais se deixou dominar sem o suor humano [...]. (p. 38)

[...] Parece não haver dúvidas quanto à fama da primeira das levadas da Madeira, senão também a de maior riqueza de caudais: a do Rabaçal, no interior da Ilha. Aliás, são duas as levadas do Rabaçal, uma, velha; outra, nova, isso talvez por imposição das nascentes, de farto caudal, à média de 80 litros por segundo.

Belo é sempre o lugar, com as Vinte e Cinco Fontes a constituírem deslumbramento para os olhos de quantos até lá chegaram. Fragorosas, as águas caem do alto das fontes do Risco e da ribeira dos Cedros para entrar depois, já domadas, na senda fertilizante das terras dos Prazeres, Paul do Mar, Fajã da Ovelha, Ponta do Pargo, Arco, Estreito e Calheta.

No cenário das Vinte e Cinco Fontes, com a água a despenhar-se de uma crista de cem metros, o espectáculo divide-se em bucólico e dantesco e parece mensurar a nossa pequenez em face da Natureza sempre bela e impressionante na ilha da Madeira. [...]” (p. 39)

“Paisagem – o vale” *In Postais – Imagens Regionais*, 2004, p. 274.

“As montanhas que o encerram, cobertas de neve! Erguem-se no alto nos humildes píncaros, escarpas talhadas pela erosão, ao de leve...

Vale, atapetado de ramos verdejantes, aureolados pelo azul das hortênsias; salpicado de rochas cortejantes que se erguem curiosas; águas cristalinas que caem despreocupadas vindas do alto; e na ribeira transparecem, e seguem rumo, nas funduras do abismo: impressionante! [...]

Veredas, aprazíveis, serpenteiam nas serranias. As árvores de pé, desalinhas na terra, erguem uma prece aos Céus. É a nostalgia do caminhante que paira no seu coração...”

22 de dezembro de 1975

“Faial” *In Postais – Imagens Regionais*, 2004, p. 336.

“Ao longo da estrada que nos leva às serras do Poiso, ladeadas de sebes que em breve irão florir, deparamo-nos com uma paisagem panorâmica que apresenta hoje um semblante, não direi assim tão triste mas um tanto monótono porque o Astro Rei se encontra oculto, sobre um toldo de neblina, que não o permite embrenhar pela manhã, como noutros dias acontece. Neblina fria que percorre e varre os precipícios e desfiladeiros. As árvores – melhor o arvoredo – vistas de qualquer ângulo estendem-se pelos valados e ondeiam as copas de sol que costumam iluminar os bosques e recantos mais inóspitos, não nos escapam os pormenores da paisagem, como as cores que variam de espaço para espaço: o relevo, os pormenores de luz; em suma, a configuração de uma tela perdida no contexto da paisagem; magnificência dum cenário que transparece a luxuriante beleza natural.

Vamos no trajecto que nos leva à Capital do Norte, a recente cidade de Santana. As montanhas e vales persistem em nos contagiar ao longo do percurso com o belo que invade

o espírito e nos contagia... cujo destino é chegarmos à freguesia do Faial, localidade de encanto verdejante, [...]"

16 de fevereiro do 2001

Alberto Figueira Gomes
(n. 10/12/1912 – m. 24/06/1986)

“BALADA DAS LEVADAS (Nas Queimadas, em Santana – Verão de 1946)” *In Musa Insular (poetas da Madeira), 1959, pp. 572/573.*

“Águas mansas das levadas
não sois como as das ribeiras,
que em vindo o inverno inundam
casas vinhedos e leiras.

Na santa paz da montanha,
só se sente o seu cantar,
sempre igual e sempre novo,
num eterno caminhar.

[...]
À vossa beira se espelham
hortênsias, musgos e flores:
velhos loureiros murmuram
loucas histórias de amores. (p. 572)

As urzes esvaneceram
e os carvalhos já dobraram
ao peso de fartos líquenes
... e as águas nunca pararam.

Levadas da minha aldeia
galgando de monte em monte,
enchei de seiva esses vales,
cantai nas pedras da fonte.
[...]" (p. 573)

“Velhos aspectos da Cidade” *In Pedras e Almas: antologia, 2017, p. 254.*

“Atravessemos a cidade, no começo do século XX. [...]

Subamos a Avenida Zarco, sob a sombra de frondosos plátanos. [...]

A Avenida Arriaga – chamava-se então, Paseo Público – é circundada por um muro na parte sul e um mainel no lado norte. Apoiados às figueiras da Índia e magnólias que decoram aquele logradouro público, há bancos de madeira [...]

Alfredo Vieira de Freitas
(n. 16/03/1908 – m. 16/12/1992)

“Minha Terra” *In Pétalas ao Vento*, 1985, p. 61.

“Minha terra é a Madeira,
De beleza verdadeira,
Formoso jardim de fadas,
Esta rica “Flor do Mar”
Tem ribeiras a cantar
E é de todos invejadas.

[...]

Pelas encostas dos montes
Gorgolejam frescas fontes,
Que vão regar açucenas,
E os seus frondosos pinhais
São góticas catedrais,
Nas belas tardes amenas.”

“Minha Terra é a Madeira” *In Pétalas ao Vento*, 1985, p. 20.

“Minha terra é a Madeira,
Embalada ao som do mar,
Tem prados cheios de relva
E ribeiras a cantar.

Ela toda é um jardim
De cravos e lindas rosas,
Onde volitam ao sol
Doidejam mariposas.

Nas relvas, onde descanso,
Há silvas e amoras pretas,
Lírios brancos e papoilas

E modestas violetas.

[...]

Tem bosques, altas montanhas,

Tem frondosos pinheirais

Que dos ledos passarinhos

São as belas catedrais.”

“As nossas buganvílias” *In Ao veio do tempo*, 1993, p. 54.

“Como estão a ficar lindas as buganvílias das margens das nossas ribeiras, mas mormente da Ribebira [*sic*] de Santa Luzia!...

Ali, há anos, a minha modesta pena, servindo da enxada, ajudou a plantar algumas que hoje já são arbustos crescidos, que se debruçam graciosamente sobre a corrente das águas murmurantes.

E desde então fiquei a gostar ainda mais das buganvílias das nossas ribeiras! [...].”

“Os nossos jacarandás” *In Ao veio do tempo*, 1993, p. 199.

“Os nossos jacarandás, assim como as nossas buganvílias, são motivo de enlevo para os olhos que gostam de contemplar coisas belas.

Eles por aí se apresentam agora em plena floração.

As nossas avenidas, os jardins públicos, algumas quintas, nesta época da Primavera, ostentam formosos jacarandás floridos e despídos de folhas.

[...] Agora, vistos de longe e do alto, parecem largas manchas de anil ou pedaços de azul que tivessem caído lá do Céu.

Vistos de perto, não se chega a perceber bem se a cor das suas flores é roxa ou azulada. Parece roxa, quando o Céu está coberto de nuvens. Parece azul, quando a luz do Sol é brilhante... [...].”

Ana Margarida Falcão
(n. 02/01/1949 – m. 10/11/2016)

“A cidade com ruas que davam para o mar” *In Contos Madeirenses*. Organização de Nelson Veríssimo, 2005.

“De pé, encostado ao gradeamento do Café do Teatro, «O Cosmopolita» contava que nascera numa cidade que não era bem uma cidade, era uma ilha tecida por ribeiras e ruas que davam para o mar. (p. 247)

[...] – O centro da cidade era O Jardim. Olhe, um pouco como este Jardim Municipal, que vemos ali em frente. Mas maior. Muito maior. Embora com plantas menos exóticas, ou que me eram mais familiares, creio. Era dele que lembro partirem a maioria das ruas da cidade, como se O Jardim fosse uma nascente no centro de uma ilha. Fosse por qual fosse a rua pela qual a nossa escolha enveredasse, sabíamos que iríamos ter ao mar. [...]” (p. 250)

António Feliciano Rodrigues (Castilho)
(n. 1869 – m. 1925)

“A ilha da Madeira” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis fotografuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira, 1916, p. 23.*

“«Esta é a ditosa patria minha amada»,
Açafate de flores sobre os mares
Lançando seus aromas pelos ares
Como por mão de misteriosa fada.

Nem joias de Golconda ou de Granada
Valem suas belezas singulares.
E quão bons os costumes populares
Da Madeira – princeza decantada! –

Nas serras verdejantes, nas colinas,
Por entre os lyrios e as boninas
Casas de colmo s’erguem té além...

E por ‘li perto alegres raparigas
Cantam, ceifando milharaes e espigas:
- Amo esta terra como a minha Mãe!”

“Na Choupana (Lavadeiras)” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis fotografuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira, 1916, p. 49.*

“Que linda é a Choupana! mas que linda!
Protegida por velhos arvoredos;
- A brisa passa a murmurar segredos,
A abelha beija a flôr da tamarinda.

Eu bem me lembro, bem me lembro ainda:
Aqui sonhei na infancia uns sonhos ledos,
Assentado na relva ou nos rochedos

Na grande paz d'uma doçura infinda...

Chegam do alto apressadas as ribeiras,
Trazendo agua ás alegres lavadeiras,
[...]"

“No Rabaçal (De manhã)” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis photogravuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira, 1916, p. 55.*

“Devia ter sido aqui o Paraizo!
Toda a terra coberta de verdes,
As fontes de cristal cantando amores,
Os montes esmaltados de granizo.

O Sol, dos ceus com paternal sorriso,
Afaga as arvores e beija as flores;
E das florestas os joviaes tenores
Sáem do ninho em vôo inda indeciso.

A natureza aqui ergueu seu trono,
Tem lirios e violetas ‘té no outono...
- Quem me déra viver n’esta soidão!
[...]"

“Machico” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis photogravuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira, 1916, p. 59.*

“Eis-me em Machico, villa antiga e nobre,
Solar brilhante de Tristão das Damas,
Aonde outr’ora arderam como chamas
Fataes paixões que a Historia mal descobre.

Nem só Guiomar e Zara, a moura, a pobre,
Dos arvoredos sob tão verdes ramas,
Choraram prantos de amorosos dramas,
Epilogados em funereo dobre!

Páro na praia que o luar afaga
Doirando a areia, prateando a vaga,
E lembro as vélas co’o sinal da Fé.
[...]

“Fiandeiras (Arco de S. Jorge)” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis photogravuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira, 1916, p. 69.*

“Outr’ora, em rocas d’oiro hábeis princesas,
Nos castelos, quaes moiras encantadas,
Fiavam com mãos d’anneis, mão delicadas,
Por passa-tempo ou para matar tristezas.

Hoje, em rocas de cana as camponesas
Da minha Terra, alegres e rosadas,
Fiam seu linho, dobam suas meadas,
A cantar pelas rusticas devezas.

Emquanto o fuso gira entre os seus dedos,
E a brisa passa a murmurar segredos
A’s papoulas que crescem nos trigães,

Andam-lhe em volta ingénuos passarinhos
Cubiçando as estrigas para os ninhos
Em construção no meio dos rosaes.”

“Patria!” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis fotografuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira, 1916, p. 73.*

“O’ minha patria! O’ ilha dos amôres,
Pelas ondas azues sempre beijada!
Ilha formosa, assim engrinaldada
Das mais alegres e mais raras flôres.

Do seu trono de luz – todo espiendores –
O sol vem abraçar-te, linda fada,
Como se abraça a noiva muito amada;
- E qual te excede em naturaes primores?!
[...]

“Paisagem rustica (Sant’Anna)” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis fotografuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira, 1916, p. 67.*

“O’ campos da Madeira sempre bellos,
Onde reina o socego e a alegria!
Nas arvores gorgeia a cotovia
E cada choça val’ por mil castelos.

A’s portas malmequeres e novelos;
[...]

Velho campónio, mal nasce a aurora,
Guiando um carro por atalhos fóra,
Leva p’r’a eira o milho que segou.
[...]

“Santa Cruz (Origem do seu nome)” *In Sonetos (ilustrados com vinte e seis fotografuras de costumes e paisagens da Ilha da Madeira, 1916, p. 57.*

Costeando a ilha orlada de arvoredos,
Aonde as vagas de esverdeadas côres
Iam bater com lúgubres rumores
A saltar por cima do rochedo,

Seguiam de Machico quedo e quedo
Audazes, os leões descobridores.
- Vendo-os do bosque os tímidos cantores
Calavam nos ramos seu canto lido.

Eis que avistam um val' deserto, extenso.
- Os cedros por aquele campo imenso
Levantavam os braços para a Luz –

E ali o capitão com fé estranha
Mandou erguer, na próxima montanha,
De toscos cedros uma tosca Cruz.”

Bela Caires
(n. 1966)

A força suave do amor, 1999.

“[...] A enseada, lá em baixo, ampla e pitoresca, o porto magnífico e a temperatura amena que varria toda a ilha [...]

[...] A paisagem é soberba! Encaixada num vale verdejante de solo montanhoso e acidentado rodeado de altas montanhas, a vila de Machico torna-se, não só um local bonito de se visitar e passear pelas ruas e ao longo da baía, mas também um excelente prazer para os olhos. As montanhas, algumas soberbas e escarpadas, outras, de luxuriante vegetação [...]

As acácias adornavam o passeio-miradouro, perfumavam-no e convidavam-me a sentar cândida e serenamente [...] (p. 259)

Sentámo-nos na esplanada do Lido, apreciando o mar muito azul e bonançoso, soluçando junto às rochas negras abaixo da piscina. A manhã ia a meio, o sol mantinha-se quente e afável, o céu, de um azul impossível de descrever, suaviza os penhascos, aureolava os declives agrestes dos rochedos para os lados de Câmara de Lobos, amansava, com a tonalidade mais bela com que Deus pintou o universo, os picos altaneiros da nossa querida ilha. (p. 358)

[...] Devido à posição da Quinta²⁰¹, sobre o alto de um monte, avistava-se toda a paisagem marítima deste a Ponta de S. Lourenço até os rochedos negros da Penha d'Águia, bem como toda a vila e o vale de declives acidentados e montanhosos, fazendo vislumbrar os picos altivos e agrestes da Queimada [...]” (p. 407)

²⁰¹ Quinta das Macieiras

Berta Helena
(n. 1955)

Lenços Brancos, 2003, p. 47.

“[...] Passámos o dia entre o Largo da Fonte e as Babosas, nos ares frescos da verdura frondosa, passeámos a pé nos caminhos já um pouco atapetados pelas folhas que a estação começava a roubar às árvores. [...]”

Carlos Cristóvão
(n. 24/02/1924 – m. 23/03/1998)

As ondas e o vale, 1955, p. 11.

“Machico é um vale bordado a cambiantes verdes. Além do verde-montanha e do verde-negro que lhe serve de pano de fundo, é o verde dos plátanos que rodeiam em alamedas umbrosas as casas da Vila, é o verde campestre dos poios que sobem em escadaria monumental, alcandorada e alterosa pelos picos, ora agrestes e alcantilados no seu cume, ora luxuriantes a ciclar mistérios de vida vegetativa, é o verde dos pinheiros que coroam as serras, grimpendo com o céu em arremetidas temedoiras e é o verde-azul do mar, que vem beijar docemente ou investe em restringente paixão a praia, constelada de frágeis barquinhos de pescadores denodados. [...]”

“A codorniz” *In Aquele Artista Inquieto e Outros Contos*, 1994, p. 44.

“Existe uma localidade, na nossa Ilha da Madeira, à qual, quase todos os membros da nossa família, dedicavam uma predilecção muito especial.

É o Santo António da Serra, que todos abreviam para Santo da Serra, mas, que, para nós, era apenas – o Santo. Se falávamos em ir ao Santo, logo todos os outros sabiam, que não era o Santo Amaro, o São Vicente, o São Cristóvão ou o São Roque. Era o Santo António da Serra, o... Santo. O Santo situa-se em uma planura, no alto de serras montanhosas e é uma autêntica sinfonia de arvoredos, onde cada espécie é uma pincelada de verde diferente. Lá no alto, apetece-nos aspirar o ar com sofreguidão e nesse voluptuoso aspirar é indelével o perfume. É um odor diferente de todos os outros perfumes, que respiramos em todo o resto da Ilha. A razão desse, pode dizer-se, milagre, pois a Natureza toda ela é um milagre, deve advir do conjunto de toda aquela variedade vegetativa.

[...] O Santo ainda conserva umas simpáticas vivendas, aqui e além, mas, que, em nada se parecem com as tais feitas em série para os novos-ricos, assim como muitos outros motivos de atracção. A Quinta da Junta, hoje, propriedade do Governo Regional, mas, patente ao público, é também uma vasta e bem tratada propriedade, onde apetece deambular, rica de arvoredos e onde, no seu balcão-miradouro, podemos apreciar o pulcro vale de Machico e, em dias pouco nublados, distinguimos, ao longe, a vizinha Ilha do Porto Santo. [...]”

Querer Viver, 1994.

“[...] Estão a chegar ao Ribeiro Frio. [...]

É assim que nos surgem os socalcos aguarelados dos muitos verdes das hortaliças, das videiras, das bananeiras e dos trigais.

Ali, porém, no Ribeiro Frio, através do carreiro por onde seguem os excursionistas, apenas vemos arvoredos. Seguem sob uma alameda de carvalhos, castanheiros e de uma grande variedade de cedros. [...] (p. 19)

[...] Ele queria ir directamente para o Pico, mas a dona do carro acha que ainda é cedo e resolve derivar antes para as Queimadas. Aqui, também existem casas de abrigo e muito contrariamente à sua denominação, nada está queimado. Muito pelo contrário, abundam os arvoredos e as hortenses, de várias tonalidades de azul, acompanham os passeantes para leste e para oeste, em extensas alamedas [...] (p. 25)

[...] Começa a surgir uma ténue claridade, que lhes deixa vislumbrar, lá em baixo, um caprichoso mar de nuvens. Depois, em determinado ponto, surge uma luz dourada que, aos poucos, vai escurecendo e mudando de cambiantes, dentro do amarelo, até atingir o vermelho. As nuvens vão roubando todas estas tonalidades de amarelo e de vermelho. Refletem-nas. Está tudo mais claro. O céu começa a estar azul e as nuvens também, subitamente, a enorme bola de fogo do sol começa a espreitar por detrás do mar de nuvens. As nuvens e o firmamento ficam escarlates, azuis, roxas. [...] (p. 26)

[...] A seus pés, está o lago, onde apetece repousar o olhar e onde desliza uma meia dúzia de cisnes negros, elegantes, serenos e altivos. As margens floridas do lago são outro ponto para onde apetece olhar... O arvoredo, não muito denso, dá-nos sombra, mas também deixa o sol vir até nós, nos intervalos em que a brisa o meneia. Se espraíarmos a vista, o mar também é nosso, até à linha do horizonte e, àquela hora, as Ilhas Desertas avistam-se em uma tonalidade de azul esfumado. Mais abaixo, fica a Capela de Santa Catarina [...]” (p. 42)

No Vale de Machico, 1966.

“[...] É porque o anoitecer em Machico é uma espécie de balada em que, no começo as notas são suaves, claras e quase alegres, através do azul da baía, constelada de coloridas

embarcações, do verde dos campos e das montanhas ao fundo, do cinzento-basalto dos montes laterais, do vermelho dos telhados e do branco das paredes do casario [...] (p. 2)

[...] De um lado, predomina o azul, em uma tonalidade escura, na baía de Machico, e em uma tonalidade mais aproximada da cor do firmamento na ampla e caprichosa baía formada pelo tentáculo da Ponta de São Lourenço, extremo leste da Ilha.

Do outro lado, predomina o verde, mas o verde em incontáveis tonalidades, através dessa espécie de concha que é o púlcro vale de Machico, tonalidades (p. 71) essas que passam pelos plátanos, pela verdura dos campos cultivados e pela vegetação selvagem das serras. [...] (p. 72)

[...] E agora, através do vale de Machico, a caminho da entrada do túnel, tudo lhes serve de motivo para se alegrarem. Chegadinhos, na mesma bancada, vão chamando a atenção um do outro para as serras ao fundo cobertas de pinheirais, depois de uma volta da estrada, para o casario da vila já lá em baixo a alvejar entre hortas e jardins floridos [...]” (p. 81)

Carlos Marinho
(n. 1896 – m. 1939)

“Fogo” In *LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA*. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d.

“No abraço das espumas que rodeiam,
Amorosas, a Terra Enfeitiçada,
Adivinho a aflição desordenada
Do velho mar ao ver que se incendeiam

As curvas delicadas da mais bela
Ilha dos haréns mágicos do Oceano.
E nos minutos últimos do ano
Coisa alguma na Terra se nivela

Com a beleza forte da Madeira!
Chuveiros de oiro caem sobre a esteira
Das canoas correndo na baía.

Meia-noite. Paisagem delirante!
Embarcações apitam em constante,
Expressiva e rouquenha melodia.”

“A Ilha de Zargo – Opala no seio da esmeralda do mar” In *LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA*. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d.

“Branças espumas servem de moldura
à terra portentosa de beleza
que repouso no mar, em singeleza
recatada de velha iluminura,

[...]

no seio da esmeralda liquefeita
do oceano – que num meigo movimento

abraça a sua jóia mais perfeita...”

Carlos Martins
(n. 1909 – m. 1985)

Madeira mar de nuvens, 1972.

“[...] Subiram o Caminho Velho da Ajuda e entraram na estrada que segue para S. Martinho, passando por vivendas onde em pequenos jardins, em frente das casas, variegadas flores esmaltavam minúsculos canteiros. E, adornando muros, em grandes extensões, pendiam opulentas trepadeiras na sua máxima floração. (p. 26)

Gradualmente, conforme iam subindo, mais ampla se ia tornando a vista sobre o Funchal e a sua baía e alargando o horizonte. E, ao longe, muito longe, emergindo das profundezas do oceano, erguiam-se como monstros adamastores, as Ilhas Desertas.

[...] E, decorrido mais um quarto de hora, subiam, por entre pinheiros, a suave encosta em direcção ao Pico do Funcho.

Como vista sobre o Funchal, pouco ou nada dali se desfruta, mas, para o oeste, é lindíssima: Câmara de Lobos fica relativamente perto, seguindo-se depois o Estreito, o Cabo Girão, e, ao norte, lá no alto, a Boca dos Namorados, perto da cratera do Curral das Freiras.

Os cavaleiros chegaram a uma espécie de clareira cercada por pinheiros, onde, para o sul, principiava um pequeno declive coberta por capim.

O local convidava ao repouso. Depois daquela ascensão aos visos da montanha, apetecia um pouco de descanso, descanso para o corpo e para o espírito. É nas grandes alturas, tendo aos pés um panorama vasto, que o pensamento mais alto se ergue, arquitectando sonhos. (p. 27)

O Largo da Fonte, assim denominado por ocupar um plano extenso mais ou menos circular e por nele existir uma fonte de água puríssima, a que o povo atribui foros de panaceia, por intercessão de N.^a S.^a do Monte, constitui como que o coração da freguesia. É nos bancos que o guarnessem em volta de um coreto raramente utilizado, que se reúnem, em *rendez-vous* amistoso, os veraneantes e os principais da freguesia. Justa é a preferência que lhe dão, pois o Largo da Fonte é realmente um logradouro, ideal, limitado ao norte por uma encosta formosamente ajardinada, que mais parece, no seu conjunto florido a coroa-de-Henrique, um presépio ou altar; e, ao sul, por um declive verdejante, que se estende a perder de vista... [...]

A admiração de Ramona, já despertada pelo quadro risonho do Largo da Fonte, cresceu perante a magnificência das matas do Monte Palace, que ela teve de atravessar. (p. 40)

Passada a ponte, puderam ainda trotar num chão ali (p. 44) existente e entraram na subida da encosta do outro lado da ribeira. O caminho, sempre a desenrolar-se em curtas voltas, era ladeado por pinheiros e acácias exuberantemente floridas formando copado por cima dos cavaleiros.

Já quase no cimo, numa das voltas, antes de chegarem, ao Vale dos Romeiros, outra grande surpresa foi proporcionada a Ramona: como se uma cortina inesperadamente tivesse sido levantada, apresentou-se-lhes o panorama geral da Cidade do Funchal.

[...] A passo, transpuseram os casais do Curral dos Romeiros, desceram o caminho e chegaram a uma casa em ruínas, à beira de um ribeiro, sob gigantescos, densos carvalheiros.

[...] O caminho voltava novamente a ser subido, e, como anteriormente, sempre sob vegetação e árvores de frondosa copagem. Entraram na última ladeira antes do chão da Choupana, acentuando-se esta cada vez mais íngreme e com voltas muito curtas. Abundavam acácias em flor e, dos barrancos, despendiam-se gigantescas urzes. Ao chegarem, finalmente, ao caminho plano, meteram os cavalos a (p. 45) trote e alcançaram uma clareirazita, onde existia uma venda. Do lado direito, por entre o arvoredado, descortinava-se parcial panorama do Funchal. (p. 46)

À direita, vinda do alto, corria volumosa lamuriante levada com destino ao Funchal, onde caíria em depósitos e tanques para serviços de irrigação. Passaram diversas quintas com hortas e jardins muito bem cuidados, cujos proprietários, porém, apenas as utilizavam para fins de semana ou para nelas passarem o verão. O caminho, não obstante, mais largo, não rareava dos lados o arvoredado.

[...] O caminho ficava novamente à esquerda, dando entrada numa mata de gigantescos eucaliptos. A arborização tornou-se tão densa, que a sua sombra causava desusado escuro a quem andasse entremeio dela. (p. 47)

[...] Subiram mais um pequeno declive aos zigue-zagues e entraram no caminho plano ao lado da Levada da Serra. [...]

Achavam-se num pequeno largo matizado por coroas-de-Henrique e novelos tudo em flor. Um carreiro de gigantescos eucaliptos e carvalhos, num e outro lado do caminho, tornavam o lugar subtilmente sombrio. No barranco e nas beiras da levada, cresciam violetas, margaridas e amores-perfeitos bravios balsamando devaneantemente a atmosfera em redor.

Prosseguiram a passo, pelo solo todo relvado por ervinha curta. A estender-se como passadeira sem fim... (p. 48)

O caminho estendia-se sempre matizado pelas flores (p. 49) dos novelos, das coroas-de-Henrique, das violetas, dos amores-perfeitos, das margaridas, e, a levada, à esquerda, a serpentear o ventre das montanhas sob o exuberante arvoredado de carvalhos e macieiras em flor. [...]

À direita, através do arvoredado, principiaram a avistar o casario da Camacha. Chegando, dentro em pouco, ao caminho que, vindo do Poiso, atravessava a Levada da Serra, voltaram à direita. (p. 50)

[...] Ramona não se fez esperar. Voltou o seu cavalo e decorridos minutos entravam de novo na Achada da Serra.

À medida que subiam, mais rara ia tornando-se a vegetação. [...]

Continuaram sempre subindo e os cavalos, não obstante as íngremes ladeiras, não denotavam sinal de cansaço. Entraram num caminho estreito, onde, em frente, deparou-se-lhes uma cancela de ferro que encerrava o bardo da serra, dando passagem às pessoas e evitando que o gado que ali pastava invadisse terrenos cultivados.

Fernando apeou-se, abriu a cancela para Ramona passar, voltou a montar e continuaram seu caminho em direcção à Achada do Gil. O cenário ali era contrastantemente diferente daquele por onde naquele dia haviam passado. Não se viam árvores, o terreno era montanhoso e todos aqueles montes e vales se achavam revestidos de ouro com a giesta em flor. [...] (p.55)

[...] Numa das voltas, ao luar, distinguia-se as silhuetas magestosas do Pico Ruivo e do Arieiro. Ouvia-se o marulhar lamuriante de uma queda de água ao cair num ribeiro a caminho do Ribeiro Frio, distinguindo-se também o sombreado azulado e alaranjado das uveiras que cobriam as encostas.

[...] até que por fim chegaram à cancela no bardo da serra, que dava entrada para a povoação do Santo da Serra, passando pelo Orfanato. Aquela extensão de caminho era também linda e, o luar, penetrando por entremeio do arvoredado, enchia-a de uma beleza igualmente de sonho. [...] (p. 60)

Ao longe, no alto, no Chão das Feiteiras, avistavam-se, rente ao solo, nuvens cor de fogo a revolverem-se em sucessivos cambiantes pelas encostas e pelos vales revestidos de ouro com a giesta em flor, proporcionando aos cavaleiros sentirem-se integrados num quadro de máxima beleza e fantasia. Os troncos e os galhos das árvores achavam-se cobertos de

musgo, e, o caminho, como anteriormente, esmaltado por coroas-de-Henrique, violetas, amores-perfeitos e margaridas. (p. 78)

O percurso, teria que ser, por não haver outro, também pela Levada da Serra.

O caminho, a princípio, apresentava-se bom, relativamente largo, mas, pouco a pouco, foi estreitando, até nele só poder passar uma pessoa. Quanto mais se internavam no interior da Ilha, mais compacta se ia tornando a arborização e mais abismosos os precipícios. Embora Fernando já ali tivesse estado inúmeras vezes, juntou a sua admiração à de Ramona ao ver os grossíssimos troncos de urzes ali existentes. Deviam ter centenas de anos, não obstante o fogo que à Ilha fora lançado quando da sua descoberta. Passaram lugares tão estreitos, que se tornava necessário andarem dentro da levada. Noutros, tinham que agarrar-se a ferros ali mandados chumbar pela Junta Geral do Distrito, a fim de pessoas que se aventurassem passar por aqueles sítios, não se precipitassem naqueles abismos com centenas e centenas de metros de profundidade.

O silêncio, impressionante, era apenas perturbado pelo marulhar, ao longe, de uma queda de água a mergulhar nas profundezas da ribeira. A passagem tornando-se sucessivamente mais perigosa, forçava-os a andar de lado com o peito a roçar o rochedo. Voltas, mais voltas, sempre voltas e apocalípticos precipícios num canto do mundo onde só existia arvoredo gigantesco e selvagem. Entraram num túnel. A água filtrava-se na rocha como (p. 80) chuva torrencial, mas, ao alcançarem o outro lado, oh! Deslumbrante encanto: acharam-se num anfiteatro onde quedas de água, em toda a volta, na sua passagem pareciam derrubar e levar consigo para o abismo a vegetação bravia e desordenada que, agarrada à montanha, estremecia e vergava sob o peso da torrente. [...] (p. 81)

[...] Em todo o redor da Ilha da Madeira principiou a formar-se diáfano nevoeiro que, tornando-se gradualmente mais denso, veio alastrando-se, lentamente, para o interior da Ilha enchendo os vales, até só as encostas e as montanhas mais altas se elevarem acima daquela avalanche formando rios e pequenos lagos. Era um maravilhoso mar de nuvens que, acabando por abafar toda a área da Ilha, deixou apenas descobertos os cabeços dos picos e das montanhas mais alterosas, formando de espaço a espaço pequenas ilhas cobertas de viçosa, exuberante vegetação.” (p. 100)

Ciriaco de Brito Nóbrega
(n. 1856 – m. 1928)

Mistérios do Funchal, 2018, p. 53.

“[...] Num dos pontos mais salientes da cidade do Funchal, uma grande casa pintada de amarelo com as suas pequenas e estreitas janelas gradeadas, descortinam largos horizontes e goza da perspectiva dos mais encantadores pontos.

Dali, a cidade apresenta um conjunto pitoresco de casas, entremeadas de formosos arvoredos, e parece que as ondas do oceano vêm quebrar-se-lhes tão próximo, que as envolve com as suas acres e salgadas emanções!

Mas é uma pura ilusão.

As ondas do mar não fazem mais do que encharcar os ásperos calhaus, que dificultam o piso, gastando-nos as solas dos sapatos e mais do que isso: torturando-nos os calos. [...]”

Cristiano Pestana
(n. 1976)

Uma aura atlântica, 2014, pp. 99/100.

“Ao dobrarem o cabo, que logo aí baptizaram de São Lourenço, depararam-se com uma terra aparentemente imensa, farta de montes e serranias, projectando-se em direcção ao céu, desaparecendo os seus cumes por entre uma intensa neblina que escondia as montanhas mais altas.

De tal modo deliciados com a profusão de vegetação em todas as variações, era em silêncio que os marinheiros contemplavam o que se lhes oferecia à vista; as violentas escarpas e as fajãs que originavam, conquistando terreno ao mar; enseadas e baías imensas, abeiradas de calhau vulcânico e rochas – que assustavam e obrigavam a navegar com redobradas atenções – a tal ponto que, percorridas apenas duas léguas marítimas, tinham a sensação de estar a percorrer extenso país ou território, com a ilusão de profundidade criada pelos acidentados vales e falésias, que aumentavam consideravelmente a área da ilha.

Percorreram lentamente a costa sul, registando o que viriam a ser as baías de Machico e Santa Cruz, até atingir um cabo em que, pelas aves que lá encontraram o baptizaram de Garajau. O que viram em seguida deixou-os siderados: uma extensa baía, com três grandes cursos de água que, tratando-se do mês de Junho, corriam com suficiente caudal para se assemelhar a rios em direcção ao mar; um tufo extenso de vegetação arbustiva cobria o suave vale desde o mar até às montanhas; urzes, azevinho e uma extensão de arbustos de funcho – que emprestariam **(p. 99)** o seu nome à que viria a ser a capital da ilha – davam lugar a uma infinidade de espécies que antecipavam boa madeira, cedros, loureiros, e outras plantas – grandes árvores que tomaram por carvalhos – mas que se viriam a revelar parte de um ecossistema que abrangia as várias ilhas atlânticas, com espécies nativas e únicas, tão robustas como pré-históricas.

A floresta Laurissilva oferecia-lhes assim, a madeira desses “carvalhos” que mais tarde se saberia tratarem-se de barbuçanos, vinháticos, tis e paus-brancos – abrindo as portas da globalização ao Reino português [...]” **(p. 100)**

David Pinto Correia
(n. 1939 – m. 2018)

“Lugar todo: A ilha” *In Onze mais um poemas e lugares, 2001, p. 1.*

“Eu sei que a ilha é um passo
súbito
entre a dor e a festa: basalto
rouco entre húmidas urzes
pelos calhaus silenciados e pelos vales
de um soluço imenso e mágico
sem fim.

Eu sei que a ilha tem linhas súbitas
de horizonte próximo
e ao longe por entre abismos
azulejam místicas memórias
e labores poéticos
de dias a fio sem certezas
e sem mágoas: os ecos
e os penhascos desertos
de mim.”

“Lugar berço: São Gonçalo” *In Onze mais um poemas e lugares, 2001, p. 2.*

“[...]”
O cenário frente ao mar entre o ribeiro
seco e a montanha
delineava-se
nas ponderadas tabaibeiras
e no protector metrosídero.
As escadas íngremes inclinavam-se para o mar
de sempre
vastidão recomeçada
[...].”

“Lugar mar: Avenida” *In Onze mais um poemas e lugares, 2001, p. 9.*

“Junto do mar pelas avenidas
súbito
só brincam namorados azuis
nas buganvílias ressequidas
e nas ânsias encadeadas do basalto.
Os braços percorrem os balaústres
sobre os calhaus
e os beijos ressoam estalidos cinzentos
em furnas desoladas.
[...]

Eduardo Nunes
(n. 14/11/1910 – m. 04/04/1957)

Porque me orgulho de ser madeirense, 1951, p. 45.

“[...] Caminhemos, agora, pela ilha dentro, e vamos profanar o mutismo da paisagem, o silêncio das árvores e das plantas, a garridice das florinhas silvestres que engrinaldam os muros das estradas, e daquelas outras, mais solenes, mais clássicas, que crescem nas bermas e nos saúdam com um bamboleio cerimonioso, à passagem do carro. [...]”

Elmano Vieira
(n. 02/10/1892 – m. 01/08/1962)

“A última luz da candeia de três bicos” *In Narrativa literária de autores da Madeira séc. XX. Organização de Nelson Veríssimo, 1990, pp. 81/82.*

“[...] lá foi seguindo a vereda torcicolada que conduz à beira da Rocha – esporão de tufa carcomida que prolonga, na direcção do mar, a área verde do planalto. Dali, o horizonte era uma aleluia. O céu vestia-se duma enorme mantilha de seda lisa, azul, que na sua configuração de redoma fantástica abrangia o panorama inteiro, ao derredor. Abril. Do alto da falésia enfrentava-se, para norte, a cortina das serras escuras – a urze, a feiteira, a giesta e os pinheiros ganhavam à distância, tons de cobalto – e as encostas, à medida que se aproximavam da zona baixa, mosqueavam-se de casas de colmo por entre courelas de trigo, a espigar, e de batatais, com árvores copadas, por aqui, por além, de sentinela. [...] Duas carvalheiras frondosas, velhas de séculos, no hemicírculo do adro, **(p. 81)** serviam de palácio pênsil a uma estouvada multidão de pardais... Olhando-se para sul, a rocha perdia-se em cortes rudes, quase a prumo, para depois ceder o ímpeto numa serieção de degraus, «poios» suportados a pedra solta, de bananeiras, inhames e cana-de-açúcar, vigiados pelo olho das fontes, a rebentar das fendas do basalto e logo a correr pelas levadas numa fresca alegria criadora. [...]” **(p. 82)**

1946

Fátima Pitta Dionísio

(n. 22/10/1950)

“Granizo” In Edifiquei-te uma Ilha, 1989, p. 30.

“O silêncio rasga-se de espasmos
pela invasão do granizo.

Marmóreos agora
o Poiso, o Paúl-da-Serra, o Areeiro.
Encaminha-se, veloz, o nevoeiro
para os cumes,
cosendo-se à geada para cercar
o substituto ilhéu da neve.

A manhã é quase irrespirável.
Transparece-lhe o hálito
do hábito à névoa nos pardos dias
de Inverno.

Pelas serras suspiram pinheiros,
perfilando-se,
afunilados,
à medida que os pastores
reúnem os rebanhos...

Pressago é o dia e o vento branco
e leve,
sibilando mistérios pelas encostas.”

"S. Vicente” In Edifiquei-te uma Ilha, 1989, p. 38.

“Prolongando no silêncio a voz da terra, poderás compreender, se o mar disser da ternura
que te espreita na paisagem dos vales de miríficos ribeiros, das serras o recorte pontiagudo?”

Fernando de Melim
(n. 30/05/1918 – m. 2007)

“Funchal, és meu irmão” In *Horizontes ilhéus*, 1994, p. 49.

“Foi meu berço o Funchal!
Cidade-mar, formosa, sem igual,
Com tanta rua antiga
Menos mal asseadas.
E os teus miradouros?
À noite fios de luz em estriga.
Em cada lugar lembra uma cantiga;
Flores às bateladas.
Por espaldar tens belo anfiteatro
Onde te espreguiças, nobre Funchal,
Com graça natural.
Urbe cosmopolita,
- Porta de par em par p’ra toda a gente!
[...]

Francisco Fernandes

(n. 03/03/1952)

“Funchal em Março” In 12 MESES no FUNCHAL. Organização de António Fournier, 2008, pp. 30/31.

“[...] Estou numa casa pequena, na Rua das Árvores, tem um outro nome, eu sei, é uma data, mas prefiro “das Árvores”, são plátanos, estão lá debruçados sobre a ribeira, que ainda escorre água de uma invernada que recusa o tempo à primavera que vem aí.

Por vezes passa um carro, massacrando o empedrado e expelindo fumos para as janelas térreas da casa, que estremece. A rua acaba um pouco mais acima, na Ponte de Pau, e depois diverge para o caminho de D. João e o Caminho dos Saltos, que nascem em forquilha, com um fontanário no vértice da ladeira que se divide. **(p. 30)**

[...] À beira do cais os carros de bois aguardam para ganhar frete em concorrência com os táxis descapotáveis, ansiando por uma volta à ilha que safe a jornada em dia de vapor.

Uns ficam logo ali, outros encaixam-se na esplanada do *Sunny Bar* ou na *esquina do mundo* para um café, antes de percorrerem a rua principal, olhos na Sé e fitos no mercado.

E o frio de Março só me deixa uma breve espreitada na janela, no colo da mãe que perscruta as horas no relógio do Hinton, perpendicular à parede da fábrica, adornado de rendas de ferro verde. [...]” **(p. 31)**

Francisco Álvares de Nóbrega (Camões Pequeno)
(n. 1733 – m. 1806)

“Machico” In *Rimas: Francisco Álvares de Nóbrega (Camões Pequeno)*, 1958, p. 25.

“Na fralda de dois íngremes rochedos,
que levantam ao Céu fronte orgulhosa,
existe de Machim a vila Idosa,
povoada de escassos arvoredos!
Pelo meio, alisando alvos penedos,
desce extensa Ribeira preguiçosa;
porém tão crespa na estação chuvosa

que aos íncolas infunde espanto e medos.
As margens dela, em hora atenuada
vi a primeira luz do sol sereno,
em pobre, sim, mas paternal morada.
Aos trabalhos me afiz desde pequeno,
o abrigo deixei da Pátria amada
e vim ser infeliz noutro terreno...”

Francisco de Paula Medina e Vasconcelos
(n. 20/11/1768 – m. 16/07/1824)

Zargueida, descobrimento da Ilha da Madeira: poema heróico, 1806.

“Em grossos nevoeiros escondida
Dentre Atlânticas ondas se levanta
Fértil Ilha, que d’árvores vestida
Inda há pouco pizara humana planta:
Sua frondosa coma ao ar erguida
Dos Planetas a Luz nunca abrilhanta;
He tão densa, e pezada a nevoa crassa;
Que hum só raio do Sol nunca a traspassa.” (I, 7, XIX)

“Aparece, e bem perto, coroada
De nuvens huma Terra florecente,
E aonde ella fazia huma enseada,
Mandou ferro lançar Machim Contente:
Saibamos se esta Terra he habitada
(Disse Machim) de Feras, ou de gente:
Quem acaba de naufraga fadiga,
Deseja ter descanso em Terra amiga.” (II, 39, XXXI)

“Sem muito custo à Terra em fim chegamos,
E vendo-a toda chea de arvoredos,
Entre todos primeiro consultamos
Se se devia entrar naquele enredo:
Por votos, em que todos concordamos,
Animosos, sem vêr a face ao Medo,
Onde sahia ao mar huma Ribeira
Desembarcou a Gente Aventureira.” (II, 40, XXXIII)

“Embrenhados por arvores sombrias
Descobrimos d’hum lado, e d’outro lado
Muitos frutos agrestes, fontes frias,

E hum clima puro, ameno, e temperado:
Levantadas incultas serranias
Cobertas de Arvoredo apinhado
Entre nuvens pezadas, que as cobrião.” (II, 40, XXXIV)

“O dia quasi todo consumirão
Em fundos valles, em agrestes montes,
Por onde a cada passo amenas virão
Nascer fecundas crystallinas fontes:
Para o Lenho ancorado se pastirão,
Quando já nos distantes horizontes,
Por vêr as dúbias luzes, que restavam,
Da Noite as pardas sombras se assomavão.” (X, 240, XXVIII)

“Quando inda apenas a manhã rompia,
Já Zargo, muitos Lusos ajuntando
Em dois grandes bateis, ondas fendia,
A verde fértil Ilha costeando:
Pontas, praias, ribeiras descobria,
A que célebres Nomes hia dando;
Dobra alta ponta, dá n’huma enseada
Amena, grata, limpa e socegada.” (X, 241, XXX)

“Descobre Zargo hum valle ameno, e fundo,
Por onde tres ribeiras serpejavão,
D’arvoredos despido, e só fecundo
Em funchos, que alli férteis abundavam:
Os hálitos fragrantés do jucundo
Funchoso valle os ares perfumavão;
Montes em meio circulo frondosos
Lhe servião de guarda numerosos.” (X, 241, XXXI)

“Novas pontas, e praias descobrindo
Cobertas de Arvoredo emaranhado,
Que das ondas se vê no espelho lindo,
Do seu proprio verdor como encantado;
Depois de discorrer por mar infindo,
Mar ainda até’lli nunca sulcado,
Descobrio huma Praia deleirosa,
A que deo logo o Nome de Formosa.” (X, 242, XXXII)

“Depois entrando plácida Bahia,
Descobre em negro marmore entalhada
Húmida Lapa cavernosa, e fria,
Por mil Marinheiros Lobos habitada:
Entretida de alguns na pescaria
Muita parte da tarde foi passada;
E à Lapa, que de Lobos era rica,
De Câmara de Lobos nome fica.” (X, 242, XXXIII)

Guilherme de Abreu Correia
(n. 1946)

“Vale da Ribeira Brava – Madeira” In *A Madeira Vista pelos poetas*. Organização de Fernando de Melim, 2002, p. 130.

“Desde o mar, pela ribeira subindo
O teu vale de montanhas ladeado,
Vê o turista com ar extasiado,
Choupos, pomares e cascatas caindo.

[...]

Tens mar, Laurissilva e és habitado,
Sendo no estrangeiro catalogado,
Beleza que ao povo já deslumbrava:

De coloridos verdes sem paralelo,
És da Europa o seu Vale mais Belo!
Na Madeira, ficas na Ribeira Brava!”

junho do 2001

Henrique Henriques de Noronha
(n. 01/03/1667 – m. 26/04/1730)

“Santa Cruz” In *Antologia Literária Madeira Séc. XVII e XVIII*. Organização de Ângela Borges, Isabel Stephane e Rui Carita, 1987, p. 178.

“[...] correndo a costa hũa legoa fica a villa de S. Cruz em cujo porto podem anchorar 20 Navios; tem de comprimento 255 passos(,) de 4 até 25 brassas de areya limpa; neste ponto sueste, é leste sueste há travessia; tem um forte artilhado, (~q) o defende

Pouci mais adiante da freguesia de Gaula tẽ a nobre villa de Sta. Cruz a q.^m deram este nome os primeyros descobridores da Ilha, arvorando no lugar onde pouco depois se fundou, a insígnia da nossa Redenção; Está situada em hũ Espassoso valle ao pee de hũ monte e na margem de hũa Ribeyra ~q copiosa de agoa se alava aos pés do ocianno: a sua praya se estende 255 passos geométricos com porto capas de embarcarem nelle quantid.^e de Navios de quatro em the vinte e cinco braças de altura de área limpa. [...]”

1722

Horácio Bento de Gouveia
(n. 03/11/1901 – m. 23/05/1983)

Canga, 2008.

“Ia começar agora a parte aspérrima, a parte mais agra da viagem. Iniciava-se daqui por diante, a ascensão até à Encumeada, no espinhaço da montanha a mais de mil metros de altitude, o ponto divisório entre o fragoedo do norte e o pendor suave do sul da ilha.

Através de caminhos barrancosos e serpenteantes, que se vão obliquando ao jeito da configuração das encostas, colgadas de musgos nos ressaltos, por atalhos cavados na côdea mole da terra pegajosa, à ilharga dos quais se cercavam boqueirões e algares que descem dos espigões da serra, transitam os viandantes há mais de quatrocentos anos. Topam-se, aqui e acolá, urzes seculares, a uveira de bagas de coral, os fetos arbóreos, a vegetação luxuriosa e virgem de feição tropical [...]

Ao de cima, sombreando o caminho, os folhadeiros e as giestas formam um friso de eterna Primavera, remate das grinaldas de plantas que, vertente fora, perpetuam as dinastias de seus antepassados. Derramando-se o olhar por entre as clareiras dos galhos das árvores, vêem-se nas margens dos refegos do vale, onde as águas correm em melopeia suave, a terra cultivada e os bosques de castanheiros e nogueiras. (p. 40)

[...] A Encumeada, derradeiros contrafortes alpestres encavalitados em dorsos de cetáceos descomunais, que se houvessem anquilosado, apresentavam-se imaculada de neveiros. Sobressaía um tom de bronze retinto nas dobras dos últimos cerros quase calvos, empinando-se para as alturas do céu em jeitos de arquitectura gótica. [...] Corria vento frigidíssimo, mas Manuel maravilhava-se: o panorama que a pupila abarcava tornava insensível o rosto castigado pelo regelo do ar. De um e do outro lado, avultavam painéis de surpreendente beleza. À direita, ao perto e mais distante, os mamelões olhavam para o céu e engrossavam no corpo malhado das rochas da cordilheira, das quais sinuosos veios de água escorriam para os abismos do fundo do vale. À esquerda, a ossatura das montanhas inchava mais para fora do vale, cujos flancos bojudos, às pregas, arreganhados pelas enxurradas esboicelados pelas invernias, exulcerados das quebradas destruidoras, vertiam água límpida, abundantemente.

João dos Lameiros, a deitar os bofes pela boca, da subida penosa pelas sinuagens da montanha, sentou-se para recuperar energias. Lá em baixo, muito em baixo, na orla do mar, a meio da chanfradura da ribeira, divisava-se a capelinha de São Vicente como tosca pedra branca, encravada em penedo escuro. Rasgavam-se horizontes sem fim, na direcção do norte.

E principia a descida, ao longo de um carreiro primitivo que rompe o manto da vegetação exuberantíssima. A brenha, compacta, emaranhada, que devia ascender à génese da ilha, ostentava todos os verdes que Deus criou. A natureza, dormente, apenas de vez em quando perde o seu ritmo despercebido ao sentido humano, ao escutar-se um regato murmuroso ou as falas breves de qualquer passaroco transviado por aquelas paragens distantes da civilização dos casais. E a senda primeva, aos altos e baixos, com fendas e resvaladoiros, transformada em córrego com as chuvas de Inverno, estreita e angulosa, aberta no coração vicejante da selva, passando oculta pela ramaria enclavinada dos loireiros e vinháticos, em grande parte impenetrável à luz clara do Sol ao atingir o zénite, vai despontar às portas dos palheiros de gado, nos cabos da serra, perdidos entre montanhas escalavradas, e às olheiras das furnas, à beira dos vastos terrenos pingues de São Vicente. [...] (p. 41)

Os dias de Outono vieram, azulados no céu puríssimo, sem um farrapo de névoa nas alturas e no topo das serras, transparentes, luminosos, onde havia qualquer coisa do pincel de Watteau. As folhas dos plátanos amarelavam nos rebordos e nas nervuras, despregavam-se à menor sacudidela de vento e atapetavam a Rua da Pedra Funda.

Manuel e Cristina pareciam viver em um mundo de irrealidade. O cenário que os circundava revestia-se da atmosfera própria para a expansão dos sentimentos mais recônditos. As açucenas floriam à ourela dos caminhos alcatifados de froixéis de relva, rompiam por entre os fetos rendilhados que ornavam os muros das azinhagas, de prazo a prazo, e davam um tom melancólico às tardes tranquilas dos fins de Setembro.

Todas as manhãs Cristina vagueava com Ritinha da casa do Lanço, procurando de preferência as quelhas umbrosas, os caminhos que se afastam do centro do povoado e se dirigem para o litoral ou se engolfam nos matagais cheirosos de madressilva, das malvas de flor cor de salmão e das rosas silvestres. [...]

Nos entardeceres de poentes sanguíneos que afogueiam as rochas firmes e fragosíssimas da entrada da baía, os passeios tinham a poesia do mar, o atractivo da faina dos barcos dos pescadores, que, de velas pandas, sulcavam as ondas mansas, despontando como gaivotas por detrás da igreja branca. [...] (p. 114)

A Quinta Vigia, a curta distância do cemitério das Angústias, fica à beira da escarpa que se ergue, parapeito de formoso miradoiro, sobre o prolongamento ocidental da baía, onde o molhe da Pontinha é uma atalaia embuçada de negro.

O edifício do Casino está escondido no meio das belas árvores tropicais, por entre as quais há canteiros de relva e flores todo o ano. Há bancos de madeira pintados de verde, chumbados à terra, à sombra de árvores esbeltas e ramosas. (p. 157)

[...] Os carrinhos do Monte desembocavam na Ponte Nova com turistas. No Largo do Chafariz muitos carros de bois tolhiam o trânsito dos automóveis. As lojas de artefactos ostentavam às portas belas toalhas bordadas que grupos de forasteiros admiravam, maravilhados. O mercado, na imediação da praia expunha em seus tabuleiros e cestos os melhores exemplares de anos e maracujás roxos e amarelos. Cachos de bananas de prata estavam pendurados de ganchos de ferro aparafusados ao tecto das barracas como se fossem cornucópias. Flores, braçados de flores variegadas, enchiam grandes balaios de verga. (p. 158)

[...] De binóculo assestado ele vai tomando conta da fisionomia polimórfica dos alcantis altivos, das ciclópicas serranias concordantes e discordantes, que formam o relevo ondulado, com extensas plicaturas, áspero, arrogante e caprichoso da ilha pulcra.

A ponta de São Lourenço, ilhéu aguçado, de basalto vermelho, como cabeça de monstro anti-diluviano que se houvesse feito rochedo, vai erguendo o lombo que se avoluma para o interior cobrindo-se de uma vegetação exabundante de cor brônzea. [...] (p. 195)

[...] Tardes formosas de Outono, luminosas e serenas, de mar azul-cobalto, de cheiro a mosto, de árvores que se desnudam! As folhas amarelo desbotadas diziam adeus aos frescos plátanos e caíam inertes na calçada de pedra do calhau do largo do Açougue. [...]” (p. 198)

“Funchal de ontem, Funchal de hoje” In Ana Maria – Crónica Madeirense, 2007, pp. 3-6.

“O passado estratifica-se, deixa de ser o que era em sua realidade concreta. Transforma-se em seu ser material. E, assim sendo, a cidade dissocia-se, altera-se, nas perspectivas panorâmicas de aglomeração do casario, em correnteza, pegadas as casas umas às outras, nas fantasmagorias dos arremedos de arranha-céus da estranja. Vive-se da imitação. A casa das janelas de persianas que preponderou torna-se obsoleta.

A cidade antiga, vetusta, herança de séculos cuja culminância atinge no século XIX sua expressão regional, mantém-se nas primeiras décadas do século XX. Faz-me lembrar este cenário visual de esforço humano para o inédito, o visionamento através de óculos de lente de redução, as cidades coloniais do Brasil de antanho. Lançou o cabouqueiro a primeira pedra, que deu início à primeira choça corresponde à furna pré-histórica. Constroem-se as ruelas estreitas, as betesgas, ao passo que os colonos se vão multiplicando, assentando arraial.

Mas pergunta-se: que era o Funchal do meu tempo de estudante liceano? A cidade provinciana de rosto afidalgado mais colmeia atarracada, comprimida ao começarem as alturas orográficas, com a multi-centenária Sé, dominadora (p. 3) da fé do agregado humano destacando-se aos olhos do ilhéu e aos olhos do ilhéu e aos do ilhéu e aos olhos do estrangeiro ávido de novos aspectos de sensações. Uma cintura incorpórea cingia o velho povoado.

[...] O Funchal do meu tempo era lírico com suas construções antiquadas, as quais tinham congruência com a própria paisagem. Estou a ver, ali, na rua da Praia, o velhusco restaurante Marra-verde que era como um caravansarai para os ilhéus que vinham ao Funchal em busca de mercadorias, os ilhéus das freguesias do Norte e do Sul. Ainda há, com certeza, quem se recorde do célebre e imponente Pilar de Banger, que o comerciante inglês Banger mandara edificar, o qual, o Município aproveitou para uma estufa de grão. Mais tarde a Casa Blandy serviu-se dele para, por meio de flâmulas, fazer sinais aos navios que aportavam à baía. O pilar de Banger fora como que um semáforo de navegação. Em 1939 é demolida aquela obra típica da beira-mar. [...] (p. 4)

[...] De um lado e de outro da entrada da cidade, após a saída do cais, à sombra de árvores frondosas, bancos pintados de verde esperavam os pachorrentos andadeiros que vinham de aspirar o ar iodado do mar que engaiola o cais.

Mas o café que por excelência se distinguia dos demais era o do rés-do-chão do Golden Gate com suas cadeiras de vime no passeio circundante onde se viam sentados, tertulizando ou tagarelando, os vultos de mais fastígio na literatura e no jornalismo da época: Reis Gomes, Comendador Figueiredo, Luís Pinheiro, Dr. João Ferreira, Dr. Elmano Vieira, Francisco Bento de Gouveia, Tenente-Coronel Sarmiento e Baptista Santos. A atmosfera intelectual do tempo não apresentava a caquexia que nos anos seguintes se verificou.

Os meios de transporte do Funchal antigo, os do meu tempo de estudante do liceu extinguiram-se com o devir. Nada permanece no tempo. E se não permanece é porque houve

movimento. E se se tornou perceptível o movimento (p. 5) é porque a vida contrastava com a morte.

Ainda conservo a reminiscência de um carro puxado a cavalos, que deslizava em calhas de ferro e que nesse tempo me diziam chamar-se carro americano. Partia-se da entrada da cidade repleto de estrageiros, na generalidade excursionistas que se dirigiam para o comboio (elevador do Monte), que os conduzia ao sítio pitoresco e fresco do Monte, quando o estio imperava. Aquela carruagem, como se disse, era tirada a cavalos e percorria a cidade. [...]” (p. 6)

“13. A nostalgia do Crispim” *In Alma negra e outras almas*, 1972, p. 70-72.

“[...] Enfiou pelo Caminho Grande. Rumorejava a água, à ilharga do muro. Quando chegou ao Forno da Cal, inda olhou para trás, mas era só lembrança a velha casa térrea. Não a viam os olhos. Meteu-se na Azinhaga e calcorreou, durante horas, o caminho angosto entre a freguesia e S. Vicente. Depois, trepa que trepa, dobrou a Encumeada. Agora, sempre a descer, enfiou por atalho entre os castanheiros. [...] Pé adiante, pé atrás, ladeando a (p. 70) ribeira, entrou na vila e, no porto, esperou o «Vitória». (p. 71)

[...] E entrou na aldeia. Em quarenta anos, mudanças profundas se operaram nos aspectos de pormenor da freguesia. A azinhaga já se fora. O Forno da Cal tinha outra verónica. Lá estava uma casa a arremedar a paisagem que se tornou menos rústica. O Caminho Novo inda mais novo se lhe deparou, porque mais largo. As edificações, em grande número, aqui e além haviam transformado a antiga fisionomia aldeã. [...]” (p. 72)

“17. Queimadas de Santana” *In Alma negra e outras almas*, 1972, pp. 84/85.

“[...] Há, porém, um aspecto que as Queimadas de Santana sobre-excedem Sintra: o bosque de errantes fragâncias de extensas alamedas que convidam a uma fraternidade ascética. Possuem as Queimadas de Santana, no altar da encosta, a beleza virgem da serra, na mata que o lume jamais petrificou.

Olha-se por entre as clareiras das árvores mais altas e da espessura dos arbustos de ramos enclavinados. [...] Não é preciso um bordão de romeiro para se ir ao longo do caminho rústico, romanesco e coberto do velário emaranhado da folhagem densa que não se

extingue. É um corredor que se desata à entrada do carreirinho para o terreiro da casa de abrigo, o qual, desdobrando-se e volteando pela cintura da montanha cavada de gargantas fundas, é caminho plano de terra escura, flanqueado de anosos carvalhos, cedro da serra e outras espécies vegetais. [...] (p. 84)

Esgueira-se a vista por entre as colunas de pinheiros. À luz do Sol enfermiço de Outono, vêem-se, lá longe, quais estátuas a sair do mar, como painel de extraordinária fascinação, os ilhéus da Ponta de São Lourenço. [...]” (p. 85)

“18. Velho caminho das Torrinhãs” *In Alma negra e outras almas*, 1972, p. 86-88.

“[...] Abandonado, desdenhado há muitos decénios, o velho caminho, que até os primeiros vinte e cinco anos de nosso século tinha sido a artéria mais curta entre a cidade e as freguesias do Concelho de S. Vicente, está quase fechado por vegetação tropical. A presença humana rompendo a luxuriosa mata emaranhada, apartando ramos viridentes de folhagem perene – é, como se fora, animal em seu domínio, na era secundária. Sua presença evidencia continuidade manifestamente panteísta. A pegada do Homem oculta-se em todo o percurso, porque os caboucos cavados no solo desapareceram com a cobertura das plantas selvagens espirrando seiva, na volúpia de viver, em busca de viver. [...] Desde a feiteira rastejante à uveira e ao til, da relva densa ao arbusto e à árvore, têm as (p. 86) chuvas copiosas impelido as sementes a grelarem, os caules a crescerem e a avolumarem com os galhos formando chapéu.

[...] Sempre a subir, numa ascensão que parecia não mais ter fim porque fadigosa, o caminho cheiroso ao matagal cerrado evocava-nos os bandeirantes das terras do pau-brasil, em seus acometimentos através das selvas. (p. 87) [...]

Donde em onde, vez por outra, passa-se debaixo de um sobrecéu verde. É o velário espesso dos matizes verdes das folhas. [...]” (p. 88)

“43. Ana Maria” *In Alma negra e outras almas*, 1972.

“[...] Agosto. Nem fiapo de nuvem branca no céu azul retinho. Vai a tarde em declínio sangrento e o sol, convizinho do mar, não molesta os olhos. [...] (p. 198)

[...] Trepidando, em desenfreada correria pela Rua 31 de Janeiro, o «Chrysler» guinou, entrando na Rua do Til em curva de circo e, sobe que sobe, ei-lo galgando a encosta. É meio caminho do Poiso. Agora, à porta da venda, espreitam homens de barretes de orelhas na cabeça. Esgarçava-se a névoa depois do carro furar como se enfiasse por túnel enoitecido da hora do dia. Seguiam-se momentos na revelação do espaço, mas momentos de verdadeiro espasmo visual. À esquerda, no solo de fraca ingremidade, via-se a alcatifa branca de granito e de neve donde emergiam para o alto as colunas rugosas dos pinheiros de esparsos ramos. Parecia que a morte, em seus erros, vagara pelas redondezas fragosas do Areeiro. Apenas se erguiam os pinheiros no cemitério branco. Existiam só as ondas petrificadas de neve, boqueirão de neve, ressaio de neve.” (p. 291)

Torna-viagem, 1995.

“[...] E sucederam-se os invernos com as noites compridas e os dias minguados, as noites mais noites porque agravadas pelas montanhas alterosas, ansiosas de chegar ao céu, musculosas de ressaltos nas faldas, e espessas de seres vegetais que nascem, crescem, multiplicam-se e a velhice os mata. E as montanhas fechadas, abeberadas pela humidade dos nevoeiros densos de todo o ano, com seus lençóis de água das chuvas torrenciais donde brotam as nascentes que alimentam as levadas – as serras enclausuram a Achada do Castanheiro. [...] (p. 14)

[...] Declinava o Sol quando o Álvaro perpassava debaixo do céu azulado da sua freguesia, pelo meio das hortênsias que flanqueava, o primitivo caminho aberto na terra, estreito, plano aqui, preguiçosamente ondulado mais além. (p. 23)

[...] Rolados que eram quinhentos anos, o Norte não possuía caminhos capazes, de uma freguesia para outra, e de qualquer para a cidade. E então a Boaventura que se aninhara família aqui, família além, nos refolhos das montanhas esboiceladas, nas pregas das espáduas das serras, ficava atrás de todas. [...] Pois embora a distância até à escola no povoado adjacente fosse de poucos quilómetros, tornava-se uma jornada perigosa não por causa de salteadores mas havia de contar o caminheiro com a vereda angosta, angulosa, cavada na rocha alta e abrupta – erguendo-se do mar verticalmente – o carril de uma estreiteza que apenas comportava os viandantes, um a um, a fio, os quais estavam sujeitos às quebradas

que, no Inverno, com as chuvas diluvianas, desabavam das beiras da montanha e tolhiam dias e dias a passagem do homem. (p. 27)

[...] Por manhã brumosa de Outono, os visos dos montes e as gargantas das serras das Torrinhãs cobriam-se de espessa cerração. E como camadas pulverulentas de cinzas movediças das bandas de sudoeste, corria um nevoeiro açoitado pelo vento. A Inês e a filha por caminhos transversos, bordão contoando nas pedras, subiam cerros de urze maltratada pelos tufões, e dos cerros embrenhavam-se nos bosques de folhados, azevinhos, loiros e adernos como se, recuadas no tempo, fossem da família da primeira vaga de povoadores. [...] (p. 61)

[...] Saíram pela porta que se abre para a ribeira. O espectáculo do dossel de buganvílias que a cobre, a exuberância das flores na orgia do verde e do roxo não passaram despercebidos da Inês que se debruçou do muro para ver de mais perto. [...] (p. 67)

Despachadas as malas, o Fonseca Pereira tomou um táxi e disse-lhe que seguisse para a Avenida do Infante. A circunvizinhança dos terrenos, lado-a-lado da estrada, com as casinhas a humanizar a paisagem, todo o diferente provocava uma sensação estranha de um outro mundo. [...]” (p. 166)

Luísa Marta, 1982.

“[...] A vida externava-se através do verbo *ver*. Vêem-se ruas, casas, esquinas, pessoas, carros, os barcos que aportam na baía. [...] (p. 81)

[...] vagueando por entre a mancha espessa de irregularidades geométricas do castanhal que a ribeira forcejou tolhendo o avanço, metemo-nos como furões nos compridos furados da margem rochosa da ribeira, buracos extensos abertos à picareta, de uma rudeza pré-histórica, os quais, simulacros de túneis, comunicavam com a senda da Ribeira Brava.

Precisamente às cinco horas o «Vitória», barquinho de cabotagem, transportou-nos à cidade, após breve estanciamiento ao largo do pequeno cais, onde uma lanchinha de bordo, a remos, nos veio buscar. [...] (p. 96)

A cidade! A cidade!!! Esparramam-se as luzinhas longe, pela espalda da montanha e nos vales das ribeiras e dos ribeirões, perto, pelas ruas, becos e ruazinhas revés da baía. (p. 113)

[...] Deixava a cidade ao anoitecer. Embarcado na lancha a gasolina saía em terra na Ribeira Brava e, anda que anda, atravessava a Serra de Água, trepava os desfiladeiros do vale e, montanha arriba, transpunha os caminhos angostos escorregantes nas alturas da serra, emboscando no emaranhado matagal do urzedo virgem. [...] (p. 163)

[...] Prosseguiram, nos dias de Primavera, os estudos liceais na Rua do Castanheiro. Estava em flor a nespereira exilada de seu meio rústico, vivendo ao agravo do muro da casa antiga, o qual muro lhe estorvava o crescimento, atrofiando os ramos. [...]” (p. 208)

Lágrimas correndo mundo, 1959.

“[...] Entardecer de dia mormacento de Outono, o qual denunciava já, no sibilar da brisa perpassando pelas franças dos plátanos, que o estio ia ficando para trás, sumidoiro de ilusões. E os olhos as viam nas folhas amareladas dos plátanos que o vento varejava, as quais, exangues, caíam inertes e atapetavam os passeios de longo da Avenida do Mar e das margens da Ribeira de Santa Luzia. [...] (p. 11)

Aquele penhasco de aspecto carbonoso, golpeado de ravinas, coroado de canas-vieiras, inclinava-se para os fundões da ribeira, em declive aberto, sem parapeitos de cercas cultivadas. No cabeço, desatava-se um dorso de basalto cinzento que, a subir, estrangulando-se nas gargantas dos montes, ia espalmar-se na vertente nua, a mais de oitocentos metros de altitude. Descia do alto do morro para a banda oposta à ribeira uma dúzia de casotas em degrau, de um só piso, pobretanas no seu todo. [...] (p. 19)

No Porto da Ponta Delgada estava o mar grosso, o mar jogava e batia na rocha alta, na falésia rajada de tufo vulcânico, pulverizando-se em rendas de branca espuma. Por vezes, quebrava a onda e a vaga, rolando, ia de novo rebentar, de encontro à fraga com tal fúria, que subia o mar pela rocha fora. (p. 27)

[...] Manhã. Esgarçou-se o nevoeiro nas montanhas com o calor do Sol. Agora, visto do balcão, o sítio do Cabo do Rosário tinha o encanto de uma écloga de Bernardim. E, naquela colina, outra *menina e moça* morrera de saudade...

Castanheiros frondosos emboscavam a casinha da sr.^a Joaquina, circunjacentes de uma obra da ribeira, cujo leito as águas despenhadas das gargantas e cumeeiras das serras, em sua acção erosiva, modificaram não só em profundidade senão também em largura, no ponto em que, de inverno, o caudal, de vez em onde, tem a violência das torrentes destruidoras que

não respeitam os clamores do Homem, quando provocam tragédias. Um ramo de castanheiro, com os ouriços quase escondidos entre as folhas viçosas reclinava-se para a água. Renques de açucenas davam à paisagem a nota de beleza idílica, pitoresca, da melodia inefável do outono, por combros e barrancos pedregosos que confluíam para a ribeira e socalcos, nos quais a vinha ia perdendo as galas, desnudando-se.

Ressaltando do fragoedo ladeado por encostas de cerrada vegetação de brônzea cor, a testa de muitos metros de altura, de muralha dum cinzento quase branco, na serra da Encumeada, sugeria a ideia de que não fora a natureza o mestre-de-obras e sim um alvenú paciente (p. 47) o construtor da maravilha de basalto, verdadeira revelação aos seres racionais dum arte arquitectónica que precedeu o homem das cavernas.

– É o Rosto Branco a parede que se alevanta pela rocha acima, acolá no meio do arvoredado – disse o Água-vai ao companheiro.

[...] – Cando vérem a S. Vicente, nã se esqueçam da gente.

Começa a ascensão pedestre para o topo da Encumeada. O caminho era de cabras e não de homens. Aos solavancos, um pé numa barroca e outro no patamar de degrau de terra cavado por enxurrada, o bordão na mão para manter o equilíbrio do corpo e a impedir que os sapatos escorreguem, a subida ensopava a camisa do suor que corria às bicas. Torce a vereda quando menos se espera, enquanto o diabo esfrega um olho. Tapam o caminho as urzes e as moitas de silvado. Loureiros e uveiras, ladeiam a senda argilosa e resvalante.

Trepa que trepa, chegam ao viso da montanha. Rareiam os arbustos.

– Estamos na Boca da Encumeada... Não subimos mais. [...] (p. 48)

E passam rés-vés das primeiras casas da Serra d'Água sem encontrar viv'alma. Ouve-se o chiar da ribeira, no silêncio das coisas mortas. O tempo não se detém. Outro dia se acaba. Outro horizonte em fogo há-de a noite sepultar.

Cá em baixo, no vale, sente-se o peso das cordilheiras alterosas. Anda-se e anda-se e as montanhas parece que também andam.

Eis, por fim, a Ribeira Brava, vila que nasceu na margem esquerda da ribeira. Duas ruas paralelas e casas arrumadas, escravas de seu destino de colmeias. [...] (p. 49)

[...] Pelo passeio fora, à beira da Ribeira de Santa Luzia, sentia-se o gorgolejar da água por entre os moledos. Ramalhavam as franças dos plátanos. [...] (p. 53)

[...] Contornando o negro ilhéu basáltico da Pontinha, o litoral, baixo e divagante de reentrâncias, angras umas após outras, muis fundas estas e mais largas aquelas, sucedendo-

se em intervalos que os cabos vão acentuando – a visão do litoral transfigura-se, ao passo que o Falcão avança e outra beira-mar surge e se desdobra como passadeira extensa que, ao desenrolar-se, fosse mostrando desenhos caprichosos com motivos de único modelo. **(p. 80)**

Rés-vés do mar, a fábrica de Conservas de peixe tem um ar de presídio. E fica para trás. Restos de praia de areia escura desventram-se no virar de um pontão e, mais para diante, bosquezinhos de bananeiras são borrões verdes de pintura surrealista.

Uma boca de ribeira, que morreu de sede, perdeu as forças antes de fraternizar com o mar.

Taparam-lhe a foz as pedras do calhau.

Em uma entrada de ria, ao fundo, pequenos barcos varados ao pé de casas de muros alvejantes parece tocarem com as proas na água. Reconheceu João de Freitas a Vila de Câmara de Lobos.

[...] Apitou o Falcão. É a Ribeira Brava. A máquina parou e sente-se o ruído áspero da corrente arrastada pela âncora que mergulha. Vem uma lancha com passageiros. Parte o vapor. Tem um aspecto pitoresco a vilazinha, a cidade em miniatura, ninho de casas que mais parece um postal com a paisagem em relevo. E a Ponta do Sol, é, em primeiro plano, um terraço espreitando a babugem do mar. Depois, é uma retorta que abre para o terraço, rua de casa arrumadas, cogumelos que trepam uns sobre os outros ao pendor do flanco do terreno, às dobras, até lá arriba ao topo, do qual se desfralda mais amplo horizonte.

– Vê, sr. Freitas, esta fajã rente ao mar e a ribeira que vem dos torreões da serra? É a freguesia da Madalena do Mar. **(p. 81)**

[...] Há um movimento constante de automóveis que abalam para os lugares de maior altitude, que dominam a cidade, faldas e colinas situadas nas abas excêntricas do anfiteatro de rochas denegridas por sua natureza. [...] **(p. 117)**

Ao entrarem no caminho da Pena contavam-se os transeuntes que trepavam o estreito passeio flanqueado de árvores. Continuavam a ouvir-se os estalos das bombas e de um que outro foguete que chamejava na atmosfera.

Alto da Pena. Mais em cima, rasoirando o céu, no pente da montanha, não havia uma névoa a toldá-la. **(p. 120)**

[...] Depois um contraforte da montanha vedou a vista e deixou de ter existência sensível a paisagem do Estreito. Vem a estrada do Campanário, sinuosa, divagante, de monótonas perspectivas para o lado da serra. E decorre meia hora. Para a direita e para a

esquerda desdobra-se o relevo alpestre da Serra de Água. Dos espigões ameaçados das montanhas descem fitas brancas em marcha veloz para o talvegue pedregoso do leito da velha ribeira. Desprendem-se dos miradoiros das tristonhas mantas solitárias, a oitocentos, novecentos metros e, alisando as pregas calvas e profusas, mamilosas, em forma de rebordo de poço, de barrigas, de capacetes que ressaem das paredes negras e a prumo mas de uma só peça, onde as furnas protegem os ninhos dos milhafres, essas fitas cor de neve são as aguagens naturais, a própria vida do Homem e da ribeira que alimenta cardenhos esparsos à margem da corrente puríssima e clara, a qual torna o solo fecundo e mata a sede à gente da Serra de Água, cuja soledade no viver faz dela a raça mais misantropa dos vales interiores da ilha.

No cabo da ribeira há um casebre às cavaleiras de um monte. Habitam lá seres que possuem a luz da razão, mas que ouvem mais a fala das rezes e das águas, e as vozes do vento, do que as de seu semelhante, como se um espírito de renúncia ao mundo dos homens os houvesse acantado naquele ermo mais próximo de Deus. Os picotos dos montes, as agulhas das rochas encalvecidas pela erosão, que as condenou a não mais crescerem por sua tentativa arrojada de escalarem o céu, o esboicelado de irregular profundidade e largura aberto no basalto e por onde as águas das invernias soluçam, este cenário físico na interpretação de um poeta e não realidade. (p. 192)

– Estamos na Encumeada – exclamou o pai do João de Freitas. Parou o carro. Apearam.

[...] De novo o carro se pôs em marcha. À beira da estrada loireiros frondosos numa chã onde crescia o musgo e dominava a feiteira, as urzes e as uveiras, evocavam a ilha virgem do tempo de Zarco. [...] (p. 193)

Na Ribeira do Moinho o coaxar das rãs quebrava o silêncio da tarde de Outono. À ilharga de extensos olheiros de inhame a água corria e gorgolejava por levada que as avencas e as labças embelezavam, de longo dela debruçadas da beira, ao lado de velho carreiro, onde, na terra mole, se distinguiam pègadas de pés descalços.” (p. 197)

“Porto da Cruz” In *Escritos 6 – Horácio Bento de Gouveia (1970-1983)*. Organização de Maria Soares, 2016, p. 205.

“[...] Eis a razão do nome Porto da Cruz. Desbasta-se o matagal espesso, inextricável e abatem-se as essências vegetais indígenas, o aderno, o azevinho, a faia e zambujeiro. Constroem-se os primeiros tugúrios. Arrosteia-se o húmus. [...]

Porém, aquela especiosa lapa-concha com pequena saliência rochosa²⁰² na vizinhança do mar, permanece centenas de anos isolada da cidade pelos difíceis trilhos terrestres da serra temerosa. Lá cavalgam para o interior as montanhas escalavradas e arborizadas com exuberância de tudo quanto é virgem no constante revigoramento da seiva criadora: e para a banda da Ponta de S. Lourenço irrompem da linha das águas as penedias abruptas, a prumo donde em onde. E a Penha d’Águia, monstro ciclópico petrificado, essa desmesurada ossatura basáltica atesta o hipotético prolongamento da Ilha para o nascente. [...]

setembro de 1977

“Cena da Levada” *In Escritos 6 – Horácio Bento de Gouveia (1970-1983)*. Organização de Maria Soares, 2016, p. 332.

“[...] A Levada, com suas vivendas graciosas, as casinhas miradoiros, aformoseadas de jardinzinhos e latadas de arame com o sobrecéu de pâmpanos à imagem das antigas camilhas de toldo que hoje se veneram – a Levada da Capelinha da Consolação que o caminho velho do Monte golpeia, é jardim suspenso da Babilónia pelo favor dos artistas e dos deuses. [...]

julho de 1971

“O NORTE DA ILHA” *In Escritos 5 – Horácio Bento de Gouveia (1960-1969)*. Organização de Maria Soares, 2014, pp. 164/165.

“O meio físico do norte contrasta flagrantemente com o Sul. A cordilheira abocanhada, com ameias irregulares, que divide a ilha no sentido leste-oeste em duas beíças, escalavradas por leitos de ribeira, delimita uma especial morfologia.

O Norte é avaro das fragas que parece quererem acometer o céu, como se a coluna de fogo de Heraclito se houvesse petrificado para dar gènesis à substância das coisas.

²⁰² Pico do Forte

Contemplem-se as serras aguçadas de caprichosas faldas que cingem a freguesia do Faial, nestes dias luminosos de Agosto, as serras de boqueirões como pórticos de castelos roqueiros com as agulhas de basalto em formas torreadas; dos quais boqueirões, uns tendem para um desenho de molde em crescente; outros são desmesurados pelo espasmo da matéria ao solidificar-se na mudança de estado, em idade remota.

De uma ruela do Porto da Cruz, afirme-se a vista no penhasco da Penha d'Águia que sugere o Pão de Açúcar, na plácida Baía de Guanabara. Falta-lhe somente o teleférico e uma modelar casa-de-chá.

E a serra ladeia, resguardando de longe, a chapada de Santana, a qual evoca os jardins suspensos da Babilónia, uma das maravilhas do mundo na civilização antiga, são as Queimadas um templo de Dionísios.

Circuitam refegos das serras, a rechã onde São Jorge se embrinca de romances, em entrando a Primavera, como se ressuscitasse um deus fenício.

Contemplem-se as montanhas agras da Boaventura, aformosentadas de uma vegetação de fisionomia tropical com raízes no princípio do mundo. É a freguesia mais dispersa entre fragedos, da costa norte. **(p. 164)**

[...] Estas rochas fragosas do norte distinguem-se em arrogância, no desgarro das cumeeiras do estilo gótico, dos cerros de suaves encostas que prevalecem na banda do sul.

Os mamelões em sua rija ossatura basáltica, os picos encalvecidos da erosão desarticulam-se nos cabos da Boaventura e formam a aba em concha verdegosa de muitas centenas de metros de altitude, ao fundo da qual, espalmada da feição que tomou o despegamento das terras que expulsaram o mar, Ponta Delgada ganhou foros de casulo humano.

E, agora a majestade do relevo de S. Vicente, de aspecto grave, que insinua pelos olhos um desmentido à insegurança da Terra, quando Vulcano se encoleriza e a faz tremer. E a ribeira desentronca a cintura da muralha de penedias da rocha da beira-mar, correnteza que já vem da Fajã da Areia, e se prolonga, abismática, como se fora cortada a prumo por titãs, através de contrafortes que anteparam, à laia de biombo, a figuradora meia casca de noz da freguesia do Seixal. A mole gigante e escura da rocha desdobra-se, uniforme, avolumando-se para o interior, uma prega da qual, esbarrondando-se originou, presumivelmente, no Porto Moniz, os pontais ulcerados da maresia que limitam o arqueamento de parte da linha litorânea do norte. [...]” **(p. 165)**

agosto de 1962

“S. Vicente, capelinha à beira-mar...” *In Escritos 5 – Horácio Bento de Gouveia (1960-1969)*. Organização de Maria Soares, 2014, p. 213.

“[...] E S. Vicente foi-se povoando da babugem do mar para a montanha, nos socalcos, nas terras declivosas, ao longo dos cursos de água até esbarrar o colonizador nas moles basálticas que reflectem o fenómeno vulcânico.

Era a terra feracíssima: bastava lançar a semente para que frutificasse como no antigo Egipto. Porém o arvoredo, virgem, compacto, o bosque de estrutura tropical, os frondosos tis, o cedro, o barbuzano, o vinhático e outras espécies vegetais, tudo se foi golpeando a fim de se alargar a área do terreno de cultivo. [...]

Freguesia de denso arvoredo, outro tempo. E a prova atestadora da floresta brava e do matagal emaranhado reside na nomenclatura de sítios por antonomásia: Fajã dos Vinháticos, Lombo das Faias, Ginjas, Achada do Til, Feiteira, Cardais, Saramago, Loural.

[...] Além do rijo basalto, em seu ventre fecundo contém São Vicente um jazigo calcário, que se supõe de origem submarina nas cercanias do lugarejo do Cascalho, a uma altura de 420 metros. [...]”

agosto de 1963

“Madeira, terra das flores” *In Canhenhos da ilha, 1966*, pp. 29/30.

“Celebrada é a nossa ilha na estranja por sua tapeçaria vegetal. E de anos sem conta. Deve de ser este um dos atributos que mais a alcandoram no elogio à natureza, sempre donairoso de suas galas. Mas, à profusão cromática de verdes que se adensam, montanha arriba, desabando a cumeeira para um interior onde se escondem os santuários das matas bravias nos quais as majestosas colunas dos tis formam naves que os cedros aromatizam na ausência do incenso – à exuberância da folhagem de verdes e do chão de alcatifa macia, faltam as florinhas silvestres a embelezar os altares.

E porque os templos da floresta não vivem para os olhos humanos, neles não habitam as rosas de rústica selvaticidade nem as microscópicas flores que inçam as franjas dos bosquedos circunvizinhos das povoações.

É nas adjacências dos casais aldeãos que os jardins se esboçam: Quintalzinhos com seus canteiros de brincos-de-princesa, açucenas e maravilhas. Caminho de entrada ladeado com novelos que se olham. [...] (p. 29)

[...] basta nos determos em percorrer com a vista os retalhos de jardins naturais pelos campos e ladeiras dos terrenos que as estradas golpearam desafeiçoando a primitiva crosta basáltica, testemunho de convulsões internas. Mas o homem foi alindando a ourela das quais estradas com plantas de melhor sedução para os olhos. E, na cidade e circunferências, as quintas tornaram-se alfobres dos mais fascinantes exemplares de botânica decorativa. [...]” (p. 30)

“Os velhos cais do norte” *In Canhenhos da ilha, 1966, p. 45.*

“[...] Os caminhos torcicolosos que lembram, alguns, os lanços das roscas de fuso de lagar, lá estão ainda, bem que relegados a um abandono definitivo, a subir de ao pé das pedras roliças que calcam o leito da ribeira de São Jorge para Santana. Depois embrenhavam-se no planalto da pitoresca freguesia e sumiam-se na vertente do alto contraforte montanhoso, em descida vertiginosa para o Faial. [...]”

“Caniçal - Uma povoação diferente” *In Canhenhos da ilha, 1966, pp. 119-121.*

“[...] O Caniçal é uma povoaçãozinha muito à parte de quantas (p. 119) na ilha começaram a romper da água salgada e a fugir dela, a ficarem espreitando com as casotas acogumeladas ao jeito ondeando do solo.

[...] Machico, a nobre sede de capitania fica-lhe ao fundo do vale, no rés da depressão da dobra basáltica e nua que se interpõe a meio do Caniçal e da vila. Carreiro de cabras a trepar a espalda da prega escavada, só servia de trilho quando o mar raivava com o pescador. O qual também se adaptou a revolver a terra, cultivando umas courelas minguadas. Mas a maldita secura, pela falta de água, fez do Caniçal um palminho de crosta transportado do deserto. (p. 120)

[...] Há verduras, casas de recente construção, mas para além do núcleo de precipitados geográficos, para o norte e leste, a aridez, o solo calcinado, a ervagem seca onde

pastam cabras de uma cor de pelo que se esposa com a paisagem dolorida, adusta, sofredora como se fora humana.

Olha-se o verde das plantas e a terra bíblica encalvecida, desértica. [...]” (p. 121)

“Uma jornada à região do Fanal” *In Canhenhos da ilha, 1966, pp. 231-234.*

“Manhã translúcida. Do céu esparrama o Sol, em profusão, limalha d’oiro que aquece o ar e a terra.

Arfantes, sobem os «Jeeps» o antigo caminho rústico do Lombo do Doutor que conduz ao Rabaçal. Ladeiam-no acácias anosas, cujos ramos de espessa folhagem engendram um baldaquino protector do viandante que faz dele via-sacra no vaivém penoso da serra. [...]

E a ascensão ofegante dos «Jeeps» por larga senda aberta na terra negra e no basalto, pelos Serviços Florestais, vai estacar no Ovil do Pico Gordo [...]

Lá em baixo, vão sumir-se em chavarrascais, nos fundões de vales torcicolosos, as ravinas de montanhas ciclópicas e descabeladas. (p. 231)

[...] As perspectivas panorâmicas, posto que atracção dos olhos, não os prendem porque a grandeza delas é estática e sem pègada humana: os mesmos perfis de montanha escalavrada, os mesmo borrões de verde a pintalgar a encosta.

[...] O Campo Grande do Paúl com sua face pedregosa como se fôra extensa praia de calhaus rolados evidencia o trabalho da deflaccção e da erosão das chuvas.

[...] Mais uma arrancada, e os carros seguem aos solavancos. Por fim travam os «Jeeps» nos Assobiadouros. Trepamos a um picoto da serra. O cenário do vale da Ribeira do Seixal e, no cabo, o do Chão da Ribeira, não são inferiores ao dos Balcões, do Ribeiro Frio.

Olha-se a montanha, a rocha nua e a rocha vestida de urzes. O espírito regressa ao reino primitivo das abstracções em que a imaginação afoga a razão. Não se percepçiona, agora, a montanha, a rocha nua e a rocha vestida de urzes, mas um fantasma que vive nelas e é presença no pensamento: a força. [...] (p. 232)

E abalamos. A vereda que se vai calcorreando é carreiro sinuoso flanqueado de urzes altas e uveiras. Passa-se à ilharga de magnífica árvore indígena, hoje rara: o aderno.

A vegetação adensa-se. Alargam-se mais os passos. Chega-se ao Fanal.

Há um bosque de velhos tis onde uma multidão de todas as idades, homens e mulheres, se aglomera. [...]

Da beira da rocha, quase a 1200 metros de altitude descortina-se a paisagem humanizada do Chão da Ribeira. É um dos cenários mais pitorescos que se podem fixar na câmara-escura da memória visual. A pupila embriaga-se na volúpia de querer guardar para sempre a imagem de um fio de água que se despega de uma bacia de recepção da rocha parda, oposta à montanha que nos serve de miradoiro. E embrenhamo-nos na carreteira que desce, corgo cheio de protuberâncias esbeiçadas, moledos aguçados e outros gastos pela erosão da chuva. Mas, quer à direita, quer à esquerda os fetos arbóreos curvam-se para o caminho e os cachos de brincos de princesa, cor de sangue, proporcionam-nos a ilusão de que, para dentro, um jardim de flores formosíssimas (p. 233) reserva aos olhos canteiros de uma beleza apenas pressentida, em plena virgindade. [...]" (p. 234)

“Chão dos Loiros” *In Canhenhos da ilha*, 1966, p. 241.

“[...] Está neste caso a afamado Chão dos Loires que fica no regaço luxurioso da Encumeada de São Vicente.

Quem não conhece os loireiros seculares que aformoseiam aquela mansão bucólica de rudeza serrana! A qual, o forasteiro visita como em romagem ao velho culto da árvore sagrada. Loireiros angulosos, de compridos galhos de folhas lustrosas enchem o recinto, o templo de extintas divindades. E as urzes bravias e o matagal, enclavinado, denso e viçoso do solo humedecido cerram para o Sul a montanha que deve ter a idade geológica do próprio mundo. [...]"

Horácio Bento de Gouveia (Filho)

(n. 19/05/1959)

Memórias, 2013, p. 111.

“[...] Um pouco mais abaixo, na berma da estrada, junto ao cemitério parcialmente sombreado por vetustos e centenários plátanos, é mitigante a paisagem que desfila ao alcance da vista: A pedra rachada, visível ou submersa, consoante as marés, quase frente à piscina; o velho carreiro da Entrosa, outrora estrada do Reino, ziguezagueando enquanto galga o acidentado da vertente da montanha em direcção ao Arco de S. Jorge; o alcantilado da costa eivada de reentrâncias e recortes, de tonalidades escuras, até se perder ao longe, para lá dos contornos da Beira da Quinta debruçada sobre o mar [...]”

Irene Lucília Andrade

(n. 06/02/1938)

“Ruas do Funchal” *In Ilha que é gente*, 1986, pp. 69/70.

“Assinatura do tempo
Rua de Santa Maria,
travessas desta cidade
do Descanso e da Saudade
Rua Nova da Alegria.

Ruas do Til e dos Louros
varadouros do olhar.
Rotas certas sem desvios
onde os olhos são navios
à espera de ir ter ao mar.
Rampas de fogo e arrojo
donde se lança o luar.

Ruas ao jeito
do meu peito
curvas, volúpias no espaço,
ruas cansaço
do meu passo.
Ruas garridas
compridas
perfumadas
apertadas
na força do meu abraço. **(p. 69)**

Verdes quintas sonolentas
no silêncio dormem nuas.
Maravilhas, Jasmineiro,
Ilhéus... E em cada canteiro
respira o corpo das ruas.

Cheiro a lilás e orquídea
Caminho Velho da Ajuda.
Atrás dos muros antigos
os quintais são os abrigos
da cidade que não muda.
Arca-mistério da infância
que a memória não ajuda.

Ruas que eu sinto
labirinto
das minhas fugas inventadas
ruas airosas
luminosas
ruas ousadas
apressadas.
Ruas silentes
ausentes
ansiosas
desejosas
no meu amor demoradas. (p. 70)
[...]"

“A muralha” *In Contos Madeirenses*. Organização de Nelson Veríssimo, 2005, p. 210.

“[...] Às horas das pausas, durante o dia, ele atravessava a pé a cidade, lentamente, com as mãos cruzadas nas costas, sentindo os passos, e chegava, por uma rampa, aonde tinha a casa, engastada na velha Muralha, mal avistada entre umas moradias pobres e terrenos de bananeiras, vinhas e matagal. A casa construía-se inserida no paredão, confundia-se com ele e uma pequena janela rasgava-se naquela espessura sólida trazendo aos olhos, numa incerta evocação de épocas passadas, o resto duma memória velha e obscura de um tempo que se adivinhava, mais do que se conhecia. [...]”

“Passiflora” In *Crónica breve da cidade anónima – À hora do tordo*, 2008, pp. 70/71.

“A levada está traçada em curvas e contracurvas a rodear a encosta larga do Arieiro. Quem sai do caminho passa primeiro por algumas casas aconchegadas numa teia de verdes floridos e não é fácil perceber que a gavinha presa a um galho de nespereira não é da uva americana, mas do maracujazeiro infesto que invade tudo e enrosca desesperadamente os braços voluteis em qualquer suporte, não fosse ele a planta da paixão, passiflora obstinada, sôfrega desse arrimo que lhe permite erguer-se do chão e expor as corolas franjadas por entre a sombra dos canteiros. Fácil não é também saber, para quem não conheça a prodigiosa energia desta fitoesfera multiforme, onde está plantado o pé de couve galega, se ela se agigantou por entre os feijoeiros, lançada em pose arbórea, e deixou pender as folhas sobre o cacto “*cérius*” que estende os tentáculos espinhosos pelo muro protector do quintal. Deste emaranhado rescende um cheiro misto de ervas, humidades e trombeteiras; um esvaído odor a rosas de tocar espreira entre os novelos das hortênsias; não há planta, por mais desconhecida entre as habituais dos múltiplos jardins, que aqui se não veja brotar à beira da água, nesta vereda que é passagem de ávidos caminheiros e ao mesmo tempo modesto e árduo acesso às moradias.

[...] A levada do Arieiro toma este nome depois de atravessar os Barreiros e segue, serra adentro, até o longínquo Curral. Arriscar-se além da Ribeira dos Socorridos é aceitar o confronto com o precipício e cometer a imprudência de se avistar com a morte. Por mim paro onde o contexto é ainda ameno e vagueio pela rede de carreiros entre quintais ternamente cuidados, degraus e rampas, bananeiras e vinhas, as casas acrescentadas de um comprometimento recente, um terraço, um arquinho alindado num alpendre, um cuidado posto no lugar da vida, a roupa nova e fresca num discreto estendal, por detrás da verdade, um gato modorrento no beiral dum muro, a água, a aragem agitando o mato; um galo algures faz ouvir seu grito tenorino, os ruídos das coisas que esporeiam prazer silencioso de escutar. (p. 70)

Não preciso de ir mais longe, tão de perto me chega o mundo. Subo e desço e de repente torno a subir e perco-me. E deixo-me perder porque o mar se avista sempre e as casas estão ali. E há gente. [...]

Demoro algum tempo por entre o silêncio dos bananais, sinto nos pés uma vaga ligeireza de asas, corro, e de novo numa curva onde as plantas se entrelaçam em desordem de frisos, frontões, arcadas imperfeitas, a minha mão enleia-se inadvertidamente num barão de passiflora. [...]" (p. 71)

“Fisionomia” In *A Penteada ou o fim do caminho*, 2004.

“Se eu te disser a «Rampa do Muro da Coelha» visualizo sem esforço o desenho traçado em linha concordante, a descer em curva e contra-curva até a livre circulação entre o Caminho as águas e a Rocha. O traçado seguia pela íngreme ladeira acima da Ponte da Água de Mel e perdia-se pelos Álamos na colina de Santo António. Ainda hoje o desenho se mantém mas a paisagem desfigurou-se. O beco foi absorvido pelas novas vias e outras construções, a Ribeira perdeu espaço, compulsivamente desviada e oculta; [...] (p. 17)

Na rota do Ribeiro da Água de Mel que desagua por ali, algumas couves, magras hortaliças e escanzelados espinafres afundam o desespero entre as urtigas e amores de burro, ervas tristes esmagadas no pó. Gostaria de poder dizer-te sem me iludir “olha a fonte!” nada resta do antigo arco de curva romana que sustentava o nicho, a pia agora esboroadada perdeu o lustre da argamassa polida pela água e o iodo; nem a torneira de latão brilhante sobreviveu [...]

As casas de antes, quero ainda vê-las sob vinhas e trepadeiras ao fundo das frescas entradas de orlas floridas, bordejando os terreiros, onde na sombra esplendiam corações, manacás, mimos, cardeais; [...] (p. 18)

[...] Podia-se reconhecer facilmente uma diferença de estado a partir do Caminho da Achada com algumas quintas a descer para o sul, até Santa Clara; as pequenas casas ornavam-se já dum perfil urbano desenhando-se então a configuração das ruas onde não chegavam os cheiros [...] (p. 20)

“O cerejal” In *A Penteada ou o fim do caminho*, 2004, pp. 82/83.

“[...] Finalmente, a alta paisagem do Estreito e o extenso pomar das cerejeiras. Entrámos nele ao longo da levada, a perder de vista, curva após curva, declive após declive, ravinas e ravinas de cerejal prenhe de frutos, profusos cachos de drupas sanguíneas emitindo

um brilho húmido por entre a ramaria aos raios do sol coado, às dez horas da manhã. A serra esconde inverosímeis espectáculos para quem saia das baças rotinas das estradas diárias. Foram horas e horas de magnífica paisagem, malha verde tecida de luminosos pingentes (p.82) vermelhos [...]

[...] A sua alma é o que se descobre para além das grandes vias e das profusas urbanizações, por detrás do flanco das montanhas, ao longo das levadas, dentro dos círculos de assombro onde se abismam as vertentes e se afundam as ribeiras e nos cumes descobertos acima do primeiro céu. [...] (p. 83)”

“O poder de Deus” In *A Penteadada ou o fim do caminho*, 2004, p. 115.

“[...] Dantes a ribeira que passava ali entre a Madalena e a Água de Mel ostentava-se ao interesse de quem a olhasse, avistava-se larga e pedregosa por entre canaviais, silvados e abundância. No Inverno a água das chuvas avolumando-se nos ribeiros e torrentes várias, juntava-se num grande caudal lamacento, invadia-lhe o leito e lançava-se em ondas revoltas no mar, pintando uma mancha sépia junto à costa, bem visível numa notória extensão. [...]”

Irene de Mendonça e Freitas
(n. 04/02/1941)

“Câmara de Lobos” *In No vértice da palavra*, 1994, p. 11.

“Aquela é em verdade, a enseada do impossível,
Porque em nenhum outro lugar se repete,

que nada se repete, nem por dentro, nem por fora
de nós; todos são instantes únicos, imutáveis e
diversos,

aquelas ondas intranquilas,
as marés iluminadas da beira-mar,
meninos-vádios-morenos e salgados,
rochedos do susto e do espanto,
aquele mar de seda transparente,

daqueles rochedos saem as gaivotas, que trazem as
notícias do alto-mar e tantas novas trazem das
outras paragens.

Queda-se na enseada; é um arrepio lento!

de novo angústia e encanto, de novo as ondas co-
mo um íman fazem dançar os barquitos azuis, talvez
enevoados.”

J. Morna Gomes
(n. 06/10/1913)

“Funchal” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 12.

“Desde o anfiteatro da Baía,
Cujo ilhéu negrejante faz figura
Sobre azulado espelho de água pura,
Até à negra e longa serrania,

Sobe risonha e linda casaria
– Risonha de poética doçura! –
Entre laços de flores e verdura,
Num conjunto de cor e de harmonia!
[...]

“Plátanos e buganvílias” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 17.

“Por sobre as duas margens da ribeira
Erguem-se verdes plátanos gigantes,
Vendo uma estranha planta trepadeira
Recamar-se de flores cintilantes.

Sorridentes a quem delas se abeira,
Estas flores mimosas, fascinantes,
Tornam a urbe linda e prazenteira
Com seus peculiares cambiantes.

E os plátanos altivos, reclinados
Por sobre as buganvílias a trepar,
Como gigantes apaixonados,

Dali nunca se cansam de as fitar
E, achando-se encantos ignorados,
Perdem-se nas alturas, a sonhar...

(Santa Luzia – Funchal)”

“Miradouro das Cruzes” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 22.

“Gigantescas e exóticas figueiras,
Afofando ramagens sedutoras,
Ali compõe sombras protectoras
Em tardes rubras e manhãs fagueiras.

Do seio dessas sombras prazenteiras
Vêm-se perspectivas sonhadoras
De Mar, Cidade e Sé a contar horas
Numa torre de formas altaneiras!

Correm velas no mais azul dos mares,
Deixando, após si, ondular rendais...
Florescem jardins, verdes singulares!

E as moradas, florindo nos quintais,
Entre folhas esguias ou palmares,
Acolhem asas nos gentis beirais!

(São Pedro – Funchal)”

“Eucaliptos” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 26.

“Eucaliptos, de troncos aprumados,
Sois árvores altivas, colossais,
Onde viçosas heras e silvados
Desenham mil volutas naturais.

Sois árvores de encantos ignorados,
Abrigando em poéticos ramais,
Esparsos pelos montes e valados,
Os ninhos gorjeantes, musicais!

Eucaliptos, com troncos revestidos
De heras, que altivas trepadeiras são,
Não sois somente arrimos preferidos

Pelas aves da nossa criação,
Mas inda altares no horizonte erguidos
- Orações de verdura na amplidão!

(Choupana)”

“Alegria” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 27.

“Singela Ermida, à luz do amanhecer,
Fulge entre velhos troncos revestidos
De heras por onde a gente pode ver
Paisagens que embriagam os sentidos.

Névoas que dão à Terra de beber,
Rociam montes, vales coloridos,
Mar a fulgir, Cidade a florescer
Na graça dos telhados reflectidos...
[...]

(São Roque)”

“Porto da Cruz” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 46.

“Não longe de amplas praias arenosas,
Separadas por rochas e beirais,
Brilham da Igreja os límpidos vitrais
Em paredes alventes, luminosas.

Brilham as perspectivas penhascosas
Da Penha com espessos pinheirais.
Ao longe, a luz que adverte com sinais
O nauta em noites claras ou brumosas.

Aqui a Igreja, rútila e moderna,
Apruma a torre esguia e branquejante,
E o ar, de pedra em pedra, hinos externa.

Ali, negra e escavada e verdejante,
Luz a figura enorme, altiva e eterna,
Da Penha com aspectos de gigante!”

“Balcões” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 47.

“Ó rochedos, nos altos, a sonhar
Por entre a alvura intensa e adormecida
De nuvem sobre nuvem a voar,
Quais gigantes em plena despedida!...

Formas belas e horríveis dum altar
Cuja terra, de tão verde e florida,
Delira, ouvindo a voz da água a cantar
De pedra em pedra, em serpes esculpida.

Ó rochas em acordes dum poema
Onde, à noite, adormecem mesmo os astros,

Prendendo todo o olhar com sua algema;

Ó sombras projectadas como mastros,
À visão do luar, branca e suprema,
Sois um sonho de brancos alabastros!

(São Roque do Faial)”

“Santana” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 49.

“Santana... Numa ubérrima planura
Há vultos de palhoças ancestrais,
Terra a evolar-se em senhos de luz pura,
Azuis hortênsias, verdes milharais,

Há sorridentes plainos de verdura
Onde pastam rebanhos líriais,
Ovelhas com feliz desenvoltura,
Sorvendo sol e devorando ervais!

Santana... Na quimérica amplidão
Das terras onde o milho se produz
Há jardins, azulada floração...

Há grandeza que mil cores traduz,
Horizontes de intensa vastidão,
Tanta alegria em cânticos de Luz!”

“Caldeirão Verde” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 50.

“Na caverna profunda, êrma e sombria,
Que se escava na rocha altiva e dura,

Brotam flores, maciços de verdura,
Sobre abismos de austera poesia.

Cai dos rochedos água, branca e fria,
Num fundo da quimérica doçura!
E, límpida e veloz, límpida e pura,
forma serpes de estranha melodia!
[...]

(Santana)”

“Camacha” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 38.

“Ó Camacha, jardim na altiva serra,
Florindo desde a casa mais modesta
À estrada coleante sobre a terra,
Com perfis de sortílega florestal!

Altar que em sombras místicas descerra
Mil cores e perfumes sempre em festa,
Por onde o pálido crepúsculo erra
E toda a ave seu canto manifesta!

Ó Camacha de belos horizontes,
Quando teus naturais jardins diviso,
Qual saudade a florir na voz das fontes,

Vejo sonhos florindo num sorriso,
Tantas flores nos vales e nos montes,
A terra transformada em Paraíso!”

“Pico da Coroa” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 39.

“Só... De frestas que ogivam pinheirais,
Presos à terra, fértil e vermelha
Vejo amanhecer verdes giestais,
Florindo em oiro, chamariz da abelha;

[...]

(Gaula)”

“Curral da Freiras” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 52.

“Num vale de tamanha profundez,
Além duma corrente de água pura,
Há lindos oceanos de verdura
Entre casais de encanto e singeleza.

Alveja a doce e mística beleza
Duma simples matriz na profundura,
E as montanhas se fundem na brancura
Das nuvens com arestas de grandeza!

Diante desse côncavo profundo,
Quando a face da lua se levanta,
A noite tem mistérios de Além-Mundo...

E o luar, a descer, de planta em planta,
De flor em flor, o vale mais fecundo,
Sonha beijando um pássaro que canta!”

“Arco de São Jorge” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 54.

“À tarde o mar é um sonho de oiro e espuma,
Desde esta plana e altiva freguesia
Com vinhais e florestas de magia,
Até o Porto Moniz que o longe esfuma...

Beija com rendilhados, uma a uma,
Sob extensa, ondulante serra.
São Vicente e o Seixal, à luz do dia,
Como a gentil Ponta Delgada, em suma!

Ressoam as Trindades, ao sol-pôr,
Pelas longas quebradas e encostas,
Altivos verdes formam um pendor,

Contemplando as fajãs ali dispostas,
O mar a acarinhá-las com amor,
E a gente sonha e reza de mãos postas!”

“Boaventura” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 55.

“Pelas mais negrejantes serranias,
Feitas de vales, montes escarpados.
Viceja a flor dos tojos reclinados,
Caindo sobre altivas penedias.

Fulgem as chaminés, negras e esguias,
Dos seus casais, a sós ou agrupados,
E por ribanças, montes e valados
As ribeiras espalham harmonias!

Desde a espuma do mar até à serra
Com verdes amieiros e pinhais,

A natureza em cores se descerra,

Se rasga em tintas, formas maiorais,
Fazendo dessa altiva e adusta terra
Tela de mil encantos naturais!”

“Ponta Delgada” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 56.

“Num plácido vergel alcandorado
Em verdejante serrania altiva,
Ergue um pinheiro extático, enlevado,
A sua frente esguia e pensativa...

Talvez a contemplar o povoado
Onde o beijo do mar borda e aviva
Rendas dum brilho imaculado,
Que até a flor dos laranjais cativa!...

Na visão desta estranha trilogia
- Altiva serra, povoado e mar –
[...]

“Encumeada” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 58.

“Ó céus profundos de alvas pinceladas
Sobre o negro ondular da serrania
Com verdes guarnições de ramaria
Pelos montes e vales espalhadas!

Ó nuvens como ovelhas conchegadas
Num azul estendal de melodia,
Não temendo a cortante aragem fria,

Nem o sopro das rígidas nortadas!

Ó altivo mar de nuvens vagabundas,
De alvejantes contornos e tamanhos,
Sobre matas de cúpulas profundas,
[...]"

“Pico Jorge” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 59.

“Naqueles dias claros, espelhados,
Deste pico de musgos e feiteiras,
Vêm-se freguesias feiticeiras...
- São Vicente e o Curral espreguiçados!

Abrem-se quatro vales ensombrados
Por longas, ondulantes cordilheiras,
Miragens tão profundas e altaneiras,
Mostrando trechos êrmos e habitados.

Arde o sol-pôr, em vivos cambiantes,
Por tão horríveis e gracis pendores,
Águas, montes e vales deslumbrantes,

E sonham picos ruivos sedutores,
Como vultos altivos, vigilantes,
Com a luz que desmaia e verte cores!

(São Vicente)"

“Serra de Água” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 60.

“[...]

Canal que férvidos caudais despeja
Na ribeira ondulante, qual serpente...
Onde floresce o mato e a abelha adeja,
P'regrinando de flor em flor virente!

Tarde a morrer... some-se a luz do dia
Por vales e ribanças e quebradas
Desta fresca e risonha freguesia,

Mas das águas alpestres, irisadas,
Outra, de lar em lar, logo irradia,
Deixando a terra e a gente extasiadas!”

“Seixal” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 61.

“Seixal, mundo de rochas sobre o mar,
És grandioso canto de epopeia,
Nesga onde o oceano azul campeia
Em vai-vens espumantes, a cantar...

És grito de basaltos a tombar
Sobre a estrada que tanto serpenteia
Aos pés do mar com vozes de sereia
- Melodia que sonha e faz sonhar!

Ó Seixal de quiméricos rochedos,
De tanta linfa alvente que se abisma
De alcantis litorais sobre fragedos,

Quando o sol-pôr cintila – lindo prisma! –
No mar e nas fajãs e nos penedos,
Contigo a luz da tarde também cisma...”

“Fanal” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 62.

“Subi, subi... E, após tanto subir,
A surpresa venceu o meu cansaço,
A surpresa dum lago a reflectir
Velhos troncos e fetos num abraço...

Surpreendi o vivo sol a colorir
Miragens abissais, tanto espinhaço...
Ribeiras, lençóis de águas a cair
Como sonhadas pérolas do Espaço!

[...]

“Ribeira da Janela” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 63.

“Ali se estende, em lírica aguarela,
Verde e alvejante, múrmura e esguia,
Recortando-se em formas de janela
Sobre águas duma estranha sinfonia...

Afronta a vaga, o mar que se encapela
Um ilhéu de figura hirta e sombria,
Vendo a vinha em que o Outono se revela,
Fulva de penedia em penedia!

[...]

“Prazeres” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 68.

“Nos pendores da altiva serrania

Ondulam giestais florindo em oiro
E, orladas pela amiga luz do dia,
Messas com fulvos tons de trigo loiro.

O ar sadio, que tanto acaricia
Vivendas e trigais de bom agoiro,
Transforma esta ridente freguesia
Numa estância de encanto imorredoiro!

E, mal o sol nos altos aparece,
Afangando perfis de terra viva,
Onde a água canta e o trigo amadurece
[...]"

“Jardim do Mar” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 71.

“Da rocha que se alonga e se fragmenta
Este Jardim se orlou de fina areia,
Jardim que altivos vagalhões enfrenta,
Quando o oceano, irado, desnorteia.

Água, tão fresca e virginal, rebenta
E, entoando suave melopeia,
Corre jardins, terrenos que alimenta,
A Fajã com perfis de lua-cheia...

Ó rocha de águas abissais e frescas,
Se bendigo, a cantar, as outras rochas
De sombras sonhadoras, pitorescas,

Por sobre as quais o céu acende tochas...,
Mais canto tuas formas gigantescas,

Porque em jardins, tombando, desabrochas!”

“Calheta” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 73.

“Acordam verdes montes e lombadas
À lucilante luz de suave aurora
E alvejam ovelhas tresmalhadas,
Saboreando ervais, campos em fora.

Deslizam brancas águas projectadas
De altivo Rabaçal com rica flora,
Dando fulgor aos lares e às estradas,
Aquele luz que lhes faltava outrora...

E, a par da linfa que do alto vem,
Na fluída unção da luz a despertar,
Matando a sede às terras, aqui e além.

Uma outra, ouvindo a música do mar,
Do cais vizinha, vibra a voz também,
Voz cristalina quanto singular!”

“Rabaçal” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 74.

“Descem rochas ciclópicas, gigantes,
Dezenas de aquáticos caudais,
Águas brancas, viris, altissonantes,
Dando vigor a eflúvios florestais.

Saltam os alcantis horripilantes
Do risco com alturas colossais,
Formando fundos, pélagos hiantes,

Prontos a engolir plantas e animais...

Lembram mãos com afagos de veludo
Tocando vegetais, musgos e limos,
Velhos troncos musgosos e ramudos;

Mãos que ungem abissais, verdes arrimos,
Rochedos tão altivos e tão mudos,
Mas sentindo a grandeza que sentimos..."

“Madalena do Mar” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 77.

“Desde as águas quiméricas, absortas,
Da praia rescendendo a maresia
Até mesmo aos umbrais da serrania,
Alteias hortas sobre verdes hortas.

Teu altivo perfil em luz recortas,
Vendo a água esculpir vida e energia
Na ribeira dantesca, funda e fria,
E nesses frutos de oiro que comportas!

E a ribeira, de seixo em seixo, alvente
Não só faz a água múrmura, em transporte,
Dar vida a tanta flor ao sol ardente.
[...]"

“Ribeira Brava” In *Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 83.

“Ruge num amplo vale a florescer
Esguia e murmurosa e saltitante,
Como serpe fantástica, gigante,

Serpe que morde seixos a correr...

Revoltam alucinada, a recrescer,
Alveja aos pés dum álamo elegante
E, à frente duma vila deslumbrante,
Em areais e espuma a refterver!

No seu bravio e singular avanço,
Nutre verdes seixos só consome,
Nunca tem um momento de descanso.

Águas num oceano espalha e some,
Porque dar-lhes anseia outro balanço...
E a tamanho lugar tamanho nome!..."

"Tabua" In Colar de Pérolas (Sonetos), 1988, p. 82.

"Andam estranhos verdes a enfeitar
Perfis de litoral e serrania,
Alheios à geada e à maresia,
Com vestes dum encanto singular;

Vestes que ornam a Ermida a branquejar
Num canto com recortes de harmonia
E as margens da ribeira, ampla e esguia,
Tecendo rendilhados a cantar!...

Diante da paisagem revestida
Desses verdes que a tornam deslumbrante,
Sorvendo da água viço, cor e vida,

Perde-se toda a vista, a cada instante,

Todo o olhar contemplando o solo e a Ermida.
A Ermida alvente, o solo verdejante!”

“Campanário” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 85.

“Majestoso tapete de verdura,
A estender, de subida após subida,
Da costa azul aos pinheirais na altura,
Vistas de forma em sonho definida;

Telhados de gentil miniatura,
Corando mesmo, à luz amanhecida,
Em recantos de mágica doçura,
Luz que na terra espalha cor e vida!

Tapete de belezas naturais,
Alongando, em painéis de mar e serra,
Jardins e montes, vales e areais,
[...]

**“Ponta da Oliveira” *In LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA*. Organização
de Florival Passos, n.d, p. n.d.**

“Já’dourada refulge oblonga ponta
Quando o sol oiro no areal estende
E o peixe pequeno se amedronta
Do grande com aspectos de duende...

Passas cardumes rútilos sem conta
Por entre o limo que da rocha pende
E lá no Garajau, que a vaga afronta,
A branca Imagem de Jesus esplende!

Aqui surgem escamas luminosas,
Tanto do peixe do Atlântico oriundo,
Em mil e uma volutas caprichosas;

Mar espumando binários, alto e fundo!
E além, abertas quanto dadivosas,
Há duas mãos a abençoar o Mundo!...”

“Monte” In LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d.

“Poente a diluir-se... Luz tranquila,
Sonâmbula de lindos furta-cores,
Cala os ninhos das árvores em fila,
Afangando ramais, verdes pendores.

Cai bruma e o sol-pôr verte e destila
Na Senhora da Paz vivos fulgores,
Enquanto a da matriz no altar cintila
Sobre restos mortais de imperadores...

Diz o sol adeus rindo à paisagem,
Ao Terreiro da Luta que flutua
Em mil cores de esplêndida miragem.

Mas, em anseios de Amor, ali estua
A Senhora da Paz, a branca Imagem,
Esp’rando a branca aparição da Lua!”

“Pico dos Barcelos” In LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d.

“Num admirável fundo de aguarela
Repousa o lindo burgo florescente,
E o sol desce à fornalha do poente
Tingindo a casaria alegre e bela.

Na amulada amplidão surge uma vela
Sobre rendas em forma de serpente
E, nos umbrais da serra alta, imponente,
A brancura da neve se revela!

Quando o Sol guarda as tintas no horizonte
E, em espasmos de luz lilás e rosa,
Envolve a torre, os píncaros defronte,

Ergue-se uma oração, viva e ardosa,
De casal em casal, de monte em monte,
Ao autor desta tela magestosa!"

Jaime Câmara
(n. 13/03/1881 – m. 24/12/1946)

“Funchal: a fisionomia das ruas” In *Crónica Madeirense (1900 – 2006)*. Organização de Fernando Figueiredo *et al.*, 2007, pp. 40-43.

“[...] Nas circunvizinhanças da baía, a Rua da Praia, com sua alta coluna de tufos e lamas vulcânicas [...] (p. 40)

Os antigos arruamentos da Árvores, Princesa e Príncipe, que marginam com plátanos vetustos e magentas buganvílias a extensa Ribeira de calhaus rolados, esta atravessada por abóbadas e arcarias de pontes pênseis e alongada até o boqueirão de alcantiladas serras [...] (p. 41)

A Entrada da Cidade, Avenida Zarco, com seu palácio caleado a ocre, e ladeada por árvores hercúleas folhas palminervadas, permitindo-nos, pelas torreiras do Estio, a regalia benta de um baldaquino [...] (p. 42)

[...] a velha e histórica Praça da Constituição, metamorfoseada em Avenida, e substituindo pela arroxada florescência dos jacarandás as copadíssimas frondes da *ficus comosa*, figueira-da-índia; [...]” (p. 43)

DN, 18/5/1930

Jaime Gonçalves
(Não definido)

“Ilha da Madeira” *In Versos*, 1995, pp. 35-37.

“Quem percorre as altas serras
desta Ilha da Madeira
vê montanhas e alturas
que formam u’ã cordilheira
e no fundo tem abismos
vales verdes e ribeiras.

Falando das qualidades
das plantas da nossa serra,
cada uma tem um nome,
é a Madeira, nossa terra.

O Prado, o louro e o til,
vinhático e barbusano,
o aderno mais o seixo
pau branco e marmelano.

O folhado mais a faia
o piorno e azevinho,
a uveira mais a urze
o teixo mais o sanguinho.

Nas falésias tem o líquen
e nas encostas tem feno,
nasce verde, fica louro,
da chuva, sol e sereno.

Esse Paúl da Serra –
- planalto da nossa Ilha
[...] (p. 35)

Temos a serra riscada,
debaixo dos arvoredos
[...]

A Madeira está rompida
de túneis e de levadas,
as águas p'rás freguesias,
de alto a baixo enseadas
abastecem nosso povo
de hortaliça regada.
[...] (p. 36)

Jardim do nosso Funchal –
- altas árvores gigantescas,
tem alguma natural
desta Ilha pitoresca.

Este ilhéu é circulado
por golfos – braços do mar
e as quedas de água branca,
ribeiras a despejar,
na base as freguesias [...]” (p. 37)

Agosto 1978

João da Câmara Vasconcelos
(n. 1829 – m. 1902)

“Adeus à Pátria” *In Musa Insular (poetas da Madeira)*, 1959, p. 127.

“[...] Os montes teus magestosos,
Altivos, alevantados,
Por frescos vales viçosos
Uns dos outros separados,
Par’cendo medonhos mares
Que a tormenta ergueu aos ares
E foram petrificados;

As tuas belas campinas,
Verdejantes, esmaltadas;
As águas tão cristalinas
De tuas fontes nevadas;
Tudo quanto a natureza
Te ofertou com mais beleza
Do que às terras mais prendadas:
[...]

João Carlos Abreu
(n. 05/12/1935)

“3 Imagens” *In Água no mar*, 1990, p. 17.

“Um presente de cores
Uma ilha de vertigens
Segredos de buganvília
Tapetes de pedras negras

No soluçar das vagas
No subir da maré
Navega meu coração

Nas nuvens
Submergem os montes
Nos matizes esmaecidos dos bordados
Está a raiz do meu sonho
e os lábios desenhem ilhas
Deixa que as pedras da montanha
tracem o teu destino
Depois rebentarão:
manhãs novas
nascidas das promessas que fizemos...”

***Dona Joana Rabo-de-peixe*, 1996.**

“[...] A rua de Santa Maria faz parte do meu percurso de vida.

As cantarias das portas guardavam os segredos de muitas gerações. Os beirais dos telhados tinham plantas com flores amarelas, onde os pássaros construíaam os seus abrigos.

[...] (p. 21)

O Campo do Almirante Reis era o nosso paraíso.

[...] O Jardim era encantador. Tinha uma lagoa rectangular, recortada nos cantos, com azulejos azuis, amarelos e brancos.

Os canteiros, carregados de rosas e bocas de peixe, exalavam um aroma suave, que se misturava com o cheiro da maresia.

Em frente dos canteiros, havia uns bancos, igualmente de azulejos azuis, amarelos e brancos.

Ao centro havia outro banco, em forma de circunferência, coberto por um guarda-sol de buganvílias vermelhas.

Ao fundo, havia duas frondosas figueiras da Índia. [...] **(p. 51)**”

João Dionísio
(Não definido)

Os construtores da memória, 2000, pp. 9/10.

“[...] junto às árvores na parte circular na baía da cidade do funchal mais depressa os nossos passos no corte contra a chuva e o frio **(p. 9)** a esta parte no lado norte as folhas do mês de abril cheias de verdes uns dentes de árvores e noutra de sul o pilar de bânger o porto marítimo os barcos de cabotagem o campo de futebol o almirante reis mais entre o norte e o sul a memória no calmo crescimento com o ar as relvas as palmeiras e o forte de são Tiago e as aves à volta da estátua da autonomia [...]” **(p. 10)**

João Fortunato d'Oliveira
(n. 04/03/1828 – m. 06/04/1878)

“SANT’ANNA” *In Flores da Madeira: poesias de diversos authores madeirenses.*
Organização de José Monteiro; Alfredo Oliveira, 1871, pp. 2/3.

“[...] Por valles e serranias;
Por entre as sebes virentes
De *novellos* recamadas,
Sobre alfombras matisadas
De mil florinhas ridentes. (p. 2)

[...] Era completa grinalda
Das flôres mais delicadas
Em varias sazões ceifadas,
Sôbre um fundo d’esmerealda.
[...]

Descansemos: - do mirante
A fresca sombra gosemos:
Que vista que d’aqui temos,
Tão extensa e deslumbrante!
Com a juba verde escura,
Erguem-se alem magestosos,
Os *Cortados* alterosos,
Como do quadro a moldura.
[...]” (p. 3)

“No pico ruivo” *In Musa Insular (poetas da Madeira), 1959, p. 123.*

“Salvé! Salvé! penhasco alteroso,
Salvé! monte de nuvens c’roado,
Que contemplas ufano, orgulhoso,
Fundo abismo nas penhas cortado!

Qual madeixa, que a fronte rugosa,
Rara cinge d'altivo ancião,
Fresca rama te cerca viçosa,
De urze adusta que afronta o tufão.

Deste cimo, que se ergue gigante,
Como apraz longas vistas lançar!
Ver os raios do sol deslumbrante,
Ao surgirem, as águas doirar!

Branca nuvem, qual froco de prata,
Ver libar-lhe na espalda do monte;
E o Oceano, que um circ'lo retrata
Vir a terra abraçar no horizonte.

Sobranceiro às selvas e prados,
Sobranceiro às cristas erguidas,
Aos penhascos p'ra os céus eriçados,
Às encostas de fetos
Vestidas. [...]"

João França
(n. 23/06/1908 – m. 31/01/1996)

“Cântico da terra ilhoa” *In Cântico da Terra Ilhoa (Poesia)*, 2008, pp. 9/10.

“A Natureza a si chamou a sorte rara
da luz, da cor, da forma e do local eleito
a uma Primavera eterna e repousada
no seio da terra em que nasci.

Cercada pelo mar, a terra concebeu
a graça do apego a quem nasceu ilhéu.

[...] (p. 9)

Sereno, vagaroso, o tempo vai passando
talvez maravilhado ante o deslumbramento
das coisas naturais de todo um panorama
da dantesca visão que Dante nunca viu.

Escadaria alta, acima dos valados,
Desde o fundo do vale à crista da montanha,
cada degrau exprime a sorte de uma leira:
o fruto laboral de uma conquista humana.

Tem a fortuna verde e tenra das searas,
tem o amor constante e certo de quem lavra,
tem a simplicidade antiga dos costumes,
tem nas eiras o sol e a vida nas levadas.

Tem uma guerra santa, eterna e envolvente:
a das cores rivais e dos perfumes raros,
guerra jamais perdida e também jamais ganha
nos campos, nos quintais, no mundo dos jardins.

Maravilhoso mar aquele que nos cerca!

Entre o azul e o verde, a branquear a espuma,
ele dorme ou se agita, espreguiça e murmura
e quase sempre é doce a sua voz salgada.

[...]” (p. 10)

junho de 1971

A Ilha e o tempo, 1972.

“[...] Já a cidade se espreguiçava nas ruas vestidas de lusco-fusco da manhã quando o barco passou a Ponta do Garajau. E mesmo antes do toque de trombeta no baluarte de São Lourenço, à beira-mar, havia homens espalhados pela praia cinzenta, feita de seixos. [...]

Píncaros da serra, lá nos altos vizinhos do firmamento; falésias brilhantes de sereno, encosta além; baixios raiados de salitre, junto à babugem do mar, a estender-se na imensidade, tudo se foi cobrindo dessa claridade mesclada de sangue, ouro e cinza. Depois, veio a vez da cidade encher a sua abada de luz, a começar pelo lado do poente, pois tem ela os braços estendidos para o Sul. (p. 29)

Acima do varadouro, encontrava-se a Rua do Peixe. Gente portuguesa e estrangeira, com lugar destacado para a fidalguia. Na praia, o grupo de escravos recém-chegado olhava a terra, cidade além, trepando a encosta: casas rasas e alguns sobrados cobertos de telha, separados por quintais, e esses dois colossos, ali próximos: a Alfândega, com as suas arcarias ogivais de pedra plúmbea, e a Sé, de torre sineira a bicar o céu. Depois, as hortas e os pomares, de um verde-matizado e, mais ao fundo e sempre a subir, a encosta, espraiando-se no vale imenso até os píncaros da montanha, lá longe, ora feita arvoredos cerrados ora de pedra nua, semelhante a um largo e arqueado pilar do firmamento.

Diante dessa paisagem, gigante na altura e na verdura louca de exuberância e tonalidades, aquela gente só podia pensar em fartura e riqueza. [...] (p. 32)

No dia seguinte, ao cantar do galo, Isabel saltou da cama e o seu primeiro pensamento foi de pôr de lado os últimos atavios de menina. Calçou botas, vestiu saia de algodão e pôs chapéu de palha. Engoliu o caldo matinal, ela e a sua gente, tudo à pressa. Meteram pés ao caminho do Monte, homens e mulheres em linha de formigas por carreiro íngreme, em curvas e ziguezagues. Cada um carregava quanto podia: enxadas, foices, serras e machados, roupas e tachos. A terra ficava no alto. Uma vez alcançada, já conhecedores das coisas da

terra agrária, olharam em redor, desanimados com o declive dessa faixa matagosa. Erva, giesta, urzes e loureiros frondosos emaralhavam-se à sombra de dragoeiros gigantes, a desafiarem a lei da gravidade. [...]

Assim era o terreno: uma larga faixa de mato e árvores em forma e leque aberto para o Sul, ou seja, voltado para a baía do Funchal e sobranceiro à cidade.” (p. 110)

Uma família madeirense, 2005.

“Longe do interesse natural de um pintor entusiasta, lá vai ele a olhar o amplo ciclorama de um ver de mil tonalidades, aqui e além pontilhado de pequenas casas caiadas, algumas cobertas de telha escarlata, outras de colmo acinzentado; árvores de fruto, uma asa de moinho volteando serenamente e também aquela rocha elevada, ao longe, onde o sol se reflecte nos veios alaranjados da massa granítica. A pouco mais de meia encosta, para o cimo, avista ele a linha esbranquiçada de uma conducta de água. O líquido que vem da Camacha e vai servindo, dentro dos princípios legais da água de giro, as fazendas cimeiras, entre as quais o do seu sogro, por onde ele vai caminhando sem vontade, embora caminhe ao encontro da esposa.

Pela primeira vez está Anselmo a reparar nesse capricho arquitectónico da Natureza, ali aberto na rocha, a formar um misto de nicho e mirante, algo parecido com um altar de tosca feição. Na pedra acastanhada, essa reentrância não chega a ser uma gruta, talvez por falta de profundidade suficiente para um refúgio. (p.39)

[...] Vencendo o topo-norte, Lúcia entre na vereda a estender-se para os lados de Gaula, avistada ao longe. [...] (p.67)

Aqui e ali vai ela colhendo ramos de plantas bravias e, no entanto, de florinhas simpáticas, na forma e na cor, tal como o amarelo vivo das giestas ou o azul-escuro de certas corriolas. Delas faz um braçado e prossegue no seu corta-mato deliberado em direcção da rocha, em cujo sopé vicejam as silvas e as urtigas. Um pouco mais acima verdejam os avantajados cactos, também chamados tabaibeiras, ali a exibirem as suas agulhas duras, os seus frutos espinhentos, nascidos de flores carnudas, cor-de-sangue vivo.

Lúcia está na pequena clareira diante do sopé pedregoso, com ervas a irromper pelas comissuras de um empedramento natural. Por cima, e após os cactos saídos das gretas da rocha, está a sua capelinha secreta a uns vinte metros dos seus olhos. Lá estão as ombreiras

ogivais daquele nicho feito pela natureza, a fazerem lembrar uma tosca entrada bizantina rasgada no rochedo e com ele confundida. [...]” (p. 68)

POEMA ILHÉU Mar – Terra – Gente, 1993.

Página 41

“Não tem a Ilha o ouro nas entranhas,
outro senão aquele do vigor
das plantações frondosas e tamanhas.
A flora irrompe e desce das montanhas
ao vale fundo e terras em redor. [...]”

Página 43

“Lá no alto mais alto dos rochedos
a hera chega, um feto se balança.
Mesmo sem água o ar possui segredos
capazes de lhes dar raiz e dedos
com quem se vão prendendo à esperança...

No chão da Ilha um jardineiro é vate,
mesmo se a ventania corre e silva.
Flor perfumada é verso de quilate.
De dia a orquídea cheira a chocolate.
Cheira melhor de noite a madressilva.”

Página 45

“Lado a lado, na terra dos quintais,
germinam mil espécies diferentes
- goivo, cravo, açucenas, roseirais:
são nórdicas, sulinas, tropicais-
unidas em exemplo a dar às gentes.

De paixão os lilases se vestiram
E de esperança as heras trepadeiras.
Malvas, papoilas, buganvílias tiram
do sangue a cor vivaz com que se viram
a enfeitar os campos e ribeira.”

Página 49

“Fruta imigrada, estranha, aqui está:
tabaibo nas rochas, de atalaia;
anona, esse pudim que o céu nos dá;
o perfumado e bom maracujá
e a vida milagrosa da papaia!

No campo aviva o sol os grãos dourados
do trigo, do centeio, da cevada
e tantos, tantos pomos desejados,
enquanto, em fartos cachos sazonados,
faz-se licor a uva na latada.”

Página 51

“E mais em frente, para além da horta,
que de verduras fartas se ilumina,
anda a saudade viva, à nossa porta,
dessa doce fortuna, há muito morta,
que se chamou riqueza sacarina. [...]”

Página 57

“[...] À beira de um rochedo empoleirada,
até por vezes no sombral de um olmo,
descobre-se a figura bem talhada
de uma pequena casa de morada
que desprezando a telha quis o colmo!”

Página 67

“Talhe-se a pedra, saiba-se fundir
o bronze para vultos altaneiros.
Entre quantos a fama fez luzir,
imagem justa legue-se ao porvir
o passado dos nossos cabouqueiros.

Lá no alto, em basaltos e granitos,
Estende a serra a lombra original
onde habitam francelhos expeditos.
A par dos fundos vales, tão bonitos,
mistérios se guardaram no Curral...”

Página 69

“Ribeira da Janela – água corrente
e terra arada em jeitos de socalco,
tal a Ribeira Brava tão ingente
de apego às tradições de boa gente
que de fidalga fama se fez palco.”

Página 71

“Jardins do Mar, da Serra e outros tantos,
que de jardins a Ilha se fizera!
Tão floridos os largos e recantos
que, dentro deles, sem saber já quantos,
confusa anda a própria Primavera!”

João G. de Ornellas Cabral
(Não definido)

“Pensar a Ilha da Madeira” In *A Madeira Vista pelos poetas*. Organização de Fernando Melim, 2002, pp. 118/119.

“Ó paraíso verdejante, ilha minha,
O mundo não encontra outra igual,
Tu és a pérola atlântica,
Teus povoadores vieram de Portugal.

Tudo o que te rodeia ao mar pertence,
Tua densa floresta, em parte ardeu,
Para bem acomodar o novo habitante
No destino que a Pátria lhe deu.

A atmosfera te presenteou, na serra nasce o caudal,
Pura água p’ra mitigar a sede, rareia na casa do vizinho,
Mas rega a flor, a semente, a batata doce e o faval,
As verdes lombadas, morenos trigais, cavada e feijão.
Florestas milenárias nas funduras das encostas,
Muita riqueza, ai de quem a tirar ao “vilão”!...

Nos socacos crescem canaviais do açúcar,
Uva de boa cepa (afamado vinho Madeira)
Floresceu a tropical bananeira,
Da mão da mulher saiu espantosa arte bordada,
Na Camacha o artesão criou obra de vime rendilhada,
O cofre do estrangeiro encheu nos tempos da outra guerra...
[...] (p. 118)

Rochas de S. Lourenço, o mar as serpenteia,
Vão chegar “dinossauros”, qual lobo no Girão rareia...
Nos serros do Caniçal, experiência é expectativa,
Espalham fama e reclamam colaboração europeia...

Amálgama de gente nova, na Ilha não escasseia,
Vidas em movimento nas lonjuras das aldeias.” (p. 119)

agosto de 1988

João Gabriel Correia
(n. 1952)

Flores de Jasmim, 2011, p. 283.

“[...] Sentados em cima do moledo na rocha do Garajau, abaixo da estátua do Cristo-Rei, os nossos heróis olhavam em volta: o calhau lá em baixo; a baía do Funchal ao longe, do lado do Poente; a Este a costa recortada do Caniço de Baixo, em frente, o oceano azul, imenso, ilimitado, grandioso, a perder-se de vista até ao horizonte, um horizonte real e imaginário.

Da estátua, tinham descido até aquele sítio alcantilado por uma vereda rasgada toscamente através da encosta de tabaibeiras. [...]”

João Luís de Góis
(n. 19/12/1918)

“Encumiada” In LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d.

“Anda um bruxo a pintar na serrania
A Primavera ou trechos de balada
Numas cintilações de pedraria
Sobe esmeralda, em ouropéis de fada.

Anda um mago pintor de bruxaria
Da chã dormente à erguida cumiada
Pintando uma Visão que ele teria
Do coração da Atlântida encantada.

Oh! verde festival – verde arvoredado,
Olímpica mansão do verde louro...
Oh! Sol a rir em danças de bruxedo.
[...]

João de Nóbrega Soares
(n. 11/06/1831 – m. 22/11/1890)

Uma Viagem ao Rabaçal, 1998.

“[...] À direita, uma serrania disfarçada em oiteiros e fragedos cobertos de urzes e giesteiras.

À esquerda, um vale profundo com vários prados onde pasta o boi e a cabra. Árvores gigantes e viçosas; o loureiro, o til, a faia, o teixo, o vinhático, o folhado, se erguem aqui, ali, acolá, em grupos pitorescos e admiráveis. [...] (p. 68)

O sol ia-se espartando sofrivelmente, mas a viração não deixava todavia de nos ir espanjando com as ventarolas vegetais que ladeavam o caminho. As fontes faziam o que a natureza lhes permitia, a fim de nos refrigerarem. (p. 74)

Chegámos finalmente a avistar o Risco.

Imagine o leitor uma rocha negra e alcantilada, coberta de velhos troncos de urze e outras plantas inacessíveis à vista, do lugar onde estamos ainda, e por entre as quais se debruçam várias golfadas de água, uma espécie de cerração, grandes montanhas na parte superior – eis o Risco, observado do lugar donde primeiro o avista quem seguir pela levada.

Por ora nada de maravilhoso. É um quadro escuro que apenas nos deixa ver as linhas dos contornos mais destacados, no fundo de um horizonte de impermeável negrume. [...] (p. 75)

[...] A do Rabaçal é bela pela forma.

[...] Imagine o leitor um despenhadeiro em semicírculo de 200 metros de diâmetro e 330 de altura, em cujo topo existe um tanque imenso, que as águas profundaram, e que decerto alimenta todas as que projetam da sua superfície vertical, saindo umas em forma de espanada, outras na tubular; estas prorrompem impetuosas; aquelas arrimadas às fráguas e aos arbustos; delas borbulham sob uma lapa; delas nascem entre plantas que as bebem e tornam a gotejar; e todas elas correm entre pedras e arbustos e musgo e avenca, oferecendo aos olhos uma das cenas mais belas e pitorescas que a natureza tem criado. [...] (p. 76)

[...] Eram duas horas da tarde aproximadamente quando eu subi a ladeira do Jardim do Mar para lá da beira da rocha escarpada e alta observar todas as maravilhas que a natureza sempre pródiga nesta terra de encantos derramou sobre estes sítios de eterna beleza.

Ora venha o leitor comigo, e prepare-se para observar um espectáculo grandioso.

Aí estamos, pois, na altura de 400 metros, na beira de um rochedo íngreme e nu. Lá em baixo tudo um tapete de verdura, doce à vista como a esmeralda, atraente pelos arabescos

de verdes variados e esquisitos que se mostram mais claros aqui, mais escuros ali, mais desmaiados além, mais denegridos noutra parte [...]” (p. 92)

João dos Reis Gomes
(n. 1869 – m. 1950)

“Pela ceia do Natal” *In Contos Madeirenses*. Organização de Nelson Veríssimo, 2005, p. 25.

“Da ponte de S.*** para cima, a ribeira deste nome apresenta um aspecto singularmente pitoresco. As margens, elevando-se aos socalcos, verdejam em densos canaviais, ostentando, mais baixo, nas terras encharcadas, a larga folha de inhame onde as rãs coaxam ao abrigo da perseguição dos rapazes. Mais próximo do leito, os muros de pedra solta demarcam propriedades liliputianas, efémeras hortas tentadas no espaço de dois Invernos; e, logo a meia encosta, as vinhas preguiçosas estendem, sobre as latadas de cana, longos báculos de verdeelho, isabel e negra-mole. [...]

As malvas cortam de rubro vivo as manchas verde-metálicas desta vegetação rica de seiva, ao tempo que a madressilva corre sobre as balsas, lutando com os «mimos» bravos, a perfumar a atmosfera destes vergéis dum bucolismo encantador e estranho.

Do lado do poente, no ponto em que o leito mais se alarga, ergue-se a capelinha branca que baptizou a ribeira, agrupando-se, numa margem e noutra, várias casas de colmo e já algumas de telha, como que a formar um lugar, ou, menos do que isso, um sítio, onde todos os anos a festa do orago promove um concorridíssimo arraial.

[...]” (p. 25)

“O Funchal pitoresco” *In Lugares selectos de autores portugueses que escreveram algo sobre o arquipélago da Madeira*. Organização de Cabral do Nascimento, 1949, pp. 113/114.

“UMA das ruas do Funchal que mais pitoresco e interesse regional nos oferece e que ao forasteiro sempre agrada – embora não seja, dos naturais, grandemente percorrida – é a Calçada de Santa Clara. Esta artéria, inclinada e sinuosa, ladeada por prédios uns modestos outros de certa sumptuosidade, permitindo à vista descobrir, agora, umas janelas cobertas de folhagem, outras totalmente floridas; mais acima, uma casa com jardim exterior, deitando os seus cachos de glicínias sobre a rua; aqui um portão solarengo que abre para um arruamento ajardinado; além o muro do extinto convento clarista que já começa a cobrir-se de trepadeiras e que em breve estenderá a nossos olhos a sua cascata de verduras; e no topo,

(p. 113) um alto edifício com varanda em que avultam vasos com plantas, e onde a mesma nota de vegetação e de cor poderia tornar-se ainda mais viva [...].” (p. 114)

João da Silva (Sílvio)
(n. 21/12/1927 – m. 28/07/2002)

“Pico Ruivo I” In *Catedral dos Meus Sonhos (SONETOS E SONETILHOS)*, 1967, p. 43.

“É o altar a montanha. O coração
Da gente, o sacerdote. Os paramentos,
A luz do Sol fagueira e os rebentos
Das urzes seculares. A função

Litúrgica começa. A viração
Toca uma sinfonia e, por momentos,
Esquecem-se profundos sofrimentos.
Faz depois o silêncio o seu sermão.

Nas encostas dos montes vejo um denso
Nevoeiro que lembra ondas de incenso.
Quando, meu Pico Ruivo, te contemplo

Bem pertinho dos céus, sinto um intenso
Amor ao Sumo Artista, ao Deus Imenso
Que soube arquitectar tão belo templo.”

***Pulcrolândia*, 1988, p. 55.**

“São as tuas montanhas altaneiras;
Profundas, tuas grutas sigilosas;
Murmurantes, as águas das ribeiras;
As que beijam a praia, remansosas.
Nas varandas, tens lindas trepadeiras;
Nos jardins, açucenas, cravos, rosas...
No denso matagal, no arvoredos.
Gorjeia, pelo dia, o passaredo.”

“A Caminho do Pico Ruivo, a montanha mais elevada da Madeira” *In Madeira, terra de encantos*, 1967, pp. 19/20.

“[...] Partimos das nossas casas, de manhã cedo, logo ao despontar da aurora. Fomos andando, andando por caminhos e veredas, em direcção ao Curral das Freiras. Chegados ali, tomamos o *Lombo Grande* que – diga-se de passagem – nos custou muito a subir, por ser íngreme e quase desprovido de arvoredo.

Depois dum três horas de viagem, *entrámos em chão*, e, a dada altura, seguíamos debaixo dum dossel, formado de ramos de *uveira* que nos proporcionou uma frescura muito agradável.

Uma vez envolvidos por completo na solidão e no silêncio da montanha que nos parecia falar baixinho de Deus e dos Seus mistérios, esquecemo-nos inteiramente da barulheira caótica da cidade e dos centros populacionais. Por toda a parte descortinávamos montanhas alcantiladas, abruptas vertentes, desfiladeiros cortados a pique, vales profundos, escarpadas ravinas. [...] (p. 19)

Após breve pausa, seguíamos vagarosamente no nosso ziguezaguear contínuo por entre urzes seculares cujos troncos enrugados eram, na sua quase totalidade, revestidos de musgos e líquenes secos.

E tudo era silêncio e solidão... Sentíamo-nos a sós com Deus e a natureza. Quase sem darmos por isso, chegámos à Casa de Abrigo, construída no ano de 1939 e pertencente à Delegação de Turismo da Madeira. [...]

Já por todos os lados notávamos uma semi-obscuridade. Os derradeiros raios solares pouco iluminavam e aqueciam a terra. No horizonte, densas nuvens paulatinamente se purpurizavam. Lá no poente, o astro-rei, amortalhado nessas purpurinas ondas nebulosas, agonizavam lentamente, mergulhando por fim nas plácidas águas do Oceano... [...]” (p. 20)

“Em amena digressão pela levada do estado (Do Santo da Serra à Choupana)” *In Madeira, terra de encantos*, 1967, pp. 25/26.

“[...] Resolvi (e em boa hora!) fazer o trajecto Santo da Serra-Choupana, contornando sempre a Levada do Estado.

Em todo o percurso protegeu-me dos raios escaldantes do Sol a sombra amiga dos pinheiros e dos eucaliptos, anacoretas silentes que me convidavam amorosamente à penitência e à solidão...

Os pinheiros fizeram-me ainda esta agradável surpresa: atapetaram o chão que eu pisava com abundantes, fúlgidos e finíssimos grãos de pólen.

E, ao passar sob a verde ramagem, choviam sobre mim como levíssima poalha de ouro, esses fecundantes grânulos que insensivelmente se introduziam nos poros da minha pele, pretendendo comunicar-me mais vida e mais vigor. [...]

À beira da levada, postavam-se, aqui e além, pequeninas flores silvestres dos mais variados matizes que, como donzelas frescas e donairosas, iam namorando as águas que passavam...

Na Camacha era invulgar a azáfama do povolêu na apanha dos vimes. E esses compartimentos de terras, onde, dispostos simetricamente, crescem vimeiros novos despojados já das suas **(p. 25)** flexíveis vergôntes, assemelhavam-se, vistos à distância, a tabuleiros de xadrez cujos jogadores, depois da colocação das figuras, por grave desentendimento ou arrelia, tivessem dispersado, abandonando o jogo.” **(p. 26)**

João Vieira Caetano
(n. 11/12/1883 – m. 25/01/1967)

Da choça ao solar (Narrativa Madeirense do Século XVIII), 2001.

“[...] A freguesia dos Canhas, confinando com a Ponta do Sol pelo lado oriental, com as suas campinas quase planas, levemente acidentadas, todas revestidas pela verdura luxuriante brotando da gleba ubérrima, semeada de casas alvejantes com suas janelas rasgadas de persianas verdes como esperança, de tectos avermelhados cobertos da moderna telha marselhesa, de palhoças pobres abafadas com colmo, é uma das mais surpreendentes dos campos da Madeira.

[...] não tinha o aspecto que apresenta em nossos dias, não estendia o seu manto roçagante de viridente vegetação tão acima, as moradas dos seus habitantes eram quase todas formadas por quatro paredes de negro basalto, cobertas pelo tecto de pinho ou de castanho abafado com os caules de trigo, cujas camadas se iam sobrepondo com o decorrer do tempo brilhando com o seu louro pardo, quando novos, apresentando um cinzento-negro por entre as culturas verdejantes, quando já haviam recebido os raios do sol de alguns estios e as chuvas abundantes de vários invernos. [...] (p. 27)

Era uma manhã fresca e bela dos fins de Setembro do ano de 1761.

[...] Passaram todos os terrenos cultivados pelo trabalho do homem, onde se mira um luxuriante tapete de verdura entremeado pelas paredes de basalto negro, a dividi-lo em tabuleiros, pelas árvores frutíferas, levantando-se majestosas, e pelas choupanas de colmo, onde dorme o sono da manhã a maior parte dos lavradores.

Vão seguindo montanha acima, rociada pelo orvalho da madrugada, como as brancas açucenas do vale, [...]

Quando o Sol, no Oriente, circundado por um cortejo de nuvens douradas, emergiu das águas como um rei trajando púrpuras, pisando tapetes de manchas violáceas, cor de ametistas, esmeraldas e rubis [...] (p. 47) já este havia penetrado naquela zona verde-negra, que brilha acima do terreno cheio de culturas, onde vicejam, só regados pela água das nuvens e ao cuidado das forças da natureza, os sombrios pinheirais [...]

[...] na zona do pinheiral, subindo nas encostas das montanhas, acima das culturas dos lavradores que então não iam tão longe como em nossos dias. Depois de baterem o mato, nessa faixa de terreno ocupada por pinheirais e giestas, perfumando o ar com seus aromas resinosos e salutaros, iriam mais acima, onde os montes apresentam uma cor menos densa e

negra, num verde desmaiado, de vegetação virgem e menos carregada, de faias, carquejas, urzes e outras plantas nativas [...]” (p. 48)

[...] Os rochedos alcantilados do Campanário até à Fajã dos Padres, onde principiavam a rebentar as folhas das videiras de malvasia que forneciam ao mundo, o vinho mais precioso, o néctar da Madeira.

[...] Câmara de Lobos com sua angra cheia de barcos de pescadores escondida detrás do ilhéu, a furtá-lo à vista do oceano com os seus afamados vinhedos também. [...] (p. 129)

Jorge Freitas
(n. 10/07/1921 – m. 02/04/1960)

“Câmara de Lobos” *In Alguns poemas insulares e outros textos*, 1995, p. 8.

“Câmara de Lobos vila
Triste de mantilha escura
a evocar luto;
berço de basalto à beira
do esquife azul
a agoirar morte;
vila-princesa da pobreza
nobre do trabalho;
mar em terra
num torvelinho de rotas
e linhas de pescar;
bússola com norte onde houver peixe
- o pão do lavrador das águas –
sextante de apontar à estrela
do alento
na sorte da companha;
criança da beira-mundo
junto ao mar a relembrar
Infantes...

Sagres pequenina
dos renovados gigantes,
navegantes das quinhentistas descobertas,
duras e incertas,
do pão-tormentório
na boa esperança
de cada dia.”

“Pescaria” *In LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA*. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d.

“O ponto mais alto da Ilha
cheira a céu e a maresia.
Daqui,
mergulho-me nestas ondas
de basalto e vegetação
que o mar endureceu
de encontro à ânsia de bater no céu
e exponho a alma alagada em sol
ao desprezo do rasto puramente branco
das gaivotas.
[...]

José Agostinho Baptista

(n. 05/10/1948)

“Funchal” In *Deste lado onde*, 1976, p. 48.

“amo o outono nesta cidade
as pequenas casas de raras cores
os campos de vinhas e cana-de-açúcar os pomares entre maio e
agosto

dizes:

eis a tua cidade
a de zarco e colombo
as ruas estreitas tão inclinadas como o sol dos invernos profundos
os carros de cestos os caminhantes da encumeada.

eis-te no centro de tudo e os navios parados.

amo o outono nesta cidade com todas as viagens sem chegada.
na véspera já amara as verdes montanhas de leste
as chuvas abundantes
machico entre os seios de ana d’arfert
[...]

tu
envolta nas lendas e no sonho surgiste devagar e devagar
deste-me os mais belos frutos e os mais estranhos
as pitangas e os araçás os maracujás e as romãs muito depois
da primavera
[...]

“Faial” In *Canções da terra distante*, 1994, pp. 15-18.

“Havia uma criança parada nas horas tristes.
Havia uma ponte e debaixo corriam as águas com

a sua música de flautas perdidas.

[...]

A criança contemplava os desastres, uma quebrada,
archotes que assombravam a noite.

Era uma criança que vinha do sul pelos caminhos que
subiam.

[...]

A ribeira do inverno trazia na sua lama outra
criança morta, um berço e um crucifixo.

[...] (p. 15)

À esquerda,
o mar rugia as suas imprecações. E depois do mar
nem uma voz se ouvia, nem um grito,
nem a agitação dos canaviais.
Este silencio mata.

Com os figos, com as bagas, com os cravos
respirando pelos meses fora,
uma criança atordoada pelas vinhas. (p. 16)

[...]

e ao mundo implora uma emoção menos brutal, tão
só a cadência do trigo, uma vastidão azul de
velas brandas,
jamais as ribeiras descendo para a morte?

Estas ervas crescem ferozmente.

Enredam-se malignamente.

[...] (p. 17)

Um homem voltou às escarpas.
Viu os casebres, as ruínas, e essas ruínas eram
as suas ruínas. (p. 18)
[...]

“Funchal” *In Canções da terra distante*, 1994, pp. 19-25.

[...]
As palmeiras eram como uma tribo desavinda,
observando-se de perto, sobre os telhados.
Do Forte de São Tiago despenhavam-se os acrobatas do
verão e depois as sirenes corriam para o mar. (p. 19)
[...]

Onde te escondes, minha alma?
Nos caminhos da montanha passa um cortejo de órfãos
e nos seus ombros vão estrelas
e nos pés estranhas sandálias de musgo, fetos e o
silêncio da terra erguida.
Jamais a minha voz alcançou os cumes.
Amaldiçoava-me a cruel devoção dos peregrinos ao
acaso das veredas, implorando a fertilidade. (p. 20)
[...]

Cada levada tem um preço, um sentido, uma vida pura
atirada ao mar.
De um lado e outro as falésias aguardam os suicidas
do amor. (p. 21)
[...]

Na pedra do cais quebrámos as bússolas, ouvimos a
maré, (p. 22)

e era uma vertiginosa canção a canção das marés à,
volta da ilha. (p. 23)

[...]

E a ilha é um cais sem fim e eu sou esse cais na
cidade da ilha.

E a ilha são lenços brancos, sinos, um cristal húmido
que amplia o tempo.

Nesse tempo vi uma terra esculpida na lava, uma teia
de fogo que não ardia. (p. 24)

Vi os seus jardins, a seda fulgurante, colorida.

Jardins do mundo, reclinados na melancolia, com o
orvalho por cima.

As raízes sangram.

As janelas são verdes. (p. 25)

[...]"

“Santo António da Serra” In *Canções da terra distante*, 1994, pp. 27-30.

“Ali,

as vacas eram mais lentas.

E as vacas pensavam lentamente porque uma criança
parava na serra dos tios e essa criança era uma
flor que crescia.

E a flor abria a sua pele e o orvalho entrava e
depois o nevoeiro era denso e escurecia.

Ao fundo dos olhos as vacas tinham dois archotes,

Duas crianças iluminadas na desolação dos prados.

[...]

Atrás das sebes as papoilas estremeciam.
Prados de uma demência sem fim empurravam para o
seu peito um verde lancinante. (p. 27)

Era uma criança deitada, respirando com a erva.
Oh,
envenenada magia que vem debaixo, pelo medo das
crianças!

Feriam-na a urze e as roseiras e, mais tarde,
decorridas estações,
decorridas lágrimas,
a sidra humedecia-lhe os lábios como uma fonte
ácida, como uma fonte fria. (p. 28)

[...]
Viviam ali, naqueles cabelos de então, aromas de
giesta e alecrim,
sonâmbulas açucenas.
As hortênsias ladeavam os caminhos com os seus
novelos brancos e azuis,
como uma matizada loucura de pincéis. (p. 30)
[...]"

“Canção” *In Canções da terra distante*, 1994, pp. 31-33.

“[...]
Voltado para a montanha, sei que à beira do pinhal
o pai crescia.
[...]

Demorados frutos alastravam pelos meses.

As espigas levantadas
davam esta luz de ouro e depois eram espectros
dançando na treva.
Em cada campo vivia uma sobressaltada inocência que
acordava cedo, destruindo os relógios.
Às vezes,
eu passava de lado e descia até ao mar.
O mar tinha a sua música de cordas húmidas, com o (p. 31)
lodo à volta.

Eu esquecia as cidades.
Dormia.
As canas explodiam para cima, unindo-se a Vénus na
sua doçura. (p. 32)

[...]
A hera enreda-se e a seu lado estão os figos e ao
longe os sinais do mar.
O pai vai esquecendo e é triste sem o vinho sobre
a mesa.

[...]
De pé,
troco as margens do céu e no céu as casas são
brancas, com os jardins atrás. (p. 33)
[...]"

“Machico” In *Canções da terra distante*, 1994, pp. 36-38.

“[...]
Matou-me o amor.
E aqui chegado
olhei à volta e enlouqueceram-me as árvores.

Sei que no limiar dos incêndios a floresta gritou. **(p. 36)**

Fez-se escuro num regaço de verde linho ardido.

Estranhos animais correram durante semanas do
genocídio.

Fugi de tudo e de mim, agarrado à tua luz.

Plantei as flores do mundo e agora elas voltam para
mim a sua face,

a cor onde o orvalho seca. **(p. 37)**

[...]

Procurei aqueles que vagueiam eternamente
procurando a terra onde os cais se alumiam.

Ninguém bate à minha porta de tábuas belas.

Outrora

Possuí um reino de névoa e duendes, um palácio de
mármore e esqueci. **(p. 38)**

[...]”

“Pico Ruivo” In *Canções da terra distante*, 1994, pp. 39/40.

“Já se ouve o tropel dos cavalos brancos sobre
as nuvens.

Os elmos refulgem e depois tombam e recolhe-os a
manhã.

Os guerreiros do sol nasciam aqui.

Era jovem quando subi as escadas da terra, deixando
na pedra e na urze, um desejo, um verso que já
anunciava o terror. **(p. 39)**

[...]

Subi os degraus e abracei a cruz.

Adormeci.

Jurei que não regressaria aos lugares do destino.

Ao abrir a porta a casa abandonava as trevas e ainda não se ouvia nada, nem os acordes da manhã, nem as águas despenhadas, nem os amigos, porque longa é a melancolia sobre as montanhas.

Fui a giesta e o jasmim e o mel distante.

Não cantei porque não podia. (p. 40)

[...]

“São Jorge” In *Canções da terra distante*, 1994, pp. 53-56.

“Não vivi, não amei, não quis a viva impressão do amor nas cabanas do planalto.

Bebi longamente o vinho seco.

Verde verde é o esplendor que veste a terra.

[...]

Verde verde de um rosto sulcado pelas alfais.

Verde

verde cama onde me deito com os mortos tão perto.

As giestas respiram. As vinhas respiram.

Eu estou aqui mas não sei quando. (p. 53)

[...]

Quem cantou as montanhas?

Quem cantou este céu, estas nuvens que (p. 54)

pesam tanto na minha dor?

[...]

Vês a ruína dos alambiques?

Vês o mel escasso nos almudes?

Terás nas órbitas vazias um vestígio de pólen, uma corola muito fresca? (p. 55)

[...]

Sou apenas uma planta breve, espancada pelos ventos.

Verde

verde como a pele dos campos verdes.

Sou a cor que se expande e quem se acerca pode acabar como o trevo

e, nas quatro folhas, pode adormecer.

Assim, com toda a mágoa diante do mar.

Escrevendo no sonho, à vista das cabanas, no silêncio de uma aldeia quando se vem de longe, quando pouco resta para dizer.” (p. 56)

“Camacha” In *Canções da terra distante*, 1994, pp. 59/60.

“[...]

Elas amam o viajante com todas as cidades no sonho.

Os vimes entrelaçam-se nos dedos do irmão que as viu perdidas entre as áleas verdes e os sinos tocam de repente. (p. 59)

[...]

O viajante quer os pátios da primavera onde elas se sentavam ao lado dos limoeiros.

Há quem as chame ao crepúsculo, temendo a exaltação do peregrino, a sua febre, os jardins que incendeia.

Fico nos cestos que secam pelo dia, nos vimes, nas maçãs, na cor de cada dia.

Saio do nevoeiro que desce sobre a aldeia e, sem
tréguas, recomeço.

Não deixarei que morra a canção da erva fria.” (p. 60)

“Arco da Calheta” *In Canções da terra distante*, 1994, p. 61.

“Só eu sei como cantava.

E a sua voz lavrava os campos e todas as alfaias
eram como a desordem do meu coração.

Batia no trigo e no centeio o meu coração porque
o amor tinha os olhos cegos da noite,
não ia nem vinha, cantava sem se ouvir.

Um arado de fogo rasgava a inocência dos canaviais.
A vida parava ali.

Desci o atalho e, ao fundo,
as estrelas-do-mar secavam sobre as pedras lisas.
Atirei para longe os búzios com a saudade na sua
música
mas não era música aquilo que ouvia,
era o primeiro amor respirando,
eram canas doces respirando.
Como podia esquecer-te?
[...]

“Estreito de Câmara de Lobos” *In Canções da terra distante*, 1994, pp. 73/74.

“[...]

Quando um homem vai por setembro sabe que no
tempo das uvas vive uma serpente,
uma emoção brutal.

Ele sabe que pode matar,

que pode morrer espantosamente: quem eras tu,
donzela de satã, arrebatando a minha lira? (p. 73)

[...]

Sabia que em cada cacho, na lenta maturação dos
frutos,
se escondiam as lâminas vingadoras – (p. 74)

[...]

“Ribeira Brava” In *Canções da terra distante*, 1994, pp. 75/76.

“[...]

O sol explodia nas rochas e depois afastava-se.

Não sei por que regressei aqui.

O melro cantava na periferia das choupanas e era
triste e eu era triste, ao lado dos ciprestes.

Invoquei, ao abrigo das ramagens, outra claridade,
nunca a tempestade tão chegada a outubro, quando
as janelas se fecham ao entardecer.

[...]

No tio que atravessava as serras batia a chuva.

Ele era um menino pelas serras muito cedo, (p. 75)

ele colhia a salsa, ele ia à beira das

levadas com a geada nos ossos.

E os ossos rangiam em dezembro porque dezembro não
era um hálito morno,

dezembro não era uma gruta de animais lentos e não havia feno

[...]

E, no seu ofício dos jardins,

há uma flor muito antiga,

uma flor das serras no olhar turvo onde, ao canto,

nasce uma gota. (p. 76)

[...]

“O adeus às ilhas” *In Canções da terra distante*, 1994, pp. 85-90.

“Nascia-se assim, devagar, devorado pelas orquídeas. E, devagar, as orquídeas respiravam, as jarras esperavam, as toalhas eram brancas de repente. Havia o outono e eu podia amar o outono sem a morte que o outono trazia. Eu amava as pequenas casas à deriva, os campos de vinhas e cana-de-açúcar. [...]

Amei as encostas, as fajãs, os poios de elevada angústia, Machico entre os seios de Ana d’ Arfet. Diziam: eis a tua cidade, a de Zarco e Colombo, as ruas estreitas, inclinadas como as buganvílias. [...] A avenida corre ao lado do mar com os azulejos quebrados. Vês os plátanos. [...] Sobre a linha do calhau uma gaivota morta, tudo (p. 85) o que descia pelo inverno das ribeiras, ou era a nostalgia?

Séculos antes deram-te um nome e era Funchal. Depois, queimaram as árvores e todos os incêndios foram uma ilha. Escravos errantes – ou sonhadores da erva e do céu? – uniram o verde e o azul para que fossem dois amantes eternos a erva e o céu. Nos seus olhos ardiavam o sal, o sol e a pedra antiga.

Deus era uma escarpa, uma luz muito alta com o medo por cima. Envoltos nas lendas, ele chegava se, se ouvir e, como estrelas fecundas, as sementes das suas mãos encontravam a terra. As pitangas, os araçás, os mangos de perfumada magia são os meus frutos. Tu és o meu filho, sonhando sobre a água. (p. 86)

[...] Uma espada era um dorso negro, uma lâmina viva das frotas profundas. Na verde lenha dos loureiros começavam fomes, voracidades. [...]

Fomos príncipes e servos, trabalhámos os socalcos, a seda e o linho. Que espero ainda? Era a infância quando sorria, o norte tinha um feitiço e uma lua, uma casa em ruínas. Coisas cultivadas, lentas, ao acaso. Chamavas-te Faial, e as ervas cresciam à volta de tudo e dos abismos. As portas e as janelas fechadas (p. 87) davam para o sul onde, em acentuado declive, se despenhavam os figos. [...]

A memória tropeça, vacilante, ao longo dos doces vinhos. Quem partia, partia assim, de frente para o cais, nas lágrimas de um lenço que as mães bordavam. [...] (p. 88)

O nevoeiro veste os picos, os teus astros não desvendarão o segredo do mundo. [...]

Bebeste, algures, a destilação das canas. Pensaste nos limoeiros, no mel, na amada. [...]

Tão desamparadamente passavam as horas do meu jardim. Um terraço recorda ainda as cadeiras, os mastros parados. Tudo vi.

De prata era sempre o mar quando olhava para o mar iluminado por uma lua fria. Os barcos partiam. (p. 89)

[...] O que se passa, passa-se hoje no artil dos salões – rugem os condores de aço à beira de uma Santa Cruz. Não haverá paz para os meus olhos quando as levadas calarem o rumor das águas e o meu canto acabar num pátio destruído. [...]” (p. 90)

José António Gonçalves
(n. 13/06/1954 – m. 29/03/2005)

“Funchal, às vezes” *In Arte do voo: antologia poética, 2005, p. 75.*

“a cidade acorda nos murmúrios suaves das ribeiras
e amedronta os pombos lunáticos do Largo do Colégio
e espanta-se no enlevo do repuxo do chafariz adormecido
em convívio com a melancolia dos vagabundos ocasionais

é a hora do confronto da cal iluminada de branco
com o cinzento das cantarias manuelinas de velas ao vento
embebecidas pelo recolhimento das naves da Sé Catedral
ao navegar dos sinos do tempo exposto ao sal do mar

Zarco cuida dos pássaros e cobre-se de sombra verde
na urgente profissão de vigia da avenida ao sol disposta
e sem delongas enfrenta o cais onde a espera saúda os dias
e marinheiros e turistas se confundem nos olhares de algumas mulheres

os carros-de-bois perderam-se nos labirintos dos postais
à mistura com o Palácio de São Lourenço e as flores do Parque de Santa Catarina
recordando o preto e branco das fotografias do Vicentes e as broas
e os amendoins que se vendiam nas paragens dos horários habituais
na Zona Velha a pedra de calhau brilha no polimento
no cantar rouco dos fados do Marcelino Pão e Vinho nas noites longas
cheirando às ovas-de-espada-preta da Muralha e ao picadinho do
Bananas
enquanto a manhã devagar vai amando a luz que se espalha nos
recantos da calçada

confesso que do Funchal, às vezes,
não me lembro de mais nada”

“É uma ilha” *In Arte do voo: antologia poética, 2005, p. 148.*

“É hoje uma pedra com flores e árvores.
A água escorre-lhe, pelas encostas verdes
das montanhas, em direcção à transparência
do mar. De terra, fofa, é o seu corpo, de licores
o seu perfume. Canta, na voz dos pássaros
e na solidão do povo. É atravessada por lâminas
de levadas que lhe traçaram percursos, mapas,
sonhos, no seu ventre, aproximando os abismos.
É uma ilha, atlântica, elegante como uma turista
inglesa. A sua alma vulcânica já não respira;
nos contornos da sua compleição física, longe
vão os tempos da fragilidade, da subordinação
ao medo, aos flagelos provocados pelos sismos.
É esta a jangada que, gravada sob as nuvens
de algodão, é nó de madeira, como um coração
amável, amalgamada em Laurissilva e penedias;
[...]

José Martins Júnior
(n. 1948)

“A nau que vem do oriente” In *Poemas iguais aos dias desiguais*, 2018, p. 43.

“Na praia-mãe da Descoberta,
Desembarcaste
O baú oriental na hora certa
Pedras sem preço flores sem haste
Que trazes no mastro do poema
E na magia dos teus dedos:
Espuma em lava; rio, terra brava
Conchas azuis de bivalves segredos
E a penumbra alada
Estonteante
Quanto mais fugidia
Mais perto fica e mais brilhante
[...]

“Turismo VIP sem sair daqui” In *Poemas iguais aos dias desiguais*, 2018, p. 131/132.

“Mergulho no oceano que eu sou

Timão e timoneiro
Vento e veleiro
Já sei para onde vou
O sonho é amar e a sede é ver
Paisagens-longe cidades presas
No alicerce das profundezas
Do meu ser

Que bem maior é não saber nadar
Para tocar os intocáveis corais
Lá nas cavernas ancestrais
De histórias não contadas

Búzios de outras eras
Ostras que escondem pérolas
Nascidas dentro de nós
Agarradas como heras
Ao tronco que somos e à memória de avós (p. 131)

Esfinges do Egipto
Pirâmides pontiagudas
Onde repousam o cântico e o mito
Das cinzas mudas
Das estátuas que já fomos

De tanto ver e já cego
Não largo o leme e entrego
O corpo leve
Entre sargaços de seda-índia
Ilhéus de sândalo perfume capitoso
Como a cambraia que borda a fímbria
Das deusas dos Amores

Anémonas de mil cores
Trazem o leque aberto
Dos passados horizontes
E os do futuro incerto
[...]” (p. 132)

José Guilherme Martins
(Não definido)

“Câmara de Lobos” *In Pátio de sonhos*, 1998, p. 62.

“Submergindo das profundezas do mar
Rochas laterais, braços abertos defensores.
Formando baía, onde as ondas vão beijar.
Câmara de Lobos, berço de rudes pescadores.

As montanhas se enlaçam nas cercanias
Deusas da Natureza, que enamoram cada olhar.
[...]

José Viale Moutinho
(n. 12/06/1945)

“23.” *In Ocasos de iluminação variável*, 2005, p. 35.

“Quando viajo é sempre na ilha, calcorreando
lendas e terra batida, entre o curral das freiras
e os abismos de pedra dura sobre o mar do norte,
mordendo o nevoeiro, abrigando-me na estranha
selva da laurissilva, bebendo ares e perfumes.
Todos os países estão sob as minhas gastas botas
de montanha. Passo os dias a escolher palavras,
a desencantar as cobras do medo, a contar as rosas
mais antigas de cada canteiro. E ninguém me conhece.
[...]

Lídio Araújo
(n. 1951)

“Numa fresca manhã de Verão” *In Maresias*, 2003, p. 21.

“Do silêncio da névoa escura
qual sombra tenebrosa e gigante
nasceste para a história do mundo

O quebrar do mar na rocha dura
e o cheiro do funcho selvagem
o rugir dos animais marinhos
rompem o silêncio da floresta

Terra verde de esperança infinita
com raízes na alma lusitana
tens o abraço do mar azulado
e o dourado do sol a brilhar

Ilha lenda história de amor
paraíso encantado no mar
teu passado e presente a sorrir
o querer da força de viver

Minha ilha Madeira
meu jardim meu encanto
terra tão feiticeira
cais seguro do meu pranto.”

Luís António de Freitas
(n. 23/02/1858 – m. 29/10/1904)

“No Rabaçal (Ilha da Madeira)” *In Musa Insular (poetas da Madeira)*, 1959, pp. 210/211.

“Deslumbras, como o brilho resplendente
Dum fantástico céu;
Da natureza altiva e imponente
levantas-nos o véu.

Jorra do coração dos teus rochedos,
A água, em mil borbotões,
Desenrolas uns mágicos segredos
De ignotas regiões.

Ao ver-te, colhe a alma, em mudo anseio,
Deliciosos pomos;
Tu vens, como um gigante, sem receio,
Mostrar o que nós somos. **(p. 210)**

Junto a ti, nós sentimos germinar
Forças, que nos transportam
Ao fundo, onde, entre júbilo sem par,
Mágoas cruéis abortam.

A prata. Que refulge em tuas águas.
Puras como cristal,
Irradia também nas nossas mágoas
Uns brilhos sem igual.

Ao ver tantas belezas, mergulhamos
Num êxtase profundo;
Nu sublime cismar tudo olvidamos,
Esquecemos o mundo.” **(p. 211)**

“Ilha da Madeira” In *LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA*. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d.

“Deslumbras, como o brilho resplendente,
Dum fantástico céu;
Da natureza altiva e imponente
Levantas-nos o véu.

Jorra do coração dos teus rochedos;
A água, em mil borbotões;
Desenrolas uns mágicos segredos
De ignotas regiões.

[...]

A prata, que refulge em tuas águas,
Puras como cristal,
Irradia também nas nossas máguas
Uns brilhos sem igual.”

“Na lage do Seixal – Ilha da Madeira Improviso” In *LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA*. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d.

“Como uma fada de amores,
Dormindo em leito de rosas,
Caindo-lhe em pregas graciosas
O seu manto virginal,
Assim recostada em flores,
Se ostenta na minha terra
A terra do meu Seixal!”

Luís Marino
(n. 03/03/1909 – m. 03/06/1992)

“Machico” In *Poemas da Ilha*, 1975, pp. 2/3.

[...] Teus montes e cordilheiras,
matas de acácias, pinheiros,
loureiros, tis e azenheiras,
fascinam os forasteiros...

Machico, teu lindo vale,
de rica vegetação,
talvez não tenha rival,
nem tenha comparação...

A tua grande ribeira,
serpenteando no vale,
é paisagem feiticeira,
das melhor's de Portugal, (p. 2)

Tens uma amena alameda,
junto ao «Campo Tristão Vaz»,
e tens uma praia leda,
grande enseada e um cais...
[...]" (p. 3)

“Camacha” In *Poemas da Ilha*, 1975, p. n.d.

[...] Alcantilada na serra,
quem a vê jamais a esquece...
- O grande encanto que encerra,
É um bem que a alma entenece!...

[...] A lenha dos seus pinheiros,
trazem, seca, p'ra o Funchal,

as lenheiras e lenheiros,
desta Camacha ideal...

Tem esta terra ridente,
belas hortas e pomares;
- é bem feliz sua gente,
Pois tem a paz nos seus lares!

[...] Terra de esguios pinheiros,
de muitas «quintas» formosas,
com cedros, tis e loureiros
e outras árvores frondosas...
[...]"

M. Benvinda de Sousa
(n. 1924)

“Ilha fadada” In *Harpa de peregrino*, 1992, pp. 9/10.

“MADEIRA ilha fadada,
em tamanho e beleza,
por Camões já celebrada,
- entre muitas és princesa.

Madeira, os outros povos
te brindam com seus louvores;
comparam-te a uma pérola,
um açafate de flores.

Em teus cumes altaneiros,
de branco colar ornados,
esvoaçam peneireiros,
- das serras enamorados.

O cimo dos altos montes
deslumbra seus visitantes;
é lá que nascem as fontes
e repousam viandantes.

Montes acima de um céu!
colcha de nuvens talhada,
tálamo digno de Orfeu,
envolto em mantos de fada.

Eucaliptos e pinheiros,
urzes, faias e folhados;
ciprestes, muitos loureiros,
azevinhos enfeitados. **(p. 9)**

As vertentes dão escadas
Onde crescem as culturas;
de vivendas semeadas
quais flores entre verduras.

MADEIRA, és tão prendada!
Ondas te abraçam, te beijam;
por gaivotas escoltada,
lá do alto te cortejam.” (p. 10)

“Meus tempos de menina” *In Harpa de peregrino*, 1992, p. 19.

[...]
Volto aos meus tempos de menina:
nas manhãs chuvosas,
se avistava a outra encosta do vale;
finas cascatas paralelas,
água a telintar como cristal...
Na ribeira – tão cheia,
uma ponte de férreas calhas:
que susto para atravessar!
As pedras de roldão,
as águas barrentas,
ruidosas, por baixo de nós.
[...]

“Machico, Ó minha terra” *In Harpa de peregrino*, 1992, pp. 64-66.

“Machico – terra de Abril?
Prendada por natureza?!
Em manhã primaveril,
entre todas és princesa!

Nos céus brilhante safira
e véus de branco arminho
cobrem o extenso vale
que desce devagarinho.

Fios de água das vertentes
convergem para a ribeira
que se apaga na baía,
a mais linda da Madeira.

[...]
Céus e mar, gémeas montanhas,
cultura de qualidade,
te convidam, ó Machico,
à nobreza de cidade. (p. 65)

[...]
Órgãos em rocha talhados
- bem raro na natureza,
outra achega importante
no concerto de beleza.

Suas matas primitivas,
engastadas nas Funduras,
atraem pérolas de divas,
como bênçãos das alturas.

Lá no antro da montanha,
“fontes vermelhas”, cantantes,
- de volume que é façanha,
jorram águas abundantes.

E sempre corre a ribeira,
dela bebem as levadas;
as hortas e qualquer leira,
- terras secas são regadas.
[...]” (p. 66)

Manuel Gonçalves (Feiticeiro do Norte)
(n. 14/10/1858 – m. 19/03/1927)

“A MADEIRA” *In Versos*, 1959, pp. 97-102.

[...]

Avante Santa Luzia,
belas quintas de verdura,
sendo da ilha a mais rica
p’ra cana e horticultura. (p. 97)

O Monte é Sintra da ilha
onde vai o cidadão
disfrutar a bela sombra
na calma aberta do v’rão.

Para além temos São Roque,
que é freguesia rural,
dá pera e muito vinho.
que vão vender ao Funchal.

Santo António é populoso,
e com indústria bastante,
freguesia que tem muito
artista e negociante.

S. Martinho a cana e vinho
dá força de cabedais,
tem bastante gente rica
co’ as águas dos Piornais.

[...]

Temos depois Quinta Grande,
a enorme altura do mar,

essa tem boas castanhas
que dá gosto tasquinhar.

Campanário é muito seco
Mas dá vinho primoroso
pêssegos, fruta de leite,
o perinho saboroso. (p. 98)

[...]

Temos então a Tabúa,
com culturas de valor,
mas p'ra lá ninguém me mande,
que eu não vou, oh não senhor.

[...]

Temos os Canhas e Anjos,
terras de muita fartura,
os canhas dão muita fruta
os Anjos muita verdura.

A Madalena do Mar
é na ilha da Madeira
aquela que mais cultiva
a rendosa bananeira;
[...] (p. 99)

Segue o Estreito da Calheta,
com os seus lindos vinhedos,
lá se encontram bons rapazes
para trovas e folguedos.

O Paul mais o Jardim
ambos tem grande valor:
O Jardim tem muita cana,
Paul muito pescador.

[...]

Ao norte – Porto Moniz,
tem um cais por natureza,
mesmo co'o mar agitado
saltam todos que é beleza.

[...]

O Seixal tem boa gente
que oferece muita água-pé,
tem a freguesia coberta
toda de vinha jaquet. (p. 100)

[...]

Ponta Delgada p'ra lapas
tem boas praias de mar,
onde vapores costeiros
fazem porto p'ra voltar.

Boa Ventura tem água,
que rega muito vimeiro,
muita moganga e feijão
que rende muito dinheiro.

O Arco dá muita cana,
que vale muito vintém,
mas Deus depara a garapa
que lá vai não sei p'ra quem.

São Jorge produz o milho,
de hortaliças abastado,
com má gente n'outro tempo,
hoje está civilizado.

[...]

Porto da Cruz populoso
ainda mais que Sant'Ana
tem muita vinha Isabela
que chamam americana. (p. 101)

Caniçal dá muito peixe,
pescadores amestrados,
um lugar de muita pedra
boa para secar gaiados;

Machico do mar à serra
é em parte uma ribeira.
tem bastante gente rica
outra muito pedincheira;

Santo da Serra p'ra sombras,
belas quintas de loureiros,
lá se encontram muitos cedros
novelos e carvalheiros.

[...]” (p. 102)

Manuel de Sousa
(n. 1856 – m. 1908)

“À Madeira – Recordações” *In Musa Insular (poetas da Madeira)*, 1959, pp. 202/203.

“Minha Pátria, tu és bela,
É belo teu puro céu,
É de fada o sorrir teu,
És linda, não tens rival,
Foste de Deus escolhida!
Por tuas verdes campinas,
Pelos ridentes colinas
És c’roa de Portugal!

Em minha alma tenho orgulho
Por teres sido meu berço;
Em prazer vive-se imerso
Nesta plaga assaz fagueira (p. 202)
Amo teus relvosos prados,
Tuas rosas campezinhas,
Os teus jardins, as boninas,
Os teus recantos, Madeira!

[...]

Esta plaga que todas mais bela
Me deleita, me fala d’amores;
E a saudade desata-se em cantos
Ao lembrar-me os jardins e as flores!

[...]

Ver além o pastor vagaroso
A descer pela encosta do monte,
Ver ali alguns cedros frondentes,

Acolá ver na rocha uma fonte.

Ver a espalda do monte dourada
Pelos raios do sol mais formoso;
E no bosque o cantor matutino
Os seus hinos soltar descuidoso!

Que meigo encanto, tão ledo,
Que doce arfar tem a brisa,
Como o arroio deslisa,
Além no val', no rochedo!
Tu és a rosa mais bela,
És a florinha singela,
És meiga, casta donzela,
A falar brando, em segredo.” (p. 203)

Manuel Tomás
(n. 1585 – m. 1665)

Insulana, 1635.

“ONde Neptuno junta com Atlante
O nome que à *feu* nome, mais decóra,
E onde em agoas pare*ffe* mais ouante
Dizem que a *frefca* terra nos demora,
Em ribeiras, & aruores pujante,
Próprio *fitio* de Zephiro, & de Flóra,
De valles *frefca*, & riqua de altos montes,
Com *viſta* alegre em varios Orizontes. (111, Livro I, p. 38)

CVberta *efsta fe* vîa de aruoredo
A *viſta efpeffo*, & alto em demasia
Cercado pelo Már, de alto rochedo,
Com que inculta & *fer noua* pareçia,
Metidos no batel, (em que com medo)
Viraõ que huma Ribeira clara, & fria,
Entre Aruores, & Rochas *defpenhada*
Daua tributo ao Már, pella *enfeada*. (103, Livro 2, p. 77)

Viraõ que dous *fermoſos*, & altos montes
A ribeira *caufauaõ deleitofa*,
Cobrindo o arvoredos os Orizontes,
Que Cría ally a terra por *viçofa*,
Que forma a *lympha* em pedras varias fontes,
Na terra a grama *eftançia graçiofa*,
E que as Aruores temem com auizo
De em *fi* ver a *filáucia* de Narçifo. (104, Livro 2, p. 77)

A Ver, de *fuas* cores a beleza,
Sahão Ruy Paëz, do Capitaõ mandado,
Em hum batel velox, que em ligeireza

Das Aues vançe o vôo aprefurado,
De feu valor fiou em eſta empresa,
Que inquiriſſe primeiro com cuidado,
O çitio, que do Mar ſe deſcubria,
Que hum nouo Parayzo pareçia. (3, Livro 4, p. 143)

Chegou Ruy Paëz a elle diligente,
E deſcobrio na praya de arvoredo,
Tantos ramos ao Mar, que de repente
Lhe pareſſeo ver hum teſſido enredo,
Porem logo da parte do Naſente,
Em a Ribeira achou, contente, & ledô
Hum Quaïs da natureza fabricado,
Pera fahir em terra acomodado. (4, Livro 4, p. 145)

POſtos em terra, a virão graçioza
Com arvoredos altos, & copados,
De lauantados montes copioſa,
E em prados de eſmeraldas dilatados;
Partia huma Ribeira deleitoza
Os çitios, em freſcura acomodados
E em doços quédas quebros alternando
As agoas aos de Luzo, hãõ brindando. (6, Livro 4, p. 146)

ALly o Eſtio alegre Primauera
Lhes pintaua nos ramos, & nas flores,
E na lymphia que clara não ſe altera,
Nem do Pai de Phaëtaõ fente os ardores,
A freſcurado çitio entam pudera,
Com paſſarinhos Indios em as cores,
E com o alegre verde de ſeus prados
Competir co.os penſiles celebrados. (7, Livro 4, p. 146)

A Noua Terra em gozo lhes mostrava,
Riquos os prados de esmeraldas fias,
Que no gramíneo esmalte matizava,
De diferente heruas, & boninas;
A Ribeira por pedras despenhava
As puras frias Agoas crystalinas,
Que as Aues incitauão pos cantoras,
Como do çitio alegres moradas. (17, Livro 4, p. 149)

As Limniades bellas da espedura,
Lhes mostraraõ reguados os verdores,
Com a lympha que entam por fresca, & pura
Pedia feita aljofre, mil louvores,
As Dryas, com não vista fermosura,
Com as Napæas derramando flores,
Nouos chôros, & danças computeraõ,
com que os Luzos contentes receberaõ. (19, Livro 4, p. 150)

Ofreçeraõlhe as fontes a harmonia
Que a fens ouuidos era entam mais grata,
Em çitras de crystal, fendo alegria,
O fom, que em finas cordas daõ de prata,
O sol, por entre os ramos parecia,
Que as folhas de rubi varias dezata,
Por delle, & de esmeraldas ter o prado,
Com tam caria beleza alcatifado. (20, Livro 4, p. 150)

Verdes, pyramidais, & levantados
Os Cedros com estranha fermosura,
Outro Libano fazem, os frescos prados,
Ao Ceo comunicando a fresca altura,

Que a *fer* huãs as cores, ajuntados
Moftraraõ nelle, *fua* compofitura,
Sendo pedaffos *feus*, mas porque vença
Do verde, o Ceo, co'a azul faz diferença. (21, Livro 4, p. 151)

ADornados com mais graça os outeiros
Dos altos Tis *fe* viaõ reueftidos,
De Fayas, Barbuzanos, & Loureiros,
Do louro Apollo amados, & queridos,
Teffiaõ mil enredos, os Cinçeiros,
Abraçando os Vinhãtegos compridos,
Por moftrar na Ribeira, clara, & pura,
Teffida em mais enredos, mais *frefcura*, (22, Livro 4, p. 151)

Flora nas bellas flores pintou rayos
Com que Goncomas claro, adorna o dia,
em cada hum moftrando *frefcos* Mayos,
e Abris que vertem gozo, & alegria
O Cancro retrogado com emfayos,
Mayor prazer nas Plantas *defcubria*,
Por moftrar o fauor com que Amalthea
Por elle, a noua Ilha *afermozêa*. (23, Livro 4, p. 151)

E Correndo em vigia os *frefcos* prados,
E as *fimas* altas dos vezinhos montes,
Bichos, nem Animais foraõ achados
Nos compaffos dos breues Horizontes;
Só *paffarinhos* manos, & pintados
Que no Valle Ribeira, & *Frefquas* fontes,
Não vzados, ao trato dos humanos
Se deixauão tomar, dos Luzitanos. (42, Livro 4, p. 158)

Humma Ponta em velox curfo paffando,
Quatro canos fe viraõ de Agoa pura,
Cujo crystal de longe convidando,
A noua Terra mofttra, em mais frefcura,
Pelo pée de huma Rocha, vem manando,
E em tranfparente, & clara fermo fura,
Hum chafariz lhes mofttra fabricado
Da Natureza por milagre obrado. (56, Livro 4, p. 162)

Tam pura, faluberrima, & tam fria
Se vio, que huma vasilha foy guardada,
Para fer com o mais, em melhor dia
Ao grande infante Henrique prezentada,
Trás difto torna a Luza Companhia
Correndo a Cofta, & vïo n~uma enseada
De hum verde prado, á vifta entam fombrio
Hum Ribeiro emanar, corrente, & frio. (58, Livro 4, p. 163)

AQuy fahïo o Zãrgo acompanhado,
Contente da aparençia, dos verdores,
Julgando por grandeza a que no prado
Se via alegre, nas pintadas flores,
Foy cõ'os Penfiles hortos comparado
E cõ'os jardins Bibleos, porque em cores,
Moftraua com efmalte, & com beleza
Ser o mefmo pinzel da Natureza. (59, Livro 4, p. 163)

O Ribeiro com agoa aljofarada,
Os refcebeo em viftas peregrinas,
A margem defcobrindo corôada
De Viólas lafintos, & Bonînas,
Nelle quebrando a agoa defpenhada,

Formaua outras mil fontes *cryftallinas*,
Mo*f*trando, a que *eftas* punha em tanto aumento
Ao pé de hum grande feixo, o *na*fçimento. (60, Livro 4, p. 164)

DAquy [Porto do Ceiço] co'os mais *fah*o contente. & ledo
Seguindo pella *Cofta* a *falfa* via,
Indo os batéis tocando no *àruoredo*,
Que no Mar largos ramos *eftendia*;
Té que voltando a Ponta de hum *Rochedo*
A Luza gente huma *Angra de*fcubria,
Em cuja praya foi um valle achado
De *fermoso* arvoredado *compaf*fado. (62, Livro 4, p. 164)

Fazia todo junto, hum *bof*qe *vmbrozo*
Onde de hum tronco antigo *derribado*
Foi hum *fancto* *Patibulo* *preçiozo*
Por mandado do *Zargo* *fabricado*;
E no meyo do valle, *entam* *fermoso*,
Pellos *feus* *Portuguezes*, *àruoradoo*
Porque *fe* *Pouo* *ally fe* *edificaf*fe
Da *Sancta Cruz* o nome *lhe* *fiquaf*fe. (63, Livro 4, p. 165)

L*Ar*go *e*fp*af*fo *de*fp*ois* *af*fim contentes,
Sendo *ferrada* a *Cofta* de altos montes,
Viraõ tributo dar ao Mar *correntes*
Ribeiras *fref*quas, do *cryftal* das fontes;
Sendo o mais de *verdore*s, que *pendentes*
Punhaõ *graça* *mayor* nos *Horizontes*,
Atté *fer* huma *Ponta* grande achada,
De *altuia*, & *firme* *rocha* *alcantilada*. (64, Livro 4, p. 165)

DAqui logo *fe* deu noutra *enseada*
De *fref*cos *Ares*, & *mayor* *verdura*,

Cuja *estância* melhor deles achada
Se julgou *fér* na *vista*, & na *frescura*,
De tam grato *àrueredo* *compaffada*,
E tam igual por *síma* em *compostura*,
Que em tudo a Natureza *nesta* parte
Ajudada *moftrou* perfeições d'arte. (66, Livro 4, p. 166)

QVe, á *maõ*, *fer* igualado *pareffia*
O *àrueredo*, & *nelle* *diuifados*
Alguns Cedros a *vista* *descobria*
Com mais altura, & *graça* *mesturados*,
Com *ella* todo junto *affim* *defçia*,
A tocar de Neptuno os *largos* *prados*,
Em cuja *vista*; a *vista* melhor *viraõ*
Que quantas *atté* *ally* *fe* *descubriraõ*. (67, Livro 4, p. 166)

EMbarcados contou que na *esteffura*,
Daquele *deleitof*o *bofque* *ameno*,
Era dos Cedros tal a *fermofura*,
Que a todas *excedia* do terreno,
De *fte* gabou a *grata* *compostura*,
E que pelo *fauor* do Ceo *fereno*,
Nenh~uns bichos *achàra*, mas *fó* *Aues*
Varias, à Deos louvando em *verfos* *graues* (72, Livro 4, p. 168)

Pero *daquy* hum valle mais *fermoso*,
Se *vió* do Már à todos *descuberto*
De *àrueredo* gentil, bello, & *frondof*o
Que de alto *Funcho* tinha o *peé* *cuberto*;
E *fte* *chegaua* ao Már por *copiofo*,
E *divididas* em melhor *conferto*,
Tres *famosas* *Ribeiras* *caudalosas*

Bellas à vista, ó valle proueitozas. (73, Livro 4, p. 168)

DE humas *ferras altiffimas descendo,*
O *fresco* valle alegres vem regando,
As Plantas com verdor *enriqueffendo,*
E *feus* vegetativos *augmentando;*
Tanto que *eftáa* mil glorias prometendo,
E com grandeza os fructos convidando,
Com néctar *esperando,* ter iactança,
E *fer* de Baccho, & Ceres a abundança. (74, Livro 4, p. 168)

HVm Til aquy [Cadeia Velha] *fe* achou de tal grandeza,
Que abraçaua com ramas *estendidas,*
Duas Ribeiras, *fendo* na beleza
Da terra largo *espaffo* divididas,
De *fuas* *frescas* ramas a largueza,
A Geometricos *passos* reduzidas,
Mil *passos* largamente *fe* contaouã
Na dilatada *estança* que alcançauã. (75, Livro 4, p. 169)

MVitos Cedros aquy tambem *fe* acharãõ,
Entre outras varias arueres frondosas,
De cuja lenha entam *fe* aproueitaraõ,
Com agoa das Ribeiras caudalosas,
As mãõs para çear, àues romaraõ,
Que *fem* temer cautelas enganosas,
Verfos trinando, com mil *paufas* ledas
Admiradas de os ver, *fe* *estauãõ* quedas. (76, Livro 4, p. 169)

ESTE *feguindo;* à vista *graçiofa*
Lhes foi logo huma Ponta *demostrada,*
Aonde *fe* àruorou a Cruz *preçiofa,*

E Ponta foi de *f*pois da Cruz *preçiofa*,
E porque em huma praya entam *fermosa*
Deraõ, voltando logo a enseada,
Pella *efpaço*fa *vi*fta em que *fe* acharaõ
Praya Fermoza, à praya lhe chamaraõ. (80, Livro 4, p. 170)

E Notando das agoas *crystallinas*
Os *quebros*, enredados *curiofos*
Que ally *regando* vaõ varias *boninas*
Em repartidos quadros *engenhooz*,
Arcos formados de *efmeraldas* finas,
Com os ramos das aruores *frondosos*,
Iulgou *fer* o *artifiçio* mais que humano,
Ou por de algum *Miniftro* Soberano. (100, Livro 4, p. 177)

Com *efte* *penfamento* divertido,
Pella ribeira véo a *embrenharfe*,
Entre humas *mattas*, aonde *fufpendido*
Vão, que vem dous penedos *ajuntarfe*,
Caminho horrendo, *incógnito*, & perdido,
Lhe *pareçéo*, pera por elle *entrarfe*,
Mas com tudo tentou a *efcura* porta,
Porque o *prefágo* coração o exorta. (101, Livro 4, p. 177)

S^Vas [Machico] *Ribeiras*, de agoas *claras*,
Farám *fertis*, *féus* *Campos* *deleitofos*,
Verdes *féus* *valles*, *fuas* *vi*ftas *raras*,
Pellos *montes*, & *prados* *esfaço*fos,
*Re*fponderlhe há^m as *terras* nada *aduaras*,
Com os *fructos* *oppimos*, & *fermosos*,
No campo *acrefcentando* *Valle*, & *Serra*
Salubriedade o *Ar* á *frefca* *Terra*. (125, Livro 5, p. 229)

DE tres claras Ribeiras caudalosas
Seus *frefcos fitios fe* verám regados,
Dando à Jardíãs, & e à Hortas deleitozas,
Partidos aqueductos *eftimados*;
Mas serám inundando *furiofas*
Exícios, & flagelos de peccados,
Que o pecado tal véz faz por imigo
Que o que regalo foi, *feja caftigo*. (60, Livro 10, p. 467)

O Mais Tempo *ferám* toda à beleza,
Na *vifta cryftallina*, clara & pura,
Das verdes Canas, principal riqueza,
E de seus prados, a *mayor frefcura*,
Da graõ Cidade, límpida Realeza,
De *feus moinhos*, a *mayor vzura*,
Pois *pera fempre os terem*, bem pagados
Os Campos *lhe darám fertelizados*. (61, Livro 10, p. 467)

A Terra em vários Montes, corôada
Será, de *fempre verde*, & *frefco Louro*,
Em que foi de Penéo transformada,
A Filha, por *efquiua*, à Phebo Louros
Cuja rama à triumphos dedicada
De *fcobrio das victorias o thezouro*,
Dos que em Roma com glorias mil triumphantes,
Entraraõ *victoriofos*, & arrogantes. (88, Livro 10, p. 476)

AZeuinhos, Adernos, & Folhados,
Terá, % com *vinháticos compridos*,
Os Tis, que em bella folhas variados.
Os *bofques tem com graça enriquecidos*;

Os Paos brancos, nas Obras tão prezados,
Os Texos mal na *fombra* re \tilde{c} ebidos
Para o bem da *faüde* taõ danozos,
Como *faõ* na madeira proueitosos.” (86, Livro 10, p. 476.)

Marco Reynolds
(n. 1939 – m. 2016)

“Pico Ruivo I” In *Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 20.

“[...]”

E foram erguidos os picos e as torres
vigilantes

escavados os profundos vales rumorosos e
as abismosas vertentes
pelo perpassar das águas batidas
pelos violentos ventos das tempestades

talhadas as suaves encostas e aplainados
os prados e paúis
em primores arquitecturais de espaços
e equilíbrios
[...]”

2007

“Pico do Arieiro” In *Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, pp. 22/23.

“Percorridos subindo para norte
vales e encostas
e transporto o pequeno planalto
em quase êxtase
pela contínua variedade e beleza da paisagem
e pela amplidão dos múltiplos horizontes

desvenda-se o topo de estruturada montanha
sólida escora das serranias centrais.

Miradouro de onde se dominam
vastíssimos espaços

aqui se instalaram também os construtores
para moldar o dorso mais ameno da Ilha
e decidir formas
materiais
efeitos de luz:

as cores brilhando sob a cálida ternura
do sol da Primavera
iridescendo
aos dardejantes raios do Verão
recatadas no resguardado segredo
dos mares de nuvens e
dos caprichosos nevoeiros de outono
ou violentadas pelos duríssimos ventos
e geadas inverniais.

Privilegiado aposento do guardião das águas
de ti são governados
desde as altas nascentes
até aos profundos vales
os caudais
a leve e branca espuma bordados
de ribeiras riscos e fios de água
que a jusante vão alimentar
os verdes do teu manto: **(p. 22)**

matas de Laurissilva
vinhas hortas pomares e jardins
desde a Ribeira do Faial fluindo ao norte
à dos Socorridos de início vertida a oeste
para logo volver ao sul
[...]” **(p. 23)**

2007

“Pico dos Barcelos” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 24.

“Deste morro
mão
em ânsia de perfeição
te moldou ao mar.
A leste te levantou das águas
pequeno promontório pedestal
e em carinhos e carícias te modelou
montes picos colinas
profundas ravinas

preparando os lugares das florestas e das culturas
os cimos
para as neves do tempo do noivado
entre os céus e a terra úbere

e os veios para
a água essencial
caprichosos
descendo ao encontro das marés
em rodeios e desvelos de quem sonha
e ousa
e louva o que criou.
[...]

2005

“Paul da Serra” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, pp. 25/26.

“Altiplano

me alongo
por sobre as quádruplas faldas do domínio
e guardo e alimento a vida
pelo conto do tempo
no topo e nas vertentes das três faces
da metade oeste da ilha

lânguido feminino corpo estendido
oferecido aos cósmicos e terrestres
elementos
desde a espectacular e requintada cortadura
talhada a norte e a sul
da Encumeada
com o etéreo véu de candentes nuvens
- até ao mar.

Em minhas vulcânicas entranhas se encerram
as águas captadas e depuradas
pelos dedicados musgos
areias e rochas
o externo corpo

e delas brotaram
perados
os folhados colorindo as encostas
de variegadas flores
barbuzanos
vinháticos
e os pujantes milenários e reservados tis
da notabilíssima laurissilva.

Sou

assim
plano de contemplação
fonte de concepção e de amor
resguardado berçário de vida. (p. 25)

Em meus altos paus
pelos meandros de ribeiros
e monumentais transparentes riscos verticais
e leitos abruptos de ribeiras
são captados sinais e gérmenes
da Criação do Mundo.

E em tudo pulsa
com a água pela água
o coração
da amada Ilha.” (p. 26)

2009

“Ribeiro Frio” In *Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, pp. 73/74.

“Ribeiro e pequeno lago de encantamento
Onde a frondosa vegetação se reflectia

[...]

levadas e ribeiros levando a água matricial
vivificando os corpos das árvores da floresta densa
e os seus ventres braços dedos e flores

suave paleta de verdes derramados sobre a vastidão
das encostas
trasmudados em azul pelos desdobrados

mansos horizontes
aqui e além sobressaltados por súbitos abismos

caminhos desvelando vistas
de inesperados êxtases
- és um discreto valioso tesouro
do corpo da ilha.

Evoco os Balcões e a ampla paisagem oferecida
a vista para o Pico das Torrinas
as encostas escavadas próximas ao Pico Ruivo
vertiginosamente inclinadas para a Ribeira da Metade
a encosta sob os Balcões
em cada ano mais rica em arvoredos

e a passagem pela agradável casa de cantaria
sobre o centro do povoado
rodeada de árvores
matizada de luz e sombras
que encantava com o seu ar acolhedor.

Evoco o passeio ao sítio das Pingas
na levada da Portela
o belíssimo adorno vegetal
e as monumentais rochas de cantaria rubro-roxa
em que às vezes era talhado o leito da levada
e os duros e belos caminhos para o Poiso
e Maçapez e o Pico do Suna.
Lembro o povo trabalhador (p. 73)

[...]

a pequena piscina que se construía
num poço da ribeira
em cada Verão
com lajes e pedra e Iodo
a conter um pouco mais de água
para um mergulho refrescante.

Evoco em íntima emoção
o início à contemplação das belezas da ilha
terra-mãe de sortilégio
despertada pela subtil consciência
da percepção dos sentimentos:

o pulsar da vida
dimanado do viçoso manto vegetal
a energia irradiada das rochas
esculpidas pelos elementos
em trabalhos multi-seculares

o murmúrio das águas nas pedras dos leitos
e nas cascatas dos ribeiros

o *allegro vibrato* do contar das aves
e o suave contraponto da brisa nas ramagens

os luars de Verão que douravam as serras
e prateavam ao longe o mar
tão intensamente que parecia dia

e o tranquilo sortilégio emanado
da natureza
de um modo harmonioso e envolvente

que ainda não se sabia ser
um sublime e inenarrável amor à ilha-mãe

amor que invadia docemente a alma
e se engastava ao coração.” (p. 74)

2007

“Penha de Águia” In *Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, pp. 78/79.

“Privilegiado lugar de recolhimento.

Os cumes dominantes
formados de magmáticas rochas
expelidas por telúricas forças
em formidável convulsão
parecem concebidos e em cuidados executados
para o desfrute da visão monumental
e repousante
de portentosas formas escultóricas.

Provindas do norte
desde os altos e recortados picos
dos horizontes dorsais da ilha

à tua base vêm suavemente passar
as águas dos estreitos vales iniciais da laurissilva

percorridas as vertentes em lentos fios
ou rapidamente descidos riscos
e vencidos socalcos e cascatas
musicalmente rolando
os calhaus dos seus leitos

- mananciais para a pujante vida vegetal
que as tuas vistas oferecem –

as três ribeiras que em sequência se unem
formando uma única
para logo após beijar o mar. (p. 78)

[...]
e o ilhéu da pedra furada
primeira sentinela da Ilha a avistar
a aproximação das naus que a acharam.

De ti se contemplam
a vila das endémicas faias
e a do porto da cruz
[...]" (p. 79)

2007/2008

“Ponta do Sol” In *Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, pp. 84/85.

“Passado pelas caravelas o promontório-altar
a partir de onde as terras novamente recuam

de umas rochas mais a Oeste
que avançavam sobranceiras
pelo mar
pareciam dardejar os raios do Sol.

Descobriram os navegadores
que eram o táctil aveludado
e a clara tonalidade da rocha
que geravam o surpreendente efeito.

Do Sol logo ficou a ponta chamada.

E Zarco em suas competências a doou
a Rui Gonçalves da Câmara
seu primeiro Gonçalves da Câmara
seu primeiro filho nascido na Ilha
e o lugar foi constituído séde de vasta sesmaria
alongada desde logo trato de mar
à Serra do Paúl.

Largas encostas de suaves declives
virgens e férteis terras de lavoura
fartas águas descidas
para o vale da ribeira do teu nome
ou mansamente escorridas pelas vertentes

fácil e rápido foi o povoamento
remuneradores os denodados trabalhos
para os variados cultivos. (p. 84)

[...]

Com elegante cais
pequena e acolhedora praia a favorecer
inspirado ornamento
e uma antiga malha urbana
não deixes desviar a agulha do futuro.

Que o progresso te não desfigure
e seja sempre a sorte
benfazeja.” (p. 85)

2008

“São Vicente” In *Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, pp. 86/87.

“Das serras altaneiras
do caprichoso dorso da Ilha

dispostas em ampla e dominante varanda circular
pontilhada de cones solidificados
das forjas dos artifícios primeiros

por precipitosos riscos
rigorosamente esculpidos na rocha dura

iridiscendo se despenham e espargem
as águas
das tumultuosas chuvas invernais
alimentando o manto vegetal das vertentes abruptas
e os vinháticos loureiros e fetos
dos pequenos prados

ou criando múltiplos arco-irís
a rebrilhar como véus sobre a paisagem.

e aquietadas
convergem para a estrangulada foz da ribeira
a abraçar a capela do teu Santo.

Deslumbrados os olhares pela visão
de tão conspícua beleza

despertado o espírito
à intensa energia irradiada pelos cumes

que te abraçam
e ao rendilhado do magma milenar das encostas
banhadas de sol
que sobrem súbito do mar
para no quotidiano o conter
[...] (p. 86)

[...]

estreita e fértil fajã da areia
partilhada e em desvelo cultivada desde os tempos iniciais

lugares de vastas panorâmicas vistas
sobre os vales
e o mar

tudo em ti foi preceito e elevação.
[...]” (p. 87)

2008

“Curral das Freiras” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 91.

“Da fechada circundante coroa de alturas
sobre o formoso e cantado vale
desde onde de belos e surpreendentes miradouros
deslumbrados e comovidos se debruçam
os olhares
súbita assustadoramente
surgem os abismos mais profundos
e conspícuos da Ilha.

Quem esculpiu tão vertiginosas vertentes

Quem criou estas paisagens-espectáculo
de tão inesperada surpreendente
vertiginosa beleza?

Os ribeiros descem precipitosamente
para a ribeira-mãe
e impetuosíssimas são as águas
das estações mais duras:
a impor leitões sempre livres
para os fortes mananciais de Invernos.
[...]"

2008

Margarida Gonçalves Marques
(n. 1929)

“O anteparo de marfim” *In Comboio com asas*. Organização de António Fournier, 2008, p. 30.

“[...] Entretanto, Matilde Augusta e o pai, na estação da Fonte, tomam o comboiozinho que vai rasgando um luxuriante arvoredado até ao final da linha.

Teófilo de Mendonça senta-se com a filha na única mesa vaga do Restaurante Esplanada do Terreiro da Luta. Matilde Augusta aceita sempre com prazer o convite do pai, naquelas tardes calmosas do seu veraneio do Monte. Situado a uma altitude de cerca de mil metros acima do nível do mar, o curioso edifício que apoia o restaurante mais parece um chalé suíço, muito branco contra um fundo de montanha densamente arborizado. A esplanada, com as mesinhas postas para o chá, pega com um cuidado jardim, por onde circula gente de diverso linguajar, que se detém aqui e ali para apontar ângulos de indiscreta beleza.”

Margarida Ribeiro

(n. 1932)

“Ponta do Pargo” In MADEIRA vivências em poesia, n.d, p. 22.

“Era além e era aqui
que as rochas descobertas
de um castanho avermelhado
muito húmido, muito molhado
pareciam que nos olhavam
e timidamente mostravam
que também estavam ali.

Ao lado, uma levadinha
sempre muito saltitante
muito, muito barulhenta
até parecia que ria
trazia um azul profundo
um azul que não tem fundo
um azul de fantasia
[...]

Maria da Conceição Caldeira
(n. 1925)

“Deixem ouvir os silêncios” In *Miscelânea de Memórias*, 1999, pp. 69/70.

“[...] Lembro as minhas manhãs no Lido antigo, muito cedo, antes da avalanche de gente, ou daquelas em Outubro e Novembro em que quase não ia ninguém. Sentava-me nas escadas, ou nas rochas junto ao mar, olhava em frente ou para os lados e extasiava-me com o que via, ouvia e cheirava. De tal me absorvia aquele colorido de mar, céu e rochas (algumas quase azuis, roxas ou rosadas), com tal intensidade me inebriava com o cheiro da maresia nas rochas [...] (p. 69)

Falar do Monte é preciso que se faça a distinção – Monte de hoje e Monte de ontem.

Para quem gozou o sossego do Largo da Fonte sem gente, só os grandes plátanos, cabeças encostadas umas às outras, formando solidéu verde, através de cujo rendilhado se vê o céu azul, os buxos aromáticos cujo cheiro se confunde com o dos líquenes das paredes húmidas e dos troncos das árvores, [...]. O Largo da Fonte mais parece um parque de automóveis. [...]” (p. 70)

“Vão roubar-me a Sé” In *Miscelânea de Memórias*, 1999, p. 123.

“[...] Quem conheceu, por exemplo, o Caminho para as Queimadas, em Santana, tão pitoresco, onde os bardos de novelos (hortênsias) eram parede azul e as típicas casinhas de colmo, uma aqui, outra ali, davam um ar de vida muito antiga, muito rústica e cheia de beleza; onde a vegetação de arvoredos fazia, por vezes, tecto por onde o sol tentava penetrar e dar mais cor azul das flores, depara-se agora com uma estrada larga, bem traçada, moderna, que sacrificou novelos, árvores, arbustos e casinhas de colmo. [...]”

“Memória das casas” In *Miscelânea de Memórias*, 1999, p. 194.

“[...] Assim como no Monte, Santana também tem o seu cheiro e sons característicos. Abundam as terras de cultivo por toda a parte, divididas ou defendidas por renques de urze ou de buxo. Alguns altíssimos, formando muralhas. Pena é que tendem a desaparecer por causa de casas novas e alargamento de estradas. Mas quando por lá passámos, havia bastantes que lançavam ao vento o seu cheiro peculiar e campestre, misturado ao de terra húmida e revolvida ou cavada. Essas terras eram (e devem ser ainda) adubadas com “cuitivo”

(nome que lá dão ao adubo animal). Também densas sebes de silvado protegiam os campos e davam os seus frutos: as negras amoras que lambuzava, as mãos, a boca e as bochechas de quem não resistia a colhê-las. [...]"

Maria Gisela Rodrigues Fernandes Dias
(n. 1929)

“Pulcrolândia” In *Eflúvios da Minha alma*, 2001, p. 107.

“Madeira, um bouquet de flores
Por todos apreciado!...
És minha terra de amores,
Um paraíso encantado!...

Ilha de contos, de fadas,
Embalada pelo mar,
Com paisagens estampadas
Duma beleza sem par.

Tudo em ti marca presença
No contexto ambiental.
Cada ser, cada nascença,
Mui própria de cada qual.

As sementes ofegantes
Esvoaçam pelo ar
E tuas águas cantantes,
Ligeiras, correm pra o mar.

Tens montes arborizados,
Vales, a sonhar, perdidos,
Recantos eternizados,
Lugarejos escondidos.
[...]

“Funchal” In *Eflúvios da Minha alma*, 2001, p. 109.

“Funchal, cidade de sonhos,
De poemas povoado!

Teus atractivos risonhos
Deixam povo extasiado!...

Tens ribeiras a correr,
Montes a te contemplar,
Árvores a florescer,
Pássaros a chilrear.

És cidade mui florida,
Com teu perfume invulgar.
De ninguém és esquecida
Aqui e em todo o lugar.
Numa baía encravado
Com teu ar aventureiro,
Tens um cheiro a mar salgado,
És farol alvissareiro.

O argento sempre te embala,
Escutando a tua voz.
És um prenúncio que fala
E ao Alto brada por nós.”

“Madeira” In *Eflúvios da Minha alma*, 2001, p. 144.

“Madeira, és um torrão a nos mostrar
As tuas mil paisagens verdejantes,
Com cristalinas águas murmurantes,
Correndo, mansamente, para o mar!...

Teus arbustos despertam a clamar
Por aves de plumagens deslumbrantes,
Para que neles pousem, por instantes,

E comecem seus cantos a soltar.

Nos teus belos jardins, que não nos maçam,
Mariposas e abelhas esvoaçam,
Para o néctar sugar das frescas flores.

Sente-se ufano o Atlântico da Ilha
De magia, de sonho e maravilha
Pelos mortais chamada dos Amores.”

“Acácias deslumbrantes” In *Pétalas Soltas*, 2001, pp.78/79.

“Na subida para o Santo da Serra,
Através duma estrada pitoresca
Ladeada por verdura muito fresca
Que seduz os céus, o mar e a terra,
Observei paisagem bela,
Encantadora, amarela
Que bem me surpreendeu,
Ficando a olhar pra ela.

Eram acácias floridas,
Aqui e acolá, erguidas,
Dando nota estonteante,
Com seu aspecto vibrante
De atracção inconfundível.

Suas flores tão singelas,
Vistasas e amarelas,
Refulgem à luz do Sol
Que, com seus raios ardentes,
As deixam sorrir contentes,

De maneira original.

Estas árvores deslumbrantes,
Cheias de verde ramagem
Que transmitiam frescura
Misturada com ternura
A todos os viandantes,
Com o sopro da aragem,
Abanavam as folhinhas,
Apresentando, sozinhas,
A sua vitalidade
E também a sua vontade
De dançarem, levemente,
O bailado universal **(p. 78)**
Das folhas, que é sempre igual,
Mas agrada a toda a gente.

Acácias tão fascinantes,
Que extasiam viajantes,
Mirando-as com alguns carinhos!...
Nos teus ramos, saltitantes,
Trinam, por alguns instantes,
Os alegres passarinhos.

Calcorreado a estrada
Extensa e enfadonha,
Na faina do dia a dia,
Tantos, tantos transeuntes,
Sem incentivo de beleza,
Sentem a alma animada,
Perante a companhia
Dos seres da Natureza.” **(p. 79)**

“Flores, pulcritude das ribeiras do Funchal” *In Pétalas Soltas*, 2001, pp. 92/93.

“Florinhas graciosas e tão belas
Que ladeiam as ribeiras
Desta nossa cidade!...
Vossa contemplação
Nos causa ansiedade
Que perturba qualquer coração,
Provocando saudade.

Tão harmoniosas,
Com colorido diverso,
Alternadamente disposto,
À nossa apreciação vistosas,
Constituis um conjunto
Tão invulgar,
Que nos faz quedar,
Diante de tal maravilha
Existente nesta Ilha.

Qualquer jardim
Não se orgulha de beleza igual!...
Brilhante ideia original,
De agraciar as ribeiras
Que atravessam o Funchal,
Com estas impressões estampadas
E, ao mesmo tempo, vos tornar conhecidas,
Fotografadas e faladas
Até em terras estrangeiras,
Honrando, assim, Portugal. (p. 92)

A Madeira é a ilha das flores
E é preciso haver cantores
Que as dignifiquem!...
Como sou um deles,
Aqui estou a soltar minha voz,
Escrevendo sobre vós,
Queridas flores!...” (p. 93)

“Jacarandá em destaque” In *Pétalas Soltas*, 2001, p. 231.

“Na rua João de Deus,
Na Escola Francisco Franco,
Um jacarandá gigante
Floresce com tal encanto,
Que enfeitiça toda a gente,
Quando passa no caminho,
Depressa ou devagarinho.
O jacarandá existe
E de lá sempre persiste
Em bênção santificante,
Ao povo contemplativo
Que, ao ver tamanha beleza,
O faz voar té aos céus.

Tal árvore majestosa,
De todas a mais formosa,
É lar de alguns passarinhos
Que aconchegam seus filhinhos,
Encantados com amor
E aninhados com o olor
Doce das flores lilases
Que mostram serem capuzes

De embalá-los com carinho.”

“Acácias” *In Pétalas Soltas*, 2001, p. 235.

“Ó acácias bem floridas,
Nas serranias erguidas,
Pra encanto do nosso olhar!...
Vêm-se por toda a Madeira,
De tanta, tanta maneira,
Nesta época invernosa
Que torna caprichosa
E tem pra nos ofertar
Várias surpresas, sem par.

De estatura variável,
Tais árvores sedutoras,
De ramagem muito fina,
Recortadas como rendas,
São uma mostra viável
Da beleza florestal
Que há nesta nossa Madeira,
Feitiço dos nossos olhos,
Reclame, por entre abrolhos,
De árvores de Portugal.

Crescem à beira de estradas,
Por entre outras muitas árvores,
Nos barrancos e valados,
Com troncos bem inclinados,
Aparentando saudar
Essas plantinhas rasteiras
E curiosos arbustos

Que despontam nas ribeiras,
Pra a aridez amenizar.”

“Curral das Freiras” *In Pétalas Soltas*, 2001, p. 268.

“Entre rochas alterosas,
A grande profundidade,
Vi um simples povoado,
Longe da perversidade
Das ruas tumultuosas
Existentes na cidade,
Contendo ar viciado.

É um cantinho de paz,
De sonho e de fantasia,
Com velas estreitinhas,
Prados e tantas florinhas
Escondidas a espreitar,
Pássaros a esvoaçar
E uns arbustos atrevidos
Que despontam, dia a dia,
Entre culturas, erguidos.

Tem nome tão sugestivo,
De outrora bem conhecido.
Chama-se Curral das Freiras.
Aparenta o casario,
Visível nesse local,
Um enxame sorridente,
Com as abelhas obreiras,
Activas, cheias de brio,
Olhando pra toda a gente,

Com aspecto original. [...]"

“Que beleza há nos rochedos!...” *In Pétalas Soltas*, 2001, p. 105.

“Vi num canto pitoresco
Da nossa linda Madeira
Rochedos com ar grotesco,
Altaneiros,
Enfileirados,
Uns a pique recortados,
Outros pra a terra virados,
Visíveis logo à primeira,
Estandartes verdadeiros,
Com porte de fantasia,
Singrando no dia a dia.
[...]"

“Giestas dos montes” *In Pétalas Soltas*, 2001, p. 233.

“Giestas tão amarelas,
Crescidas nas serranias,
Osculadas, devagar,
Por rebeldes ventanias,
Vos causando indecisão,
Sois como puras donzelas,
[...]"

Vossas flores espontâneas
São faróis de luz intensa,
Visíveis entre a verdura
E também junto ao penedo,
Onde brincais, com medo

De entorpecer pedrinhas
Que se libertam sozinhas,
Resvalando com brandura,
Lá, longe do arvoredos.

Giestas amarelinhas
Que se abraçam e se beijam,
[...]

“Uma baleia de tamanho considerável” *In Ao Compasso da Vida (Verdade e Sonho)*, 2002, p. 123.

“[...] É o caso da nossa Madeira, pequenina pérola avistada a boiar no alto do mar. Osculada em toda a rola marítima por ondas espumantes e graciosas, de encontro aos rochedos ou que beijam com suavidade as areias das praias, ou os calhaus das arribas disformes [...]

“Água de Pena ligada à tradição” *In Ao Compasso da Vida (Verdade e Sonho)*, 2002, p. 135.

“[...] A Madeira é uma ilha muito falada em todo o mundo. Os seus atractivos encantam qualquer visitante que fica extasiado, perante tanta descoberta de beleza florestal e muitas serranias e montes altaneiros com cumeeiras arredondadas ou a pique recortados.

Sobressaem, por entre as montanhas, os verdejantes outeiros, os pascigos, as serras sobrepostas e os vales profundos que oferecem a toda a gente um panorama espectacular. Aqui e ali, vêem-se florinhas silvestres e a berma das estradas é guarnecida com plantas apropriadas que enfeitçam os olhos de quem quer que seja [...]

De salientar é também as cascatas existentes nesta terra, assim como as típicas ribeiras, onde corre a mais límpida linfa que deixa transparecer os irregulares calhaus [...]

“Encantos da minha terra” *In Esvoaçar de Sentimentos*, 2004, p. 67.

“[...] Madeira, pérola pequenina a boiar nas ondas oceânicas, quem te pôs tanta beleza impressa no colorido e na geração de flores, ervas e arbustos, assim como na altivez das rochas que choram e que riem aos olhos aos viandantes?

Sou mulher em ti nascida. Toda a vida tenho respirado os teus odores, sentido o perpassar da tua brisa, adormecido ao som das águas cristalinas que correm suaves nas ribeiras ou que brotam das rochas altaneiras, despenhando-se, como perlas de terna fluidez nesta terra de musgo coberta ou de flores pintalgadas repleta.

Além disso, tenho calcorreado as tuas estradas e veredas aquecidas pelo sol e embaladas pela frescura das tuas árvores que me cumprimentam à passagem e me maravilham com as suas variadas espécies.

[...] Decidi, no entanto, falar sobre as acácias que muito me cativam. São árvores de tamanho normal, com flores amarelo – esverdeadas que fazem realçar o verde deslumbrante e indizível. São vistas desde o mar até à serra, nos montes e colinas, nos vales e margens das ribeiras, isoladas ou em grupos [...]

“Madeira, Amazónia portuguesa” In *Esvoaçar de Sentimentos*, 2004, p. 169.

“[...] Madeira, ilha de encantos e de beleza multifacetada!...

Embalada pelo mar, abafada por um céu bem azul que rivaliza com as ondas oceânicas e aquecida por suaves raios apolíneos, conhecida és pela diversidade das tuas paisagens a todos patente nos cimos das montanhas, nas vertentes das serras, nos vales profundos e nos declives dos rochedos. [...]

Maria Helena Nunes
(n. 1950)

“Recordando a minha primeira viagem à Boaventura” *In Crónicas de Dentro e de Dentro e de Fora da Ilha: Dez Anos de Recordações. 1987-1997, 1999, pp. 38-42.*

“[...] O percurso entre o Funchal e a Ribeira Brava não me era desconhecido! Já tivera a satisfação de admirar as belezas naturais entre aquelas duas zonas da Madeira, ambas situadas a Sul da Ilha, aquela mais ao centro e esta mais a Oeste, a uma distância de trinta e um quilómetros! O facto de já ter viajado entre essas duas povoações e de ter admirado as suas paisagens marcaram-me para sempre!

Da VILA DE CÂMARA DE LOBOS, centro piscatório, como poderei olvidar a sua praia de calhaus com as suas canoas coloridas, varadas, já muito próximas da orla do mar; o seu ilhéu, o dormitório dos homens do mar; os vinhedos cujas parras são verdes na Primavera, douradas no Verão e avermelhadas no Outono ou ainda o Cabo Girão, o segundo maior cabo do Mundo, promontório de cerca de seiscentos metros de altitude de cujo miradouro se vislumbra paisagens maravilhosas, não só para o Oceano Atlântico, para as Desertas, pequenas Ilhas do nosso Arquipélago [...]

Do CAMPANÁRIO não será fácil esquecer as suas pequenas casas coloridas, de uma só porta e duas janelas, semeadas pelas encostas daquela extensa freguesia, as suas quintas, as árvores carregadas de frutos... ao longe, sempre a acompanhar-nos, o mar, tão lindo, que me seduzia e encantava!

[...] Noventa minutos após a saída do Funchal, eis-nos em direcção à SERRA D'ÁGUA, à ENCUMEADA... Agora, sim, iria iniciar a descoberta de um “novo mundo”.

O mar ficara para trás! Entrávamos na zona das altas montanhas, a ribeira surgiu a ladear a estrada e apreciá-la foi um prazer e deu para esquecer o lugar onde estava: ora mais próxima ora mais distante; ora mais estreita, ora mais larga, serpenteando entre terrenos no seu leito mais ou menos inclinado; nas suas margens um lindo arvoredado com espécies arbóreas de rara beleza que anteriormente nunca tivera a oportunidade de admirar: chorões, salgueiros, acácias, entre outras! Aqui e além, perto da ribeira ou nas encostas das montanhas, ali próximas, erguiam-se (p. 38) pequenas casas caiadas de branco, cobertas de telhas vermelhas, de chaminé, portas e janelas pintadas de verde e as árvores, ali próximas, enriqueciam o ambiente, tornavam esta paisagem um presépio artisticamente ornamentado.

A determinada altura, ao aproximarmo-nos de uma curva, tenho a sensação de que íamos entrar num desfiladeiro! Na verdade, naquele local, estávamos perante uma passagem estreita entre montanhas e uma sensação de bem-estar apoderou-se de mim!

A nossa viagem prosseguia. A estrada continuava a ser muito estreita, sobre precipícios e as curvas sobre curvas sucediam-se! Nalgumas, para duas camionetas circulando em sentido contrário, poderem cruzar a que ia a descer tinha de fazer marcha atrás!

Naqueles momentos, a nossa posição de passageiros não era muito agradável. O perigo espreitava-nos. Preocupava-nos aquele arrepiante abismo que nos acompanhava há mais de meia hora, aquela ribanceira íngreme que tinha por base a ribeira, o vale, a povoação.

Nessa escalada, encosta acima, tive a sensação de que a Ilha estava dividida pela cadeia de serra, cujos cumes eram recortados não pela mão do homem, mas pela Mão de Deus Omnipotente, em picos, cabeços e com os mais variados contornos e qual delas a mais arborizada, a mais alta, todas em permanente contraste de cor, de luz, de sombras!

Aqui e além penhascos, rochas escarpadas tornavam este cantinho da Ilha da Madeira, um verdadeiro paraíso...!

Enfim, eis-nos no cume da serra, na Encumeada, de onde podíamos admirar o Vale de S. Vicente, com a sua Vila ao fundo e ainda contemplar simultaneamente o Mar do Norte e o Mar do Sul, aquele, a banhar a costa litoral de S. Vicente e este o da Ribeira Brava!

Finalmente, S. VICENTE! Ia entusiasmada, feliz e satisfeita, de olhos arregalados, ávidos de beleza e, ali, uma vez mais concretizei esse meu desejo olhando toda aquela zona cuja floresta me encantou. O panorama repetia-se: montanhas e mais montanhas, vales e mais vales e, neles, povoações encravadas... mas, as montanhas e os vales eram diferentes, tinham outras dimensões, outros recortes, outros coloridos, a sua beleza era outra, era S. Vicente. [...]

Finalmente, percorrido um túnel, eis-nos em BOAVENTURA! Fiquei surpreendida e maravilhada com a paisagem totalmente diferente da que até aí pudera admirar. Estávamos num ponto (p. 39) alto, sobranceiro ao mar. Á minha frente uma estrada estreita e sinuosa “suspensa” sobre o mar! fora talhada na rocha, fora roubada à rocha, íngreme, escarpada, de basalto e cuja base lá no fundo, a cerca de duzentos e cinquenta metros, tinha origem no próprio mar!

[...] Como já referi, a paisagem daquele miradouro era simplesmente sumptuosa! Ali, para a direita e para a esquerda, num ângulo de cento e oitenta graus, a nossa vista poder-se-

ia “deliciar” olhando toda a costa litoral que vai desde o Porto Moniz com os rochedos da Ribeira da Janela a emergirem das águas do mar; Seixal, cujo casario se situa muito próximo da orla marítima; S. Vicente, muito mais próximo; Ponta Delgada, com os seus campos cobertos de videira; Boaventura, o sítio de S. Cristóvão, a praia de calhaus, os seus ilhéus, o Preto e o Vermelho, o Caminho da Enterosa, antiga ligação de Boaventura com o Arco de S. Jorge e ainda a costa litoral do Arco de S. Jorge. Mais... nos dias claros, daquele mesmo lugar, poder-se-ia admirar a Costa Norte da Ilha do Porto Santo, e nas noites claras, o farol a reflectir a sua luz!

[...] A casa era no Serrão, num vale junto à igreja. [...]

Esta mesma paisagem nas noites de luar tinha o poder de paralisar a pessoa, pô-la a admirar toda aquela área e as altas montanhas com os seus variados recortes! Impossível alguém poder ficar indiferente perante tão belo espectáculo! [...] (p. 40)

[...] Outro dia, fui ao Poço André, lá em baixo, na ribeira, a Ribeira do Porco, onde lá perdera a vida o homem que lhe dera o nome, o André, que misteriosamente desaparecera e que, segundo dizem, fora arrastado por uma corrente de água subterrânea que está ligada ao mar.

Jamais consegui esquecer esse local extraordinário. Num determinado ponto da ribeira, esta parecia que tinha o seu fim, no entanto, ela tinha continuidade a uns trinta metros mais abaixo e o seu leito corria apertado entre uns rochedos escuros! Era o local onde estávamos e nele as águas caíam e alimentavam aquele poço, aquela pequena lagoa, de água límpida, transparente. [...] (p. 41)

[...] Finalmente como paisagem, referir-me-ei à Achada da Madeira. É um planalto, lá no cimo da freguesia! Do seu centro não se vislumbra qualquer outro sítio. É um local isolado, aberto, arejado, entre altas montanhas, tendo por tecto o céu amplo, sereno, atraente, que jamais poderei esquecer. [...]” (p. 42)

1989

Maria Silva (Magda-Flor)
(n. 08/04/1931 – m. 21/08/2017)

“Roteiro” *In Acácias rubras*, 1995, p. 46.

“Quando ergo meu olhar
para o cimo dos montes
da minha Ilha,
Visiono monstros, gigantes,
anjos e demónios
e medito na minha condição
de prisioneira do mar.

Mas meu pensamento
mais rápido que o vento,
ultrapassando esses montes,
quebra barreiras
e de novo sou livre,
sem fronteiras.
[...]

Maximiliano de Azevedo
(n. 16/02/1850 – m. 03/12/1911)

Histórias das Ilhas: reminiscência dos Açores e da Madeira, 1899, p. 163.

“[...] Tres horas, talvez, estive a fitar, primeiro as encostas acidentadas e verdejantes da ilha, que fugiam rápidas para o lado do occidente, e depois os píncaros abruptos, que coroam aquella enorme massa vulcânica, e que cada vez se iam tornando menos distinctos já assumindo uma côr entre parda e azulada, já assimilando-se a nuvem que mal sobrepujava a superfície do oceano, até que finalmente se occultaram de todo. [...]”

Miguel Lúcio Castro Camacho
(Não definido)

“Câmara de lobos” In *Morre em mim poesia*, 1998, pp. 156/157.

“Por uma bela e magnífica, mesmo pequena enseada,
reza a lenda que do mar, um lobo bom tanto rondava.
Das ondas mais fortes o branco da espuma enviava,
lembra a lua em meia, de forma tão redonda e alva.

O braço com que a terra agarra o mar,
dá à enseada uma paz que resiste,
e lembra uma víbora que vai devorar
a raiva do mar, quando o temporal persiste.

[...] (p. 156)

E sobre a enseada, descansa uma ilha que em mar não está,
à noite de luzes florida, qual estátua em pérola da terra saída,
elevada em rocha dura e pouco torta, como um farol dá,
p’rá avisar os povos, desde o mar à encosta que dá fim à lida.

[...]” (p. 157)

***Madeira te canto*, 1998.**

Página 19

“A ilha tomou o nome, Madeira,
p’lo espesso e grande arvoredado
que a cobria e por ser toda inteira,
em tão denso até no penedo.
E por que p’ra andar não havia maneira,
nem com o poder dos machados sem medo,
p’ra se lhe dispor tiveram que fogo atear,
que durante 7 anos não se pôde apagar.

Da actividade vulcânica esta terra emergiu,
há muitos milhões de anos.
Do fundo do Oceano Atlântico saiu,
duma montanha submarina sem danos
que a sudoeste da Europa surgiu,
e dela são as Desertas e Porto Santo, manos.
E apesar de p'ra África ser mais curto o canal,
não deixou de ser filha de Portugal.”

Página 38

“Da flora a mais diversificada
dos confrades da falésia,
as indígenas sua variedade é grada,
de si endémicas ou da macaronésia.
As alturas fazem estratificada,
a razão, de um p'ra outras dar inércia,
que em mais baixo a que não há,
deve ao homem que passou por lá.

Do Dragoeiro que raramente se vê
ao Mocano e à Cila, de baixa altura viventes,
lá no alto nevoeiro, onde a humidade é sê,
a Laurissilva tipifica diferentes,
herbáceas, hepáticas e fetos, que lê,
e pode tanger as sementes,
quem ao largo de troncos se senta
nos líquenes e musgos que por aí assenta.”

Octávio Marialva
(n. 17/01/1898 – m. 04/06/1992)

“Sonata paradisíaca” In *A Madeira Vista pelos poetas*. Organização de Fernando Melim, 2002, p. 59.

“Madeira verde e velada
de mil estranhas essências
de Sol acariciador,
onde o vinho é qual licor.
Madeira das belas quintas
alcandoradas e frescas,
pitorescas,
pomar de frutas gostosas.
Bosque de berrantes rosas,
de estrelas brancas e puras.
De jasmíns,
das âncoras de magnólias,
trombetas de belas noites,
sangrantes manhãs de páscoa,
de violetas e junquinhos,
buganvílias e lilases.
Aqui se encontra o Girão,
que é o cabo maravilhoso
da Terra da Promissão.
Aqui o Ribeiro Frio
e o ridente Rabaçal
à luz de um eterno estio,
Ilha maga, solitária,
de bruma crepuscular,
como um véu de nostalgia
sobre o cismador olhar.
[...]

“Ruivo” In LOUVORES POÉTICOS À ILHA DA MADEIRA. Organização de Florival Passos, n.d, p. n.d.

“Arranha-céus da Madeira!

Arranha-céus triunfal!

Ergues-te, como um colosso de granito,
fortaleza heroica da velha Atlântida,
pairando acima de um mar de nuvens...

Desafias o mito

da bíblica Torre de Babel,
e fazes ciumes ao gigante Atlas,
campeando mesmo sobre o monte Calvo.

És como um sonho milenário
que domina o horizonte solitário,
de onde surgiram, outrora, aventureiras,
na manhã do século XV,
as naves portentosas
dos marinheiros portugueses.

Pico Ruivo!

Arranha-céus da Ilha de Zarco!

Coruchéu ciclópico, sobre o qual, tantas vezes,
hei bebido, à luz do arrebol,
pela taça do mais estupendo Sol!”

Ricardo Jardim
(n. 1906 – m. 1990)

Saias de Balão (Na Ilha da Madeira), 1946, pp. 14/15.

“[...] Pela entrada da cidade, subindo e descendo a rua, ou sentados nos bancos debaixo dos plátanos que a ensombravam, viam-se grupos de senhores sisudos [...]

Um pouco acima, na Praça da Constituição, também conhecida por Passeio Público, havia menos concorrência. Ali, estacionavam carros de bois, com cortinas de oleado prêto, e rêdes com o seu tôlido de pano às riscas, pau de **(p. 14)** suspensão apoiado por uma extremidade nos galhos baixos das árvores, e pela outra, nas forquilhas dos bordões. Aqui e além, encostados aos troncos das figueiras da Índia, ou sentados no chão, junto à Fortaleza de São Lourenço, descansavam boieiros e homens de rêde, com botas de «vilão» camisas e calças brancas. [...] **(p. 15)**

Sebastião Pestana
(n. 1908 – m. 1993)

“Golpe de nostalgia” *In Crónica Madeirense (1900 – 2006)*. Organização de Fernando Figueiredo *et al.*, 2007, p. 162.

“[...] a massa escura das Salinas, de pontiagudas penhas, ásperas e carcomidas, e, à nossa frente, encosta à povoação do Pastel e que se alastra de ponta a ponta, em forma de leque, uma sucessão em declive, ora abrupto, ora suave, de poios, mais poios e poios de cultivo; o vermelho dos telhados do centro, juntos em punhados, casadinho com o matiz virente da luxuriante vegetação [...]”

Teresa Valério
(n. 1936)

Momentos de Sonho, 2006.

“[...] Quando o Sol aparece no horizonte, anunciado por um feixe de raios coloridos, de um amarelo avermelhado, transforma toda a zona nascente numa auréola luminosa do mais alto gabarito. Esse fenómeno, visível de muitos locais, atinge maior grau de perfeição no ponto mais alto da ilha, o Pico Ruivo, para onde são atraídos residentes e forasteiros, ávidos por se deliciarem com os encantos desses efeitos oferecidos pela natureza, às primeiras horas da madrugada. [...] (p. 9)

[...] Outras ilhas idênticas salpicam os Oceanos mas, a Ilha Florida, é sem sombra de dúvida uma jóia que brilha e faz a diferença entre as demais. No seu conjunto harmonioso e acolhedor, vê-se o verde das montanhas contrastando com o escuro do basalto das suas rochas recortadas e astutas, que parecem tocar os céus. A sua flora, diversificada e endémica, contabiliza muitas espécies que em nenhuma parte do mundo consegue sobreviver. (p. 10)

[...] Numa tarde, acompanhadas por Ondina, tomaram a camioneta para o Monte, apearam-se no Largo da Fonte, subiram a escadaria calcetada de pedra, visitaram a igreja, espraíram a vista pela beleza ímpar que dali se desfrutava sobre a baía da cidade, após o que se dirigiram às Babosas, palmilhando o carreiro empedrado, muito característico da zona. Encantaram-se com as plantas e flores que por todo o lado lhes surgiam especialmente as trepadeiras que ladeavam os muros das grandes quintas. [...] (p. 21)

[...] constantemente engrossavam o caudal da levada que circundava as montanhas, e transportava as águas até outros locais de menores recursos naturais, para irrigação das terras; os carreiros pedonais de terra batida bem calejada, que ao invés (p. 265) de lama, se tornavam escorregadios em alguns locais, tal era a lisura do seu piso, acompanhavam em toda a extensão essas valetas, onde deslizava uma suave corrente, convidando ao passeio; [...] a sombra gratificante concedida pelas diversas espécies de árvores centenárias que se multiplicavam naquela serra admirável, tudo lhe transmitia uma nostalgia e a fazia recordar um passado distante [...]

Quando saíram de casa não tencionavam ir muito além, pelo que não foram preparadas para grandes caminhadas, mas o crescente entusiasmo convidou-as a continuar até ao «Caldeirão Verde».

Seguindo o camalhão que acompanha toda a extensão da levada, percorreram alguns quilómetros e chegaram ao tão formoso local, autêntico capricho da natureza. As rochas

firmes, lodosas, forradas com diversas espécies de musgos, tinha a forma de um painelão, escorrendo águas cristalinas que alimentavam um pequeno lago onde se sentaram e espriaram a vista, respirando sofregamente aquele inebriante ar, puro e húmido. Esticaram as pernas, para um pequeno repouso, pois tinham de regressar pelo mesmo caminho, cheio de lamas e de abismos, enquanto fosse dia. [...] (p. 266)

[...] Após o repasto, Arminda desafiou os presentes a percorrerem com ela os carreiros em zig zag, cobertos de folhas secas caídas das árvores, que se assemelhavam a fofos e aprazíveis tapetes. O perfume das acácias, dos folhados floridos, das diversas espécies de cedros e de outras plantas silvestres abundantes na zona, faziam-na inspirar de sofreguidão e saborear tão agradável eflúvio. [...]

Como tudo estava diferente.... Muito bem cuidado. Flores, buxos tosquiados, uma grande variedade de árvores e plantas indígenas²⁰³ [...]” (p. 268)

Vidas Dispersas, 2004.

“[...] Há-as espalhadas por diversas zonas da Ilha da Madeira, que nos transporta ao tempo das grandes derrocadas que fizeram moosa e beliscaram o acidentado da sua orla costeira. É bem visível ainda, especialmente na zona Norte, onde abundam os grandes promontórios escarpados, donde provieram essas línguas de terras, maiores ou menores, que, salvo raras exceções, são muito produtivas. De ponta a ponta, esses locais surgem nos mais diversos sítios, dando lugar a agregados populacionais de alguma dimensão. Casos do Porto Moniz, Seixal e Ponta Delgada, onde as áreas são um pouco mais avantajadas. [...] (p. 12)

[...] especialmente entre São Vicente, Seixal e Porto Moniz, quase votava as duas últimas ao isolamento.

As enormes e constantes arribas, ligadas apenas por veredas que, atravessando penhascos e barrancos, eram um obstáculo [...]

Começaram por recortar nas escarpadas rochas basálticas, altas e íngremes, por onde aqui e ali caíam águas, ora em cascatas, ora espalhadas com alguma extensão, tornando o local lodoso e escorregadio, uma espécie de linha que, algum tempo depois, mais profunda e desimpedida, ia dando lugar à sonha e tão desejada estrada. [...]” (p. 191)

²⁰³ Pico das Pedras

Victor Caires
(n. 1937)

“A Baixa Larga” In *Crónicas da beira-mar*, 2008, p. 75.

“No exterior do Porto do Funchal, a Oeste do ilhéu Velho, em frente à antiga piscina do Hotel Savoy, situava-se a Baixa Larga, também conhecida por “Ilha dos Amores”.

Entretanto, ao contrário do que acontece ao Norte da nossa ilha, em que o mar, aos poucos, vai engolindo a terra, na costa Sul, é a terra que vai avançando para o mar.

A antiga Baixa Larga, já não me lembro bem porquê, também referida por “Ilha dos Amores”, foi aos poucos sendo absorvida por arranjos urbanísticos da unidade hoteleira vizinha, que praticamente transformaram em promontório alargado aquela pequena ilhota. A terra da Baixa Larga, com a maré-cheia, entre a ilhota e a piscina, passavam barcos à vela, com preocupação, e as outras embarcações até mesmo na baixa-mar.

[...] Prosseguindo para Oeste, além da Baixa Larga, em direcção à escada do Reid’s Hotel, no enfiamento onde se encontrava o edifício do Atlantic Hotel – zona onde mais tarde foi construído o Sheraton, actual Pestana Carlton – situa-se o “Carneiro do Reid’s”, perigoso baixio que, conforme a maré e a ondulação, vai aparecendo e desaparecendo, provocando alguns naufrágios e muitos sustos.

A zona exterior do Porto do Funchal, no lado ocidental, é bastante procurada pelas pequenas embarcações, que ali continuam fazendo as suas pescarias, próximo do principal porto de abrigo da Madeira.

Actualmente, torna-se difícil situar em pormenor onde “começava e terminava” a Baixa Larga. Porém, é fácil determinar a zona da sua localização por que, entretanto, surgiu no local uma construção, bem visível até à distância, que parece emergir do mar algo como um moinho de vento, sem velas. [...]”

março de 2001

Anexo 2 – Guia (Roteiro principal)

Parque Natural da MADEIRA

Roteiros pela Ilha



O Parque Natural da Madeira

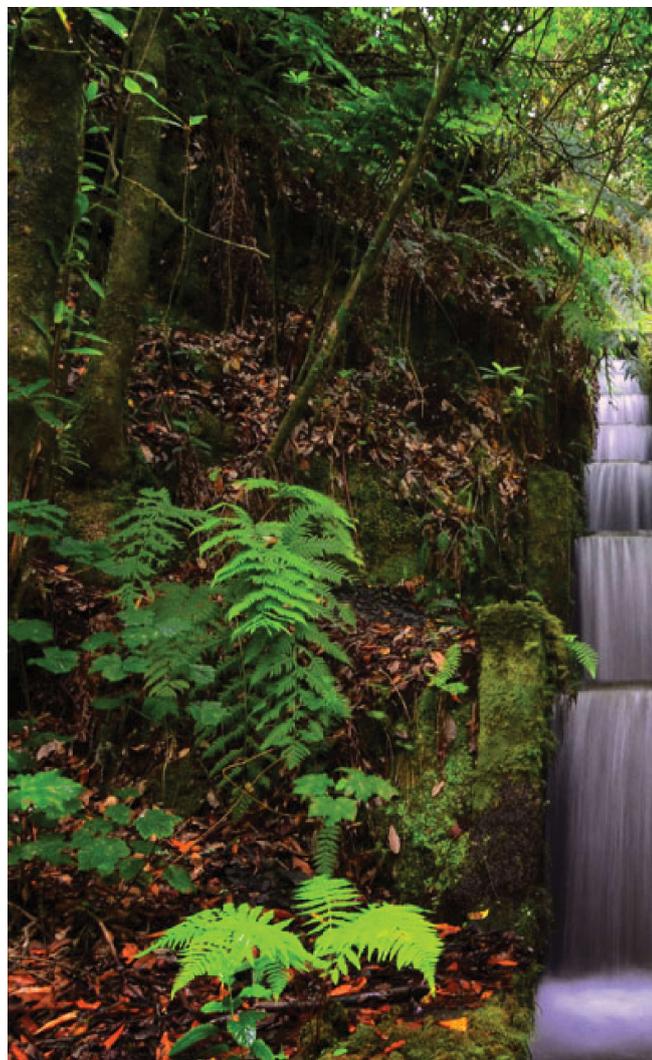
é uma reserva na qual se podem encontrar tanto uma fauna como uma flora únicas.

O Parque, como área protegida, foi criado com o intuito de salvaguardar quer o sumptuoso património natural quer todo o património cultural que ao mesmo diz respeito.

Ocupando 2/3 do território da Ilha da Madeira, abrange todos os concelhos da mesma, podendo assim, os interessados, percorrer facilmente esta vasta extensão.

Desta forma, no presente guia, propomos-lhe dois roteiros em veículo automóvel, que permitem visitar parte do Parque Natural através das perspetivas de vários autores madeirenses. Assim, poderá desfrutar das paisagens magníficas do Parque de uma maneira diferente e pedagógica.

Não se verifica qualquer tipo de restrição etária para a realização destes percursos, apelando somente à sensatez e à consideração das capacidades físicas individuais. Aconselhamos-lhe sim, invariavelmente, que leve um calçado confortável e o mais antiderrapante possível, agasalho, uma bolsa, um lanche, um kit básico de primeiros socorros e água.





Recomendamos-lhe, de seguida, os horários preferíveis para o início da realização dos trajetos, cuja duração prevista é de oito horas e meia e sete horas, respetivamente para o percurso 1 e 2:

Percurso 1 Início	
Horário de Verão	Horário de Inverno
Entre as 9:00 h e as 11:00 h	9:00 h

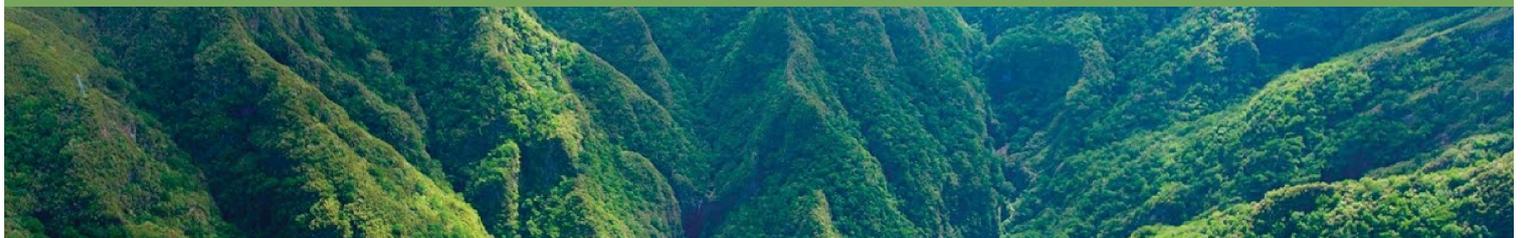
Percurso 2 Início	
Horário de Verão	Horário de Inverno
Entre as 9:00 h e as 12:00 h	10:00 h

Denote-se que os interessados devem ter em atenção as condições do terreno, as condições climatéricas e outros perigos, respeitando também o património natural e mantendo-o intacto.



Laurissilva (Deste da Ilha da Madeira)

PERCURSO 1





1-Ribeira Brava

Descubra esta pequena cidade construída na foz da ribeira com o mesmo nome, que remete ao seu caudal superabundante. Deleite-se com o relevo acidentado deste local, distinguido pelos vales acentuados e com desníveis severos. Além da contemplação da Laurissilva, poderá ainda visitar a Igreja Matriz, o Forte da Ribeira Brava e o Museu Etnográfico da Madeira.



“Desde o mar, pela ribeira subindo
O teu vale de montanhas ladeado,
Vê o turista com ar extasiado,
Choupos, pomares e cascatas caindo.

[...]

Tens mar, Laurissilva e és habitado,
Sendo no estrangeiro catalogado,
Beleza que ao povo já deslumbrava:

De coloridos verdes sem paralelo,
És da Europa o seu Vale mais Belo!
Na Madeira, ficas na Ribeira Brava!”

**Guilherme de Abreu Correia, “Vale da Ribeira Brava – Madeira”
In *A Madeira Vista pelos poetas*, 2002, p. 130.**

“[...] Tem um aspecto pitoresco a vilazinha, a cidade em miniatura, ninho de casas que mais parece um postal com a paisagem em relevo. [...]”

Horácio Bento Gouveia, *In Lágrimas correndo mundo*, 1959, p. 81.

Curiosidade:

A Ribeira Brava é o concelho mais recente da Madeira, tendo sido criado em 1914 por desmembramento dos concelhos da Ponta do Sol e Câmara de Lobos.

2-Serra de Água

“[...] atravessava a Serra de Água, trepava os desfiladeiros do vale e, montanha arriba, transpunha os caminhos angostos escorregantes nas alturas da serra, emboscando no emaranhado matagal do urzedo virgem. [...]”

Horácio Bento Gouveia, *In Luísa Marta*, 1982, p. 163.

“[...] Dos espigões ameados das montanhas descem fitas brancas em marcha veloz para o talvegue pedregoso do leito de velha ribeira. Desprendem-se dos miradoiros das tristonhas mantas solitárias, a oitocentos, novecentos metros e, alisando as pregas calvas e profusas, mamilosas, em forma de rebordo de poço, de barrigas, de capacetes que ressaem das paredes negras e a prumo mas de uma só peça, onde as furnas protegem os ninhos dos milhafres, essas fitas cor de neve são as aguagens naturais, a própria vida do homem e da ribeira que alimenta cardenhos esparsos à margem da corrente puríssima e clara, a qual torna o solo fecundo e mata a sede à gente da Serra de Água, cuja soledade no viver faz dela a raça mais misantropa dos vales interiores da ilha. [...]”

Horácio Bento Gouveia, *In Lágrimas correndo mundo*, 1959, p. 81.



Esta reduzida freguesia encontra-se situada nas margens da ribeira do concelho e no vale revestido pela Floresta Laurissilva. Com um número reduzido de habitantes, a principal atividade praticada é a agricultura.



Curiosidade:

É nesta freguesia que se pode frequentar um dos mais afamados estabelecimentos no que diz respeito ao consumo de poncha, bebida tradicional e emblemática da Madeira.

3-São Vicente

“[...] Lá em baixo, muito em baixo, na orla do mar, a meio da chanfradura da ribeira, divisava-se a capelinha de São Vicente como tosca pedra branca, encravada em penedo escuro. Rasgavam-se horizontes sem fim, na direcção do norte. E principia a descida, ao longo de um carreiro primitivo que rompe o manto da vegetação exuberantíssima. A brenha, compacta, emaranhada, que devia ascender à génese da ilha, ostentava todos os verdes que Deus criou. A natureza, dormente, apenas de vez em onde perde o seu ritmo despercebido ao sentido humano, ao escutar-se um regato murmuroso ou as falas breves de qualquer passaroco transviado por aquelas paragens distantes da civilização dos casais. E a senda primeva, aos altos e baixos, com fendas e resvaladoiros, transformada em córrego com as chuvas de Inverno, estreita e angulosa, aberta no coração vicejante da selva, passando oculta pela ramaria enclavinada dos loireiros e vinháticos, em grande parte impenetrável à luz clara do Sol ao atingir o zénite, vai despontar às portas dos palheiros de gado, nos cabos da serra, perdidos entre montanhas escalavradas, e às olheiras das furnas, à beira dos vastos terrenos pingues de São Vicente. [...]”

Horácio Bento Gouveia, *In Canga*, 2008, p. 41.

“Das serras altaneiras
do caprichoso dorso da Ilha

dispostas em ampla e dominante varanda circular
pontilhada de cones solidificados
das forjas dos artifices primeiros

por precipitosos riscos
rigorosamente esculpidos na rocha dura

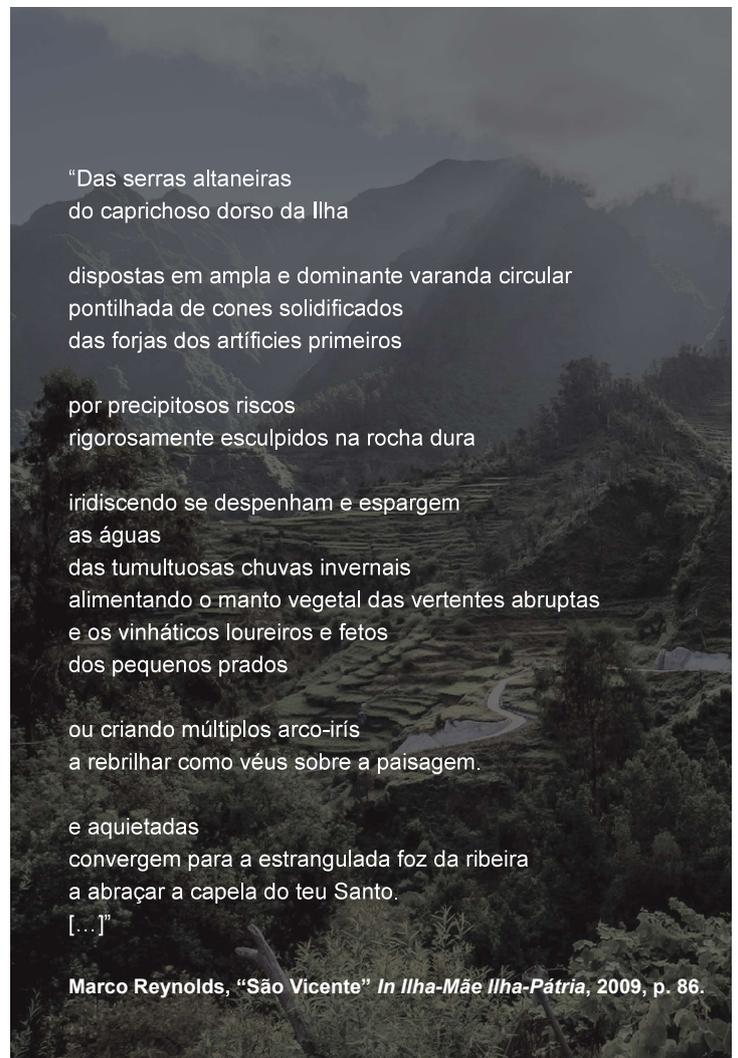
iridiscendo se despenham e espargem
as águas
das tumultuosas chuvas invernais
alimentando o manto vegetal das vertentes abruptas
e os vinháticos loureiros e fetos
dos pequenos prados

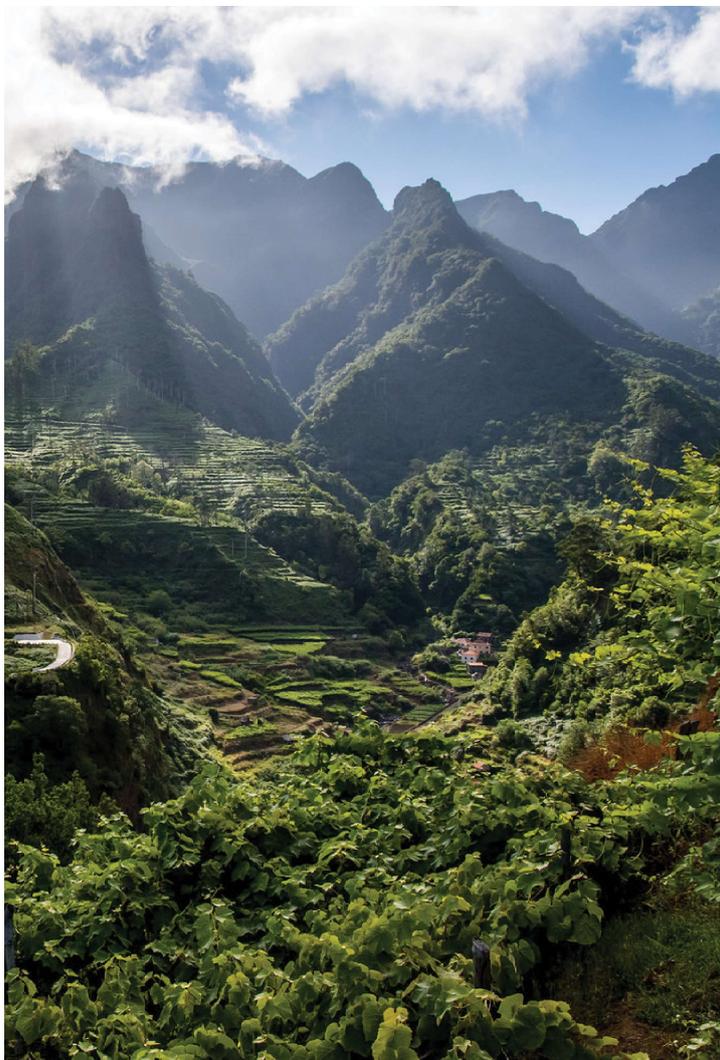
ou criando múltiplos arco-íris
a rebrilhar como véus sobre a paisagem.

e aquietadas
convergem para a estrangulada foz da ribeira
a abraçar a capela do teu Santo.

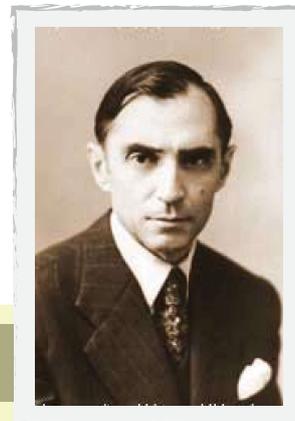
[...]”

Marco Reynolds, “São Vicente” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 86.





Percorra este município localizado em plena Floresta Laurissilva e onde as paisagens são autênticas relíquias que remetem à formação da Ilha. Observe a abundante vegetação e a sua morfologia acidentada. Visite ainda a Capela, a Igreja Matriz, e ainda as sublimes Grutas de São Vicente.



Curiosidade:

Foi neste concelho que nasceu o prestigioso escritor Horácio Bento Gouveia, mais concretamente na freguesia da Ponta Delgada.

4-Seixal, Porto Moniz

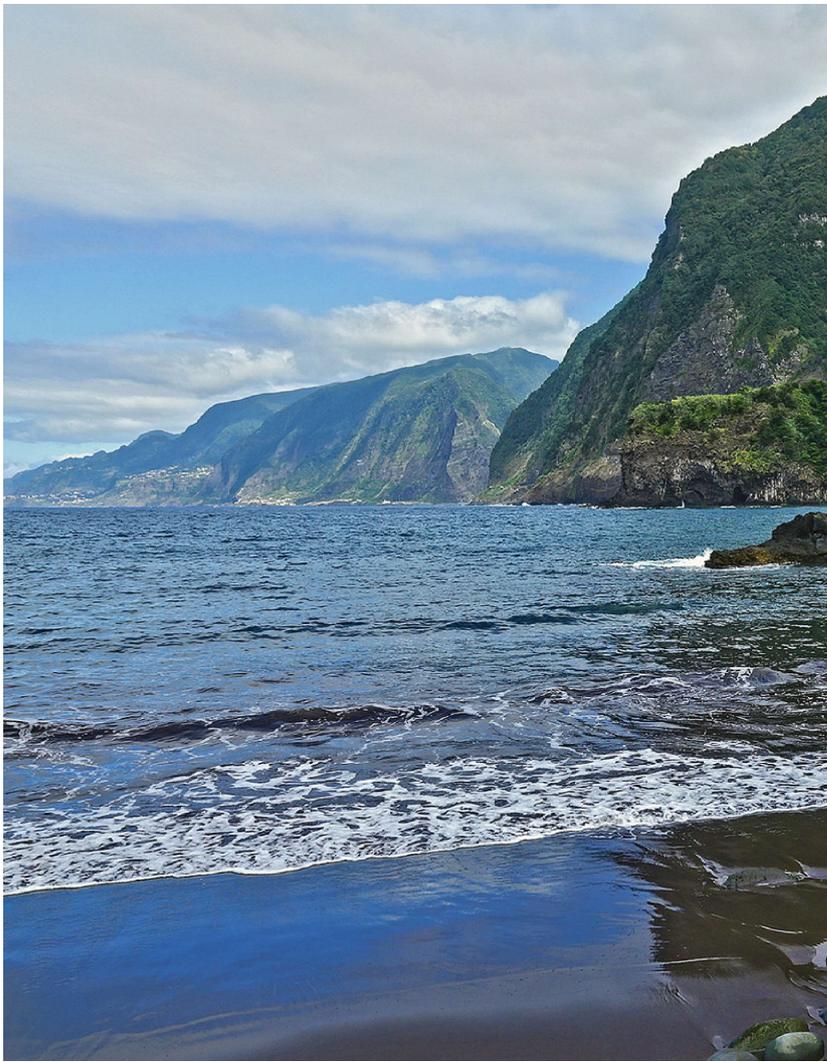
“ [...] Da beira da rocha, quase a 1200 metros de altitude descortina-se a paisagem humanizada do Chão da Ribeira. É um dos cenários mais pitorescos que se podem fixar na câmara-escura da memória visual. A pupila embriaga-se na volúpia de querer guardar para sempre a imagem de um fio de água que se despega de uma bacia de recepção da rocha parda, oposta à montanha que nos serve de miradoiro. E embrenhamo-nos na carreteira que desce, corgo cheio de protuberâncias esbeiçadas, moledos aguçados e outros gastos pela erosão da chuva. Mas, quer à direita, quer à esquerda os fetos arbóreos curvam-se para o caminho e os cachos de brincos de princesa, cor de sangue, proporcionam-nos a ilusão de que, para dentro, um jardim de flores formosíssimas reserva aos olhos canteiros de uma beleza apenas pressentida, em plena virgindade. [...]”

Para quem procura um lugar para explorar e apreciar tanto o mar como a montanha, o Seixal é o sítio ideal. Aproveite para descobrir as zonas balneares existentes na freguesia (Praia do Porto do Seixal, Praia da Laje e Piscinas Naturais), ou desloque-se até aos bucólicos cenários do Chão da Ribeira.

Curiosidade:

Devido às condições geográficas da região, nesta zona, é produzido um excelente vinho seco.

Horácio Bento Gouveia, “Uma jornada à região do Fanal” *In Canhenhos da ilha*, 1966, pp. 233/234.



“Seixal, mundo de rochas sobre o mar,
És grandioso canto de epopeia,
Nesga onde o oceano azul campeia
Em vai-vens espumantes, a cantar...

És grito de basaltos a tombar
Sobre a estrada que tanto serpenteia
Aos pés do mar com vozes de sereia
- Melodia que sonha e faz sonhar!

Ó Seixal de quiméricos rochedos,
De tanta linfa alvente que se abisma
De alcantis litorais sobre fragedos,

Quando o sol-pôr cintila – lindo prisma! –
No mar e nas fajãs e nos penedos,
Contigo a luz da tarde também cisma...”

J. Morna Gomes, “Seixal”
In Colar de Pérolas (Sonetos), 1988, p. 61.

5-Porto Moniz

“[...]
Ao norte – Porto Moniz,
tem um cais por natureza,
mesmo co’o mar agitado
saltam todos que é beleza.
[...]”

Jaime Gonçalves, “A MADEIRA” *In Versos*, 1959, p. 100.

“[...] Na Ribeira do Moinho o coxar das rãs quebrava
o silêncio da tarde de Outono. À ilharga de extensos
olheiros de inhame a água corria e gorgolejava por
levada que as avencas e as labaçãs embelezavam,
de longo dela debruçadas da beira, ao lado de velho
carreiro, onde, na terra mole, se distinguíam pègadas
de pés descalços.”

Horácio Bento Gouveia, *In Lágrimas correndo mundo*, 1959, p. 197.





Faça uma paragem nesta aprazível vila e regenere forças observando as suas piscinas naturais de lava basáltica e as verdejantes encostas que envolvem todo o território.

Aqui também encontrará variadas opções para realizar uma boa refeição.

Uma vez que a Laurissilva possui a sua grande mancha neste município, aproveite o caminho até ao Fanal contemplando as paisagens milenárias que o rodeiam.

Curiosidade:

O Porto Moniz só passou a estar ligado ao resto da Ilha depois da 2ª Guerra Mundial, quando foi construída a estrada que liga este concelho ao de São Vicente.

6-Fanal

“[...] E abalamos. A vereda que se vai calcorreando é carreiro sinuoso flanqueado de urzes altas e uveiras. Passa-se à ilharga de magnífica árvore indígena, hoje rara: o aderno.

A vegetação adensa-se. Alargam-se mais os passos. Chega-se ao Fanal.

Há um bosque de velhos tis onde uma multidão de todas as idades, homens e mulheres, se aglomera. [...]”

Horácio Bento Gouveia, “Uma jornada à região do Fanal” *In Canhenhos da ilha*, 1966, p. 233.

Se pensa já ter vivenciado a Laurissilva, equivoca-se. Aqui, no Fanal, não só observará esta reserva como também a sentirá. Sendo um dos lugares mais emblemáticos da Madeira, aqui poderá observar um bosque de Tis centenários que resistem ao tempo e remontam ao período anterior ao Descobrimento da Ilha.

Encontrará também variados percursos, miradouros, e, no inverno, uma lagoa, formada a partir de uma cratera vulcânica.

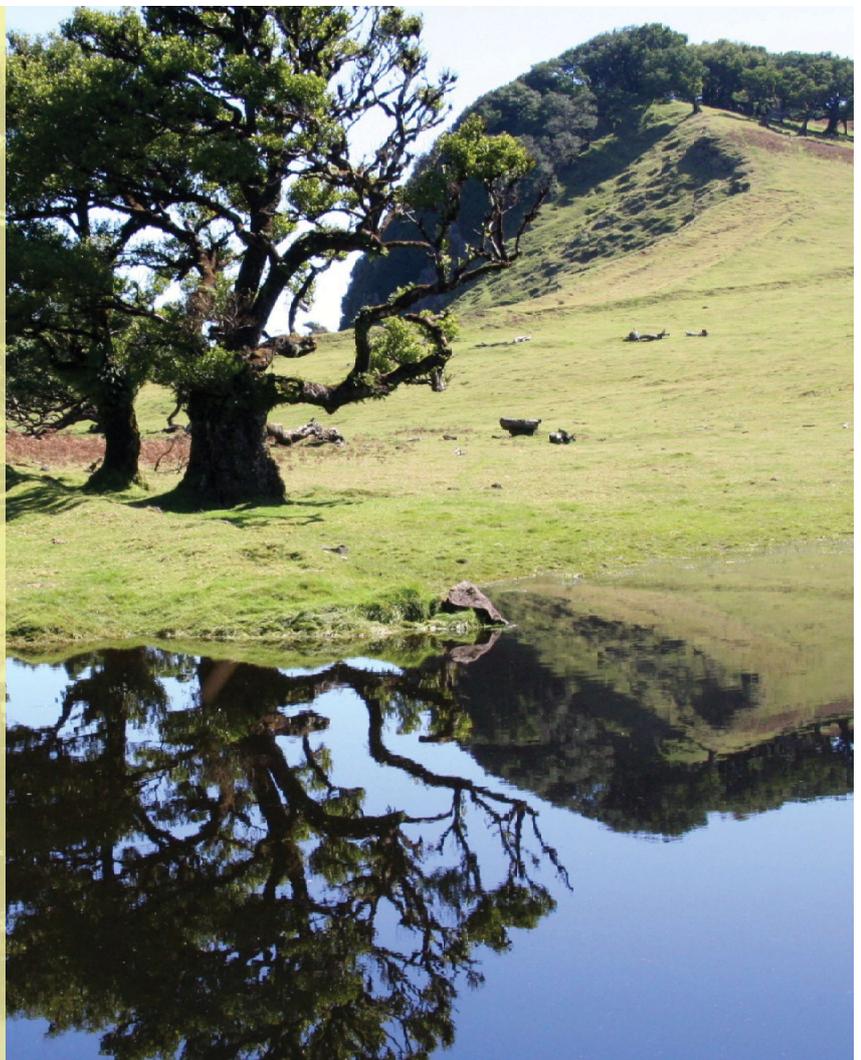
“Subi, subi... E. após tanto subir,
A surpresa venceu o meu cansaço,
A surpresa dum lago a reflectir
Velhos troncos e fetos num abraço...

Surpreendi o vivo sol a colorir
Miragens abissais, tanto espinhaço...
Ribeiras, lençóis de águas a cair
Como sonhadas pérolas do Espaço!
[...]

J. Morna Gomes, “Fanal” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 62.

Curiosidade:

A zona do Fanal é classificada de
"Reserva de Repouso e Silêncio"
pelo Parque Natural da Madeira.



7-Rabaçal

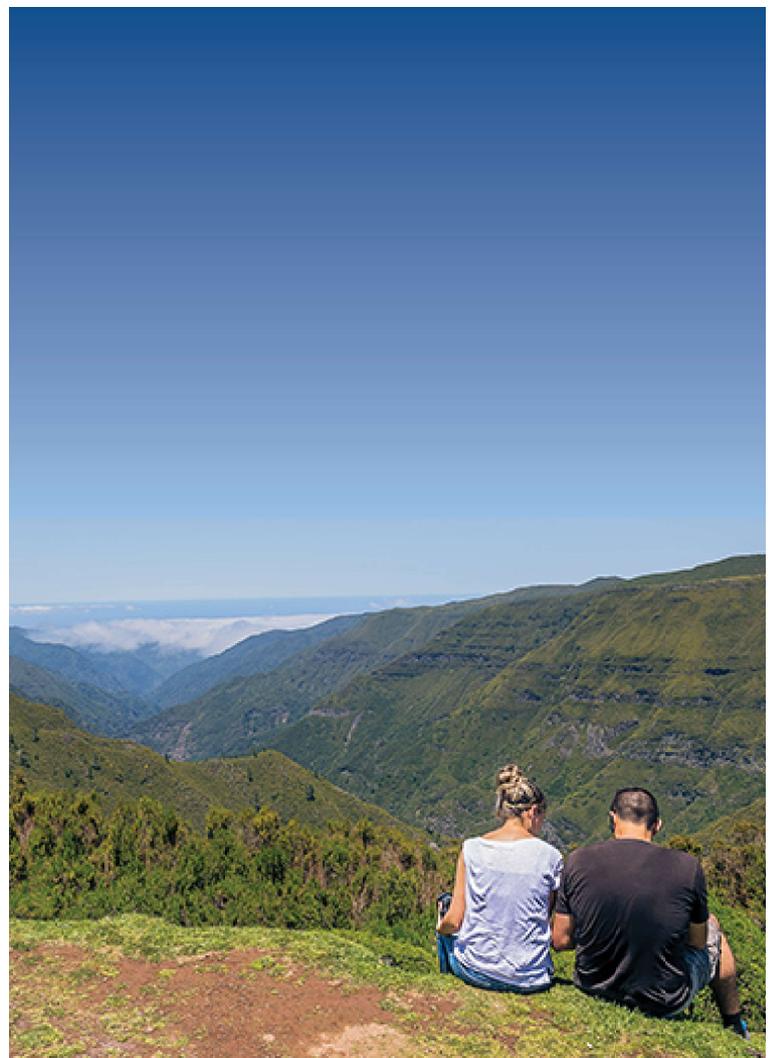
“Descem rochas ciclópicas, gigantes,
Dezenas de aquáticos caudais,
Águas brancas, viris, altissonantes,
Dando vigor a eflúvios florestais.

Saltam os alcantis horripilantes
Do risco com alturas colossais,
Formando fundos, pélagos hiantes,
Prontos a engolir plantas e animais...

Lembram mãos com afagos de veludo
Tocando vegetais, musgos e limos,
Velhos troncos musgosos e ramudos;

Mãos que ungem abissais, verdes arrimos,
Rochedos tão altivos e tão mudos,
Mas sentindo a grandeza que sentimos...”

**J. Morna Gomes, “Rabaçal”
In Colar de Pérolas (Sonetos), 1988, p. 74.**



“[...] Imagine o leitor um despenhadeiro em semicírculo de 200 metros de diâmetro e 330 de altura, em cujo topo existe um tanque imenso, que as águas profundaram, e que decerto alimenta todas as que projetam da sua superfície vertical, saindo umas em forma de espanada, outras na tubular; estas prorrompem impetuosas; aquelas arrimadas às frâguas e aos arbustos; delas borbulham sob uma lapa; delas nascem entre plantas que as bebem e tornam a gotejar; e todas elas correm entre pedras e arbustos e musgo e avenca, oferecendo aos olhos uma das cenas mais belas e pitorescas que a natureza tem criado. [...]”

João de Nóbrega Soares, *In Uma Viagem ao Rabaçal*, 1998, p. 76.

Por entre vales e montanhas, o Rabaçal, é, também, uma das maneiras mais intensas de estabelecer uma ligação com a natureza. Desça do carro e aproveite as fascinantes paisagens que se podem observar em todo o redor.

Ainda que estas impressões preliminares sejam estonteantes, aconselha-se a, noutro dia, calçar as botas de montanha e aventurar-se no percursos das “25 Fontes” e do “Risco”.



Em 1901, o **Rei D. Carlos I e a Rainha D. Amélia** deslocaram-se ao Rabaçal, na sua vinda à Madeira.

8-Encumeada

“[...] Através de caminhos barrancosos e serpenteantes, que se vão obliquando ao jeito da configuração das encostas, colgadas de musgos nos ressaltos, por atalhos cavados na côdea mole da terra pegajosa, à ilharga dos quais se cercavam boqueirões e algares que descem dos espigões da serra, transitam os viandantes há mais de quatrocentos anos. Topam-se, aqui e acolá, urzes seculares, a uveira de bagas de coral, os fetos arbóreos, a vegetação luxuriosa e virgem de feição tropical [...]”

Ao de cima, sombreando o caminho, os folhadeiros e as giestas formam um friso de eterna Primavera, remate das grinaldas de plantas que, vertente fora, perpetuam as dinastias de seus antepassados.

Derramando-se o olhar por entre as clareiras dos galhos das árvores, vêem-se nas margens dos refegos do vale, onde as águas correm em melopeia suave, a terra cultivada e os bosques de castanheiros e noqueiras.

[...] A Encumeada, derradeiros contrafortes alpestres encavalitados em dorsos de cetáceos descomunais, que se houvessem anquilosado, apresentavam-se imaculada de nevoeiros. Sobressaía um tom de bronze retinto nas dobras dos últimos cerros quase calvos, empinando-se para as alturas do céu em jeitos de arquitectura gótica. [...]”

Horácio Bento Gouveia, *In Canga*, 2008, pp. 40/41.



“Ó céus profundos de alvas pinceladas
Sobre o negro ondular da serra
Com verdes guarnições de ramaria
Pelos montes e vales espalhadas!

Ó nuvens como ovelhas conchegadas
Num azul estendal de melodia,
Não temendo a cortante aragem fria,
Nem o sopro das rígidas nortadas!

Ó altivo mar de nuvens vagabundas,
De alvejantes contornos e tamanhos,
Sobre matas de cúpulas profundas,
[...]

J. Morna Gomes, “Encumeada” *In Colar de Pérolas (Sonetos)*, 1988, p. 58.

Finalize o dia percorrendo a estrada que o levará até ao miradouro da Boca da Encumeada.

Elevando-se a **1007 m** de altitude e situado na crista da cordilheira que atravessa o interior da Madeira, este miradouro permite admirar soberbas vistas sobre os vales da Ribeira Brava (costa sul) e de São Vicente (costa norte).

Curiosidade:

Em certos dias, poderá observar, do miradouro, um mar de nuvens que vem de norte para sul.



Maciço Montanhoso, Laurissilva e Ponta de São Lourenço

PERCURSO 2





Pontos de referência

1-Pico do Areeiro

“Percorridos subindo para norte
vales e encostas
e transporto o pequeno planalto
em quase êxtase
pela contínua variedade e beleza da paisagem
e pela amplidão dos múltiplos horizontes

desvenda-se o topo de estruturada montanha
sólida escora das serranias centrais.

Miradouro de onde se dominam
vastíssimos espaços
aqui se instalaram também os construtores
para moldar o dorso mais ameno da Ilha
e decidir formas
materiais
efeitos de luz:

as cores brilhando sob a cálida ternura
do sol da Primavera
iridescendo
aos dardejantes raios do Verão
recatadas no resguardado segredo
dos mares de nuvens e
dos caprichosos nevoeiros de outono
ou violentadas pelos duríssimos ventos
e geadas inverniais.

Privilegiado aposento do guardião das águas
de ti são governados
desde as altas nascentes
até aos profundos vales
os caudais
a leve e branca espuma bordados
de ribeiras riscos e fios de água
que a jusante vão alimentar
os verdes do teu manto:

matas de Laurissilva
vinhas hortas pomares e jardins
desde a Ribeira do Faial fluindo ao norte
à dos Socorridos de início vertida a oeste
para logo volver ao sul
[...]



[...] Encaminha-se, veloz, o nevoeiro
para os cumes,
cosendo-se à geada para cercar
o substituto ilhéu da neve.

A manhã é quase irrespirável.
Transparece-lhe o hálito
do hábito à névoa nos pardos dias
de Inverno. [...]"

**Fátima Pitta Dionísio, "Granizo" In Edifiquei-te
uma Ilha, 1989, p. 30.**

Situado a **1818 m**, este pico, o 3º mais alto da Ilha,
oferece uma excelente maneira de começar o dia.
Aqui poderá contemplar as impetuosas formações
rochosas que se projetam num autêntico mar de
nuvens

Curiosidade:

Caso as condições meteorológicas sejam
favoráveis, poderá avistar outros locais da Ilha,
como o Curral das Freiras, a Ponta de São
Lourenço ou até mesmo a Ilha do Porto Santo.

2-Ribeiro Frio

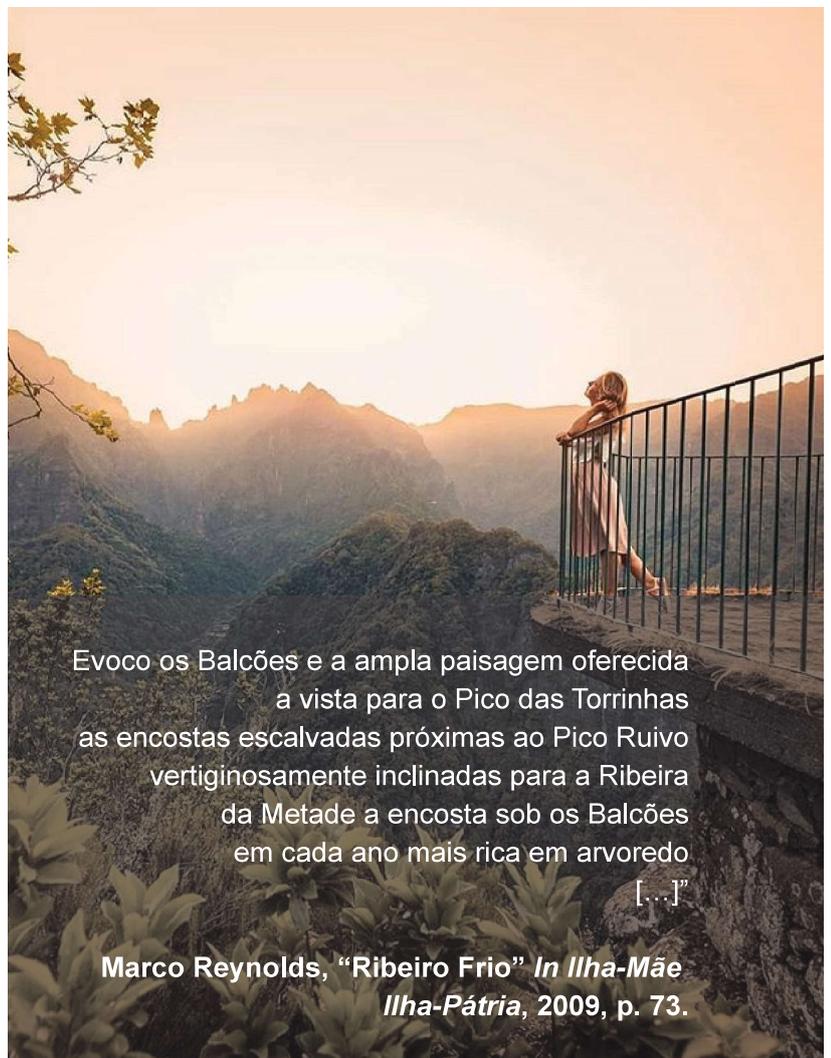
"Ribeiro e pequeno lago de encantamento
Onde a frondosa vegetação se reflectia

[...]

levadas e ribeiros levando a água matricial
vivificando os corpos das árvores da
floresta densa e os seus ventres braços
dedos e flores

suave paleta de verdes derramados
sobre a vastidão das encostas
trasmudados em azul pelos desdobrados
mansos horizontes
aqui e além sobressaltados por súbitos abismos

caminhos desvelando vistas
de inesperados êxtases
- és um discreto valioso tesouro
do corpo da ilha.



Evoco os Balcões e a ampla paisagem oferecida
a vista para o Pico das Torrinhas
as encostas escavadas próximas ao Pico Ruivo
vertiginosamente inclinadas para a Ribeira
da Metade a encosta sob os Balcões
em cada ano mais rica em arvoredo
[...]"

**Marco Reynolds, "Ribeiro Frio" In Ilha-Mãe
Ilha-Pátria, 2009, p. 73.**

Coberto pela verdejante Floresta da Floresta Laurissilva, este local oferecerá um cenário bucólico. Ademais das viçosas paisagens onde se pode observar alguma flora e fauna endémica, ainda poderá usufruir de uma visita ao Posto Aquícola do Ribeiro Frio. Com mais tempo e noutro dia, poderá percorrer a vereda dos Balcões.

Neste lugar dispõe de estabelecimentos onde poderá realizar a sua refeição.

“[...] Estão a chegar ao Ribeiro Frio. [...] É assim que nos surgem os socalcos aguarelados dos muitos verdes das hortaliças, das videiras, das bananeiras e dos trigais. Ali, porém, no Ribeiro Frio, através do carreiro por onde seguem os excursionistas, apenas vemos arvoredos. Seguem sob uma alameda de carvalhos, castanheiros e de uma grande variedade de cedros. [...]”

Carlos Cristóvão, *In Querer Viver*, 1994, p. 19.

Curiosidade:



Se percorrer o Caminho dos Balcões, poderá, assim que chegar ao miradouro, observar dezenas de pássaros que lá se juntam e que poderá alimentar.

3-Pico Ruivo

“[...]
E foram erguidos os picos e as torres
vigilantes

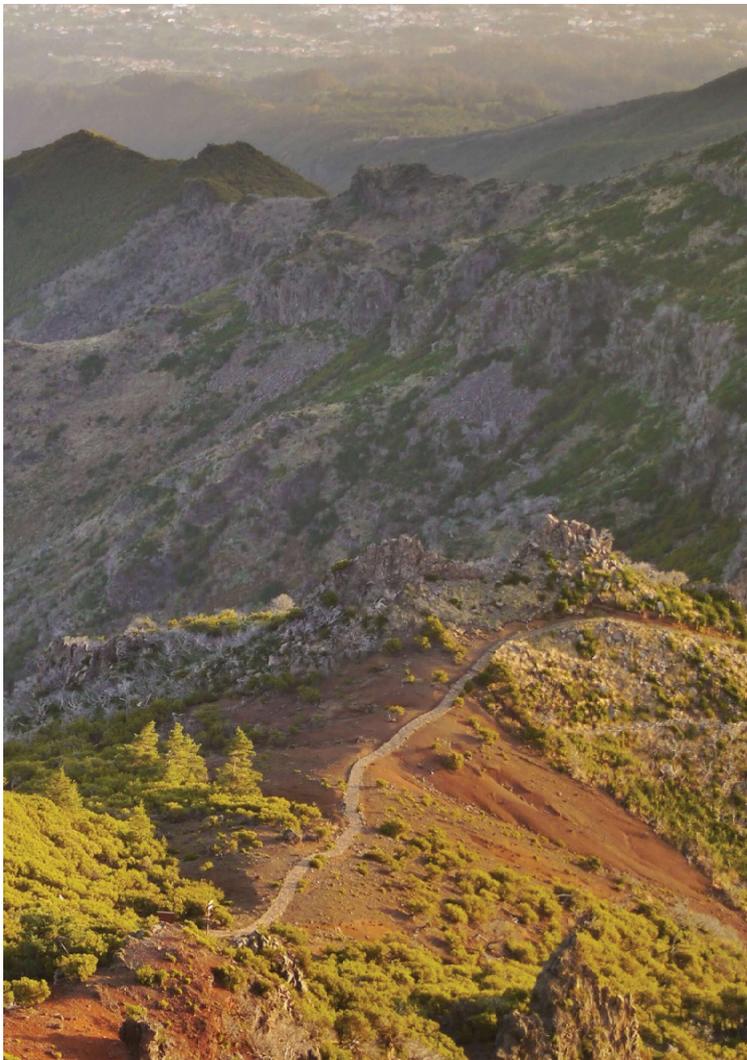
escavados os profundos vales rumorosos e
as abismosas vertentes
pelo perpassar das águas batidas
pelos violentos ventos das tempestades

talhadas as suaves encostas e aplainados
os prados e paúis
em primores arquitecturais de espaços
e equilíbrios
[...]”

Marco Reynolds, “Pico Ruivo I” *In Ilha-Mãe Ilha-Pátria*, 2009, p. 20

De escarpas cobertas de urzes, deste
pico desfruta-se um panorama incomparável.
O pico só pode ser alcançado a pé,
através da Vereda do Pico Ruivo.





Curiosidade:

O Pico Ruivo é o ponto mais alto do arquipélago com **1862 m** e a **3ª** montanha mais alta de Portugal.

“É o altar a montanha. O coração
Da gente, o sacerdote. Os paramentos,
A luz do Sol fagueira e os rebentos
Das urzes seculares. A função

Litúrgica começa. A viração
Toca uma sinfonia e, por momentos,
Esquecem-se profundos sofrimentos.
Faz depois o silêncio o seu sermão.

Nas encostas dos montes vejo um denso
Nevoeiro que lembra ondas de incenso.
Quando, meu Pico Ruivo, te contemplo

Bem pertinho dos céus, sinto um intenso
Amor ao Sumo Artista, ao Deus Imenso
Que soube architectar tão belo templo.”

João da Silva (Sílvio), “Pico Ruivo I” *In Catedral dos Meus Sonhos (SONETOS E SONETILHOS)*, 1967, p. 43.

4-Queimadas

“[...] hortênsias, musgos e flores:
velhos loureiros murmuram
loucas histórias de amores.

As urzes esvaneceram
e os carvalhos já dobraram
ao peso de fartos líquenes
... e as águas nunca pararam.

Levadas da minha aldeia
galgando de monte em monte,
enchei de seiva esses vales,
cantai nas pedras da fonte.
[...]

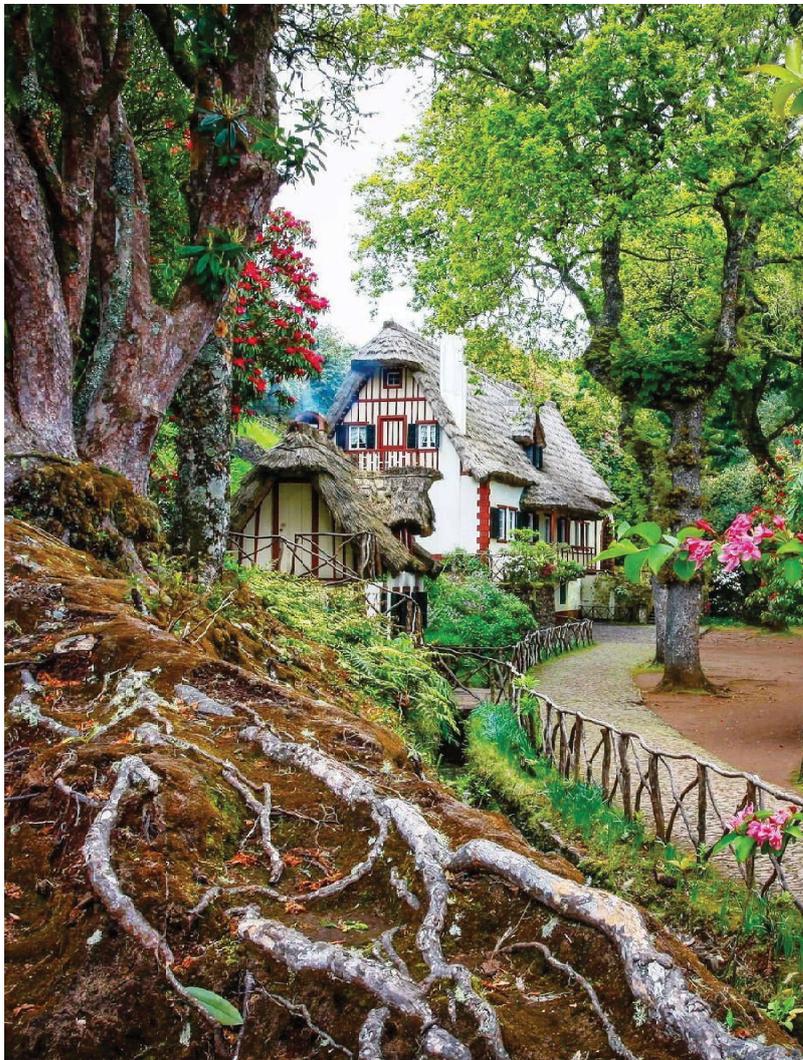
**Alberto Figueira Gomes, “BALADA DAS LEVADAS (Nas Queimadas, em Santana – Verão de 1946)”
In Musa Insular (poetas da Madeira), 1959, pp. 572/573.**

Admire o fabuloso caminho que o transportará e acompanhará até ao Parque Florestal das Queimadas e no qual poderá admirar as árvores singulares que concebem um cenário propício à fantasia e ao descanso. Aproveite e faça um lanche nas instalações situadas na Casa de Abrigo composta por um belo telhado de colmo.

Poderá também, noutra ocasião, percorrer os exuberantes caminhos que o levarão até ao Caldeirão Verde (Levada do Caldeirão Verde).

Curiosidade:

Existe, neste local, um percurso denominado “Caminho para todos”, que pode ser realizado por pessoas com incapacidades motoras e visuais.



“[...] Seguindo o camalhão que acompanha toda a extensão da levada, percorreram alguns quilómetros e chegaram ao tão formoso local, autêntico capricho da natureza. As rochas firmes, lodosas, forradas com diversas espécies de musgos, tinha a forma de um panelão, escorrendo águas cristalinas que alimentavam um pequeno lago onde se sentaram e espraíram a vista, respirando sofregamente aquele inebriante ar, puro e húmido.

Esticaram as pernas, para um pequeno repouso, pois tinham de regressar pelo mesmo caminho, cheio de lamas e de abismos, enquanto fosse dia. [...]”

Teresa Valério, *In Momentos de Sonho*, 2006, p. 266.

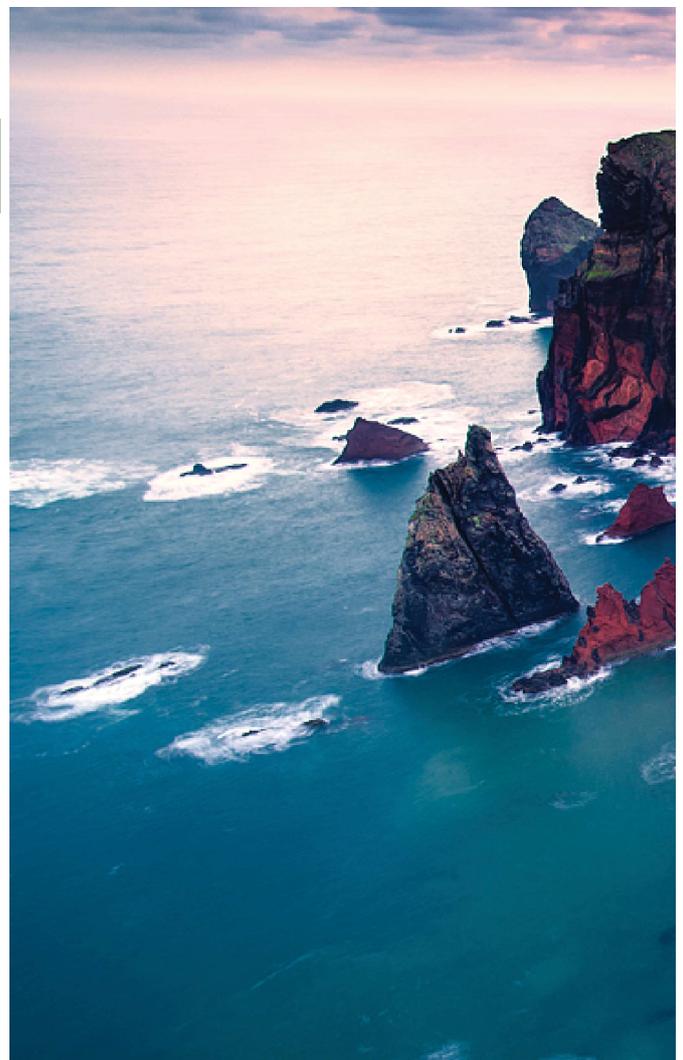
5-Ponta de São Lourenço

“[...] A ponta de São Lourenço, ilhéu aguçado, de basalto vermelho, como cabeça de monstro anti-diluviano que se houvesse feito rochedo, vai erguendo o lombo que se avoluma para o interior cobrindo-se de uma vegetação exabundante de cor brônzea. [...]”

Horácio Bento Gouveia, *In Canga*, 2008, p. 195.

“[...] Esgueira-se a vista por entre as colunas de pinheiros. À luz do Sol enfermiço de Outono, vêem-se, lá longe, quais estátuas a sair do mar, como painel de extraordinária fascinação, os ilhéus da Ponta de São Lourenço. [...]”

Horácio Bento Gouveia, “17. Queimadas de Santana” *In Alma negra e outras almas*, 1972, p. 85.





Este promontório de rochas vermelhas, negras e ocre, é a ponta mais a leste da Madeira. Com uma paisagem diferente da do resto da Ilha, este cabo, brinda os seus visitantes com vistas panorâmicas do Oceano Atlântico. Poderá ainda efetuar a Vereda da Ponta de São Lourenço que o levará até ao cais do Sardinha, onde logrará dar um mergulho e fazer *snorkeling*.

Curiosidade:

É nesta zona que se pode encontrar a única praia de areia preta natural da Ilha da Madeira – Prainha.

Links

Referências das imagens utilizadas.

<https://ifcn.madeira.gov.pt/areas-protegidas/parque-natural-da-madeira/29-areas-protegidas/6-parque-natural-da-madeira.html>

<https://images.turismoenportugal.org/Levada-do-Ribeiro-Frio-Madeira.jpg>

<https://www.flickr.com/photos/8793530@N03/34903310894>

<https://www.google.com/search?q=laurissilva&safe=active&tbm=isch&source=Int&tbs=isz:lt,isl:svga&sa=X&ved=0ahUKEwigs9qc29ffAhU0AWMBHUh-A98QpwUIHw&biw=1366&bih=657&dpr=1#imgrc=4k05upZN1veaTM>

<https://olhares.sapo.pt/floresta-laurissilva-portugal-madeira-foto8081347.html>

<https://freguesias.dnoticias.pt/ribeira-brava-um-paraiso-a-visitar-2>

<https://olhares.sapo.pt/serra-de-agua-foto8145073.html>

<https://www.flickr.com/photos/tobiasschulte/19271990273>

<https://www.flickr.com/photos/mrenjoy/12654439683>

<https://www.feriasemportugal.com/porto-moniz-madeira>
<https://www.madeiracamping.com/fanal>
<https://www.visitmadeira.pt/pt-pt/explorar/detalhe/miradouro-do-rabacal>
<https://madeira.best/pt-pt/produto/miradouro-da-boca-da-encumeada>
<https://www.madeiraislandsguide.com/pt/place/vereda-da-ponta-de-sao-lourenco-pr8>
<https://freguesias.dnoticias.pt/da-ilha-com-muito-orgulho/pico-ruivo>
<https://www.almadeviajante.com/levada-dos-balcoes-birdwatching-madeira>
<http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/info-uteis/passeios-a-pe/conselhos-aos-caminhantes>
<https://www.almadeviajante.com/levada-dos-balcoes-birdwatching-madeira>
<http://frommadeiratomars.com/tag/pico-ruivo>
<https://www.pinterest.com/pin/407435097514601649>
<https://olhares.sapo.pt/ponta-sao-lourenco-ilha-madeira-foto5776061.html>

